

**PROJETO FINAL DE ARQUITETURA**

Ana Sofia Marques Lopes

Julho | 2020



**PROJETO FINAL DE ARQUITETURA**

2018-2019

Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Escola de Tecnologia e Arquitetura

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Mestrado Integrado em Arquitetura

Trabalho submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

**Vertente Teórica**

**ARQUITETURA E MOBILIÁRIO: O CASO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE GRÂNDOLA**

Orientadora: Professora Doutora Paula André | Professora Auxiliar, Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

**Vertente Prática**

**UMA NOVA BIBLIOTECA PARA A TRAFARIA: UM CONVITE À LEITURA, AO ESTUDO E AO CONVÍVIO.**

Tutor: Professor Doutor Pedro Pinto | Professor Auxiliar, Iscte – Instituto Universitário de Lisboa



## ÍNDICE GERAL

Agradecimentos

Vertente Teórica

36

68

Arquitetura e mobiliário: o caso da Biblioteca Municipal de Grândola

Enquadramento e Quadro Conceptual

Caso de Estudo | Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola

Vertente Prática

178

217

Uma nova Biblioteca para a Trafaria: um convite à leitura, ao estudo e ao convívio

Componente de Grupo

Componente Individual

Índice de Figuras

277



## AGRADECIMENTOS

À Professora Paula André, pela dedicação inesgotável, compreensão e apoio, ao longo de um ano repleto de imprevistos e, sobretudo, pela sua disponibilidade e observações valiosas na partilha de saberes que faz tão apaixonadamente.

Ao Professor Pedro Pinto, por me encorajar a fazer mais e melhor, por um ano de aprendizagem e inspiração constante, mostrando-se sempre disponível para tornar o último ano de curso o mais enriquecedor possível, partilhando o seu conhecimento e experiência.

Ao Arquiteto Pedro Matos Gameiro e à Raquel Pereira, pela forma como gentilmente me receberam, por diversas vezes, no atelier para a realização das entrevistas, bem como pelo material disponibilizado e pelos ensinamentos e conhecimentos transmitidos, que se revelaram fundamentais para este trabalho.

Ao Professor Bernardo Miranda, pela sua prestável e empenhada colaboração, cedendo documentação relativa ao mobiliário da Biblioteca Universitária do Iscte. Acima de tudo, agradeço a preocupação e boa disposição transmitidas, uma vez que simples gestos de carinho fizeram a diferença e impediram que eu desistisse.

À querida Alice Espada, do Departamento de Arquitetura, pela constante preocupação comigo, pelas conversas e pelos conselhos, pela imensa dedicação e ânimo, mas principalmente porque o “tu mereces” não me sai da cabeça.

À minha família, pela educação e por me ensinarem a ser resiliente, em especial aos meus avós maternos, por compreenderem a minha ausência, sendo que agora se orgulham por verem a neta terminar mais uma etapa; e à minha mãe, pela motivação constante, porque sempre me ajudou a encontrar soluções para os imprevistos ocorridos ao longo desde ano, e fez de tudo por um sorriso meu.

Aos meus três apoios: à Joana Contente, por estar sempre por perto, com um amor incondicional, por ter sido uma constante fonte de positivismo, encorajamento, e por rever os meus textos, dando a sua opinião

sincera, uma mãozinha e muito mais (“Tu vais conseguir! Concentra-te no mais importante e chuta para a frente”); à Marta Fonte, por tornar tudo mais fácil e pela generosidade transmitida, mas principalmente por me ajudar a tomar decisões (“sim querida”); e à Inês Sousa, por ser um exemplo de perseverança, por tornar os meus dias melhores e maiores, e não desistir de mim. Agradeço-lhes, especialmente, por estarem sempre presentes nos bons e maus momentos.

Aos meus queridos do gabinete “Grupo de Missão de Requalificação e Ampliação do Campus do Iscte” (GMRAC), Susana, Filipe, Francisco e Carlos, por serem a motivação para me levantar e começar o dia com um sorriso, e por toda a ajuda disponibilizada quando mais precisei, nem tenho palavras. Acima de tudo, por verem algo em mim quando eu própria não o vi.

Por fim, a todos os meus amigos, em especial à Milena, à Teresa e ao João pela companhia e amizade durante este percurso, porque só com o vosso apoio foi possível ultrapassar todas as batalhas que este percurso me apresentou, e aos meus colegas de grupo, Carolina, Daniel, Mafalda e Raquel, pela alegria contagiante.

Obrigada.

**VERTENTE TEÓRICA –**

**ARQUITETURA E MOBILIÁRIO: O CASO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE GRÂNDOLA**

[O trabalho foi redigido de acordo com o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, respeitando as “Normas de apresentação e harmonização gráfica para dissertação ou trabalho de projeto de mestrado ou tese de doutoramento”, estabelecidas pelo Iscte – Instituto Universitário de Lisboa]

## ÍNDICE

Resumo   Abstract	i
Introdução	3
[Tema, Objetivos, Metodologia, Estrutura do Trabalho, Estado da Arte e Contributos]	
<b>1. Enquadramento e Quadro Conceptual</b>	<b>36</b>
<b>2. Caso de Estudo   Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola   2012/2016 -</b>	<b>68</b>
2.1. Atelier Matos Gameiro Architectos	70
2.2. Localização e enquadramento	72
2.3. Espaço - Organização - Pensamento Arquitectónico	77
2.4. Mobiliário	87
<b>3. Considerações Finais</b>	<b>115</b>
<b>4. Bibliografia</b>	<b>119</b>
<b>5. Anexos</b>	<b>127</b>
Anexo I	127
[Transcrição da entrevista realizada ao Arquitecto Pedro Matos Gameiro]	
Anexo II	141
[Fragmento do relatório do Júri do concurso público da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola]	

<b>Anexo III</b>	<b>142</b>
[Painéis do Concurso Biblioteca e Arquivo Municipais de Grândola, Atelier Matos Gameiro Arquitectos]	
<b>Anexo IV</b>	<b>147</b>
[Mapa de Carpintarias, Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola]	
<b>Anexo V</b>	<b>158</b>
[Registo Fotográfico   visita à obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola]	



## RESUMO

[Palavras-Chave: Arquitetura; Biblioteca; Mobiliário; Espaço interior; Pedro Matos Gameiro]

O presente estudo constitui uma reflexão acerca da relação entre o mobiliário, enquanto elemento integrante no pensamento do espaço arquitetónico, e o projeto de arquitetura, no contexto programático das bibliotecas. Questiona-se numa primeira instância a existência factual desta relação na extensão da teoria da arquitetura e a sua importância no contexto da prática projetual.

O estudo da relação entre mobiliário e espaço arquitetónico tem como objeto de estudo a Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola (2012/2016- ), projeto do *atelier* Matos Gameiro Arquitectos. O estudo e aprofundamento deste projeto, de um *atelier* cuja relevância excede o contexto nacional, é tomado como uma oportunidade para explorar a relação entre mobiliário e espaço arquitetónico, procurando compreender o papel do mobiliário no processo de conceção do projeto de arquitetura na atualidade.

Este trabalho conclui-se no confronto entre a reflexão teórica e a ação prática, no sentido em que esta Vertente Teórica de Projeto Final de Arquitetura informa e fundamenta a Vertente Prática, que consiste na conceção de uma nova biblioteca para a Trafaria.

## **ABSTRACT**

[Key-Words: Architecture; Library; Furniture; Interior Space; Pedro Matos Gameiro]

This study is a reflection on the relationship between furniture, as an integral element in the thinking of architectural space, and architectural project, in the programmatic context of libraries. In a first instance, the factual existence of this relationship in the extension of architectural theory and its importance in the context of project practice is questioned.

The study of the relationship between furniture and architectural space is premised on the study case of the Municipal Library and Archives of Grândola (2012/2016- ), a project of the atelier Matos Gameiro Arquitectos. The study and deepening of this project, of an atelier whose relevance exceeds the national context, is taken as an opportunity to explore the relationship between furniture and architectural space, seeking to understand the role of furniture in the design process of architecture today.

This work is concluded with the confrontation between theoretical reflection and practical action, in the sense that this Theoretical Component of the Final Project of Architecture informs and bases the Practical Component, which consists in the conception of a new library for Trafaria.

## INTRODUÇÃO

[Tema, Objetivos, Metodologia, Estrutura do Trabalho, Estado da Arte e Contributos]

### Tema

*El mobiliário aquí no añade su arquitectura posible a una arquitectura inmovilizada. Es arquitectura en sí mismo.<sup>1</sup>*

A vertente teórica desenvolvida no âmbito do Projeto Final de Arquitetura do Mestrado Integrado em Arquitetura, que aqui se expõe intitula-se “Arquitetura e mobiliário: o caso da Biblioteca Municipal de Grândola” e procura refletir sobre a relação entre o mobiliário, enquanto elemento integrante no pensamento do espaço arquitetónico, e o projeto de arquitetura no contexto programático das bibliotecas. Deste modo, não se pretende elaborar um relato histórico da evolução do mobiliário ou de bibliotecas, mas sim abordar a evolução da relação acima mencionada, no âmbito de um caso paradigmático.

Este estudo é incentivado pela componente projetual, que consiste na proposta de um novo edifício para a Biblioteca da Trafaria, uma tipologia arquitetónica que exige por si só a presença de mobiliário: estantes para o armazenamento dos livros, as mesas e as cadeiras para o espaço de leitura, entre outros elementos que respondem a critérios específicos do imaginário funcional das bibliotecas, tornando-se assim pertinente o desenvolvimento deste tema, para a posterior aplicação dos conhecimentos assimilados.

Desse modo, surgem as seguintes inquietações: como articular o projeto de mobiliário com o projeto de arquitetura? Qual é o papel ou a importância do mobiliário no momento do

---

<sup>1</sup> Le Corbusier - **Almanach d'Architecture Moderne**. Turín: Bottega D'Erasmus, 1975, p.145. In BELENGUER, Maria Melgarejo - **La arquitectura desde el interior, 1925 – 1937: Lilly Reich y Charlotte Perriand**. Barcelona: VEGAP, 2011. ISBN 978-84-939409-1-1, p. 17.

projeto de arquitetura? Até que ponto esta relação existe e como? Na tentativa de ir ao encontro de respostas às questões de partida, a investigação está fundamentada em diversas pesquisas e num objeto de estudo, – a Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola (2012/2016- ). Uma biblioteca da contemporaneidade, projeto do *atelier* Matos Gameiro Architectos, e visto ainda estar em processo de construção constatou-se que seria uma oportunidade de acompanhar o processo de execução de uma biblioteca e conseguir o testemunho de um arquiteto, o que constituiu uma experiência enriquecedora, tanto a nível de conhecimento pessoal como para o desenvolvimento do trabalho. O trabalho do *atelier* foi já bastante publicado e também apresentado em países como Portugal, Espanha, Reino Unido, Bélgica, Alemanha, Polónia, China, entre outros, bem como vencedor de vários prémios, constituindo-se como um exemplo pertinente para o estudo em questão.

Atualmente, várias são as empresas que fabricam mobiliário e que investem no *design*<sup>2</sup> e na qualidade do mobiliário concebido, sendo evidente que o leque de disponibilidades e a factibilidade técnica e produtiva são hoje muito mais amplos do que nas primeiras décadas do século XX, uma época marcada, em Portugal, por um desenvolvimento industrial e produtivo lento e limitado.<sup>3</sup>

As circunstâncias são bastante diferentes de outrora, prevalecia a escassa oferta de mercado, e vários arquitetos contribuíram também para a indústria do mobiliário. Assim, a questão que se coloca diz respeito à necessidade do arquiteto se inteirar no pensamento do

---

<sup>2</sup> *Design* [design] Do inglês; 1. disciplina que tem por objetivo a criação de objetos ou produtos cuja forma se adegue o mais perfeitamente possível à função para que se destinam, conciliando critérios estéticos, técnicos, etc.; 2. aspeto exterior de um objeto; configuração física; 3. plano; projeto; criação. Retirado de Design in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2020. [consult. 2020-07-13]. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/design>

<sup>3</sup> PEDREIRINHO, José Manuel (coord.) - **Siza Design**. Matosinhos: ArteBooks e ESAD - Escola Superior de Artes e Design, 2013, p. 9.

desenho de mobiliário e da conceção da arquitetura como um todo, na medida em que o mercado do mobiliário já oferece diversas alternativas de qualidade que poderão, de certo modo, articular-se corretamente com o projeto. Neste processo, procurou-se recolher o ponto de vista do autor, podendo comparar e analisar relativamente ao tema proposto.

Em suma, partindo do pressuposto de que a reflexão teórica é uma ferramenta que fundamenta a ação prática, sendo, por isso, parte integrante no processo do projeto a concretizar na vertente prática, – a materialização de uma nova biblioteca para a Trafaria – o presente ensaio apresenta-se como uma unidade, seguindo-se, uma abordagem teórico-prática, através da qual se procurou verificar as questões levantadas ao longo deste processo, interrogando-se ou (in)formando-se um ao outro.

## Objetivos

O presente trabalho visa compreender o papel do mobiliário no processo de projeto de arquitetura no contexto do caso de estudo, perceber a mutação temporal na relação simbiótica entre mobiliário e arquitetura, e por fim, aplicar os conhecimentos adquiridos, na componente projetual. Ou seja, procura-se que este estudo auxilie na compreensão e criação de competências necessárias para a posterior aplicação na vertente prática, na qual se ambiciona desenvolver o projeto de um espaço destinado à leitura com mobiliário adequado à funcionalidade do espaço, resultando assim numa ideia de continuidade entre vertente teórica e prática deste trabalho.

Para uma conceptualização e reconhecimento da importância do mobiliário, parece-nos da maior utilidade recorrermos a uma obra que nos ajude a entender a continuidade fundamental entre as diversas escalas do espaço humano, e a enquadrar de um modo adequado a relação estabelecida entre mobiliário e o quadro definido pela arquitetura.

Após a escolha do objeto de estudo que compõe esta investigação, debruça-se sobre o entendimento do modo de pensar e fazer arquitetura, com foco no estudo de uma obra onde o arquiteto é responsável pelo desenho do equipamento, com o intuito de inferir as motivações e a condição do arquiteto perante esta prática de arquitetura que é articulada com o desenho de mobiliário, projetando-se os dois em conjunto.

Por forma a alcançar estes objetivos, este estudo tem como premissa compreender o espaço, a organização e o pensamento arquitetónico do objeto de estudo, realçando o papel desempenhado pelo mobiliário no processo de conformação dos espaços. Assim, torna-se fundamental refletir sobre as soluções encontradas pelo arquiteto no respetivo contexto, aptas de atender às necessidades específicas de um projeto arquitetónico com este fim programático – a Biblioteca.

Salienta-se o facto deste trabalho não ter como objetivo desqualificar o trabalho dos *designers*, em prol de uma dada competência específica do arquiteto, nestas áreas. Com efeito, considerou-se pertinente atentar à relação de influência e fluidez entre arquitetura e mobiliário.

## Metodologia

Relativamente à metodologia do presente trabalho, procurou-se que a teoria e a prática fossem complementares. Deste modo, a metodologia tem por base a questão mencionada por Carlos Martí Arís (1948-2020) relativa à complementaridade entre teoria e prática. Para o autor, “(...) no puede haber teoría que no se alimente de los resultados obtenidos a través de la práctica, ni existe práctica que vaya más de la simple reproducción mecánica de lo existente que no se apoye en una reflexión de carácter teórico”.<sup>4</sup> Esta consciência e método de trabalho permitem construir instrumentos que possibilitam ver com maior clareza os problemas e aplicar, posteriormente, na vertente prática, “(...) lo cual implica, por una parte, que nuestros instrumentos sean lo bastante afinados, rigurosos e inquisitivos como para plantearle al mundo preguntas cruciales y pertinentes, y por otra parte, que nuestra atención y sensibilidad nos permitan escuchar la respuesta que el mundo pueda llegar a enviarnos”.<sup>5</sup>

Por sua vez, a fonte primária de informação para o desenvolvimento deste trabalho consistiu no contacto direto com o arquiteto Pedro Matos Gameiro (1970- ), quer através de entrevistas no seu *atelier*, quer de conversas e visitas acompanhadas à obra em análise. O diálogo com o arquiteto possibilitou explicar diversos temas, de notável interesse para a investigação. O caso de estudo, a Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola, encontra-se em processo de construção desde o início do trabalho, e avança-se na escolha com consciência de que a informação publicada sobre a mesma seria escassa. Porém, o arquiteto cedeu todo o material à sua disposição, como desenhos e documentação relativa ao presente projeto. As

---

<sup>4</sup> MARTÍ ARÍS, Carlos – *La Cimbra y el Arco*. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 2015, p. 22.

<sup>5</sup> MARTÍ ARÍS, Carlos – *La Cimbra y el Arco*. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 2015, p. 28.

visitas à obra revelaram-se fundamentais, sendo efetuada a observação *in situ*<sup>6</sup> e produzindo-se um registo fotográfico, que não só tem a função de suporte gráfico da informação escrita, mas também pretende documentar este local com elementos originais, a partir de uma determinada interpretação do mesmo.

A metodologia inclui também a pesquisa e a recolha de material bibliográfico como base do desenvolvimento da componente teórica. Na verdade, o enquadramento teórico é fundamental para que se siga uma análise ponderada, fundamentada e crítica.

Considerou-se ainda toda a informação que se relaciona diretamente com o tema em questão, considerando teorias, conceitos operativos e autores, sendo posteriormente utilizada na leitura e interpretação do caso de estudo. Assim sendo, foram consultados livros, catálogos, artigos, trabalhos académicos, publicações periódicas e elementos gráficos, que permitiram estruturar e informar o presente trabalho, tendo-se revelado indispensáveis para o enquadramento e conhecimento fundamentado do caso de estudo.

A recolha da informação, anteriormente referida, foi realizada na Biblioteca Nacional de Portugal, na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, na Biblioteca do Iscte Instituto Universitário de Lisboa e na Biblioteca da Ordem dos Arquitetos. A pesquisa de trabalhos académicos e artigos fez-se, essencialmente, em repositórios *online*, como o Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP),<sup>7</sup> o Repositório *online* do Iscte Instituto Universitário de Lisboa,<sup>8</sup> o Repositório espanhol *Tesis Doctoral en Xarxa* (TDX)<sup>9</sup> e o Repositório

---

<sup>6</sup> *In situ* [in situ] Do latim; Advérbio; Expressão com o significado de no local; in loco. Retirado de In situ in Dicionário infopédia de Termos Médicos [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-07-07]. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/dicionarios/termos-medicos/In situ](https://www.infopedia.pt/dicionarios/termos-medicos/In%20situ)

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.rcaap.pt/>

<sup>8</sup> Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/253>

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.tesisenred.net/>

européu *DART-Europe E-Theses Portal*<sup>10</sup>. Por conseguinte, as imagens reproduzidas ao longo do trabalho, retiradas das fontes informativas já referidas, foram escolhidas pela sua relevância e por auxiliarem diretamente o discurso teórico, potenciando uma observação direta.

Por fim, é também relevante referir que as referências bibliográficas cumprem a “Norma Portuguesa 405”, bem como todas as citações e transcrições utilizadas mantiveram a formatação original, redigidas no idioma de origem, de modo a evitar interpretações erróneas. Não sendo traduzidas, ciente das dificuldades que uma tradução sempre coloca e correndo ainda o risco de trair o sentido original do autor.

---

<sup>10</sup> Disponível em: <http://www.dart-europe.eu/basic-search.php>

## Estrutura do Trabalho

Para a prossecução dos objetivos propostos, e em articulação com a metodologia adotada, a presente vertente teórica desenvolve-se em torno de dois capítulos que pretendem explanar a potencialidade do mobiliário no espaço arquitetónico e a sua articulação com o projeto de arquitetura, tendo em especial atenção a biblioteca como contexto programático.

O primeiro capítulo, – Enquadramento e Quadro Conceptual – tem como objetivo contextualizar o tema, de modo a facilitar a correta interpretação e compreensão do caso de estudo abordado posteriormente. Assim, primeiramente, estuda-se a relação entre o projeto de arquitetura e o mobiliário, recuando ao momento em que este começou a ser valorizado pelo arquiteto no processo de projeto, e ambicionando um ideal de totalidade a partir da arquitetura e do desenho de mobiliário, enquanto disciplinas em permanente relação.

Na transição do século XIX para o século XX, a nostalgia do passado e o revivalismo, confronta-se com um desejo de modernização e inovação, altura em que se estabelecem os princípios do Movimento Moderno. Neste contexto, os arquitetos Le Corbusier (1887-1965), Mies van der Rohe (1886-1969), Erik Gunnar Asplund (1885-1940), Alvar Aalto (1898-1976), Louis Kahn (1901-1974), entre outros, verificam que o mesmo espaço arquitetónico pode ter um carácter muito diferente, dependendo dos elementos que o completam, em particular o mobiliário, surgindo o interesse em adequá-lo com os seus projetos. O novo século traria também mudanças no panorama nacional, tanto no mobiliário como na arquitetura, seguindo-se as práticas internacionais, em alternativa às abordagens mais conservadoras. Portanto, através deste quadro conceptual, percebe-se que o mobiliário pode ser uma extensão da arquitetura, sendo um elemento que aproxima a escala do edifício à escala do utilizador, tendo um papel determinante como elemento que permite vivenciar o espaço, proporcionador de conforto e valorizador na criação de uma atmosfera, de um ambiente harmonioso e equilibrado.

O segundo capítulo, – Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola – debruça-se na análise do caso de estudo, pois acredita-se que a arquitetura ganha outra dimensão, quanto ao seu entendimento, quando visitada e experienciada. Neste sentido, o caso de estudo assume-se como a possibilidade desse entendimento empírico de todos os conceitos investigados, no primeiro capítulo.

Tornou-se difícil pensar acerca de mobiliário, como objetos isolados, sem referenciar o arquiteto e elucidar a obra onde o mobiliário está inserido, como resultado de um processo complexo de projeto. Assim sendo, considerou-se relevante realizar uma introdução biográfica do autor, na convicção de que o percurso pessoal e profissional, bem como as suas vivências e crenças, se refletem nas suas obras.

Neste sentido, simultaneamente, foi estudada a biblioteca e feita uma reflexão sobre o diálogo entre mobiliário e o espaço arquitetónico. É neste capítulo que se aproxima a conclusão, onde se percebe que o potencial de articular o mobiliário com o projeto de arquitetura, seja este elemento desenhado especialmente para o local ou escolhido das opções do mercado, é que resulte num projeto coerente e harmonioso. Que atenda ao ambiente idealizado pelo arquiteto e às exigências básicas do espaço de uma biblioteca. Não só apoiada na investigação anterior, mas também na entrevista realizada ao arquiteto Pedro Matos Gameiro, dá-se assim uma compilação dos objetivos principais, anteriormente mencionados. Finaliza-se com as considerações finais, com o intuito de elaborar uma reflexão simultânea, procurando realçar os vários aspetos relevantes sobre o tema.

## Estado da Arte

No presente trabalho, o título – *Arquitetura e mobiliário: o caso da Biblioteca Municipal de Grândola* – sintetiza a forma como o tema foi delimitado e abordado. O mobiliário como parte integrante do projeto de arquitetura é a variável que se pretende introduzir na leitura e discussão da presente Vertente Teórica. Por conseguinte, trata-se de um tema recorrente na teoria da arquitetura, por ter sido alvo de diversos estudos, sendo alguns submetidos como provas finais para a obtenção de diferentes graus académicos, a nível nacional e internacional, destacando-se pela sua importância relativamente ao desenvolvimento do trabalho. De referir que os trabalhos académicos constituem uma fonte de investigação fundamental, fornecendo várias perspetivas através das quais o tema pode ser abordado e, paralelamente, disponibilizando dados importantes referentes à bibliografia e a autores fundamentais para a realização do presente trabalho.

Saliente-se que a revisão da literatura procurou entender a visão de vários autores sobre o tema em causa. Perante este facto, optou-se por reduzir o Estado da Arte às investigações mais relevantes para a estruturação da vertente teórica, embora também se tivesse em conta outras publicações, de modo a que o objeto de estudo fosse interpretado de forma mais efetiva. Constituindo, deste modo, o estado da arte que se apresenta de seguida,

*La Fabricación Del Interior: Arquitectura y Mobiliario en La Contemporaneidad*,<sup>11</sup> é um trabalho académico realizado por Ramón Esteve Cambra, na Escola Técnica Superior de Arquitetura da Universidade Politécnica de Valência, em 2015. Com o intuito de entender a relação entre arquitetura e mobiliário, o autor analisa vários projetos onde o mobiliário se

---

<sup>11</sup> CAMBRA, Ramón Esteve - *La Fabricación del Interior: Arquitectura y Mobiliario en la Contemporaneidad*. Universidad Politécnica de Valencia: Escuela Técnica Superior de Arquitectura, 2015. Tesis doctoral.

apresenta como parte integrante do projeto de arquitetura, de arquitetos essenciais tais como Adolf Loos (1870-1933), Mies van der Rohe (1886-1969), Le Corbusier (1887-1965), Charles Eames (1907-1978) e Ray Eames (1912-1988), Alvar Aalto (1898-1976), Arne Jacobsen (1902-1971), Louis Kahn (1901-1974), Peter Zumthor (1943- ), entre outros, onde podemos encontrar várias linhas de pensamento diferentes. Assim sendo, revela-se preponderante, pois talvez este seja o trabalho académico mais próximo dos objetivos do presente trabalho. O período temporal definido pelo autor é balizado desde o século XX, altura em que se estabelecem os princípios do modernismo, até aos dias de hoje, realizando uma análise da realidade contemporânea. Contribui, deste modo, para reflexões sobre o facto de que o mobiliário acrescentado pode ter características diferentes das do espaço arquitetónico, conduzindo a uma ambiguidade que poderá mesmo anular a ideia do arquiteto para esse espaço. Pelo contrário, se a arquitetura e o mobiliário estão em sintonia, o último amplia o carácter arquitetónico do espaço, em vez de o anular.

A dissertação de mestrado de João Ricardo Martins, *O espaço moderno conquistado pelo mobiliário*,<sup>12</sup> apresentada no Iscte - Instituto Universitário de Lisboa, em 2016, aborda o espaço moderno e a sua ligação com o mobiliário, durante a primeira metade do século XX, no contexto do Modernismo. Assim, este trabalho académico revela-se preponderante para o presente trabalho, pois nele é analisada a relação próxima entre o desenho de mobiliário e o espaço moderno, no panorama internacional e no panorama português. Várias obras associadas a uma conceção renovada de espaço são estudadas pelo autor, destacando-se a temática do arquiteto que projeta a obra valorizando de igual modo o espaço interior e exterior, fazendo com que as peças de mobiliário transpareçam a sua visão, e alcançando, dessa forma, a unidade

---

<sup>12</sup> MARTINS, João Ricardo Assunção - **O espaço moderno conquistado pelo mobiliário**. Universidade de Lisboa: ISCTE-IUL, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, 2016. Dissertação de Mestrado.

arquitetónica. Este trabalho académico também conduziu a reflexões sobre os limites do papel do arquiteto, que atua desde a escala urbana até ao desenho de mobiliário, intervindo na totalidade da ambiência projetada. O autor realiza ainda o projeto de uma cadeira, como objeto funcional, integrando-se no ambiente.

A dissertação de mestrado, *Biblioteca y Proyecto*,<sup>13</sup> realizada por Israel Ortiz Zires, em 2008, entende o *design* de mobiliário como extensão da arquitetura, que estimula conexões entre o homem e o espaço, neste caso na Biblioteca. Deste modo, a autora defende que o mobiliário tem uma importância fundamental na conceção espacial da obra de arquitetura, e independentemente da tipologia arquitetónica, influencia a perceção de que os utilizadores terão de cada espaço. Revela-se, pois, preponderante para o presente trabalho, uma vez que aborda a ideia de que o espaço da biblioteca tem de ser pensado como um local de concentração, de silêncio, de estudo, sendo que, por isso, o mobiliário, os materiais, as cores e as texturas têm de ser selecionados pelo arquiteto tendo isso em consideração, de forma objetiva.

A dissertação de mestrado de Joana Rodrigues Guerreiro, *Arquitectura e Design como concepção de obra total: obras paradigmáticas em Portugal*,<sup>14</sup> apresentada e defendida em Lisboa, em 2019, estuda a relação existente entre a arquitetura e o *design*, que conduziu à criação de obras de arquitetura completas no contexto português. Deste modo, a autora seleciona nove obras como casos de estudo, das quais três da autoria do *designer* Daciano da Costa (1930-2005), que colaborando em sintonia e associando o projeto de *design* ao espaço

---

<sup>13</sup> ZIRES, Israel Ortiz - **Biblioteca y Proyecto**. Universitat Politècnica de Catalunya: Màster universitari en Teoria i Pràctica del Projecte d'Arquitectura, 2008. Dissertação de Mestrado.

<sup>14</sup> GUERREIRO, Joana Rodrigues - **Arquitectura e Design como concepção de obra total: obras paradigmáticas em Portugal**. Universidade Lusíada: Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade de Lisboa, 2019. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura.

arquitetónico onde este se enquadra, tornou-se uma referência incontornável no panorama do *design* em Portugal do século XX.

A dissertação de mestrado *Ideia de arquitetura total – relação entre arquitetura e design: dois casos de estudo*,<sup>15</sup> escrita por Inês Nogueira Afonso, apresentada em 2017, em Lisboa, na qual a autora salienta que, acima de tudo, é fundamental que se compreenda a relação estabelecida entre arquitetura e *design*, concluindo que apenas pode existir complementaridade entre ambas as disciplinas. À semelhança da dissertação referida anteriormente, esta autora também seleciona como objeto de estudo uma obra do designer Daciano da Costa: os interiores da Fundação Calouste Gulbenkian. Deste modo, ambas as dissertações se tornam relevantes, pois apresentam reflexões importantes para a compreensão do processo de conceção de projeto, articulando a relação que a arquitetura estabeleceu com o *design*.

De salientar também os seguintes trabalhos académicos, *El Mueble como estructurador del espacio en la vivienda moderna*,<sup>16</sup> apresentado e defendido em 2012, na Universidad Nacional da Colômbia, John Arango Flórez, defende que o mobiliário e o espaço são elementos indissociáveis no processo de projeto;

*O Mobiliário em Diferentes Cenários da Habitação*,<sup>17</sup> de Daniela Prudêncio, apresentado em 2017, baseia-se no estudo no interior da habitação, mais concretamente no espaço

---

<sup>15</sup> AFONSO, Inês Nogueira - **Ideia de arquitetura total – relação entre arquitetura e design: dois casos de estudo**. Lusíada: Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade de Lisboa, 2017. Dissertação de Mestrado.

<sup>16</sup> ARANGO FLÓREZ, John - **El mueble como estructurador del espacio en la vivienda moderna**. Medellín: Universidad Nacional de Colombia, 2012.

<sup>17</sup> PRUDÊNCIO, Daniela Sofia Temudo - **O Mobiliário em Diferentes Cenários da Habitação**. Universidade de Lisboa: ISCTE, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, 2017. Dissertação de Mestrado.

doméstico e na relação que estabelece com o mobiliário, analisando projetos em circunstâncias distintas, que retratam o quotidiano de núcleos familiares da atualidade e de tempos passados;

*Do monumental ao doméstico: Casas Modernas*,<sup>18</sup> apresentado em 2016, em Lisboa, Catarina Andrade salienta como é importante que a arquitetura e o mobiliário estejam em sintonia, tendo em consideração que o último intensifica a experiência do “habitar”.

Desta forma, estas leituras permitiram perspetivar o mobiliário como um elemento que modifica o espaço arquitetónico e cria sensações, confere identidade, atmosfera e conforto, favorecendo a expressão da obra arquitetónica.

Alguns livros cujo conteúdo também se centra na temática abordada, foram consultados para este ensaio, dos quais se salienta o livro escrito pela professora e arquiteta María Melgarejo Belenguer, e publicado em 2011, *La arquitectura desde el Interior, 1925-1937: Lilly Reich y Charlotte Perriand*,<sup>19</sup> aprofunda a relação estabelecida entre o interior e o exterior, na arquitetura de 1925-1937, um período de grandes mudanças arquitetónicas, reveladoras da vontade de desconectar com o passado e proporcionar algo novo e melhor para o presente. A partir de 1927, iniciou-se um processo de revisão do conceito de espaço arquitetónico no qual, projetar de forma adequada às necessidades da nova vida, tornou-se o elemento principal da obra de Le Corbusier e Mies van der Rohe. Nesse mesmo ano, Mies van der Rohe começou a sua colaboração com Lilly Reich (1885-1947) e Le Corbusier com Charlotte Perriand (1903-1999), deixando clara a sua influência na consolidação de uma nova relação de espaço-mobiliário.

Numa tentativa de demonstrar que a verdadeira transformação ocorreu a partir de dentro, a autora elabora o estudo dirigindo a sua atenção para o interior da arquitetura, crendo que, e

---

<sup>18</sup> ANDRADE, Catarina - **Do monumental ao doméstico: Casas Modernas**. Universidade de Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2016. Dissertação de Mestrado em Arquitetura.

<sup>19</sup> BELENGUER, María Melgarejo - **La arquitectura desde el interior, 1925-1937: Lilly Reich y Charlotte Perriand**. Barcelona: VEGAP, 2011. ISBN 978-84-939409-1-1.

citando Le Corbusier, “Un plano procede de adentro hacia fuera. Un edificio es como una pompa de jabón. Esta pompa es perfectamente armoniosa si el soplo está bien repartido, bien reglado desde el interior. El exterior es el resultado de un interior”.<sup>20</sup>

Esta obra revela-se preponderante para o presente trabalho, pois, em primeiro lugar, desenvolve uma base teórica sobre a relevância do mobiliário utilizado para organizar e determinar a configuração do espaço, pensado para cada um dos locais onde que seria integrado. Por outro lado, evidencia novas formas da representação do espaço interior, associada ao novo sentido de espaço, ao progresso técnico e ao material de construção. Por fim, os elementos gráficos que auxiliam o discurso teórico refletem o desejo, dos arquitetos abordados, de criarem ambientes que constituíssem uma unidade arquitetónica, e as suas ideologias fundamentadas na procura do novo modo de vida, através do *design*.

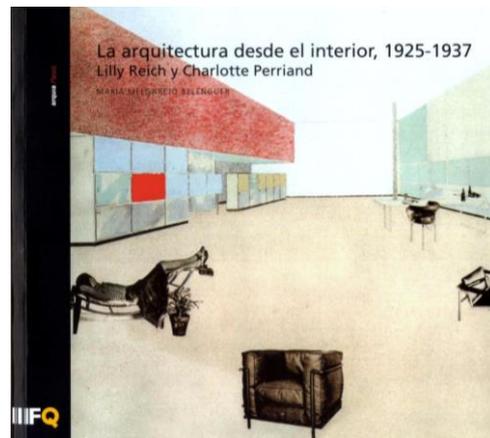


Figura 1 – Capa do Livro La arquitectura desde el Interior, 1925-1937: Lilly Reich y Charlotte Perriand, de María Melgarejo Belenguer

---

<sup>20</sup> Según indica Le Corbusier en el capítulo V «Arquitectura», apartado II «La ilusión de los planes», de Hacia una arquitectura, págs. 141-160. In BELENGUER, María Melgarejo – **La arquitectura desde el interior, 1925-1937: Lilly Reich y Charlotte Perriand**. Barcelona: VEGAP, 2011. ISBN 978-84-939409-1-1, p. 11.

O livro *Da organização do espaço*,<sup>21</sup> escrito por Fernando Távora (1923-2005), apresenta o tema do mobiliário e de como este elemento se revela fundamental na identidade, funcionalidade e conforto de todo o espaço arquitetónico. O autor considera também o ato de projeto, e que o papel do arquiteto se estende por várias tarefas, porque a organização do espaço assim o exige. Sendo o espaço, na opinião de Távora, uma grande dádiva natureza, o homem tem de o estruturar de forma harmoniosa, sendo que considera a arquitetura dos países nórdicos como um exemplo organização, coesão, equilíbrio e preocupação com o utilizador do espaço. Paralelamente, o arquiteto refere que Alvar Aalto é o maior exemplo representativo da arquitetura nórdica, muito atual e completo, uma vez que a sua obra associa opostos, como os binómios artesanato/indústria ou simplicidade/complexidade, entre outros.

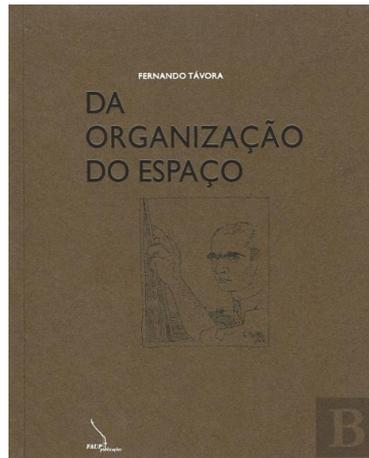


Figura 2 – Capa do Livro *Da organização do espaço*, de Fernando Távora

---

<sup>21</sup> TÁVORA, Fernando - *Da organização do espaço*. 7.<sup>a</sup> ed. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2007.

Do mesmo modo, também o livro *Atmosferas*,<sup>22</sup> escrito por Peter Zumthor (1943- ) e publicado em 2006, contribuiu para reflexões de que a arquitetura deve ter em consideração o movimento dos seus utilizadores. Ou seja, para o autor, os diferentes espaços devem conseguir captar, direccionar ou manter o visitante da forma mais pertinente, sendo que o mobiliário tem um papel essencial no desempenho destas ações. Desta forma, o arquiteto suíço destaca que a obra arquitetónica deve transmitir algo que vá além da sua função, por meio dos materiais, pelas sensações e emoções despertadas no utilizador, ou através do desenho do espaço. Para Peter Zumthor, uma obra com qualidade arquitetónica consegue, através das suas atmosferas, desencadear sensações e emoções logo na sua primeira visita, sendo que existe um efeito de reciprocidade entre as sensações vivenciadas e as coisas em redor do visitante.

Contribuiu também para uma melhor e mais esclarecida compreensão sobre a intensidade de sensações que o mobiliário provoca no espaço, referindo que cada material possui características próprias, e que a forma como estes se conjugam conduz a um ambiente interior único. Percebemos, pois, que a leitura desta obra permitiu o entendimento de que elementos como o mobiliário e o seu material, têm a capacidade de intensificar o impacto emocional e poético do espaço no corpo do indivíduo. Por exemplo, para o autor a madeira do mobiliário torna o sentido de conforto mais intenso.

---

<sup>22</sup> ZUMTHOR, Peter - *Atmosferas: Entornos arquitectónicos - As coisas que me rodeiam*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.



Figura 3 – Capa do Livro Atmosferas, de Peter Zumthor

Do mesmo autor, o livro *Pensar a Arquitectura*,<sup>23</sup> reúne diversos textos, em que Peter Zumthor reflete sobre a experiência do espaço arquitetónico. Assim, na primeira parte, descreve as ferramentas utilizadas na conceção de um projeto, como a valorização do processo, a geometria do espaço, a memória, o desenho, o lugar, a composição da materialidade, a relação entre o emissor e o recetor. Posto isto, a partir da leitura deste livro, atingiu-se uma compreensão exata do conceito de “coerência”, em arquitetura. Peter Zumthor utiliza este conceito nas suas obras arquitetónicas, procurando “formar um todo com sentido a partir de muitas partes”<sup>24</sup>, e usando, sem contradições, os vários traços do projeto, referido que “forma e construção, aparência e função já não podem ser separadas. Pertencem um ao outro e formam um todo”.<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> ZUMTHOR, Peter - **Pensar a Arquitectura**. 2ª Edição. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

<sup>24</sup> ZUMTHOR, Peter - **Pensar a Arquitectura**. 2ª Edição. Barcelona: Gustavo Gili, 2009, p. 11.

<sup>25</sup> ZUMTHOR, Peter - **Pensar a Arquitectura**. 2ª Edição. Barcelona: Gustavo Gili, 2009, p. 24.

Desta forma, Peter Zumthor reelabora o conceito de *total architecture*<sup>26</sup> instituído por Walter Gropius (1883-1969), na Bauhaus, dando valor à pormenorização de cada elemento arquitetónico, e reconhecendo a sua força na obra total, para que os objetos integrantes na obra arquitetónica vão além do seu propósito formal e transmitam uma mensagem específica, que nasce e é enaltecida no desenho da obra.



Figura 4 – Capa do Livro Pensar a Arquitectura, de Peter Zumthor

O livro *La Arquitectura de la Biblioteca: Recomendaciones para un Proyecto Integral*,<sup>27</sup> publicado em 2003, o autor, Santi Romero, leva a efeito um longo trabalho sobre o desenvolvimento das bibliotecas, com foco numa prática global e unitária, intervindo na totalidade da ambiência projetada. O autor adota uma abordagem histórica e tipológica, nomeadamente

---

<sup>26</sup> Obra de Arte Total ou Gesamtkunstwerk, traduz-se, essencialmente no projeto arquitetónico realizado mediante a colaboração entre variadas disciplinas artísticas: escultura, pintura, arquitetura, mas também fotografia e artesanato.

<sup>27</sup> ROMERO, Santi - *La Arquitectura de la Biblioteca: Recomendaciones para un Proyecto Integral*. 2ª ed. Barcelona: Colección Papers Sert, 2003.

apresentando as funções dos espaços criados e ampliando o estudo do espaço interior, a organização do mobiliário e equipamento necessário e, de uma forma mais técnica, indicando as dimensões necessárias do mobiliário ao bom funcionamento dos serviços da biblioteca.

Para o presente trabalho, os capítulos dedicados à Biblioteca Pública de Estocolmo, projeto de Erik Gunnar Asplund, à Biblioteca de Viipuri, projeto de Alvar Aalto, à Biblioteca Phillips Exeter, projeto de Louis Kahn tiveram especial importância, pois estes arquitetos defendiam que, para a conceção de um espaço coerente e harmonioso, seria necessário estudar todas as componentes que influenciassem o carácter do espaço, incluindo todas as escalas, desde a implantação urbana até ao desenho das distintas peças de mobiliário.

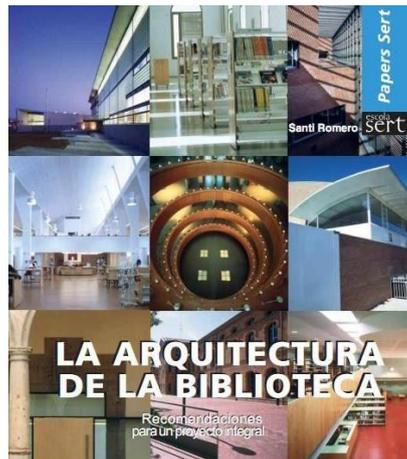


Figura 5 – Capa do Livro La Arquitectura de la Biblioteca: Recomendaciones para un Proyecto Integral, de Santi Romero

No panorama português, o livro *Arquitectura Moderna e obra global a partir de 1900*,<sup>28</sup> escrito por Ana Tostões, volume 16 da coleção *Arte Portuguesa: Da Pré-História ao Século XX* e publicado em 2009, descreve a forma como as potencialidades do *design* atingiram diferentes setores do desenho, como os interiores e o uso criativo de objetos quotidianos, como o mobiliário, e dos edifícios. Na década de 1950, a reivindicação do projeto global, desde o planeamento ao mobiliário, tendia a impor-se, de um modo geral, também para os equipamentos. Assim, para além de desenhar o edifício, o arquiteto cria um “ambiente global”, como postura projetual. Desta forma, os capítulos que se revelaram mais importantes foram “Desenho moderno e obra global: arquitectura e *design* nos anos 50” e “Gesamkunstwerk ou a obra de Arte Total”.

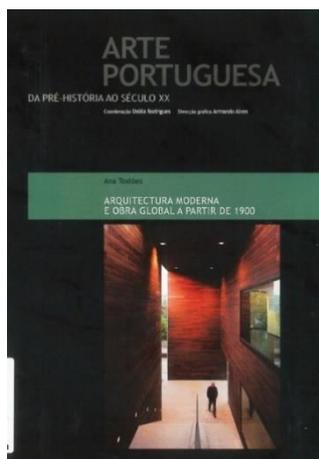


Figura 6 – Capa do Livro *Arquitectura Moderna e obra global a partir de 1900*, de Ana Tostões

---

<sup>28</sup> TOSTÕES, Ana - *Arquitectura Moderna e Obra Global a partir de 1900*. In RODRIGUES, Dalila - *Arte Portuguesa: Da Pré-História ao Século XX*. Vol. 16. Vila Nova de Gaia: Fubu, 2009. ISBN: 978-989-8207-07-4.

A monografia, *Mobiliário Para Edifícios Públicos: Portugal 1934-1974*,<sup>29</sup> publicada em 2015, da autoria de João Paulo Martins, cataloga diversas peças de mobiliário desenhadas para edifícios públicos no período do Estado Novo, em Portugal. Na demanda das mais paradigmáticas obras, do seu mobiliário e dos fabricantes que representam os antecedentes e a emergência do *design* em Portugal. O autor salienta que a escala do mobiliário e do equipamento móvel é, de um modo recorrente, ignorada ou apenas abordada de forma tangencial, o que serviu de mote para a realização do seu estudo. Neste contexto, organiza uma leitura entre a arquitetura, o *design* e o contexto sociopolítico de variadas obras e, para tal, apresenta-se enriquecido de desenhos técnicos e fotografias que possibilitam compreender cada peça de mobiliário.



Figura 7 – Capa do Catálogo *Mobiliário Para Edifícios Públicos: Portugal 1934-1974*, de João Paulo Martins

---

<sup>29</sup> MARTINS, João Paulo (ed.) - **Mobiliário Para Edifícios Públicos: Portugal 1934-1974**. Lisboa: MUDE - Museu do Design e da Moda, Coleção Francisco Capelo; Caleidoscópio, 2015.

Foi ainda consultado um conjunto de publicações que incluem informação e reflexões, mais direta ou indiretamente, sobre o tema em estudo: as publicações de 2012, do *Docomomo International Journal*, nº46, *Designing Modern Life*,<sup>30</sup>; e nº47, *Global Design*,<sup>31</sup> abordam a geração de arquitetos modernistas, que se manifestaram preocupados em recuperar a emoção perdida com os rigores do racionalismo. Bem como, expõem vários artigos e projetos que espelham a vontade de criar ambientes que funcionem como uma unidade, e a procura do novo estilo, através do *design*. Por conseguinte, as mesmas publicações, reconhecem a importância do debate entre a articulação do mobiliário com a obra de arquitetura, salientando o estudo do espaço interior.

Compreendem, assim, reflexões sobre o facto de a arquitetura de interiores ser considerada a síntese de todas as artes, mais concretamente no Movimento Moderno, e citando Bárbara Coutinho, “Actually, for the fully understanding and experiencing of Modern spatiality, interior design is determinant”.<sup>32</sup>

---

<sup>30</sup> DOCOMOMO International Journal 46 – 2012/01 Designing Modern Life.

<sup>31</sup> DOCOMOMO International Journal 47 – 2012/02 Global Design.

<sup>32</sup> COUTINHO, Bárbara - **The Modern Gesamtkunstwerk and its Preservation**. In DOCOMOMO International Journal 47 – 2012/02 Global Design, p.10.



Figura 8 – Capas das Publicações Nº 46: Designing Modern Life e Nº 47: Global Design, DOCOMOMO International Journal

As publicações da *Fundação Alvar Aalto*,<sup>33</sup> que investiga temas associados ao arquiteto finlandês, tendo sido escritos três artigos sobre a influência do mesmo nas obras de vários arquitetos portugueses. O artigo *Alvar Aalto and Álvaro Siza: Theory and Project Methodology*,<sup>34</sup> escrito por Catarina Sampaio, reflete sobre a profunda influência do arquiteto Alvar Aalto no trabalho de Álvaro Siza Vieira (1933- ), afirmando que este último entende e interpreta de forma única as obras do primeiro, uma vez que estabelece afinidades entre Portugal e Finlândia. Nas obras do arquiteto Siza Vieira, como a Biblioteca da Universidade de Aveiro e a Biblioteca de Viana do Castelo, estão presentes referências claras às obras de Alvar Aalto, e um paralelismo teórico e metodológico nas obras deste e do arquiteto português;

---

<sup>33</sup> Disponível em: [WWW:<https://www.alvaraalto.fi/>](https://www.alvaraalto.fi/).

<sup>34</sup> SAMPAIO, Catarina Gomes - **Alvar Aalto and Álvaro Siza: Theory and Project Methodology**. Alvar Aalto Researchers' Network 2013, [consult. 2020-01-19]. Disponível em: [WWW:<https://www.alvaraalto.fi/content/uploads/2017/12/AAM\\_RN\\_Sampaio.pdf>](https://www.alvaraalto.fi/content/uploads/2017/12/AAM_RN_Sampaio.pdf).

O artigo *Scandinavian time, the voyage of Raúl Hestnes Ferreira to Finland and the inference of Alvar Aalto's work in Portuguese architecture during the Post-War period*,<sup>35</sup> redigido por Patrícia Miguel, retrata a longa viagem do arquiteto Raúl Hestnes Ferreira (1931-2018) à Noruega, Suécia e Finlândia, onde visitou não só as obras de Alvar Aalto, mas também de Asplund, Ervi, Petäjä, Sverre Fehn, entre outros. Raúl Hestnes Ferreira, uma das figuras incontornáveis da arquitetura portuguesa, e ainda que tenha sido o primeiro arquiteto a visitar a Finlândia com o objetivo de analisar de perto as obras de Alvar Aalto, a autora refere também a influência deste arquiteto nas obras de outros profissionais portugueses, como Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957), Manuel Tainha (1922-2012) e Álvaro Siza Vieira;

De referir ainda o artigo *Wood and Domestic architecture in Aalto's work: Some influences on Portuguese Architecture*,<sup>36</sup> redigido por Ana Isabel Silva, e que defende um paralelismo entre as contribuições do arquiteto finlandês e a arquitetura portuguesa dos anos 50 do século passado, considerando a presença da madeira na configuração do espaço interior, assim como a caracterização de uma atmosfera concreta.

Alguns estudos cujo conteúdo se centra na temática da biblioteca, bem como os seus conceitos, organização e as características do mobiliário que lhe está implícito, foram consultados para o presente trabalho, dos quais se salienta a dissertação de mestrado de José Pedro Lima, datada de 2016, intitulada de *Espaços de Saber: A Biblioteca e o seu processo*

---

<sup>35</sup> MIGUEL, Patrícia - **Scandinavian time, the voyage of Raúl Hestnes Ferreira to Finland and the inference of Alvar Aalto's work in Portuguese architecture during the Post-War period**. Alvar Aalto Researchers' Network 2013, [consult. 2020-01-19]. Disponível em: [WWW:<https://www.alvaraalto.fi/content/uploads/2017/12/AAM\\_RN\\_Miguel.pdf>](https://www.alvaraalto.fi/content/uploads/2017/12/AAM_RN_Miguel.pdf).

<sup>36</sup> SILVA, Ana Isabel - **Wood and Domestic architecture in Aalto's work: Some influences on Portuguese Architecture**. Alvar Aalto Researchers' Network 2013, [consult. 2020-01-19]. Disponível em: [WWW:<https://www.alvaraalto.fi/content/uploads/2017/12/AAM\\_RN\\_Costa\\_Silva.pdf>](https://www.alvaraalto.fi/content/uploads/2017/12/AAM_RN_Costa_Silva.pdf).

*evolutivo*<sup>37</sup>; a dissertação de mestrado de Manuel Moreira de Oliveira, datada de 2013, cujo título *Arquitetura de Bibliotecas: Bibliotecas Públicas Municipais*<sup>38</sup>; bem como o artigo “El Espacio bibliotecario, de custodia a consulta”,<sup>39</sup> elaborado por Juan José Gutiérrez e publicado na revista interamericana de bibliotecologia, em 2008, entre outros. Proporcionando uma leitura não apenas no âmbito da arquitetura, como também da biblioteconomia, no que concerne o programa da biblioteca.

Destaca-se ainda o livro *Los espacios del saber: Historia de la Arquitectura de las Bibliotecas*,<sup>40</sup> escrito por Alfonso Muñoz Cosme, e publicado em 2004, que explora as bibliotecas mais significativas: das bibliotecas da Mesopotâmia às obras mais recentes da atualidade, correspondentes aos principais períodos históricos, permitindo, assim, ampliar o conhecimento e contribuir para reflexões sobre como a utilização uso da biblioteca tem sofrido alterações. Paralelamente, debruça-se sobre o aparecimento de diferentes tipologias e sobre o facto de a organização do espaço interior da biblioteca se ter vindo a alterar ao longo do tempo, nomeadamente no que diz respeito ao seu mobiliário.

---

<sup>37</sup> LIMA, José Pedro - **Espaços de Saber: A Biblioteca e o seu processo evolutivo**. Universidade de Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2016. Dissertação de Mestrado.

<sup>38</sup> OLIVEIRA, Manuel Moreira - **Arquitetura de bibliotecas: bibliotecas públicas municipais**. Universidade Lusíada: Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade de Lisboa, 2013. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura.

<sup>39</sup> PRIETO GUTIÉRREZ, Juan José - **El Espacio bibliotecario, de custodia a consulta**. Revista Interamericana de Bibliotecologia, 2008. Vol. 31, Nº 2.

<sup>40</sup> MUÑOZ COSME, Alfonso - **Los Espacios del Saber: Historia de la Arquitectura de las Bibliotecas**. Gijón: Ediciones Trea, 2004. ISBN 84-9704-102-X.

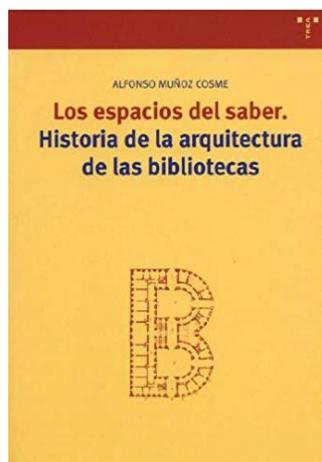


Figura 9 – Capa do Livro Los espacios del saber: Historia de la Arquitectura de las Bibliotecas, de Alfonso Muñoz Cosme

Um conjunto de publicações foram consideradas para a fundamentação do objeto de estudo, permitindo, simultaneamente, assimilar o método arquitetónico do arquiteto Pedro Matos Gameiro, e a procura dos princípios de compreensão, da racionalização de conceitos e de modos de perspetivar a arquitetura. Paralelamente, foi também recolhida informação no *website* do próprio atelier,<sup>41</sup> em reportagens e entrevistas já realizadas ao mesmo,<sup>42</sup> e no relatório do júri, relativo ao concurso público da biblioteca.<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup> Municipal Library, Grândola [Em Linha] matos gameiro arquitectos [Consult. 22 fevereiro 2019] Disponível em: WWW:<<https://www.matosgameiro.com/municipal-library-grandola>>.

<sup>42</sup> Reportagem [s.a.] SIC ESPAÇOS & CASAS ep. 408, emitida em 2017.01.14 photography Gustavo Ramos, Daniel Malhão, Ana Isabel Santos (b&w), Adriano Mura. Disponível na WEB: <https://www.matosgameiro.com/2016-house-in-alfama>

<sup>43</sup> Concurso Biblioteca de Grândola [Em Linha] Ordem dos arquitectos secção regional sul - Encomenda [Consult. 14 janeiro 2019] Disponível em: WWW:<<http://encomenda.oasrs.org/concursos/detalhe/RWtN0/biblioteca-de-grandola>>.

O livro *Portuguese Contemporary Houses*,<sup>44</sup> de José Manuel das Neves, publicado em 2013, forneceu informação relevante a cerca da obra do arquiteto Pedro Matos Gameiro, que constitui o campo do presente estudo de caso. Esta obra reúne diversos projetos de habitações construídas durante a primeira década do século XXI, selecionando um vasto grupo de *ateliers* representantes do panorama nacional de arquitetura contemporânea. A Casa em Estremoz, projeto do arquiteto Pedro Matos Gameiro, é um dos exemplos escolhidos e ilustrados pelo autor. Apesar deste projeto não ser objeto de análise no presente trabalho, esta leitura permitiu verificar uma publicação sobre o respetivo *atelier*, contribuindo, dessa forma, para um melhor entendimento da metodologia de conceção de projeto do arquiteto. Por outro lado, fazem parte desta publicação projetos de outros arquitetos, como Siza Vieira, Gonçalo Byrne (1941- ), Carrilho da Graça (1952- ), Eduardo de Souto Moura (1952- ), João Maria Trindade (1972- ), entre outros.

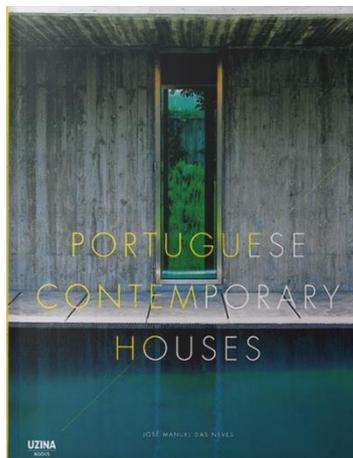


Figura 10 – Capa do Livro *Portuguese Contemporary Houses*, de José Manuel das Neves

---

<sup>44</sup> NEVES, José Manuel das - **Portuguese Contemporary Houses**. Lisboa: Uzina Books, 2013.

Não se conhecem trabalhos académicos que visem o estudo de obras do arquiteto Pedro Matos Gameiro, pelo que neste sentido a entrevista se mostrou de grande importância. Nessa entrevista, o arquiteto Pedro Matos Gameiro,<sup>45</sup> revelou que Álvaro Siza Vieira representa para si uma referência arquitetónica e que o ajuda a definir um “modo de olhar”, uma perspetiva arquitetónica.

Para o arquiteto Siza Vieira, o grande objetivo de qualquer Arquiteto é realizar uma obra completa, afirmando-se não só pela arquitetura como pela decoração e mobiliário, prolongando o exterior pelo interior da obra. Assim, entre projetar e viajar encontra tempo para repensar e redesenhar os objetos utilitários e o mobiliário que se encontra à nossa volta. Deste modo, foram tidas em conta leituras que nos oferecessem reflexões sobre o papel do mobiliário na metodologia de projeto de Siza Vieira: o livro *Álvaro Siza: Móveis e Objectos*,<sup>46</sup> da autoria de Álvaro Siza Vieira, e publicado em 2003; também escrito por Álvaro Siza Vieira, o livro *01 Textos: Álvaro Siza*,<sup>47</sup> publicado em 2009; e o livro publicado em 2013, com a coordenação de José Manuel Pedreirinho, *Siza Design*,<sup>48</sup> entre outros. Citando Siza Vieira, “É necessário percorrer mentalmente e sem esforço o projeto, dentro e fora, até alcançar a convergência de interior e exterior - para poder desenhar o mais oculto pormenor. E é indispensável desenhá-lo”.<sup>49</sup> Reflete-se a abordagem proporcionada sobre o desenhador incansável Siza Vieira, em harmonia com as bases um processo de construção do projeto, que espelha o conceito de Obra de Arte Total.

---

<sup>45</sup> Entrevista concedida por Pedro Matos Gameiro [Fevereiro de 2019]. Entrevistador: Ana Lopes: Lisboa, 2019. Entrevista na íntegra – ver Anexo I.

<sup>46</sup> VIEIRA, Álvaro Siza - *Álvaro Siza: Móveis e Objectos*. Porto: Figueirinhas, 2003.

<sup>47</sup> VIEIRA, Álvaro Siza - *01 Textos: Álvaro Siza*. Porto: Livraria Civilização Editora, 2009.

<sup>48</sup> PEDREIRINHO, José Manuel (coord.) - *Siza Design*. Matosinhos: ArteBooks e ESAD - Escola Superior de Artes e Design, 2013.

<sup>49</sup> VIEIRA, Álvaro Siza - *01 Textos: Álvaro Siza*. Porto: Livraria Civilização Editora, 2009, texto nº 012, p. 47.



Figura 11 – Capa do Livro Álvaro Siza: Móveis e Objectos, de Álvaro Siza Vieira

Figura 12 – Capa do Livro 01 Textos: Álvaro Siza, de Álvaro Siza Vieira

Figura 13 – Capa do Livro Siza Design, de Álvaro Siza Vieira

Por fim, apesar das seguintes obras não serem referenciadas ao longo trabalho, contribuíram de forma indireta no desenvolvimento do mesmo. O livro *Conversa com os Estudantes das Escolas de Arquitectura*<sup>50</sup> de Le Corbusier, traduzido por António Gonçalves e publicado em 2003; e *Conversations with students*<sup>51</sup> de Louis Kahn, publicado em 1998, auxiliaram no processo de construção da entrevista a ser realizada ao arquiteto Pedro Matos Gameiro, tornando-se um modelo a seguir na prática da entrevista.

<sup>50</sup> LE CORBUSIER - **Conversa com os Estudantes das Escolas de Arquitectura**. Tradução de António Gonçalves. Lisboa: Cotovia, 2003. ISBN: 972-795-082-5.

<sup>51</sup> KAHN, Louis - **Conversations with students**. New York: Princeton Architectural Press, 1998.

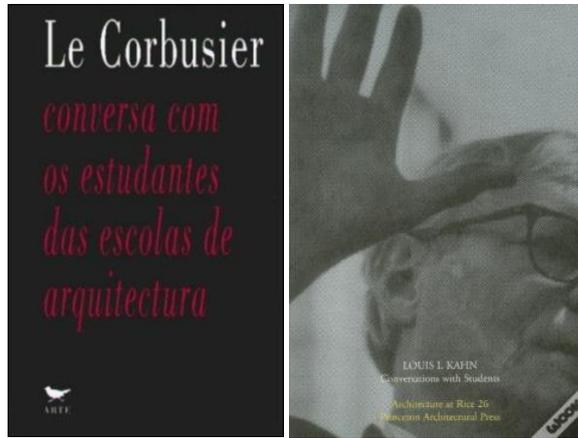


Figura 14 – Capa do Livro *Conversa com os Estudantes das Escolas de Arquitetura*, de Le Corbusier

Figura 15 – Capa do Livro *Conversations with students*, de Louis Kahn

## Contributos

A articulação da vertente teórica com a vertente de projeto revela-se essencial, assumindo um grande contributo no desenvolvimento do presente trabalho. Assim, com esta investigação procura-se associar a teoria à prática, no sentido da resolução de problemáticas que surgem no desenvolvimento de um projeto, tratando e estimulando diversos temas, questões e imagens associadas ao tópico central, denota-se esta como a grande mais valia da presente vertente teórica.

Simultaneamente, o presente trabalho visa contribuir para o sucessivo estudo da temática do papel do mobiliário, enquanto elemento integrante, no pensamento do espaço arquitetónico. Compreendendo a procura do arquiteto por um sentido arquitetónico pleno e intervindo na totalidade da ambiência projetada, no âmbito de um caso paradigmático. Tendo isto em consideração, salienta-se ainda o facto de que não se conhecem trabalhos académicos que objetivem o estudo da prática arquitetónica do *atelier* Matos Gameiro Arquitetos, por isso reconhece-se no presente trabalho um carácter inédito e um contributo também neste sentido.

A contribuição do presente estudo ficará circunscrita ao domínio selecionado, não se prendendo com o estabelecimento de conclusões sobre o modo correto de fazer arquitetura, mas sim procurando compreender o seu modo de pensar e projetar, os valores na base do pensamento arquitetónico do mobiliário em articulação com a Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola, de modo a construir uma consciência arquitetónica.

Constrói-se, assim, a expectativa de que o presente trabalho poderá incentivar o interesse pela continuidade do estudo deste tema, bem como a realização de novas pesquisas gerando novos temas de investigação.

## 1. ENQUADRAMENTO E QUADRO CONCEPTUAL

Devido ao avanço tecnológico, o século XX viu surgir novos métodos de produção bem como, uma mudança na conceção da organização do espaço arquitetónico, refletida pelas “exigências de uma sociedade pós-revolução industrial que se atualizava ao gosto moderno” e, por conseguinte, a relação entre o mobiliário e a arquitetura moderna estreita-se.<sup>52</sup> Uma relação que foi definida através do mobiliário, por meio de uma nova consciência do espaço num período marcado por grandes mudanças arquitetónicas, “que no tuvo precedentes”, e caracterizado por uma vontade determinada de transformação e renovação, segundo María Belenguer

“(…) durante este tiempo se inicia un proceso de revisión del concepto de espacio según el cual ya no se considera algo estático e inmutable donde intervenir, sino algo dinámico, cambiante, resultado de una intención”.<sup>53</sup>

Atender às necessidades do novo modo de vida suscitou uma mudança na relação entre espaços e objetos, formando uma nova estética suportada em ideologias modernas, e neste sentido “a definição do espaço através do mobiliário deu-se a partir de 1927”, altura em que a arquitetura se voltou para o espaço interior.<sup>54</sup> A necessidade de mobiliário compatível com o novo modo de vida e, simultaneamente, a ausência de opções na indústria que se adequassem aos

---

<sup>52</sup> MARTINS, João Ricardo Assunção - **O espaço moderno conquistado pelo mobiliário**. Universidade de Lisboa: ISCTE, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, 2016. Dissertação de Mestrado, p. 5.

<sup>53</sup> BELENGUER, Maria Melgarejo - **La arquitectura desde el interior, 1925 – 1937: Lilly Reich y Charlotte Perriand**. Barcelona: VEGAP, 2011. ISBN 978-84-939409-1-1, p. 11.

<sup>54</sup> PRUDÊNCIO, Daniela Sofia Temudo - **O Mobiliário em Diferentes Cenários da Habitação**. Universidade de Lisboa: ISCTE, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, 2017. Dissertação de Mestrado, p. 55.

interiores da arquitetura moderna, incentivou os arquitetos a idealizar e desenhar peças de mobiliário com características semelhantes e articuladas com os seus projetos.

Não obstante, independentemente da tipologia arquitetónica, o mobiliário tem um papel fundamental na conceção espacial da obra de arquitetura, bem como influencia a perceção que os utilizadores terão de cada espaço. Paul Frankl (1878-1962)<sup>55</sup> menciona o sistema de espaços como "el alma de un edificio" e o sistema de mobiliário como "su mente".<sup>56</sup> Assim, uma grande maioria dos arquitetos do movimento moderno percebeu "la esquizofrenia que se produce" quando estes dois sistemas, anteriormente mencionados, o sistema de espaços e o de mobiliário, possuem características distintas.<sup>57</sup> Posto isto, desenham peças de mobiliário a partir de uma base arquitetónica, na convicção de que é necessário serem idealizadas em coerência com o espaço envolvente, para que a arquitetura possa demonstrar todo o seu potencial sensorial.

Destacando, novamente, a posição de Paul Frankl que afirma que,

"(...) todo espacio despojado de sus muebles parecerá muerto. La mayor parte de los objetos que generalmente son tratados aparte, en una historia de las artes decorativas pertenecen totalmente a la arquitectura, ya que son los que, precisamente, le confieren su existencia emocional e intelectual".<sup>58</sup>

---

<sup>55</sup> Paul Frankl (1878-1962) era um historiador de arte, distinto pelos seus textos sobre teoria e princípios de arquitetura.

<sup>56</sup> FRANKL, Paul - Principios fundamentales de la historia de la arquitectura. El desarrollo de la arquitectura europea: 1420-1900. Barcelona: Gustavo Gili, 1981, p. 213. In ARANGO FLÓREZ, John; PÉREZ-ORREGO, Natalia - **Espacios desde objetos. Relaciones entre modos de vida y arquitectura a través de muebles**. IconoFacto - Revista de la escuela de Arquitectura y Diseño, 2016. Vol. 12, Nº 19, p. 174.

<sup>57</sup> CAMBRA, Ramón Esteve - **La Fabricación del Interior: Arquitectura y Mobiliario en la Contemporaneidad**. Universidad Politécnica de Valencia: Escuela Técnica Superior de Arquitectura, 2015. Tesis doctoral, p. 14.

<sup>58</sup> FRANKL, Paul - Principios fundamentales de la historia de la arquitectura. El desarrollo de la arquitectura europea: 1420-1900. Barcelona: Gustavo Gili, 1981, p. 214. In ARANGO FLÓREZ, John; PÉREZ-ORREGO, Natalia - **Espacios**

Neste sentido, parte do caráter de um espaço permanece por definir, enquanto permanece vazio de mobiliário e dos restantes elementos que o vão integrar. Entende-se, assim, a arquitetura como incompleta sem mobiliário e pertences, pois são esses objetos que medeiam entre o espaço e o corpo dos utilizadores.

Por conseguinte, a consciência desta situação fez com que, desde o início da Arquitetura Moderna, arquitetos com pontos de vista diferentes possuíssem a vontade comum de controlar todos os elementos que influenciam o carácter do espaço, incluindo todas as escalas, desde a implantação urbana até ao desenho das distintas peças de mobiliário, arquitetos pioneiros de um novo movimento arquitetónico, cujo objetivo, aparentemente simples, consistia em projetar de forma adequada às necessidades do novo modo de vida moderno.<sup>59</sup>

Le Corbusier (1887-1965), Mies van der Rohe (1886-1969), Erik Gunnar Asplund (1885-1940), Alvar Aalto (1898-1976), Louis Kahn (1901-1974), foram alguns dos arquitetos responsáveis pela relação estabelecida entre o mobiliário e a arquitetura, e também autores de várias obras paradigmáticas (Figuras 16 e 17).<sup>60</sup> Como por exemplo, de Le Corbusier as “Unitées d’Habitation”, na Casa do Brasil, na cidade universitária de Paris, ou programas habitacionais que vão do seu “Cabanon” na Côte d’Azur à Villa Savoye, em Poissy; o Pavilhão Alemão da Exposição Universal de Barcelona (1929) ou a Casa Farnsworth (1945-1951), de Mies van der

---

**desde objetos. Relaciones entre modos de vida y arquitectura a través de muebles.** IconoFacto - Revista de la escuela de Arquitectura y Diseño, 2016. Vol. 12, Nº 19, p. 173.

<sup>59</sup> No entanto, o desejo de projetar em função de todas as escalas, era algo já associado desde John Ruskin e o movimento Arts & Crafts à teoria da educação estética, ou seja, à convicção de que é possível melhorar a sociedade através do design. In BELENGUER, Maria Melgarejo - **La arquitectura desde el interior, 1925 – 1937: Lilly Reich y Charlotte Perriand.** Barcelona: VEGAP, 2011. ISBN 978-84-939409-1-1, p. 101.

<sup>60</sup> Le Corbusier transmite a lição da necessidade de mobiliário coerente com a arquitetura e iniciou, assim, a prática do design num desenvolvimento natural da prática arquitetónica. In JUNIOR, José Airton Costa - **Arquitetos designers: o mobiliário moderno da Universidade de Brasília.** Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, 2014, p. 20.

Rohe; a Biblioteca Municipal de Estocolmo (1918-1927), de Erik Gunnar Asplund; a Biblioteca Pública de Viipuri (1933-1935), entre as várias bibliotecas projetadas por Alvar Aalto; e a Biblioteca Phillips Exeter Academy (1965-1972), de Louis Kahn.<sup>61</sup> Todos eles ambicionam a criação de um ambiente definido por uma unidade projetual. Assim sendo, dedicam-se ao desenho do mobiliário e à articulação deste elemento com o espaço arquitetónico, em harmonia num contexto de uma visão global que integra uma abordagem interdisciplinar e a demanda de um ideal de arquitetura total.<sup>62</sup>

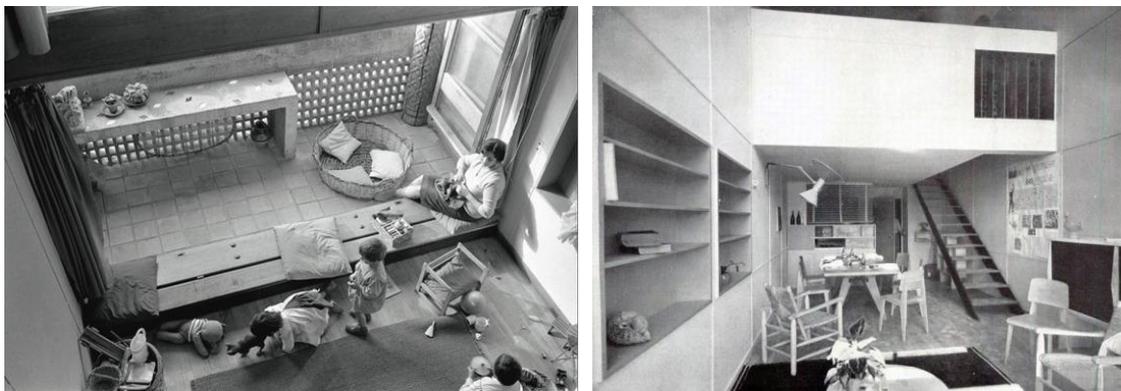


Figura 16 – Interiores de Unité d'habitation de Marsella, 1952. Le Corbusier. Fonte: CAMBRA, Ramón Esteve - **La Fabricación del Interior: Arquitectura y Mobiliario en la Contemporaneidad**. Universidad Politécnica de Valencia: Escuela Técnica Superior de Arquitectura, 2015. Tesis doctoral, p. 124.

---

<sup>61</sup> Da autoria de Alvar Aalto são também, a Biblioteca de Seinajoki, Finlândia, (1963-1965); a Biblioteca Mount Angel Abbey, Oregon, (1967-1970); a Biblioteca de Rovaniemi, (1965-1968). In MUÑOZ COSME, Alfonso - **Los Espacios del Saber: Historia de la Arquitectura de las Bibliotecas**. Gijón: Ediciones Trea, 2004. ISBN 84-9704-102-X.

<sup>62</sup> AFONSO, Inês Nogueira - **Ideia de arquitetura total – relação entre arquitetura e design: dois casos de estudo**. Lusíada: Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade de Lisboa, 2017. Dissertação de Mestrado, p. 51.



Figura 17 – Interior da Casa Farnsworth, 1951. Mies van der Rohe. Fonte: CAMBRA, Ramón Esteve - **La Fabricación del Interior: Arquitectura y Mobiliario en la Contemporaneidad**. Universidad Politécnica de Valencia: Escuela Técnica Superior de Arquitectura, 2015. Tesis doctoral, p. 107.

A Biblioteca de Viipuri (1933-1935), Finlândia,<sup>63</sup> projetada por Alvar Aalto, é um exemplo característico da relação entre mobiliário e arquitetura, considerada uma obra-prima da Arquitetura Moderna. Caracteriza-se pela preocupação com a sequência dos vários espaços, em toda a sua conceção, o cuidado com os acabamentos e pormenores construtivos, o mobiliário especialmente desenhado, a iluminação, entre outras características sendo, por isso, “uno de los ejemplos más paradigmáticos del movimiento moderno” (Figura 18).<sup>64</sup>

As suas obras destacam-se pela funcionalidade e os espaços são concebidos para os utilizadores, tendo em consideração e atribuindo uma grande importância às suas necessidades e conforto.<sup>65</sup> Assim sendo, Alvar Aalto entende a fonte das escalas, proporções e dimensões que definem as suas obras arquitetónicas, na condição humana e nas suas emoções, interações e ações no espaço.<sup>66</sup>

Alvar Aalto viu a necessidade de obter mobiliário apropriado para os seus projetos arquitetónicos, e é neste sentido que o mestre finlandês propõe: "Yo no soy un diseñador de muebles, ni de interiores en el sentido estrictamente profesional (...) es cuando construyo

---

<sup>63</sup> Biblioteca de Viipuri, na Finlândia. Porém, após a II Guerra Mundial foi anexada pela União Soviética, sendo atual Vyborg, na Rússia. In SILVA, Maria Carvalhas de Serra e - **Bibliotecas Contemporâneas em Portugal: Edifícios Reabilitados e Construídos de Raiz - 4 casos de estudo**. Universidade de Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2012. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, p. 39.

<sup>64</sup> Ao resolver a iluminação a partir do topo através das suas claraboias cuidadosamente concebidas, toda a superfície das paredes da biblioteca fica livre para ser utilizada para as estantes de livros. As bibliotecas foram um tema particularmente apreciado Alvar Aalto. In ROMERO, Santi - **La Arquitectura de la Biblioteca: Recomendaciones para un Proyecto Integral**. 2ª ed. Barcelona: Colección Papers Sert, 2003, p. 27.

<sup>65</sup> ROMERO, Santi - **La Arquitectura de la Biblioteca: Recomendaciones para un Proyecto Integral**. 2ª ed. Barcelona: Colección Papers Sert, 2003, p. 27.

<sup>66</sup> DIAS, Joana Almeida - **Poética na Arquitetura: A revolução contínua da arquitetura em quatro obras**. Universidade do Porto: Faculdade de Arquitetura, FAUP, 2015. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, p. 81.

edificios cuando surge de vez en cuando la necesidad de ciertas soluciones que me dan la oportunidad de crear interiores a partir de ellos”.<sup>67</sup>

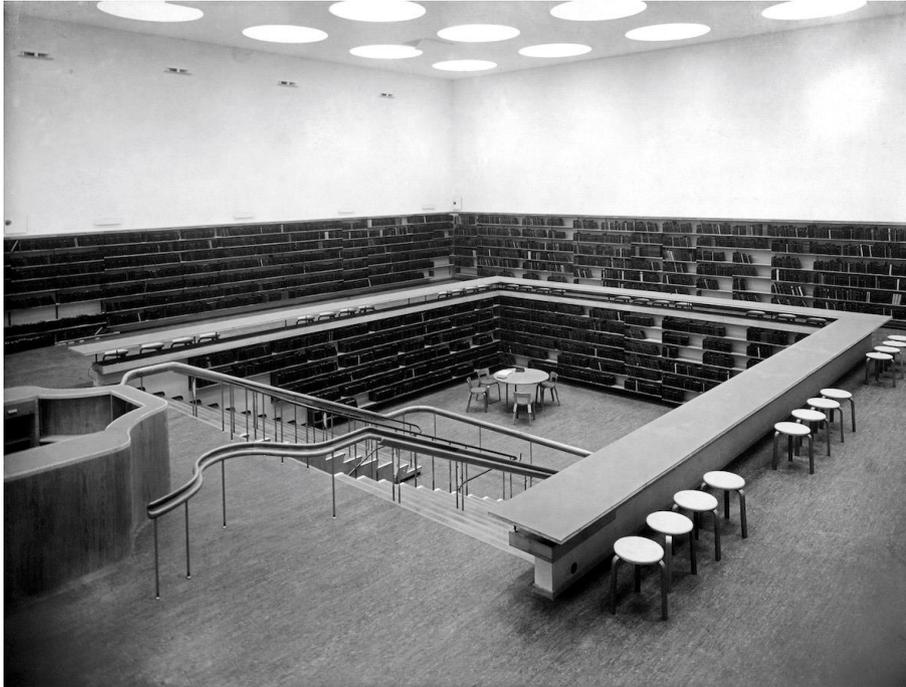


Figura 18 – Sala de Leitura da Biblioteca de Viipuri. 1933-1935. Alvar Aalto. Fonte: SILVA, Maria Carvalhas de Serra e - **Bibliotecas Contemporâneas em Portugal: Edifícios Reabilitados e Construídos de Raiz - 4 casos de estudo.** Universidade de Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2012. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, p. 40.

---

<sup>67</sup> AALTO, Alvar: “Konstruktiv form” publicado originalmente en el catálogo de la exposición en los grandes almacenes Nordiska Kompaniet de Estocolmo en 1954, aquí en SCHILD, Goran: Alvar Aalto: De palabra y por escrito. El Escorial: El Croquis, 2000, pág. 358. In CAMBRA, Ramón Esteve - **La Fabricación del Interior: Arquitectura y Mobiliario en la Contemporaneidad.** Universidad Politécnica de Valencia: Escuela Técnica Superior de Arquitectura, 2015. Tesis doctoral, p. 178.

Todavía, diseñó piezas únicas para los varios espacios de la biblioteca, complementando a la arquitectura y transmitiendo una armonía total en el conjunto (Figura 19).<sup>68</sup> Por consiguiente, tanto para el mobiliario fijo<sup>69</sup> como para mesas y sillas, Alvar Aalto recurrió a la madera como material, y segundo el arquitecto

“las cualidades biológicas de la madera, su escasa conductividad térmica, su relación cercana al hombre y a la naturaleza, su tacto agradable y la posibilidad de diferentes tratamientos de superficie que ofrece, han permitido el mantenimiento de un puesto dominante en la arquitectura de interiores”.<sup>70</sup>

De este modo, incluyendo mobiliario de madera curvada, concretizando el deseo de proyectar formas de madera cuyas líneas se libertasen de su apariencia habitual e llevasen a determinar nuevos volúmenes. La forma dejó de ser exclusivamente el resultado de la función para la cual el objeto y la técnica que lo produjeron son utilizados.<sup>71</sup>

---

<sup>68</sup> Simultáneamente, surgió la posibilidad de adaptar estas piezas de mobiliario a la producción en serie, adaptándose a ambientes dispares y no exclusivamente a la biblioteca. In CAMBRA, Ramón Esteve - **La Fabricación del Interior: Arquitectura y Mobiliario en la Contemporaneidad**. Universidad Politécnica de Valencia: Escuela Técnica Superior de Arquitectura, 2015. Tesis doctoral, p. 221.

<sup>69</sup> Mobiliario, referente a muebles o a bienes muebles. Contado, paradójicamente, existe también mobiliario fijo: aquel que no se prevé especialmente desmontar, como los estantes de una biblioteca, o los llamados "armarios de embutir".

<sup>70</sup> AALTO, Alvar: “La madera como material de construcción” en *Arkkitehti*, nº6-7, 1956, aquí en SCHILDT, Goran: Alvar Aalto: De palabra y por escrito, pág. 141. In CAMBRA, Ramón Esteve - **La Fabricación del Interior: Arquitectura y Mobiliario en la Contemporaneidad**. Universidad Politécnica de Valencia: Escuela Técnica Superior de Arquitectura, 2015. Tesis doctoral, p. 195.

<sup>71</sup> ZIRES, Israel Ortiz - **Biblioteca y Proyecto**. Universitat Politècnica de Catalunya: Màster universitari en Teoria i Pràctica del Projecte d'Arquitectura, 2008. Dissertação de Mestrado, p. 26.

Posto isto, Alvar Aalto veio a influenciar profundamente uma geração mais jovem de arquitetos modernos em Portugal, de entre os quais se destacam Fernando Távora, Siza Vieira ou Hestnes Ferreira.<sup>72</sup>

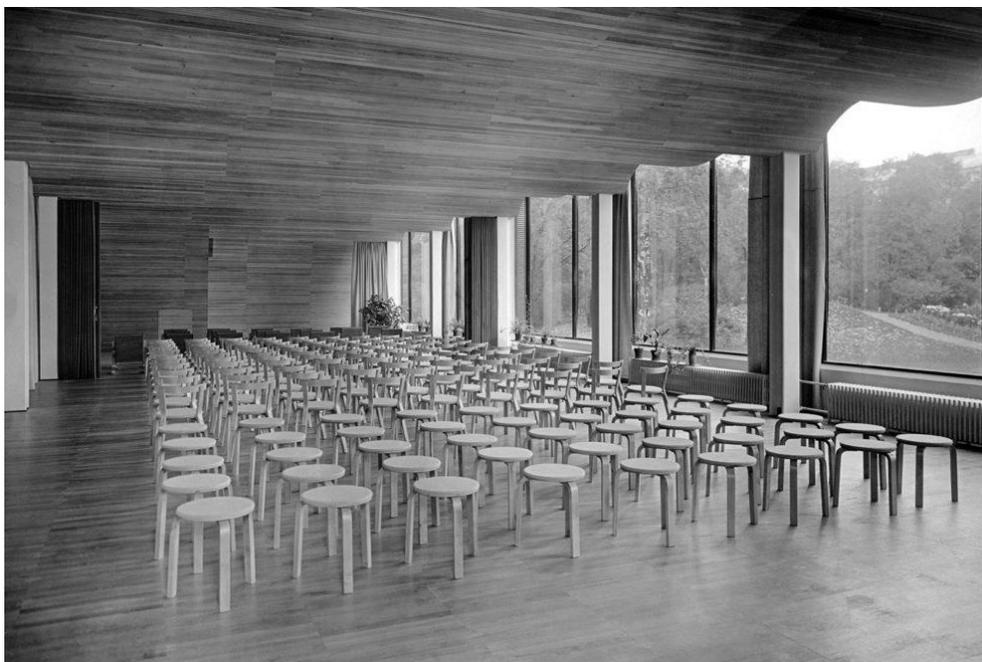


Figura 19 – Biblioteca de Viipuri. Sala de conferencias. 1933-1935. Alvar Aalto. Fonte: DIAS, Joana Almeida - **Poética na Arquitetura: A revolução contínua da arquitetura em quatro obras**. Universidade do Porto: Faculdade de Arquitetura, FAUP, 2015. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, p. 90.

---

<sup>72</sup> MIGUEL, Patrícia - **Scandinavian time, the voyage of Raúl Hestnes Ferreira to Finland and the inference of Alvar Aalto's work in Portuguese architecture during the Post-War period**. Alvar Aalto Researchers' Network 2013, [consult. 2020-01-19]. Disponível em: WWW:<[https://www.alvaraalto.fi/content/uploads/2017/12/AAM\\_RN\\_Miguel.pdf](https://www.alvaraalto.fi/content/uploads/2017/12/AAM_RN_Miguel.pdf)>, p. 3.

Estes arquitetos conferem uma eminente importância ao conforto e às necessidades dos seus utilizadores, bem como a forma particular como trabalham o lugar, a iluminação, o mobiliário, os materiais, e a simplicidade geométrica comumente presente nas suas obras. No período Moderno, predomina a simplicidade geométrica, formas simples, a constante redução do supérfluo, tanto na forma quanto na expressão, de modo a permitir, aos utilizadores, uma abordagem sensorial completa da arquitetura e mobiliário, o qual entra assim no campo de atuação daquele que projeta o edificado.<sup>73</sup>

Internacionalmente, merece especial referência a Biblioteca Municipal de Estocolmo, obra-prima projetada por Erik Gunnar Asplund concluída em 1927. A biblioteca apresenta uma série de elementos articuladores do espaço e propícios à permanência, estudo e leitura.<sup>74</sup> Evidenciam-se as estantes de madeira nobre que rodeiam a sala, a delicadeza com que são tratados os materiais, com um luxo característico do século XIX estilizado com a sensibilidade art deco da década de 1920 (Figuras 20 e 21).<sup>75</sup>

Seguindo também esta tendência, e com o desejo de regularidade geométrica, mencionamos o exemplo da Biblioteca Phillips Exeter Academy, localizada nos Estados Unidos da América (Figuras 22 e 23).<sup>76</sup> Uma obra projetada por Louis Kahn entre 1965 e 1972, que descreve a biblioteca como: “un lugar donde el bibliotecario pueda exhibir los libros, abiertos a propósito en páginas selectas para seducir a los lectores. Tendría que haber un sitio con grandes

---

<sup>73</sup> JUNIOR, José Airton Costa - **Arquitetos designers: o mobiliário moderno da Universidade de Brasília**. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, 2014, pp. 37-38.

<sup>74</sup> LIMA, José Pedro - **Espaços de Saber: A Biblioteca e o seu processo evolutivo**. Universidade de Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2016. Dissertação de Mestrado, p. 55.

<sup>75</sup> A grande sala circular, “con estanterías perimétricas y escalonadas”, adquire uma clareza espacial maior. In ROMERO, Santi - **La Arquitectura de la Biblioteca: Recomendaciones para un Proyecto Integral**. 2ª ed. Barcelona: Colección Papers Sert, 2003, p. 27.

<sup>76</sup> ROMERO, Santi - **La Arquitectura de la Biblioteca: Recomendaciones para un Proyecto Integral**. 2ª ed. Barcelona: Colección Papers Sert, 2003, p. 28.

mesas sobre las que el bibliotecario pueda poner los libros y los lectores puedan coger el libro y llevarlo a la luz”.<sup>77</sup>

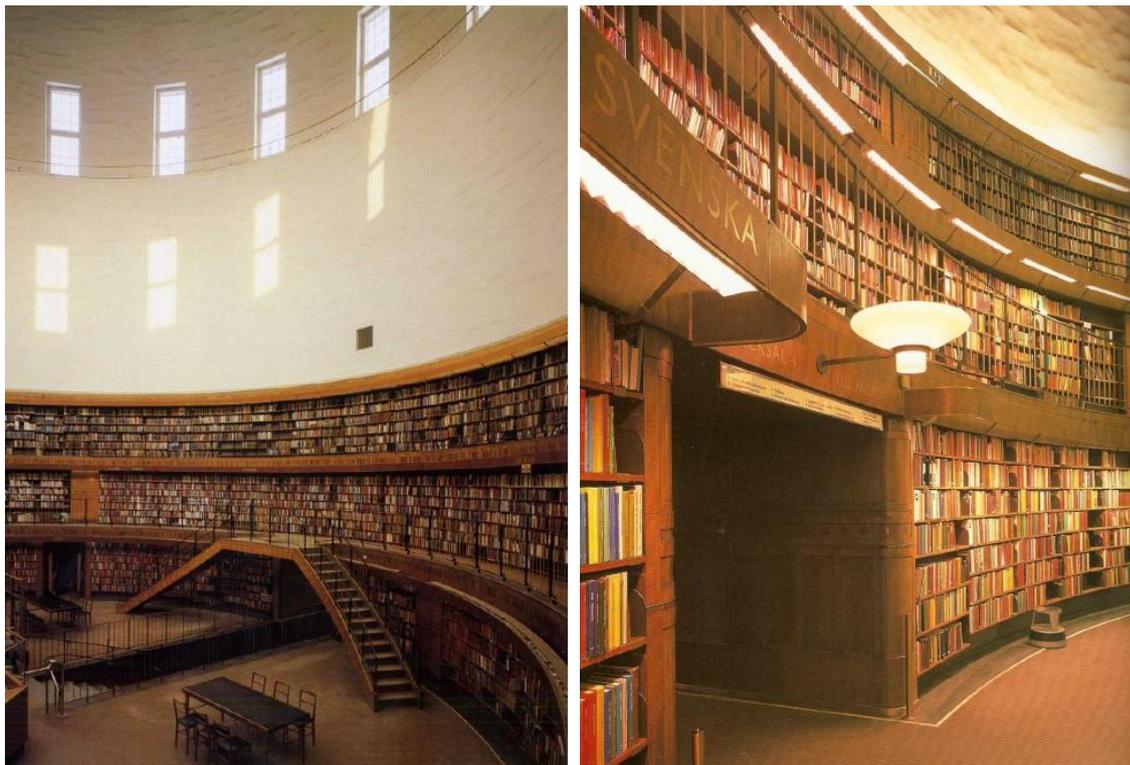


Figura 20 – (esquerda) Biblioteca Municipal de Estocolmo, espaço central de consulta. 1918-1927. Erik Gunnar Asplund. Fonte: ZIRES, Israel Ortiz - **Biblioteca y Proyecto**. Universitat Politècnica de Catalunya: Màster universitari en Teoria i Pràctica del Projecte d'Arquitectura, 2008. Dissertação de Mestrado, p. 22.

Figura 21 – (direita) Biblioteca Municipal de Estocolmo, estantes encastradas. 1918-1927. Erik Gunnar Asplund. Fonte: ZIRES, Israel Ortiz - **Biblioteca y Proyecto**. Universitat Politècnica de Catalunya: Màster universitari en Teoria i Pràctica del Projecte d'Arquitectura, 2008. Dissertação de Mestrado, p. 23.

---

<sup>77</sup> ZIRES, Israel Ortiz - **Biblioteca y Proyecto**. Universitat Politècnica de Catalunya: Màster universitari en Teoria i Pràctica del Projecte d'Arquitectura, 2008. Dissertação de Mestrado, p. 29.



Figura 22 – (esquerda) Biblioteca Phillips Exeter Academy, zona central. New Hampshire, USA,1965-1972. Louis Kahn. Figura disponível na WEB: <https://www.archdaily.com/63683/ad-classics-exeter-library-class-of-1945-library-louis-kahn>

Figura 23 – (direita) Biblioteca Phillips Exeter Academy. New Hampshire, USA,1965-1972. Louis Kahn. Fonte: ZIRES, Israel Ortiz - **Biblioteca y Proyecto**. Universitat Politècnica de Catalunya: Màster universitari en Teoria i Pràctica del Projecte d'Arquitectura, 2008. Dissertação de Mestrado, p. 47.

A obra de Louis Kahn partiu do percurso funcionalista marcado pela “la Bauhaus o el International Style”, relacionando-se com a busca, iniciada pelo arquiteto Le Corbusier, de uma nova poética associada ao movimento moderno.<sup>78</sup> A acentuada austeridade da Biblioteca Phillips Exeter Academy é causada pela sua plasticidade e materialidade, e posteriormente aos painéis de betão com grandes aberturas circulares, os pisos dos livros são exibidos como “grandes cajones de madera” (Figura 24). Esta opção arquitetónica representou para o arquiteto, um elemento fundamental do projeto, simbolizando deste modo a função do edifício e o local de “la invitación de los libros”.<sup>79</sup>

Por conseguinte, a madeira presente no mobiliário em contraste com as texturas, contribui a este jogo geométrico que se complementa (Figuras 23 e 24). Ao utilizador é dado um protagonismo intencional, colocando-o em perspetiva com a paisagem do campus e proporcionando-lhe um espaço de trabalho individual, pessoal e introspetivo (Figura 25). Deste modo, fazendo a analogia “como un monje en un monasterio realizando traducciones o escribiendo algún libro”.<sup>80</sup>

---

<sup>78</sup> PRIETO GUTIÉRREZ, Juan José - **El Espacio bibliotecario, de custodia a consulta**. Revista Interamericana de Bibliotecología, 2008. Vol. 31, Nº 2, p. 151.

<sup>79</sup> ROMERO, Santi - **La Arquitectura de la Biblioteca: Recomendaciones para un Proyecto Integral**. 2ª ed. Barcelona: Colección Papers Sert, 2003, p. 28.

<sup>80</sup> ZIRES, Israel Ortiz - **Biblioteca y Proyecto**. Universitat Politècnica de Catalunya: Màster universitari en Teoria i Pràctica del Projecte d'Arquitectura, 2008. Dissertação de Mestrado, p. 49.



Figura 24 – (esquerda) Biblioteca Phillips Exeter Academy, depósito no qual se concentram as prateleiras de livros. New Hampshire, USA, 1965-1972. Louis Kahn. Figura disponível na WEB: <https://www.archdaily.com/63683/ad-classics-exeter-library-class-of-1945-library-louis-kahn>



Figura 25 – (direita) Biblioteca Phillips Exeter Academy, nichos de trabalho individual. New Hampshire, USA, 1965-1972. Louis Kahn. Figura disponível na WEB: <https://www.archdaily.com/63683/ad-classics-exeter-library-class-of-1945-library-louis-kahn>

O ambiente de uma biblioteca pressupõe uma atmosfera de serenidade, que propicia a estados de concentração.<sup>81</sup> Deste modo, os vários espaços que compõem o interior desta tipologia arquitetónica, necessitam de ser pensados e concebidos como um local que remete ao silêncio, e dispõe de uma predisposição para aprender, ao estudo, “los sentidos se afinan, las superficies se vuelven mas nítidas, los colores mas interesantes, los sonidos mas protagonistas, los olores se asocian a la memoria, etc”.<sup>82</sup>

Por conseguinte, o conjunto de qualidades do local, como o mobiliário, os seus materiais, texturas e cores, a iluminação, o isolamento sonoro e térmico, e todos os elementos que compõem este espaço, devem contribuir para uma atmosfera propícia à reflexão, definidos de forma objetiva pelo arquiteto. Quando a arquitetura e o mobiliário respondem à mesma ideia de coerência, o mobiliário funciona como um amplificador do carácter arquitetónico do espaço.

A inclusão de peças de mobiliário com características diferentes das do espaço arquitetónico, poderá proporcionar uma ambiguidade e anular a coerência no ambiente, idealizado pelo arquiteto para esse espaço,<sup>83</sup> pois “un mismo espáicio arquitectónico puede tener un carácter muy diferente dependiendo de los elementos que lo completen”.<sup>84</sup> No entanto, quando o projeto de mobiliário e o projeto de arquitetura são pensados a partir das mesmas premissas de projeto, em sintonia num todo coerente, o mobiliário tem a capacidade de intensificar o carácter arquitetónico do espaço. Segundo Rafael Moneo (1937- ),

---

<sup>81</sup> ZIRES, Israel Ortiz - **Biblioteca y Proyecto**. Universitat Politècnica de Catalunya: Màster universitari en Teoria i Pràctica del Projecte d'Arquitectura, 2008. Dissertação de Mestrado, p. 42.

<sup>82</sup> ZIRES, Israel Ortiz - **Biblioteca y Proyecto**. Universitat Politècnica de Catalunya: Màster universitari en Teoria i Pràctica del Projecte d'Arquitectura, 2008. Dissertação de Mestrado, p. 42.

<sup>83</sup> CAMBRA, Ramón Esteve - **La Fabricación del Interior: Arquitectura y Mobiliario en la Contemporaneidad**. Universidad Politécnica de Valencia: Escuela Técnica Superior de Arquitectura, 2015. Tesis doctoral, p. 13.

<sup>84</sup> CAMBRA, Ramón Esteve - **La Fabricación del Interior: Arquitectura y Mobiliario en la Contemporaneidad**. Universidad Politécnica de Valencia: Escuela Técnica Superior de Arquitectura, 2015. Tesis doctoral, p. 14.

“las ganas de que en determinados edificios haya muebles propios, muebles que se dibujan por primera vez para aquellos edificios, creo que es algo que tiene que ver con el deseo de reforzar la expresión de la obra. (...) Pero también cabe la posibilidad de encontrar el mueble que refuerza el carácter de una arquitectura específica. Cuando dibuja los muebles, se le ofrece una espléndida ocasión al arquitecto para precisar mejor de qué modo entiende su propia obra”.<sup>85</sup>

Após a Segunda Guerra Mundial, o mobiliário desenhado por arquitetos foi posteriormente produzido em série, motivo pelo qual o arquiteto esteve envolvido na conceção do produto, no âmbito de um processo industrial. Em suma, a evolução das possibilidades técnicas da indústria e a presença de novos materiais, permitiu aos arquitetos projetar mobiliário adequado tanto para a arquitetura, como para as necessidades de uma diversidade de população, que o mobiliário produzido artesanalmente não poderia abranger.<sup>86</sup>

À medida que o mobiliário começa a ser fabricado de forma industrializada, as empresas que produzem e comercializam este mobiliário passam também a estar no centro das atenções.<sup>87</sup> Pela mesma razão, houve também a emergência do *design* industrial como uma disciplina própria e não necessariamente ligada à arquitetura, embora em muitos casos os *designers* industriais sejam também arquitetos ou tenham recebido formação enquanto tal. Nesse contexto, a maioria do mobiliário é pensado a partir da produção em série e do uso generalizado, de modo

---

<sup>85</sup> Citado en CAPELLA, Juli: “Rafael Moneo, diseñador. El diseño, subsidiario de la arquitectura”, *Rafael Moneo, diseñador*. Barcelona: Edicions UPC, 2003 p.84. In CAMBRA, Ramón Esteve - **La Fabricación del Interior: Arquitectura y Mobiliario en la Contemporaneidad**. Universidad Politécnica de Valencia: Escuela Técnica Superior de Arquitectura, 2015. Tesis doctoral, p. 19.

<sup>86</sup> MARTINS, João Ricardo Assunção - **O espaço moderno conquistado pelo mobiliário**. Universidade de Lisboa: ISCTE, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, 2016. Dissertação de Mestrado, p. 31.

<sup>87</sup> CAMBRA, Ramón Esteve – **La Fabricación del Interior: Arquitectura y Mobiliario en la Contemporaneidad**. Universidad Politécnica de Valencia: Escuela Técnica Superior de Arquitectura, 2015. Tesis doctoral, p. 26.

que se torna mais raro que o mobiliário seja “diseñado como parte de un proyecto arquitectónico”.<sup>88</sup>

Assim sendo, é possível constatar que o Arquiteto tem a necessidade de desenhar mobiliário como parte integrante do projeto, organizando e definindo o espaço arquitetónico, conferindo-lhe identidade, atmosfera e conforto, favorecendo a expressão da obra arquitetónica. Inversamente, a inclusão de peças externas à sua estrutura formal poderá produzir contradições que prejudicam a leitura e o ambiente do projeto.

Elementos como o mobiliário e o seu material, têm a capacidade de intensificar o impacto emocional e poético do espaço no corpo do indivíduo. A arquitetura deve ter em consideração o movimento dos seus utilizadores, ou seja, os diferentes espaços devem conseguir captar, direcionar ou manter o visitante da forma mais pertinente, sendo que o mobiliário tem um papel essencial no desempenho destas ações. Desta forma, a obra arquitetónica deve transmitir algo que vá além da sua função, por meio dos materiais, pelas sensações e emoções despertadas no utilizador, ou através do desenho do espaço.<sup>89</sup> O mobiliário torna-se, assim, central na definição do edifício, sendo uma ponte entre a escala do utilizador e da arquitetura, no qual deverá resultar a harmonia entre as várias partes.

---

<sup>88</sup> CAMBRA, Ramón Esteve – **La Fabricación del Interior: Arquitectura y Mobiliario en la Contemporaneidad**. Universidad Politécnica de Valencia: Escuela Técnica Superior de Arquitectura, 2015. Tesis doctoral, p. 27.

<sup>89</sup> ZUMTHOR, Peter - **Atmosferas: Entornos arquitectónicos - As coisas que me rodeiam**. Barcelona: Gustavo Gili, 2006, p. 14.

Em articulação com a arquitetura, os interiores e o mobiliário seguem a mesma lógica de integração, com o pensamento do próprio arquiteto, resultando num conjunto que relaciona as duas áreas – a Arquitetura e o *Design*. Agora, o mobiliário pode reinventar em funções híbridas, contrastes, texturas, cor, iluminação própria, ou mesmo confundindo-se com as paredes, ao invés, de resultar da sobreposição de elementos isolados ou isoladamente pensados.<sup>90</sup>

O novo século traria também mudanças no panorama nacional, perante a vontade de renovação e reconstrução da Europa através de novos métodos de construção mais económicos, fáceis e rápidos. Tanto no mobiliário como na arquitetura, esta vontade traduzia-se na adesão “ao imaginário modernista”, seguindo as práticas internacionais, em alternativa às abordagens mais conservadoras, ou seja a rutura das “formas da tradição”.<sup>91</sup> Sobressaindo no envolvimento com o equipamento interior autores, como Raul Lino (1879-1974), Cristino da Silva (1896-1976) ou Pardal Monteiro (1897-1957),<sup>92</sup> cuja Biblioteca Nacional de Portugal (1953-1969) constitui um paradigma incontornável no contexto da temática abordada pelo presente estudo (Figura 26). Neste sentido, torna-se importante realçar este exemplo, sendo uma obra que manifesta uma

---

<sup>90</sup> MARTINS, João Paulo (ed.) - **Mobiliário Para Edifícios Públicos: Portugal 1934-1974**. Lisboa: MUDE - Museu do Design e da Moda, Coleção Francisco Capelo; Caleidoscópio, 2015, p.131.

<sup>91</sup> As estruturas, as formas e os efeitos ornamentais de alguns tipos de móveis consagrados pela história eram agora recuperados e reinterpretados com geometrias renovadas. No geral, não existiam ruturas notáveis nem especiais ousadias construtivas ou técnicas. Ainda assim, foi ensaiado o uso de alguns novos materiais, como os contraplacados moldados ou as espumas sintéticas. In MARTINS, João Paulo (ed.) - **Mobiliário Para Edifícios Públicos: Portugal 1934-1974**. Lisboa: MUDE - Museu do Design e da Moda, Coleção Francisco Capelo; Caleidoscópio, 2015, p. 13.

<sup>92</sup> Porfírio Pardal Monteiro apresentou particular interesse pelos novos materiais e técnicas construtivas, que o início do século XX coloca ao dispor da arquitetura, e o seu fascínio por obter conforto e eficiência para os edifícios, de acordo com a modernidade do século, suscitam-no a constituir uma relação de colaboração e de respeito com todos os intervenientes na construção. In MONTEIRO, João Pardal - **Para o Projeto Global: Nove Décadas de Obra, Arte, Design e técnica do Atelier Pardal Monteiro**. Universidade de Lisboa: Faculdade de Arquitetura, 2012. Tese de Doutoramento, p. 596.

integridade projetual, desde a conceção do edifício ao seu mobiliário, e mesmo passando por outros pormenores concebidos unicamente com esse propósito de unidade absoluta.<sup>93</sup>

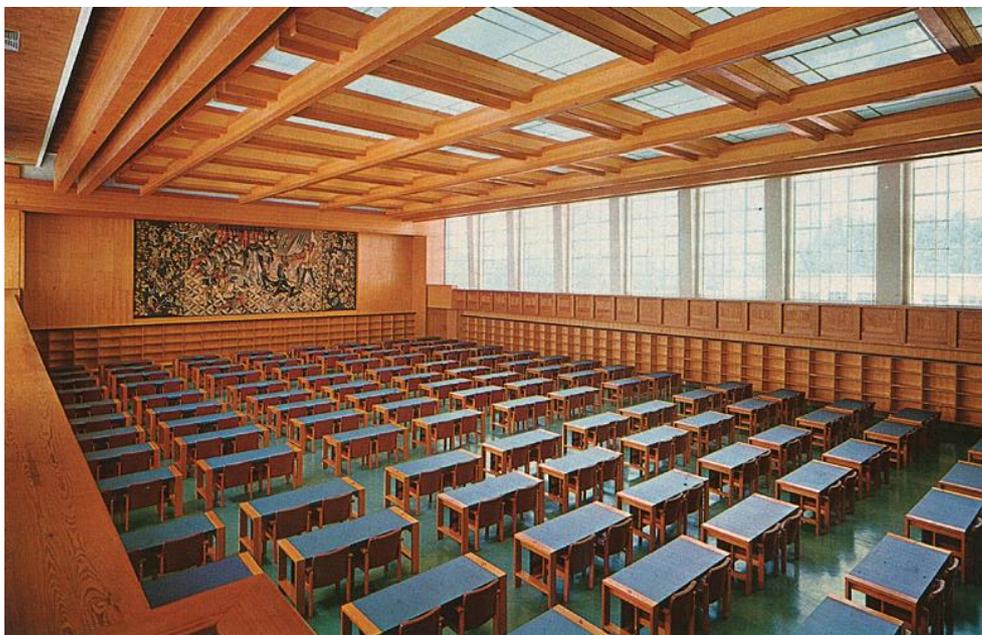


Figura 26 – Sala de leitura da Biblioteca Nacional. Fotografia de Jorge Alves, c. 1969. Postal ilustrado. Fotografia disponível na WEB: <https://www.agendalx.pt/events/event/do-convento-ao-campo-grande/>

---

<sup>93</sup> A arquitetura deste edifício, integrado no conjunto da Cidade Universitária, era, uma vez mais, característica dos equipamentos concebidos pelo arquiteto Porfírio Pardal Monteiro ao longo da década. In MARTINS, João Paulo - **Daciano da Costa Designer**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014, p. 120.

A Biblioteca Nacional de Portugal foi a última obra do arquiteto Porfírio Pardal Monteiro, antes da sua morte, em 1957. Neste sentido, foi sobre Daciano da Costa (1930-2005) que recaiu a responsabilidade do *design* de interiores e o mobiliário dos espaços nobres – sala de leitura geral, instalações do diretor, sala do catálogo e anfiteatro.<sup>94</sup> Em todos os espaços, Daciano faz jus às qualidades do edifício onde o seu projeto vem integrar-se, e pensou os objetos a colocar, através da relação desses com a própria arquitetura do espaço em que se inseriam.<sup>95</sup>

Nesta obra destacam-se o cuidado na harmonia entre a funcionalidade, a estética e o rigor, exposto nos vários exemplares de mobiliário, constatando-se que mesmo a escolha dos materiais foi levada a cabo de forma fundamentada.<sup>96</sup> Por exemplo, ao invés das madeiras escuras, ditadas pelas convenções do momento, estes elementos são compostos em madeira de *pitch-pine*, de cor clara, com subtis distinções de tonalidade, e “a pele natural que reveste os tampo das mesas de leitura oferece uma superfície suave ao tacto, uma temperatura agradável” (Figuras 27 e 28).<sup>97</sup> Segundo João Paulo Martins, “(...) a cor azul contrasta com o tom dourado

---

<sup>94</sup> Quando, em 1957, Porfírio Pardal Monteiro falece, a Biblioteca Nacional ainda não tinha começado a ser construída, e é António Pardal Monteiro, seu sobrinho, quem conclui o projeto visto ter conhecido em pormenor as ideias para o desenvolvimento do projeto. Notavelmente, é António Pardal Monteiro que convida Daciano da Costa, trabalhando em concordância e comunicando permanentemente. In MARTINS, João Paulo - **Daciano da Costa Designer**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014, p. 120.

<sup>95</sup> Daciano desenhou mobiliário, que na sua vasta maioria, pode ser considerado intemporal no entanto, não devemos esquecer o contributo do arquiteto José Luís Amorim (1924-1999) que, com um traço marcadamente dos anos 1950, desenhou o mobiliário corrente da sala de leitura de periódicos e o mobiliário dos serviços. Bem como, o desenho de algum mobiliário adicional ficou a cuidado do arquiteto Manuel João Leal (1925-2017), tendo o mobiliário sido construído por empresas como a Altamira, Fábrica Osório de Castro e Olaió. In MARTINS, João Paulo (ed.) - **Mobiliário Para Edifícios Públicos: Portugal 1934-1974**. Lisboa: MUDE - Museu do Design e da Moda, Coleção Francisco Capelo; Caleidoscópio, 2015, p.133.

<sup>96</sup> MARTINS, João Paulo - **Daciano da Costa Designer**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014, p. 120.

<sup>97</sup> TOSTÕES, Ana (coord.) - **Biblioteca Nacional Exterior – Interior**. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2004. ISBN: 972-565-394-7, p. 25.

da madeira e com a pele *grenat* dos estofos das cadeiras, numa tríade de matizes primários, quase bauhausiana”.<sup>98</sup>



Figura 27 – Biblioteca Nacional, sala de leitura. Cadeira e mesa de leitura – Daciano Costa. Fonte: MARTINS, João Paulo - **Daciano da Costa Designer**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014, p. 125.

Figura 28 – (página seguinte) Biblioteca Nacional de Portugal, mobiliário. Desenhos da autora, Fevereiro de 2019.

---

<sup>98</sup> MARTINS, João Paulo - **Daciano da Costa: Para uma arquitetura de interiores**. In TOSTÕES, Ana (coord.) - **Biblioteca Nacional Exterior – Interior**. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2004. ISBN: 972-565-394-7, p. 26.



Por fim, destaca-se Raúl Hestnes Ferreira (1931-2018), figura incontornável da arquitetura portuguesa no último século. A singularidade da sua obra reflete-se num arquiteto com um considerável papel na arquitetura portuguesa da segunda metade do século XX. Não obstante, o próprio não se considerava um arquiteto de “modas”, sendo que assumia uma posição de relativo distanciamento das correntes ou movimentos arquitetónicos.<sup>99</sup>

No seu método projetual, em que recorre a uma geometria exata, através do quadrado ou do círculo, evidencia também a verdade dos materiais, reconhece-se a influência do arquiteto norte-americano Louis Kahn no percurso de Raúl Hestnes Ferreira.<sup>100</sup> Foi também fortemente influenciado pela arquitetura nórdica, por Alvar Aalto e pela arquitetura vernacular, salientando-se um certo sentido de humanismo escandinavo na utilização magistral da escala humana e da sensibilidade em relação ao contexto, devido à sua estadia na Finlândia.<sup>101</sup> Cabe assinalar que Raúl Hestnes Ferreira tinha laços familiares com os países nórdicos, nomeadamente a sua mãe – Ingrid Hestnes, que era norueguesa.<sup>102</sup>

---

<sup>99</sup> CARVALHO, Margarida Mascarenhas de - **Efémero Brutalismo: o caso do ISCTE I (1976-2016)**. Universidade de Lisboa: ISCTE, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, 2016. Dissertação de Mestrado, p. 132.

<sup>100</sup> Raúl Hestnes Ferreira trabalhou com Louis Kahn, em Filadélfia entre 1963 e 1965. In NEVES, José Manuel das - **Raúl Hestnes Ferreira, Projectos: 1959-2002**. Lisboa: ASA Editores II, S.A., 2002. (Arquitetura - Monografias) ISBN: 972-41-3172-6, p. 12.

<sup>101</sup> MIRANDA, Bernardo Pizarro et al. Raul Hestnes Ferreira - **Arquitectura e Universidade – ISCTE, Lisboa 1972-2005**. Lisboa: ISCTE - Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa, 2006, p. 34.

<sup>102</sup> Raúl Hestnes Ferreira realizou uma viagem pelos países nórdicos em 1957 que o inspirou muito nos seus projetos. A década dos anos 1950 em Portugal foi marcada em particular pelo reconhecimento e divulgação da arquitetura nórdica, sobretudo através da publicação das obras e escritos do arquiteto Alvar Aalto. Deste modo, o tempo escandinavo refere-se genericamente a esta inferência. In MIGUEL, Patrícia - **Scandinavian time, the voyage of Raúl Hestnes Ferreira to Finland and the inference of Alvar Aalto's work in Portuguese architecture during the Post-War period**. Alvar Aalto Researchers' Network 2013, [consult. 2020-01-19]. Disponível em: [WWW:<http://www.alvaraalto.fi/content/uploads/2017/12/AAM\\_RN\\_Miguel.pdf>](http://www.alvaraalto.fi/content/uploads/2017/12/AAM_RN_Miguel.pdf), p.3.

A sua influência redobrada na formação de estudantes de Arquitetura no Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, – em cujo curso de arquitetura lecionou por alguns anos – é particularmente vincada no âmbito da temática do presente estudo, considerando que a Biblioteca deste Instituto Universitário constitui um zénite simbólico na sua obra, ao culminar o Edifício 2 da Instituição (1993-2002), mas também a sua obra de projetista, a qual, curiosamente, vem a encerrar-se com a Biblioteca Municipal de Marvila.<sup>103</sup>

A Biblioteca do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa (Figura 29), constitui-se como um verdadeiro exemplar da relação de proximidade entre a arquitetura e mobiliário e cada espaço foi pensado com muito cuidado para que, cada um deles fosse uma experiência agradável do “habitar”.<sup>104</sup> Hestnes dedica especial atenção ao mobiliário, desenhou vários elementos como as cadeiras, sofás, mesas de leitura, mesas de apoio, balcões, carrinhos de livros e vários conjuntos de estantes, para que cada uma se adequasse na perfeição ao espaço que iria integrar (Figuras 30-37).<sup>105</sup>

Por conseguinte, através do mobiliário, da organização espacial, composição, e materialidade, a obra confere diferentes ambientes, que fazem com que os utilizadores possam ter interessantes experiências espaciais. O arquiteto Raúl Hestnes Ferreira compôs assim esta obra à luz da sua espacialidade, mas para o arquiteto são todos os elementos em conjunto que conferem identidade ao espaço, como o mobiliário, o betão branco aparente, as palas nas

---

<sup>103</sup> MIRANDA, Bernardo Pizarro et al. Raul Hestnes Ferreira - **Arquitectura e Universidade – ISCTE, Lisboa 1972-2005**. Lisboa: ISCTE - Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa, 2006, p. 158.

<sup>104</sup> MIRANDA, Bernardo Pizarro et al. Raul Hestnes Ferreira - **Arquitectura e Universidade – ISCTE, Lisboa 1972-2005**. Lisboa: ISCTE - Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa, 2006, p. 35.

<sup>105</sup> Em conversa, com o arquiteto Bernardo Pizarro Miranda.

janelas, a luz, “e são todos esses elementos conferem uma grande importância ao interior do edifício”.<sup>106</sup>



Figura 29 – Biblioteca do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. Zona de leitura, piso superior. As cadeiras que se encontram na biblioteca não são as originais desenhadas por Raúl Hestnes Ferreira, foram substituídas. Fotografia da autora, Fevereiro 2020.

---

<sup>106</sup> Raúl Hestnes Ferreira perseguiu uma ideia de arquitetura total no projeto, concentrando todas as preocupações projetuais no «todo» e nas «partes», que se estenderam desde a ideia da biblioteca ao detalhe do objeto. In FERREIRA, Raúl Hestnes - **ISCTE II - ICS, 1998-2002**. Arquitectura Ibérica: Escolas, 2005. Nº 6, p. 183.



Figura 30 – Biblioteca do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. Mesa Baixa e Sofás Duplos, piso inferior. Fotografia da autora, Fevereiro 2020.



Figura 31 – Biblioteca do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. Mesa de leitura. Fotografia da autora, Fevereiro 2020.



Figura 32 – (esquerda) Biblioteca do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. Carrinhos de livros, piso inferior. Fotografia da autora, Fevereiro 2020.



Figura 33 – (direita) Biblioteca do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. Mesa de Apoio Alta, piso inferior. Fotografia da autora, Fevereiro 2020.



Figura 34 – (esquerda) Biblioteca do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. Balcão, piso superior. Fotografia da autora, Fevereiro 2020.



Figura 35 – (direita) Biblioteca do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. Estantes simples perimetral à parede, piso superior. Fotografia da autora, Fevereiro 2020.

Todas as obras de Hestnes refletem um trabalho muito cuidado na escolha dos materiais, sendo que para este arquiteto,<sup>107</sup> é inerente que estes demonstrem “a sua verdadeira natureza”, que toquem os utilizadores e que possam transmitir-lhes experiências sensoriais notáveis, assim sendo “(...) a escolha do material não é indiferente, e evidentemente a obra de arquitetura acaba por ser marcada pela escolha”.<sup>108</sup> A madeira de carvalho de tom uniforme, transmite uma sensação de intimidade e conforto, que caracteriza o ambiente da biblioteca do Iscte, e o acabamento envernizado permite um toque agradável. Apesar de estar condicionado por um orçamento limitado, Hestnes empenhou-se em escolher os materiais que proporcionassem maior conforto e qualidade aos espaços da biblioteca e trabalhou-os para que os seus pormenores construtivos contribuíssem para a ambiência.<sup>109</sup>

Deste modo, em função das particularidades contextuais, Hestnes desenhou peças de mobiliário únicas. Destaca-se o seu modo diferenciado de abordar os espaços, a proporção e a atenção aos detalhes aparentemente insignificantes, mas que faziam a diferença na criação de

---

<sup>107</sup> Raúl Hestnes Ferreira procurou que a sua intervenção arquitetónica transparecesse uma poética verdade dos materiais e da estrutura de forma harmoniosa e que servisse o utilizador. In CARVALHO, Margarida Mascarenhas de - **Efémero Brutalismo: o caso do ISCTE I (1976-2016)**. Universidade de Lisboa: ISCTE, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, 2016. Dissertação de Mestrado, p. 124.

<sup>108</sup> Programa, Arquitectura, RTP2 Ver Artes, emitido em 1994.11.03 Autoria: Isabel Colaço e Manuel Graça Dias. Realização: Edgar Feldman. Minuto: 19:46. Disponível na WEB: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/arquitetura-do-iscte/>.

<sup>109</sup> Inicialmente, os acabamentos do mobiliário da biblioteca do Iscte seriam semelhantes aos da biblioteca do Edifício do ICS – Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, edifício anexo ao Edifício II. Assim, devido a cortes no orçamento os acabamentos da biblioteca sofreram alterações. Os dois edifícios foram construídos em simultâneo, contudo duas instituições separadas. In MIRANDA, Bernardo Pizarro et al. Raul Hestnes Ferreira - **Arquitetura e Universidade – ISCTE, Lisboa 1972-2005**. Lisboa: ISCTE - Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa, 2006, p. 164.

ambientes confortáveis e esteticamente coerentes, desenhando sempre quase tudo, desde a peça de mobiliário ao pormenor de encaixe (Figuras 36 e 37).<sup>110</sup>

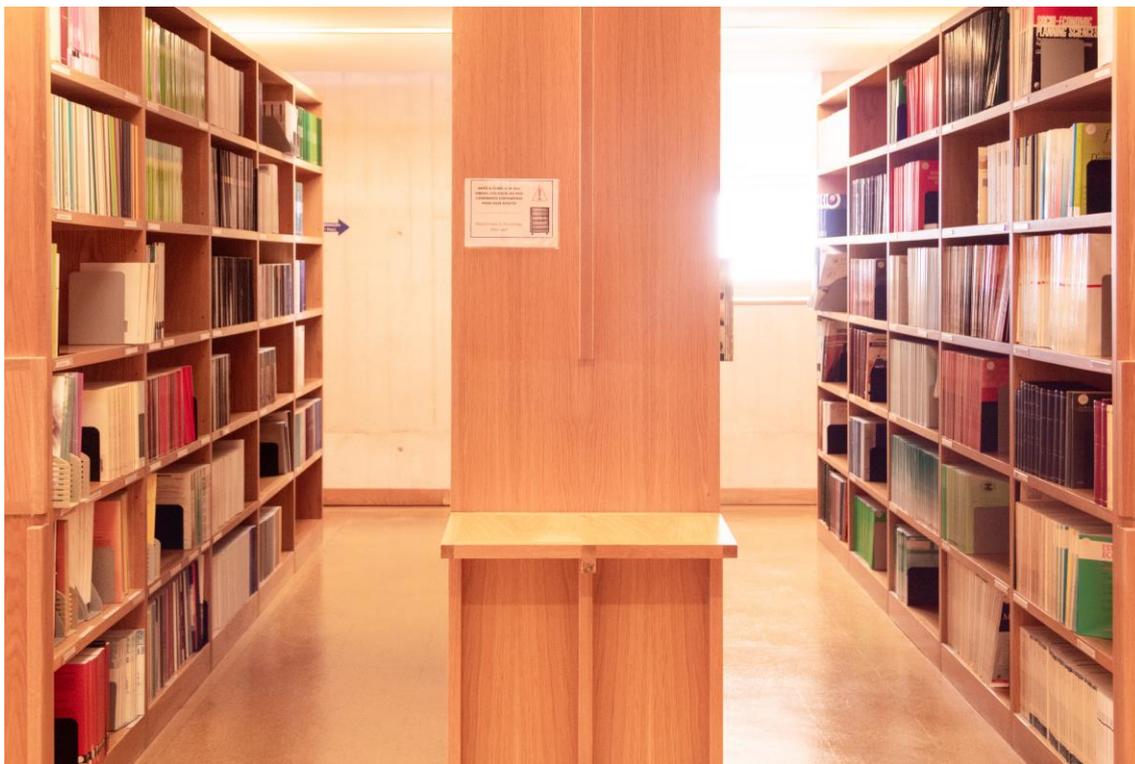


Figura 36 – Biblioteca do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. Estantes duplas, piso superior. Fotografia da autora, Fevereiro 2020.

Figura 37 – (página seguinte) Biblioteca do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, mobiliário. Desenhos da autora, Outubro de 2019.

---

<sup>110</sup> Raúl Hestnes Ferreira idealizou elementos como as calhas embutidas nas estantes que permitem a passagem de cabos, uma galeria de passagem de cabos e tomadas elétricas em todas as mesas de leituras, possibilitando assim aos estudantes o carregamento dos computadores, bem como algumas das estantes possuem um poisa livros rebatível.



A arquitetura é caracterizada como a disciplina que possui as qualidades necessárias de idealizar e projetar edifícios, definindo o seu espaço em função de um determinado programa. Contudo, verifica-se que a arquitetura é mais do que essa ideia estabelecida, sendo que o seu propósito é apenas atingido somente quando a obra é perspectivada em função do espaço, do corpo e do objeto.

A evolução de um projeto pode ir em múltiplas direções, mas a leitura de todo o conjunto deve ser única. Quando esses critérios conceituais são respeitados, o resultado é uma obra que transmite essencialidade, que contém a complexidade e densidade de uma obra resolvida até ao menor detalhe e que visa resolver a criação de lugares arquitetónicos. Existem, assim diversas soluções para o mesmo problema, depende de vários fatores, como a atmosfera que se pretende transmitir, do que idealizamos para o local, as referências que absorvemos e que nos baseamos, entre outros.

Embora, o *design* de mobiliário tenha surgido para responder ao modo de habitar do Homem, bem como o usufruto do espaço, de forma a atingir o conforto e o bem-estar, considera-se que a evolução da arquitetura está relacionada ao *design* de mobiliário pelos fatores que ambas as disciplinas têm em comum. No cenário da arquitetura moderna e do mobiliário, esse aspeto foi notório com a ruptura dos estilos anteriores e a implementação de uma linguagem internacional, verificando-se que o mobiliário afirma uma centralidade na definição do edifício, sendo uma ponte entre as diferentes escalas do projeto, fundamentada na busca de uma unidade arquitetónica.

Por conseguinte, é previsível que o progresso da arquitetura acompanhe a evolução de técnicas e materiais, e consequentemente, isso transpareça no mobiliário, apresentando novas estéticas de forma a acompanhar os aspetos económicos, sociais e políticos da sociedade.

## 2. CASO DE ESTUDO | BIBLIOTECA E ARQUIVO MUNICIPAL DE GRÂNDOLA | 2012/2016 -



[Nota Informativa]

Ultrapassada a fase de entrega, o projeto para a Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola sofreu alterações, pelo que o que está representado nos painéis não corresponde, exatamente, ao que se encontra em construção.

Figura 38 – (página anterior) Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Modelo Tridimensional. Disponível na WEB:  
<https://www.matosgameiro.com/municipal-library-grandola>

## 2.1. Atelier Matos Gameiro Architectos

*Matos Gameiro Architectos* é um *atelier* de arquitetura situado na cidade de Lisboa. Ao longo dos últimos 20 anos, produziu inúmeros projetos de diversas escalas e programas que derivam do contexto em que se inserem, segundo uma constante procura de soluções e formas de atuar nos espaços, adequadas às necessidades de hoje.

O *atelier* foi distinguido com vários prémios, entre os quais: o primeiro prémio no concurso internacional da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola, em 2012 (Figura 25); o primeiro prémio no concurso internacional do novo edifício da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra, em 2001; o primeiro prémio no concurso internacional da Escola de Cascais e o segundo prémio no concurso internacional do Centro Cultural e Educativo de Quarteira, ambos em 2019; o terceiro prémio no centro de visitantes Giants Causeway, na Irlanda do Norte, um concurso internacional da UIA/UNESCO, em 2005; entre outros.<sup>111</sup> Finalista do Prémio SECIL, em 2010; do Prémio ENOR, em 2017; obteve ainda o Prémio BIGMAT International Architecture Award 2017, cidade e paisagem, com o projeto Casa em Alfama; a menção honrosa no Prémio Valmor, no mesmo ano; distinguido com a designação de Melhor Projeto ARCHILOVERS 2017, com o projeto Casa em Estremoz; e o Prémio de Mérito no AZ Awards, em 2019.<sup>112</sup>

---

<sup>111</sup> Matos Gameiro Architectos [Em Linha] matos gameiro architectos [Consult. 13 dezembro 2018] Disponível em: WWW:<<https://www.matosgameiro.com/matosgameiroarquitectos>>.

<sup>112</sup> Empresa: Matos Gameiro Arquitecto [Em Linha] Espaço de Arquitetura [Consult. 17 fevereiro 2020] Disponível em: WWW:<<https://espacodearquitetura.com/empresas/matos-gameiro-arquitecto/>>.

O arquiteto Pedro Matos Gameiro (Figura 39), responsável pelo *atelier*, nasceu em Lourenço Marques, no ano de 1970. É licenciado em Arquitetura, pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, desde 1994, e doutor em Arquitetura pela Universidade de Granada, Espanha, desde 2014. Desempenha funções como Professor Auxiliar do Departamento de Arquitetura da Universidade de Évora desde 2004, além de possuir o seu próprio *atelier*, desde 1998, foi sócio de *matos gameiro + carlos crespo arquitectos*, tendo posteriormente fundado, em 2006, *Matos Gameiro arquitectos*.<sup>113</sup>

O seu trabalho é reconhecido e publicado nacional e internacionalmente, tendo participado em diversas exposições, conferências e júris em Portugal, Espanha, Reino Unido, Bélgica, Eslovénia, Alemanha, Brasil, China, entre outros países. Deste modo, com um percurso profissional vasto, as suas memórias têm uma influência natural na forma como desempenha e vê a arquitetura, defendendo que “(...) referências temos imensas e muito boas, e eu acho que é isso que nos ajuda a definir um modo de olhar, (...) é uma biblioteca e eu já frequentei tantas bibliotecas”.<sup>114</sup>



Figura 39 – Arquiteto Pedro Matos Gameiro (1970- ), responsável pelo atelier Matos Gameiro Arquitectos. Fotografia disponível na WEB: <https://zavodbig.com/portfolio-items/matos-gameiro-arquitectos-pedro-matos-gameiro/>

---

<sup>113</sup> Matos Gameiro arquitectos [Em Linha] matos gameiro arquitectos [Consult. 13 dezembro 2018] Disponível em: WWW:<<https://www.matosgameiro.com/matosgameiroarquitectos>>.

<sup>114</sup> Entrevista concedida por Pedro Matos Gameiro [Fevereiro de 2019]. Entrevistador: Ana Lopes: Lisboa, 2019. Entrevista na íntegra – ver Anexo I.

## 2.2. Localização e enquadramento

O caso de estudo em análise consiste na proposta vencedora do concurso público para a construção da nova Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola, a sua construção iniciou-se em 2016 e ainda não se apresenta concluída. Este novo edifício localiza-se no centro da vila de Grândola, distrito de Setúbal, pertencente à região do Alentejo (Figura 40). Desenhado pelo arquiteto Pedro Matos Gameiro em parceria com o arquiteto Pedro Domingos, consolida a malha urbana da cidade e procura satisfazer as necessidades da população, através de uma ampliação e reabilitação dos edifícios da antiga biblioteca municipal junto à Praça das Palmeiras.<sup>115</sup>

“O novo edifício da Biblioteca e Arquivo Municipais de Grândola constitui-se – enquanto equipamento público de livre acesso, pela sua escala, localização e programa – como um elemento de referência, estruturante da caracterização e do reconhecimento da cidade, em contraponto à malha de contínuo urbano”.<sup>116</sup>

O concurso público ganho por esta dupla de arquitetos realça a importância da implantação do projeto, da história do local e potencializa a ligação já existente entre o Jardim 1º de Maio e o Jardim Dr. José Jacinto Nunes (Figura 41). Com o objetivo de proporcionar um novo sentido ao edifício, “torná-lo mais institucional e capaz de responder ao que é exigível para uma biblioteca”, foi projetado segundo um espaço que privilegiasse o conforto e que promovesse a

---

<sup>115</sup> O acesso ao novo edifício da Biblioteca e Arquivo Municipais de Grândola é realizado através do conjunto de palmeiras que estrutura a nova praça central, a Praça da República, epicentro de ligação entre o Jardim Municipal, a sudoeste, e o Jardim das Laranjeiras, que se desenvolve ao longo da Rua Dr. Júlio do Rosário Costa, a nascente. In Municipal Library, Grândola [Em Linha] matos gameiro architectos [Consult. 22 fevereiro 2019] Disponível em: WWW:<<https://www.matosgameiro.com/municipal-library-grandola>>.

<sup>116</sup> Retirado de painel 01. Na íntegra – ver Anexo III.

leitura.<sup>117</sup> Deste modo, a Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola, foi um projeto de arquitetura assumido na sua totalidade, desde a escala da implantação à mais minuciosa, uma vez que o arquiteto, à semelhança de vários exemplos mencionados no capítulo anterior, defende uma intervenção na totalidade da ambiência projetada sendo necessário estudar todas as componentes que influenciam o carácter do espaço. Assim, o projeto aqui documentado corresponde a uma biblioteca onde não só foi pensada a arquitetura de todos os espaços, como também foi pensado parte do mobiliário que compõe o espaço desenhado em conformidade com o projeto de arquitetura.

Para este caso de estudo, entrevistou-se o arquiteto Pedro Matos Gameiro, de modo a compreender a relação de proximidade entre o projeto de mobiliário e o projeto de arquitetura, sob o ponto de vista do autor.

---

<sup>117</sup> Entrevista concedida por Pedro Matos Gameiro [Fevereiro de 2019]. Entrevistador: Ana Lopes: Lisboa, 2019. Entrevista na íntegra – ver Anexo I.



Figura 40 – Localização da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Disponível na WEB:  
<https://www.facebook.com/pedromatosgameiro/photos/a.296484193843921/627530570739280/?type=3&theater>

Figura 41 – (página seguinte) Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Planta de Localização. Fonte: Painel 01 - ver Anexo III.



JARDIM DR. JOSÉ JACINTO MENEZES

PRAÇA DOM JORGE

JARDIM DR. JÚLIO DO ROSARIO COSTA

PRAÇA DA REPUBLICA

RUA DR. MANO ALVES PEREIRA

JARDIM 11 DE MARÇO

MERCADO MUNICIPAL DE GRÂNDOLA

DEPÓSITO DE ÁGUA MUNICIPAL

CÂMARA MUNICIPAL DE GRÂNDOLA

IGREJA MATRIZ DE GRÂNDOLA

COFRETO

BIBLIOTECA E ARQUIVO MUNICIPAL DE GRÂNDOLA

RUA DR. MANO ALVES PEREIRA



Figura 42 – (Esquerda) Vista frontal do edifício a partir da praça da República. Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Modelo Tridimensional. Fonte: Painel 01 - ver Anexo III.

Figura 43 – (Direita) Vista sobre o átrio, recepção. Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Modelo Tridimensional. Fonte: Painel 04 - ver Anexo III.

### 2.3. Espaço - Organização - Pensamento Arquitetónico

A evidente relação da biblioteca com a envolvente proporciona um espaço de continuidade entre os espaços interiores e o adro que a praça desenha. Acede-se ao equipamento público através de uma zona exterior coberta, assegurando a transição de escalas e dando acesso diretamente ao átrio de entrada e receção (Figuras 42 e 43).<sup>118</sup> Por sua vez, organizam-se as salas de exposições e espaços polivalentes, assim como um bar, direcionados para a praça e para o átrio, aproximando-se, dessa forma, dos visitantes.

Estes espaços funcionam em complementaridade, potenciando-se assim a sua versatilidade e capacidade de uso. Através da escada principal, a cota de entrada liga-se ao piso elevado, por meio de um espaço duplo que antecipa a Sala de Leitura, “local central do projeto”.<sup>119</sup> O espaço associa os dois momentos, tornando a experiência do percurso mais intensa, “(...) a sala é, aqui, tomada como âmago e a razão de ser de todo o conjunto” (Figura 46).<sup>120</sup> Consequentemente, segundo o arquiteto Pedro Matos Gameiro “fixam-se na memória” exemplos de bibliotecas e de salas de leitura que são parte essencial da história da humanidade.<sup>121</sup> Como por exemplo, a Biblioteca Nacional de França, projetada por Henri Labrouste e a Biblioteca de Viipuri, projetada por Alvar Aalto, dois exemplos de arquitetura do Movimento Moderno (Figuras 44 e 45).

---

<sup>118</sup> Municipal Library, Grândola [Em Linha] matos gameiro architectos [Consult. 16 fevereiro 2019] Disponível em: WWW:<<https://www.matosgameiro.com/municipal-library-grandola>>.

<sup>119</sup> Retirado de painel 02. Na íntegra – ver Anexo III.

<sup>120</sup> A sala de leitura, com secção de Adultos e de Crianças, com um acesso central comum, é perspectivada um espaço único, através da escala adequada, tendo em conta a proximidade com a Praça e a especificidade de usos que lhe estão subjacentes. In painel 03. Na íntegra – ver Anexo III.

<sup>121</sup> Retirado de painel 03. Na íntegra – ver Anexo III.

A caracterização destes exemplos, que se fixam na memória, pode ler-se no painel 03 do concurso: “a sala de leitura é regrada a partir de uma métrica regular, sublinhada por um conjunto de lanternins translúcidos que controlam e estabilizam a luz emanada propiciando a concentração e o estabelecimento de uma relação íntima com o livro”.<sup>122</sup> Com efeito, é possível compreender, através da sobreposição desta descrição e a imagem da sala de leitura apresentada (Figura 46), a intenção da criação de um espaço que fosse capaz de potenciar essa “relação íntima com o livro”, referida pelo autor.

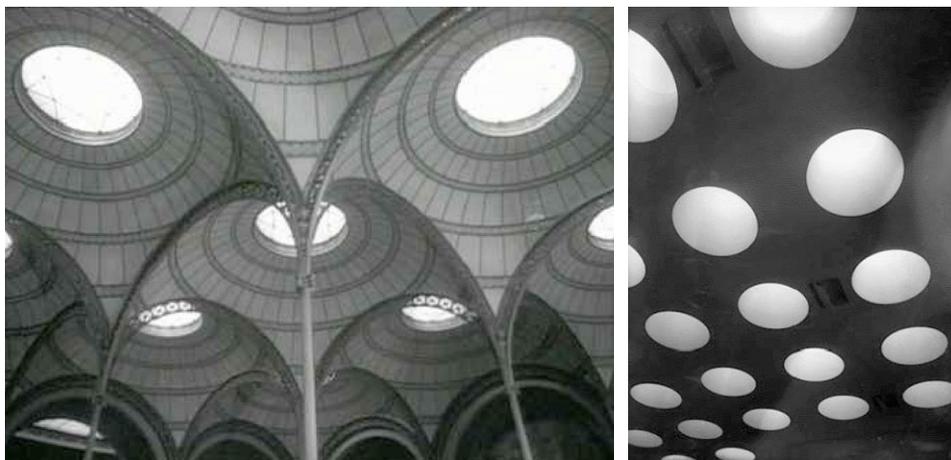


Figura 44 – (Esquerda) Biblioteca Nacional de França, Arq. Henri Labrouste. 1860-67, Paris, França. Fonte: Painel 03 - ver Anexo III.

Figura 45 – (Direita) Biblioteca de Viipuri, Arq. Alvar Aalto. 1935, Viipuri, Finlândia. Fonte: Painel 04 - ver Anexo III.

---

<sup>122</sup> Retirado de painel 03. Na íntegra – ver Anexo III.



Figura 46 – Vista sobre a sala de leitura, secção de adultos. Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Modelo Tridimensional. Fonte: Painel 03 - ver Anexo III.

Ainda sobre a organização, o programa desenvolve-se através do claustro e das áreas exteriores anexas, de onde são realizados os acessos a todos os espaços da biblioteca. Este conceito remete para “uma ideia de claustro conventual”, onde as ligações internas são quase inexistentes.<sup>123</sup> Após a entrevista com o arquiteto, ficou clara a importância desde grande gesto no projeto, uma vez que além de um espaço de conexão foi, simultaneamente, pensado como um epicentro de atividades, permitindo num recinto controlado a realização de eventos, como mercados, feiras de livros ou sessões de cinema ao ar livre (Figura 47). As suas características únicas, assim como a sua arquitetura singular, proporcionou a abertura de uma varanda proeminente, justificada por

“(…) um sentido colonial que sempre se sentiu em Grândola e de uma espécie de imagem de um edifício que pertence à bacia do Mediterrâneo: um edifício do Sul, branco, que se protege da luz e provoca sombra. Pelo que esta ideia de ter uma varanda debruçada sobre a praça foi bastante interessante para nós” (Figuras 42 e 48).<sup>124</sup>

Esta varanda surge à proporção da Praça das Palmeiras, sugerindo ainda a possibilidade de múltiplos usos, como leituras em grupo num ambiente exterior.

---

<sup>123</sup> Entrevista concedida por Pedro Matos Gameiro [Fevereiro de 2019]. Entrevistador: Ana Lopes: Lisboa, 2019. Entrevista na íntegra – ver Anexo I.

<sup>124</sup> Entrevista concedida por Pedro Matos Gameiro [Fevereiro de 2019]. Entrevistador: Ana Lopes: Lisboa, 2019. Entrevista na íntegra – ver Anexo I.

Por conseguinte, o processo de conceção do projeto apoia-se na simulação de ambientes e atmosferas, os espaços são testados nas suas proporções, materiais e texturas (Figuras 46 e 47). Assim como, num estudo prévio por exemplo, é também visível a introdução e experimentação do mobiliário da sala de leitura, em maquete (Figura 48).



Figura 47 – Claustro, Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Modelo Tridimensional. Disponível na WEB: <https://www.facebook.com/pedromatosgameiro/photos/a.296484193843921/627531607405843/?type=3&theater>

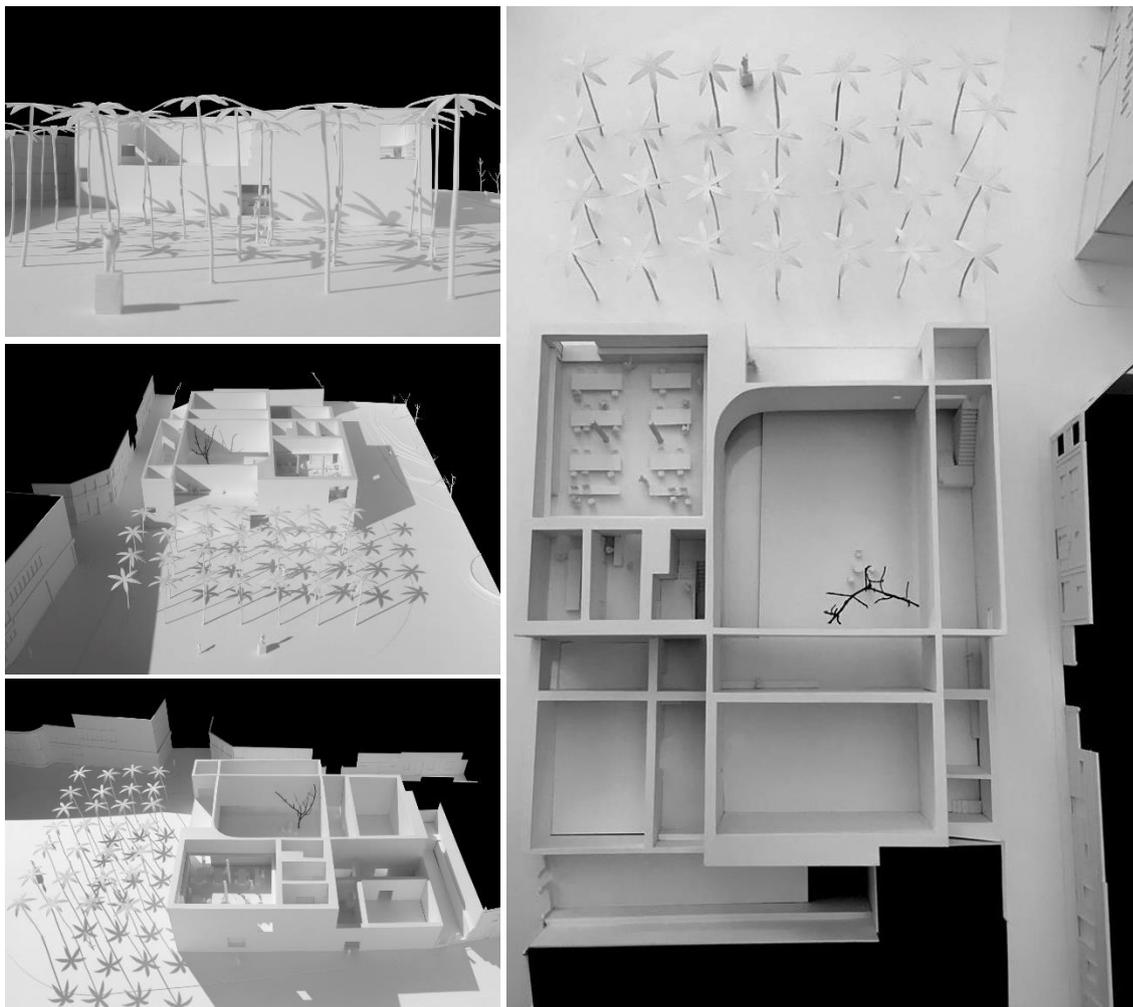


Figura 48 – Maquete, Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Estudo prévio. Disponível na WEB: [https://www.facebook.com/pg/pedromatosgameiro/photos/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/pedromatosgameiro/photos/?ref=page_internal)

Assim sendo, podemos constatar que o gesto e a ambiência do espaço, neste projeto, não resultam apenas da arquitetura sóbria, mas também da precisão dos detalhes. Segundo o arquiteto Pedro Matos Gameiro, estes são princípios arquitetônicos que, conjugados em simultâneo, tornam o espaço interior único e harmonioso.

A organização do espaço integra sempre um papel fundamental na mente do arquiteto, que possui, inconscientemente, a noção do espaço necessário à circulação, ao repouso, à execução de atividades, ao armazenamento, entre outros. Assim, em função do espaço, do corpo e do objeto, tem em consideração o movimento dos utilizadores, e o mobiliário torna-se no elemento que permite vivenciar o espaço, fazendo a ponte entre a escala da arquitetura e as escalas do utilizador (Figuras 49, 50 e 51).

A proximidade entre o arquiteto e a escala, no decorrer do processo de conceção torna-se possível responsável pelo projeto arquitetónico e pelo desenho do mobiliário, influenciando a vivência e o movimento dentro do espaço, defendia Fernando Távora (1923-2005). Deste modo, considera-se que o papel do arquiteto no ato de projeto estende-se por várias tarefas, porque a organização do espaço assim o exige. Ou seja, segundo a ideologia presente na obra, *Da organização do espaço*, de Távora, “(...) os seus campos de atividade são múltiplos – porque múltiplas são as facetas do espaço organizado. Projeta e realiza edifícios, dedica-se ao planeamento do território a escalas várias, desenha mobiliário”.<sup>125</sup>

Seguindo a mesma linha de pensamento, para o arquiteto Pedro Matos Gameiro, de acordo com a tipologia de cada projeto, o mobiliário reflete escala, função e estética, segundo diferentes valores e proporções, o que, conseqüentemente, tem um peso importante no pensamento lógico e progressivo do desenho dos espaços que definem o objeto arquitetónico. As relações de circulação e de permanência dentro do objeto vão, desta forma, sendo

---

<sup>125</sup> TÁVORA, Fernando - *Da organização do espaço*. 7.ª ed. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2007, p. 74.

aprimoradas segundo um método de trabalho que integra não apenas a previsão daquilo que vai ser necessário numa fase posterior, mas também o retrocesso, procedendo a correções e afinamentos em passos e escalas anteriores.

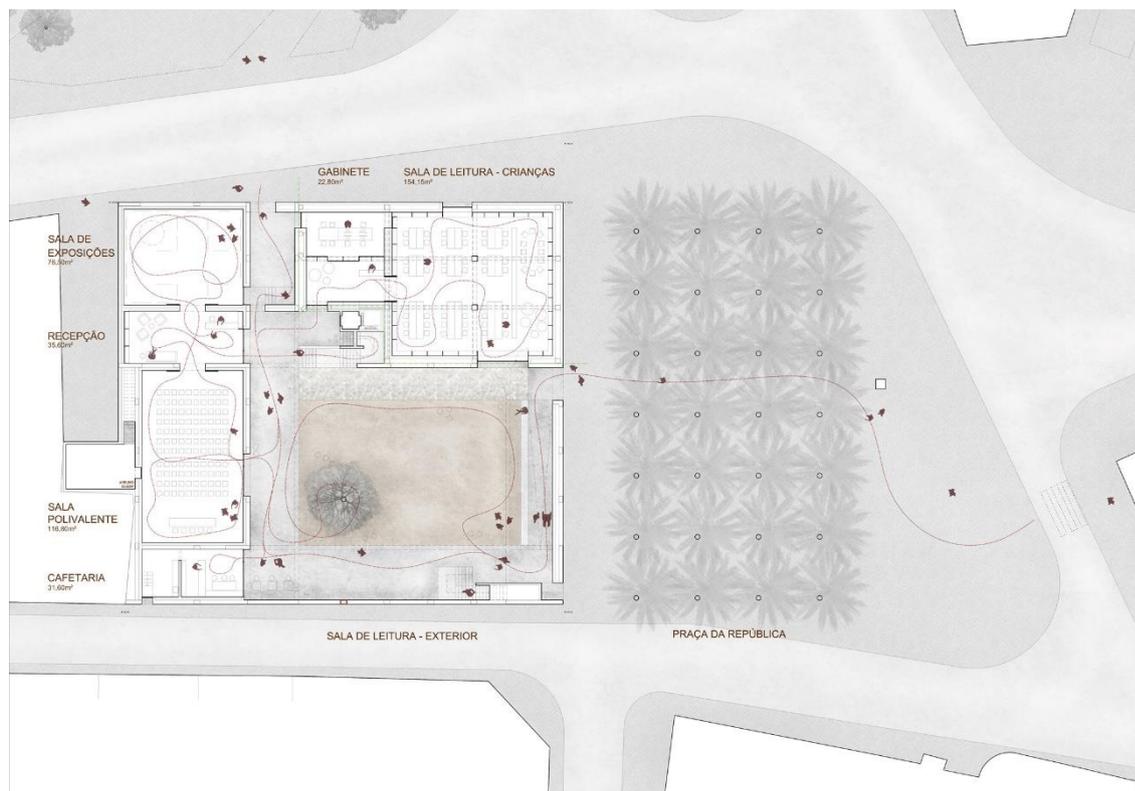


Figura 49 – Movimento do utilizador, organização espacial da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Estudo prévio, planta piso inferior. Disponível na WEB:

<https://www.facebook.com/pedromatosgameiro/photos/a.296484193843921/627531314072539/?type=3&theater>

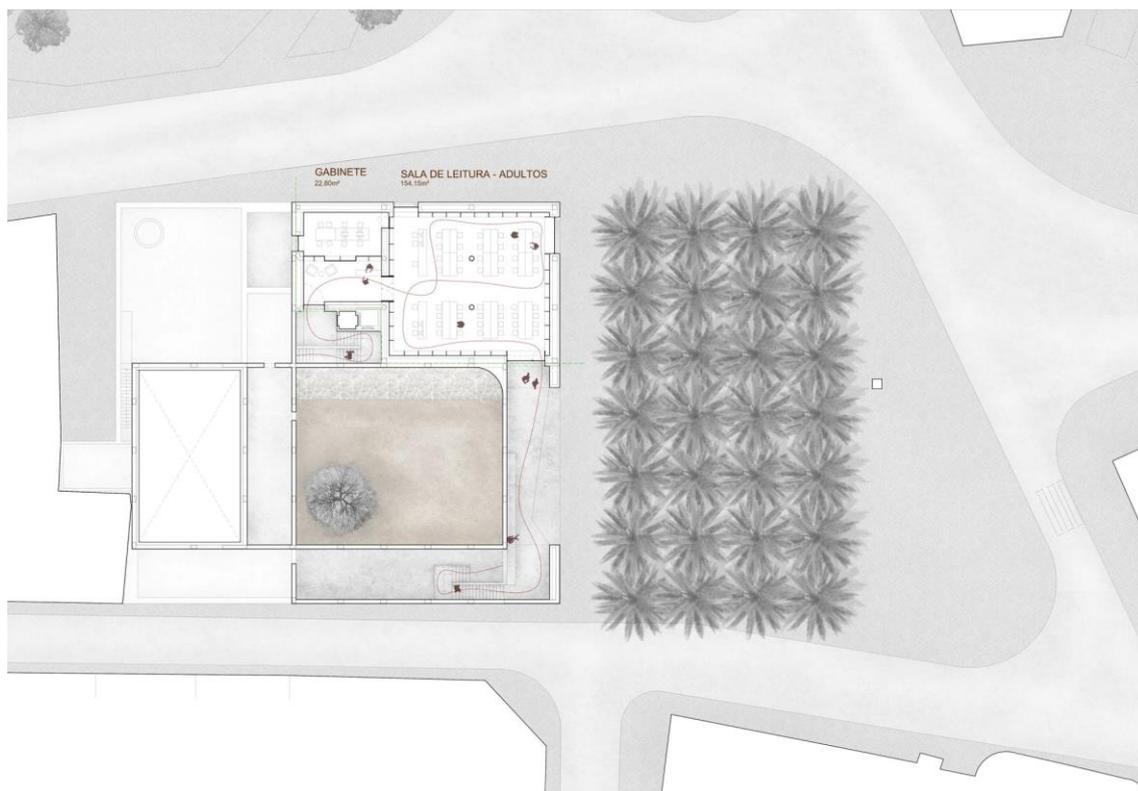


Figura 50 – Movimento do utilizador, organização espacial da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Estudo prévio, planta piso superior. Disponível na WEB:

<https://www.facebook.com/pedromatosgameiro/photos/a.296484193843921/627531310739206/?type=3&theater>

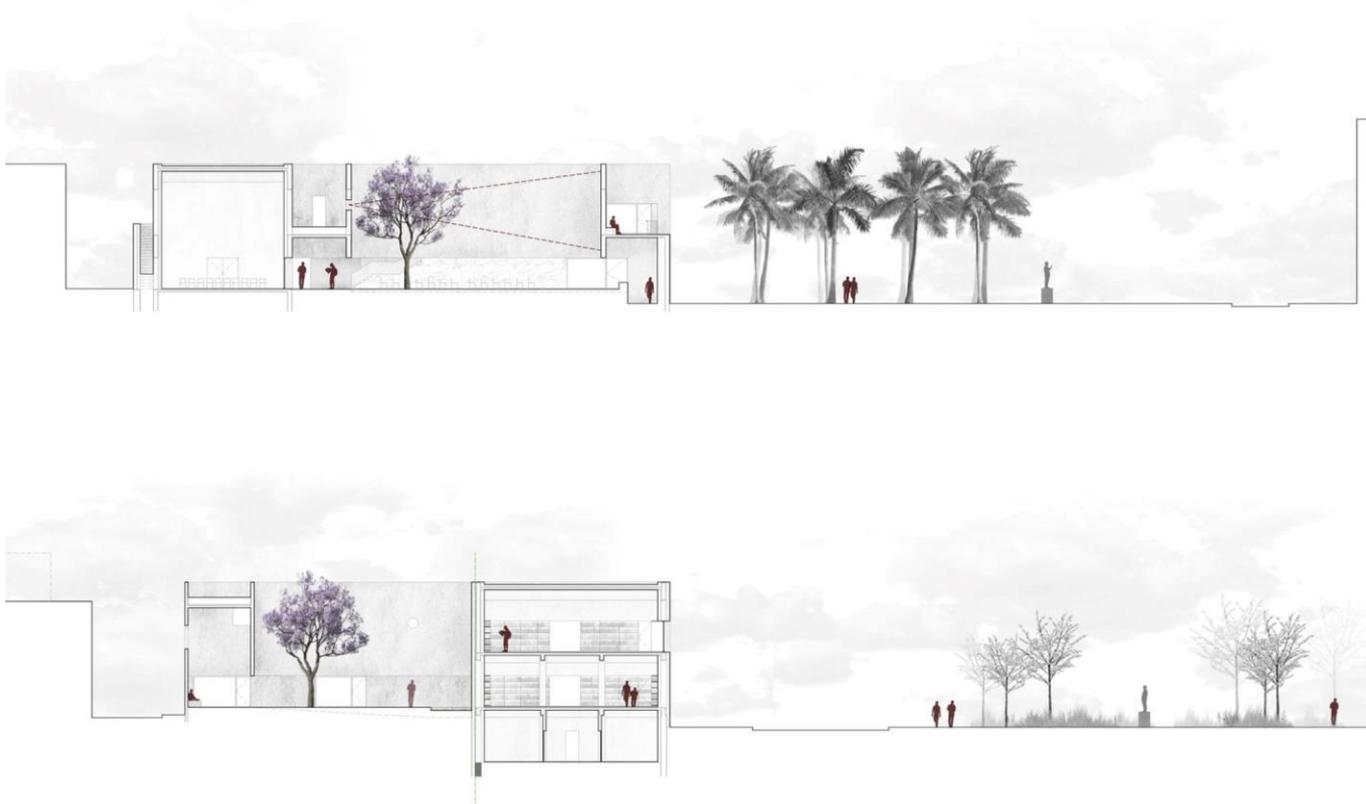


Figura 51 – Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Estudo prévio, cortes. Disponível na WEB:  
<https://www.facebook.com/pedromatosgameiro/photos/a.296484193843921/627531350739202/?type=3&theater>

## 2.4. Mobiliário

*Se procuras um elo racional entre o projeto de arquitetura e o projeto de mobiliário específico, ele existe por natureza. (...) é como os vãos. Desenha-se um vão específico para uma sala, para uma dada orientação, com certas dimensões, uma caixilharia, uma profundidade, um tipo de vidro, um puxador, se dá acesso ou não dá, portanto são coisas específicas para aquele lugar, e o mesmo acontece relativamente ao mobiliário.<sup>126</sup>*

Segundo o arquiteto Pedro Matos Gameiro, o projeto de mobiliário surge, naturalmente, como parte integrante do pensamento espacial, de modo a proporcionar harmonia, conforto e funcionalidade, elementos essenciais com dimensões e proporções corretas. De modo relevante, o *atelier* Matos Gameiro Arquitectos tem quase sempre a oportunidade de desenhar o mobiliário nos seus projetos arquitetónicos, criando sempre uma ideia de continuidade entre as disciplinas. A metodologia de trabalho do arquiteto centra-se no pensamento simultâneo de todas as disciplinas que compõem o projeto. Assim, quando desenha numa fase inicial, prevê e compreende as valências que serão necessárias num estágio posterior.

Com uma lógica organizacional específica inerente ao programa de uma biblioteca, os elementos de mobiliário do novo edifício da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola são inspirados no imaginário das bibliotecas, muito idêntico ao da Biblioteca Nacional de Portugal, com um layout rico em madeira e apontamentos de napa (Figuras 26 e 27). Deste modo, o arquiteto pretendeu uma expressão comum, de continuidade e de comodidade, com especial

---

<sup>126</sup> Entrevista concedida por Pedro Matos Gameiro [Fevereiro de 2019]. Entrevistador: Ana Lopes: Lisboa, 2019. Entrevista na íntegra – ver Anexo I.

atenção ao mobiliário que, por conseguinte, apresenta peças de sua autoria, bem como mobiliário “selecionado de compra”, que organizam funcionalmente todo o espaço.<sup>127</sup>

Posto isto, distinguem-se dois tipos de mobiliário no presente caso de estudo, primeiramente, o mobiliário desenhado explicitamente para um determinado espaço, que se pode relacionar também a uma presença permanente e, ainda, o mobiliário que é escolhido, disponível no mercado do móvel, concebido sem um propósito específico ou local de incorporação definitivo (Figuras 52, 53 e 54). Para o arquiteto, de forma intrínseca, a conceção do desenho de mobiliário acontece por interesse ou necessidade, tendo-se verificado neste caso de estudo uma forte intenção na oportunidade de pensar o mobiliário como parte integrante do projeto de arquitetura. Não obstante, a necessidade possibilita que este seja um tema cada vez mais discutido pelos arquitetos.

Na opinião do arquiteto Pedro Matos Gameiro, por um lado, existem atualmente firmas que dispõem de mobiliário de “ótima qualidade e lindíssimo”. Em contrapartida, salienta que “o mercado” é, por diversas vezes, “limitado na oferta de produtos” que sirvam ao conceito e à função exigida para o espaço e, ainda, que determinadas peças de mobiliário se encontram “excessivamente standartizadas” e com falhas graves na qualidade e resistência dos materiais.<sup>128</sup>

---

<sup>127</sup> Entrevista concedida por Pedro Matos Gameiro [Fevereiro de 2019]. Entrevistador: Ana Lopes: Lisboa, 2019. Entrevista na íntegra – ver Anexo I.

<sup>128</sup> Entrevista concedida por Pedro Matos Gameiro [Fevereiro de 2019]. Entrevistador: Ana Lopes: Lisboa, 2019. Entrevista na íntegra – ver Anexo I.

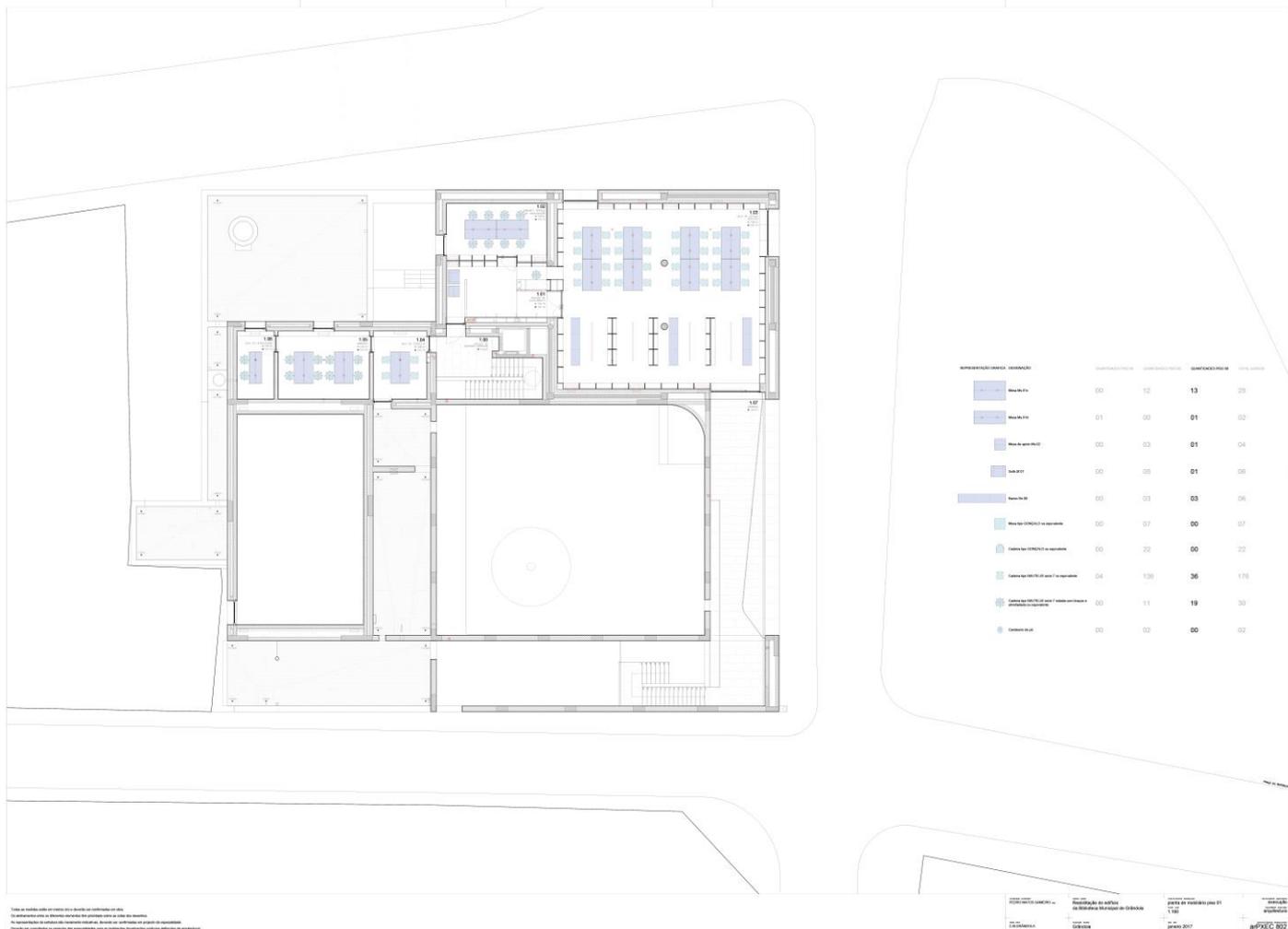
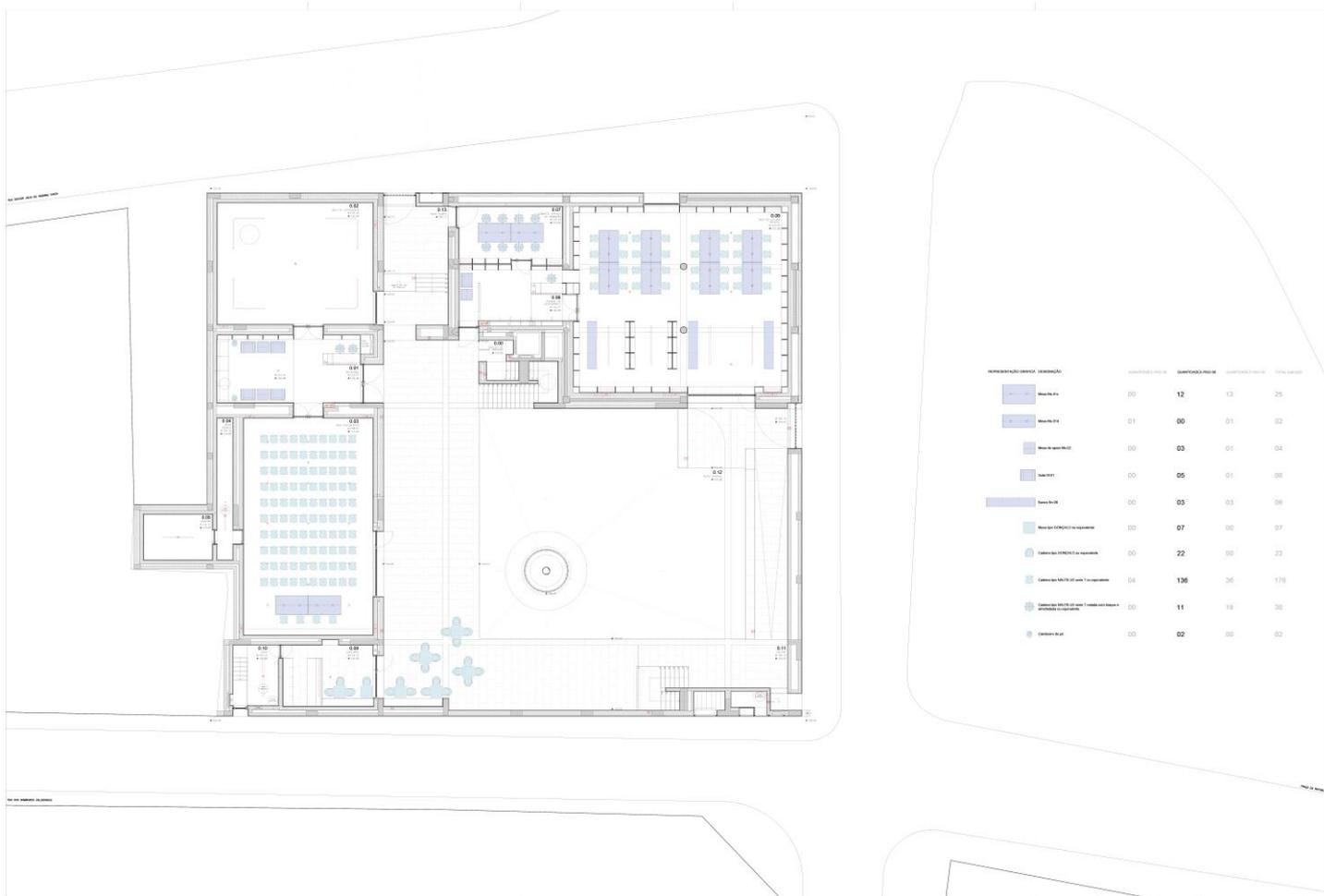


Figura 52 – Planta de mobiliário, piso 1. Identificação de cada peça de mobiliário, e as respetivas localizações. Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Legenda: Mobiliário desenhado pelo atelier (Azul Escuro), Mobiliário de compra (Azul Claro). Fonte: Elemento facultado pelo arquiteto Pedro Matos Gameiro.



Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução ou a utilização não autorizada.  
 O autor não se responsabiliza por danos materiais ou morais decorrentes do uso não autorizado.  
 A reprodução ou a utilização não autorizada constitui crime e é punida por lei.  
 Todos os conteúdos ou imagens são propriedade intelectual do autor e não podem ser utilizados sem a sua autorização.

PROJETO DE MOBILIÁRIO  
 IDENTIFICAÇÃO DO MOBILIÁRIO  
 QUANTIDADE DESEIGNADA  
 QUANTIDADE DESEIGNADA  
 TOTAL  
 2017  
 IPF&EC 001

Figura 53 – Planta de mobiliário, piso 0. Identificação de cada peça de mobiliário, e as respetivas localizações. Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Legenda: Mobiliário desenhado pelo atelier (Azul Escuro), Mobiliário de compra (Azul Claro). Fonte: Elemento facultado pelo arquiteto Pedro Matos Gameiro.



Figura 54 – Planta de mobiliário, piso -1. Identificação de cada peça de mobiliário, e as respetivas localizações. Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Legenda: Mobiliário desenhado pelo atelier (Azul Escuro), Mobiliário de compra (Azul Claro). Fonte: Elemento facultado pelo arquiteto Pedro Matos Gameiro.

No presente caso de estudo, o facto de se tratar de uma obra pública, apura o interesse do arquiteto, na medida em que existe um maior controlo na escolha das peças exatas que integram a conceção final.

Conforme apresentado anteriormente, nas figuras das plantas diagramáticas da disposição do mobiliário, é evidente a predominância do mobiliário desenhado pelo arquiteto e, naturalmente, pela sua equipa de colaboradores, na complexidade dos vários espaços. Não obstante, existiu também a necessidade de escolher e enquadrar outros elementos de mobiliário que se adaptassem e partilhassem do mesmo carácter que as concebidas, dando uma ideia de continuidade, favorecendo e enaltecendo a expressão arquitetónica.

Assim, o arquiteto ao conjugar estas duas soluções tipológicas de mobiliário, feito à medida e de compra, demonstrou que quando as peças de mobiliário são bem escolhidas e corretamente posicionadas, há um sentido espacial que é reforçado, dando continuidade ao projeto de arquitetura e, por conseguinte, possibilita um local necessariamente mais confortável e harmonioso, tornando-se um elemento de ligação entre o utilizador e o espaço (Figura 55).

Neste caso em particular, o projeto de arquitetura é desenvolvido até à escala do mobiliário, desde a conceção dos espaços até aos ínfimos detalhes, evitando a posterior escolha de peças de mobiliário “inapropriadas para o espaço”.<sup>129</sup>

---

<sup>129</sup> Entrevista concedida por Pedro Matos Gameiro [Fevereiro de 2019]. Entrevistador: Ana Lopes: Lisboa, 2019. Entrevista na íntegra – ver Anexo I.



Figura 55 – Vista a partir da secção de crianças sobre a sala exterior. Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Modelo Tridimensional. Fonte: Painel 02 - ver Anexo III.

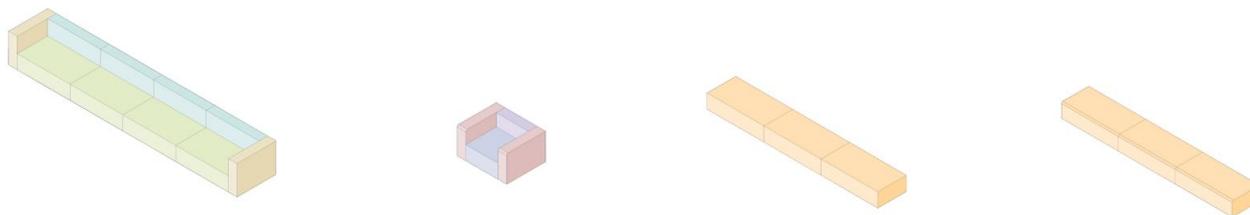


Figura 56 – Representação gráfica dos tipos de sofás e bancos. Mobiliário desenhado pelo atelier. Pormenores de carpintarias, estofos. Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Legenda: (da esquerda para a direita) Sofá tipo A Bn.07 - Banco recepção; Sofá tipo B Sf.01; Almofadas para estantes tipo C Ea.06b; Banco tipo C Bn.08 - Banco de salas de leitura. Fonte: Figura 82, Mapa de Carpintarias - ver Anexo IV.

Em suma, para além da finalidade de configuração do espaço depreende-se, que por meio das peças de mobiliário, os ambientes se constituem na essência da obra arquitetónica e a convertem num lugar acolhedor ou o oposto. Deste modo, assume-se que o mobiliário é, possivelmente, uma extensão do ato de projeto de arquitetura, estimulando conexões entre o espaço e o utilizador, neste caso na biblioteca. São duas disciplinas que se “complementam”, permitindo usufruir do espaço e, simultaneamente, “convertê-lo num local agradável e confortável”.<sup>130</sup>

“O poder da arte total”, no qual o arquiteto consegue pensar o projeto no seu todo, centra-se na possibilidade de dar ao projeto uma conceção coerente, de não permitir que a escolha de uma outra peça, pelo seu interesse monetário ou outro entendimento, desvirtue a ideia do arquiteto como pensador.<sup>131</sup> Pelo que, “tudo o que seja adequado ao sítio, e quando digo adequado é desenhado para aquele lugar, tem grandes probabilidades de sucesso”.<sup>132</sup>

Do ponto de vista do arquiteto Pedro Matos Gameiro, é atualmente “raro haver esta oportunidade de desenhar” um projeto de arquitetura que integre o projeto de mobiliário devido, sobretudo, a questões financeiras, porque de facto “encarece a obra”. Contudo, a ausência do mobiliário, encarado como acréscimo e não como parte integrante do objeto arquitetónico, “poderá alterar a ideia espacial do próprio edifício”, pois “o desenho de elementos feitos só para aquele lugar, ninguém consegue dizer que troca (...), porque está feito à medida para aquele

---

<sup>130</sup> Entrevista concedida por Pedro Matos Gameiro [Fevereiro de 2019]. Entrevistador: Ana Lopes: Lisboa, 2019. Entrevista na íntegra – ver Anexo I.

<sup>131</sup> Entrevista concedida por Pedro Matos Gameiro [Fevereiro de 2019]. Entrevistador: Ana Lopes: Lisboa, 2019. Entrevista na íntegra – ver Anexo I.

<sup>132</sup> Entrevista concedida por Pedro Matos Gameiro [Fevereiro de 2019]. Entrevistador: Ana Lopes: Lisboa, 2019. Entrevista na íntegra – ver Anexo I.

espaço”. Torna-se, assim, um pouco mais óbvio que, numa relação custo-benefício, se torne mais vantajoso aumentar o orçamento para tirar todo o partido da potencialidade do projeto.<sup>133</sup>

Como se verificou no capítulo anterior, no caso específico de bibliotecas, e não só, mas neste contexto programático, é comum que haja móveis embutidos, fixos, que são desenhados como parte do projeto da empreitada. As bibliotecas são exemplos de objetos arquitetónicos em que o mobiliário desempenha uma função essencial na definição dos vários espaços, acomodando a luz, a escala e a lógica funcional à necessidade permanente de organização particular do programa de uma biblioteca.

É, então, dentro da polivalência do edifício contemporâneo que o mobiliário deve ser uma peça que reflita a plenitude da ideia arquitetónica, garantido que o utilizador tire o maior partido das interações sociais e das várias sensações provocadas pelos espaços e materiais. Entende-se, pois, que “a ideia filosófica de arte total” se traduz numa questão mais prática: a materialização de um projeto homogéneo, controlado e coerente.<sup>134</sup>

Por conseguinte, o traço preciso e singular do mobiliário projetado para a biblioteca de Grândola resulta da acumulação de histórias e saberes, inerentes às vivências e práticas do arquiteto, como se de um desenho de um edifício se tratasse:

“(…) durante o processo, tentamos sempre olhar para o que já foi feito como a arquitetura olha para a história, de modo a podermos nós próprios desenhar em acordo. (...) Portanto, é evidente que há uma especificidade no desenho”.<sup>135</sup>

---

<sup>133</sup> Entrevista concedida por Pedro Matos Gameiro [Fevereiro de 2019]. Entrevistador: Ana Lopes: Lisboa, 2019. Entrevista na íntegra – ver Anexo I.

<sup>134</sup> Entrevista concedida por Pedro Matos Gameiro [Fevereiro de 2019]. Entrevistador: Ana Lopes: Lisboa, 2019. Entrevista na íntegra – ver Anexo I.

<sup>135</sup> Entrevista concedida por Pedro Matos Gameiro [Fevereiro de 2019]. Entrevistador: Ana Lopes: Lisboa, 2019. Entrevista na íntegra – ver Anexo I.

Não obstante, a especificidade do desenho é evidente e racional, sendo que as peças foram idealizadas e desenhadas de modo a serem corretamente distribuídas, ordenando e rentabilizando o espaço. Como por exemplo, as estantes que foram as paredes, encontrando-se perimetralmente embutidas para uma melhor rentabilização dos vários espaços criados, bem como as estantes autónomas que dividem o espaço, organizando-o sem limitá-lo (Figura 57). Esta função de distribuição e ordenação na conceção espacial é também exercida pelas restantes peças de mobiliário, conferindo ao espaço central um carácter de permanência. Sendo que, a disposição do mesmo permite uma maior fluidez no espaço de leitura, dada pela permeabilidade visual da sala (Figuras 52 e 53). Os detalhes e a delicadeza do conceito originam o fio condutor da totalidade das peças, no que respeita à propriedade dos materiais, do encaixe entre as peças, dos adereços, a mesma linguagem, “caligrafia” entre inúmeras outras particularidades que proporcionam coerência no desenho e na arquitetura, como arte total.<sup>136</sup>

“Quanto à organização espacial que referias, a distribuição é uma espécie de racionalidade sobre um espaço, distribui-se de maneira a ter a maior rentabilidade e ordem àquele espaço. No fundo, isso é o que procuramos. (...) à procura de uma certa coerência, da mesma caligrafia, do projeto”.<sup>137</sup>

---

<sup>136</sup> Entrevista concedida por Pedro Matos Gameiro [Fevereiro de 2019]. Entrevistador: Ana Lopes: Lisboa, 2019. Entrevista na íntegra – ver Anexo I.

<sup>137</sup> Entrevista concedida por Pedro Matos Gameiro [Fevereiro de 2019]. Entrevistador: Ana Lopes: Lisboa, 2019. Entrevista na íntegra – ver Anexo I.

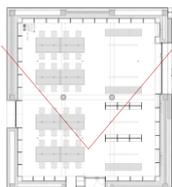


Figura 57 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Sala de Leitura Infantil. Piso 0. Fotografia da autora, Junho 2020 – ver Anexo V.

No lado esquerdo da sala de leitura serão ainda colocadas as mesas e cadeiras, e no lado direito as estantes autónomas e bancos.



Figura 58 – Estantes embutidas; obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Sala de Leitura Infantil. Piso 0. Fotografia da autora, Junho 2020 – ver Anexo V.

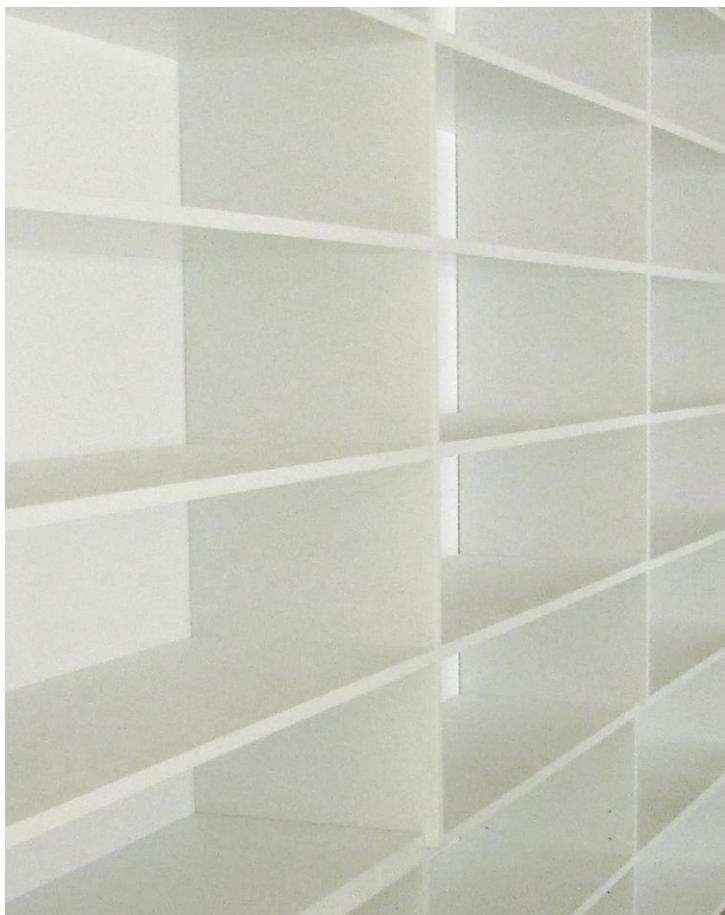


Figura 59 – Estantes embutidas; obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Sala de Leitura Infantil. Piso 0. Fotografia da autora, Junho 2020 – ver Anexo V.

Deste modo, o arquiteto defende que este é o grande “potencial” de desenhar o mobiliário, resultando assim “um projeto coerente, que de fio a pavio fala toda a mesma língua. Esse é o objetivo, então munimo-nos das armas e ferramentas para fazê-lo, e o mobiliário é uma das questões que está em cima da mesa”. Muito além das particularidades das várias concepções, existe a preocupação e a necessidade de que elas possuam uma aparência real e objetiva, bem como “resistência e durabilidade”, para o propósito que foram idealizadas: servirem numa biblioteca pública.<sup>138</sup>

No seguimento deste modo de pensar, encontram-se semelhanças com o processo criativo do arquiteto Álvaro Siza Vieira (1933- ), mencionado na entrevista ao arquiteto Pedro Matos Gameiro, que é, para si, uma grande referência. Citando o arquiteto Álvaro Siza Vieira, “(...) quando se desenha uma peça para um projeto, por nós realizado, há uma tendência para ir dentro do mesmo sistema linguístico, um elemento que se adapte bem à arquitetura da obra e que esteja desenhada como um todo.<sup>139</sup>

---

<sup>138</sup> Entrevista concedida por Pedro Matos Gameiro [Fevereiro de 2019]. Entrevistador: Ana Lopes: Lisboa, 2019. Entrevista na íntegra – ver Anexo I.

<sup>139</sup> PEDREIRINHO, José Manuel (coord.) - **Siza Design**. Matosinhos: ArteBooks e ESAD - Escola Superior de Artes e Design, 2013, p. 13.



Figura 60 – Biblioteca do Campus Universitário de Aveiro, 2004. Álvaro Siza Vieira. Fonte: LIMA, José Pedro - Espaços de Saber: A Biblioteca e o seu processo evolutivo. Universidade de Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2016. Dissertação de Mestrado, p. 82. Disponível na WEB: [https://eg.uc.pt/bitstream/10316/32926/1/Tese\\_Lima.pdf](https://eg.uc.pt/bitstream/10316/32926/1/Tese_Lima.pdf)

Os dois arquitetos defendem que os objetos, compreendidos pelo espaço mental e cultural que ocupam, com a sua presença material e explícita, expressam uma condição “sem véus e sem que se convertam em algo de diferente de si próprios”. Não pretendendo alcançar um resultado formal ou expressivo, mas sim aproximar-se ao “essencial de um problema”, passando pelos múltiplos aspetos da realidade, do programa ou do contexto: “aspetos de ordem produtiva, material, funcional, entre outros”.<sup>140</sup>

Segundo o arquiteto Pedro Matos Gameiro, o mobiliário faz, com primazia, parte integrante no projeto de arquitetura. Contudo, devido à sua especificidade e proporção na totalidade da obra, não o considera como princípio base no pensamento arquitetónico, necessitando permanentemente de interesses maiores como a “história do lugar” e a adequação com a “envolvente”, que se transformam e substituem dependendo “do programa, do sítio e a história de determinado local”. Deste modo, a especificidade dos projetos realizados pelo arquiteto, estimulam a necessidade de ir mais além na prática da arquitetura, como se de um desenho de um vão se tratasse. O desenho do mobiliário entra no projeto nesse instante, como “algo que vamos tomando consciência no decorrer do projeto”.<sup>141</sup>

“(…) o mobiliário aparece, mais ou menos, onde aparecem os vãos. Deste modo, não é o mobiliário que dá origem ao projeto, mas é, sem quaisquer dúvidas, importante, vital e determinante para a leitura do espaço”.<sup>142</sup>

---

<sup>140</sup> PEDREIRINHO, José Manuel (coord.) - **Siza Design**. Matosinhos: ArteBooks e ESAD - Escola Superior de Artes e Design, 2013, p. 7.

<sup>141</sup> Entrevista concedida por Pedro Matos Gameiro [Fevereiro de 2019]. Entrevistador: Ana Lopes: Lisboa, 2019. Entrevista na íntegra – ver Anexo I.

<sup>142</sup> Entrevista concedida por Pedro Matos Gameiro [Fevereiro de 2019]. Entrevistador: Ana Lopes: Lisboa, 2019. Entrevista na íntegra – ver Anexo I.

O conceito evolutivo é particular na prática da arquitetura, em qualquer desenho e, necessariamente, no mobiliário, há sempre um começo e posteriormente uma transformação. Habitualmente, a ideia de um novo objeto apropria-se de um desenho já produzido, em que lhe é adicionado ou modificado algo, de modo a adequar-se melhor ao lugar e à função pretendida. A mesma ideia de conceção do elemento pode ser utilizada em inúmeras circunstâncias e programas diferenciados, como sucede com os sofás projetados para a Biblioteca de Grândola, que foram outrora inspiração para outro projeto do arquiteto, o Apartamento no Chiado:

“(…) na casa do Chiado, há dois sofás desenhados que partem de um sofá que também foi desenhado para a Biblioteca, com uma evolução, a introdução de uma prateleira de apoio na parte detrás” (Figura 61).<sup>143</sup>

---

<sup>143</sup> Entrevista concedida por Pedro Matos Gameiro [Fevereiro de 2019]. Entrevistador: Ana Lopes: Lisboa, 2019. Entrevista na íntegra – ver Anexo I.

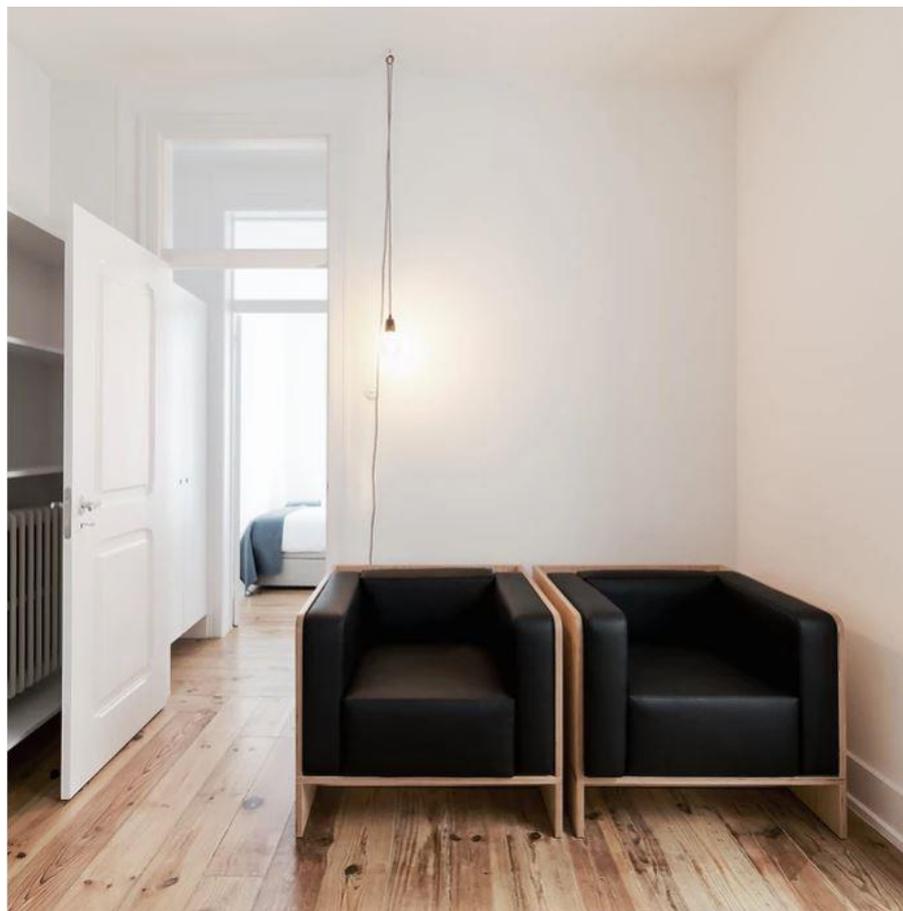


Figura 61 – Sofás. Apartamento no Chiado, Lisboa. Fotografia de Carolina Delgado. Disponível na WEB:  
<https://www.matosgameiro.com/2018-house-in-chiado?pgid=jnq4agvw-2c60dcf8-d92c-11e8-8c97-12efbd0b6636>

Por conseguinte, constatou-se que, também, as estantes do apartamento apresentam semelhanças com as presentes na biblioteca de Grândola. Bem como um banco corrido, e apesar de não ser aplicado do mesmo modo, adquire inspiração dos bancos situados entre as estantes da biblioteca (Figuras 62, 63 e 64).



Figura 62 – Estantes. Apartamento no Chiado, Lisboa. 2017-2018. Fotografia de Carolina Delgado. Fotografia disponível na WEB: <https://www.matosgameiro.com/2018-house-in-chiado?pgid=jnq4agvw-2c6119be-d92c-11e8-8c97-12efbd0b6636>



Figura 63 – Estantes. Apartamento no Chiado, Lisboa. 2017-2018. Fotografia de Carolina Delgado. Fotografia disponível na WEB: <https://www.matosgameiro.com/2018-house-in-chiado?pgid=jnq4agvw-dc3a615d-76ca-445d-88fd-cb1e35ec4b8a>



Figura 64 – Banco. Apartamento no Chiado, Lisboa. 2017-2018. Fotografia de Carolina Delgado. Fotografia disponível na WEB: <https://www.matosgameiro.com/2018-house-in-chiado?pgid=jnq4agvw-2c616e06-d92c-11e8-8c97-12efbd0b6636>

Durante a realização dos desenhos pormenorizados dos vários espaços, são detalhadas e discriminadas todas as particularidades de encaixe dos materiais e distribuição dos vários elementos fixos e móveis que constituem o espaço retratado, permitindo uma perceção aproximada da posição de adequada para cada um deles. Todos os objetos de mobiliário têm o seu lugar específico, existindo sempre a necessidade de afinar este sentido, *in situ*.<sup>144</sup> Pelo que o arquiteto procura que o desenho técnico seja claro e preciso, sem artifícios, o mais próximo possível da realidade (Figuras 65-68).

Deste modo, o mobiliário fixo da biblioteca encontra-se, no projeto de execução, representado em cortes construtivos e pormenores de alçados, na tentativa de não existir a oportunidade para erros ou falhas de informação. Desta forma, torna-se importante desenhar cada elemento consoante a sua escala, desde um “espaço em geral até ao pormenor de composição”. Os armários são detalhados em alçados, sem a representação das portas, para que seja clara a informação relativa a tantos outros elementos, de diversas especialidades, que se relacionam e fazem parte da arquitetura, como elementos elétricos, entre outros. Os desenhos do projeto de arquitetura acabam por resultar “mais burocráticos” e é nos “mapas” que começa a existir a identificação dos pormenores e detalhes para que sejam “dados preços às coisas”. No entanto, quando se trata da execução, esses desenhos devem estar exemplarmente bem feitos e o contacto direto com o fabricante é importante para que tudo seja explicado, como deve ser elaborado.<sup>145</sup>

---

<sup>144</sup> *In situ* [in situ] Do latim; Advérbio; Expressão com o significado de no local; in loco. Retirado de In situ in Dicionário infopédia de Termos Médicos [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-07-07]. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/dicionarios/termos-medicos/In\\_situ](https://www.infopedia.pt/dicionarios/termos-medicos/In_situ)

<sup>145</sup> Entrevista concedida por Pedro Matos Gameiro [Fevereiro de 2019]. Entrevistador: Ana Lopes: Lisboa, 2019. Entrevista na íntegra – ver Anexo I.

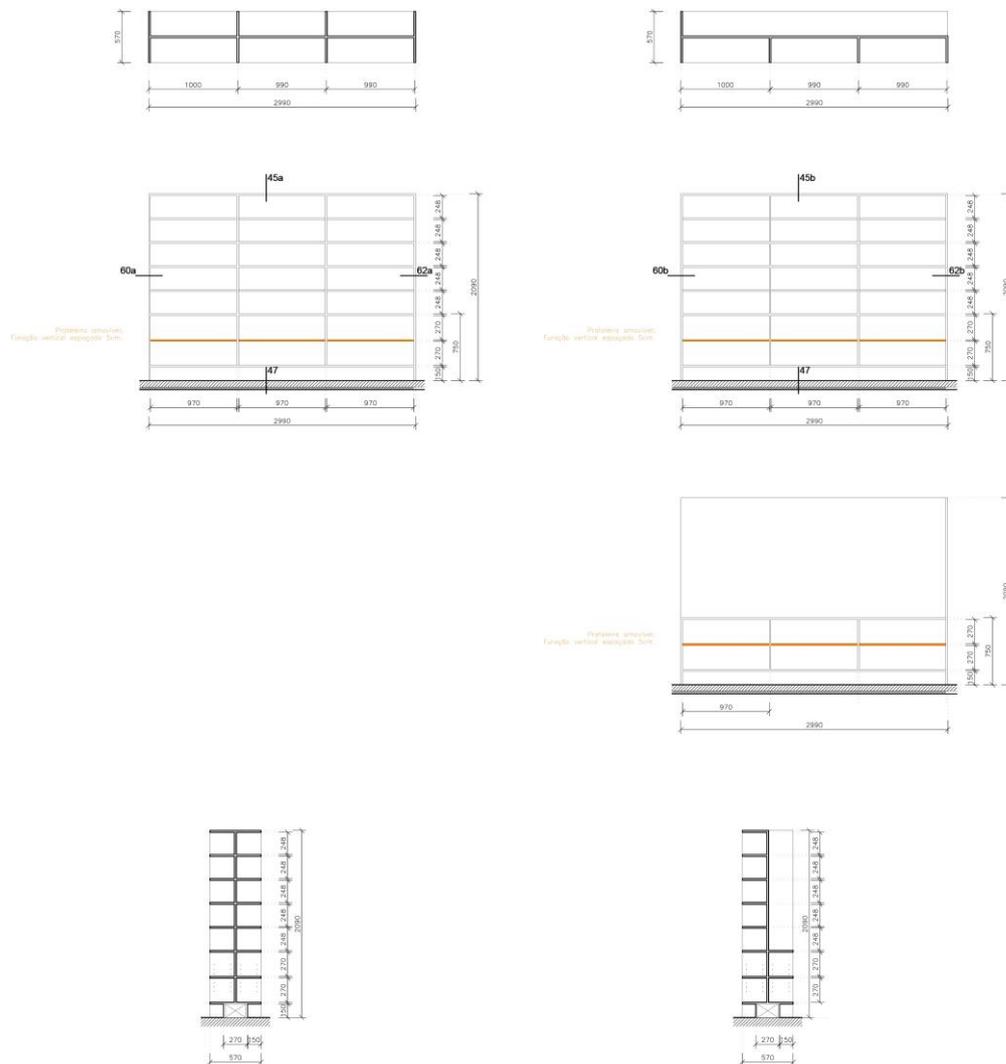


Figura 65 – Mapa geral de carpintarias, estantes autónomas da sala de leitura infantil. Ea.03a e Ea.03b - Planta, Alçados e Cortes.

Painéis de MDF (esp. 20mm) para pintar. Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Fonte: Figura 73, Mapa de Carpintarias - ver Anexo IV.

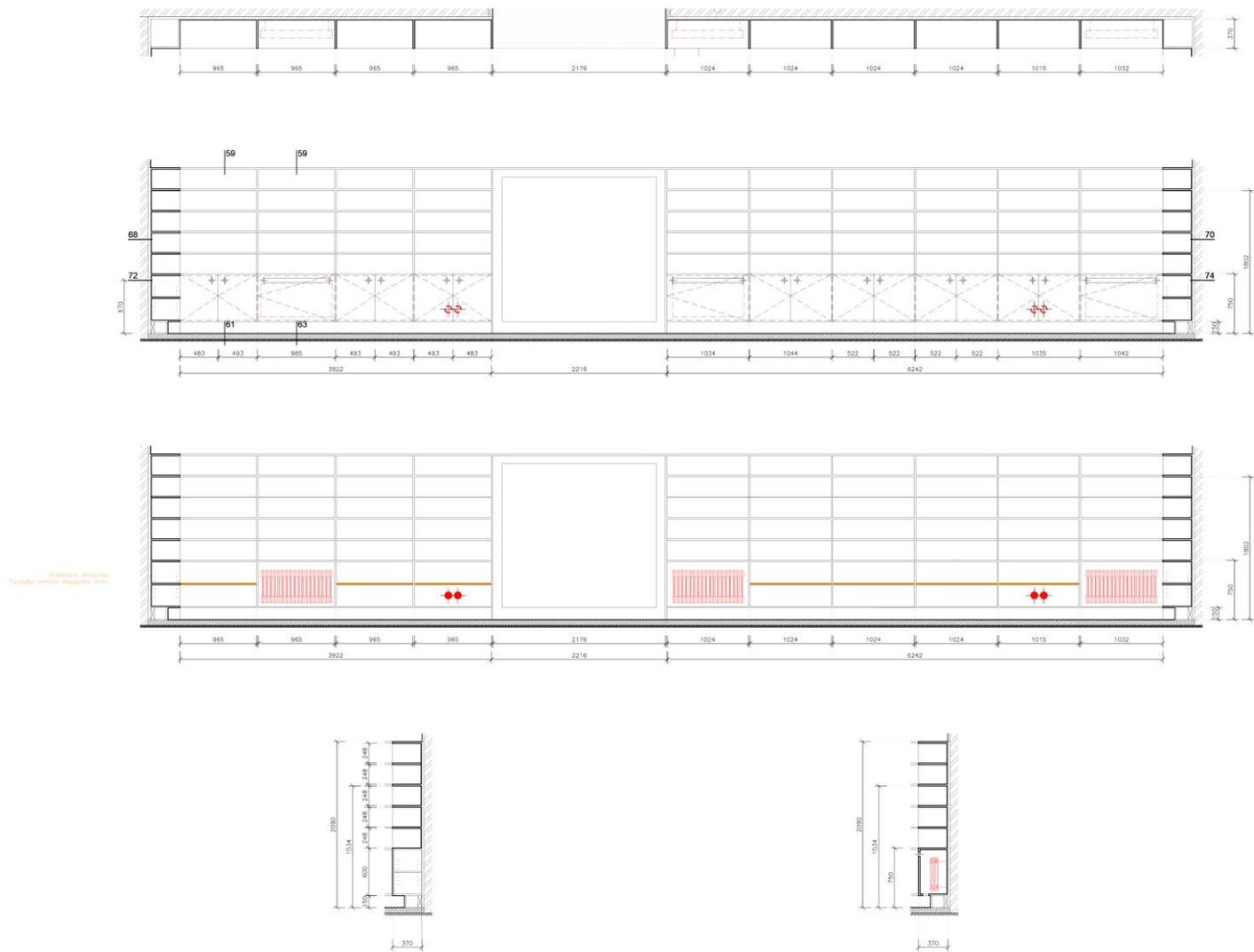


Figura 66 – Mapa geral de carpintarias, estante da sala de leitura infantil. Ea.05a - Planta, Alçados e Cortes. Painéis de MDF (esp. 10mm e 20mm) para pintar. Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Fonte: Figura 74, Mapa de Carpintarias - ver Anexo IV.

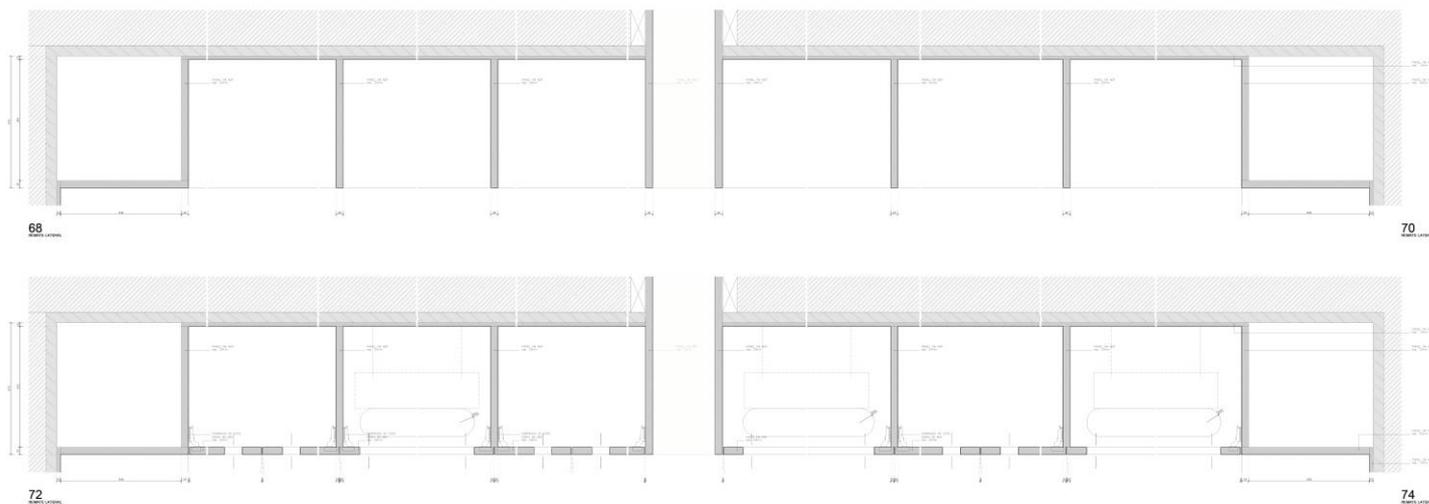


Figura 67 – Pormenores de carpintarias 68-70 e 72-74, estante da sala de leitura infantil. Planta. Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Fonte: Figura 79, Mapa de Carpintarias - ver Anexo IV.

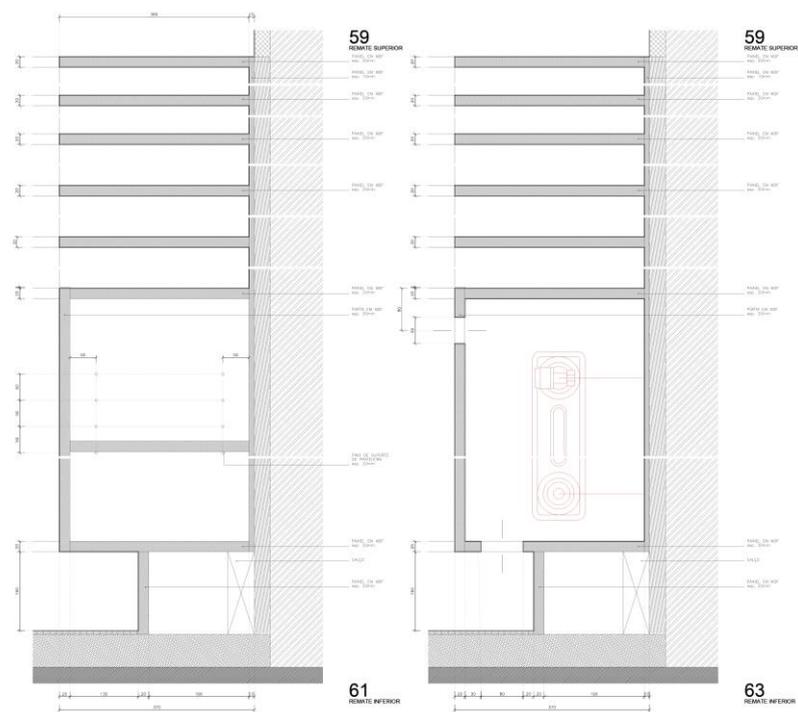


Figura 68 – Pormenores de carpintarias 59-61 e 59-63, estante da sala de leitura infantil. Corte. Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Fonte: Figura 80, Mapa de Carpintarias - ver Anexo IV.

De um modo geral, a estética do objeto não é definidora do pensamento total do arquiteto, sendo que os modos de utilização fazem também parte da conceção, procurando um lado funcionalista. Os livros que integram as várias prateleiras são organizados conforme a sua relevância e volume, tentando resguardá-los o mais corretamente, evitando que a sua alteração contínua de posição não danifique a estrutura de madeira do móvel. Destaca-se a configuração geométrica dominada por linhas simples que, tanto na forma quanto na expressão, pensados para satisfazer um leque de funções do contexto da biblioteca. Embora a tecnologia atual permita a fabricação de qualquer forma em qualquer material, uma parte da arquitetura contemporânea opta voluntariamente por reduzir as formas e os materiais utilizados, para permitir uma abordagem sensorial completa da arquitetura e do mobiliário.

Assim, tal como as peças de mobiliário fixo, as mesas foram desenhadas em madeira e com recurso a pequenos pormenores que enriquecem o entendimento de uma simples secretária. Deste modo, foram idealizados pequenos elementos simples que permitem a passagem de cabos para a utilização de computadores. Foram ainda projetados e desenhados armários, sofás e bancos, devidamente desenhados e descritos pormenorizadamente, para confeção à medida (Figura 69). Assim, todos os elementos fixos ou móveis desenhados para o projeto pertencem exclusivamente ao mesmo e foram executados à sua proporção. Dessa forma, são únicos e fazem parte do imaginário espacial do próprio edifício.

“Existem sempre desenhos à procura de respostas para uma série de questões (...) Realmente, nós acabamos por desenhar quase sempre quase tudo, e foste tu que me fizeste perceber um bocado disso”.<sup>146</sup>

---

<sup>146</sup> Entrevista concedida por Pedro Matos Gameiro [Fevereiro de 2019]. Entrevistador: Ana Lopes: Lisboa, 2019. Entrevista na íntegra – ver Anexo I.

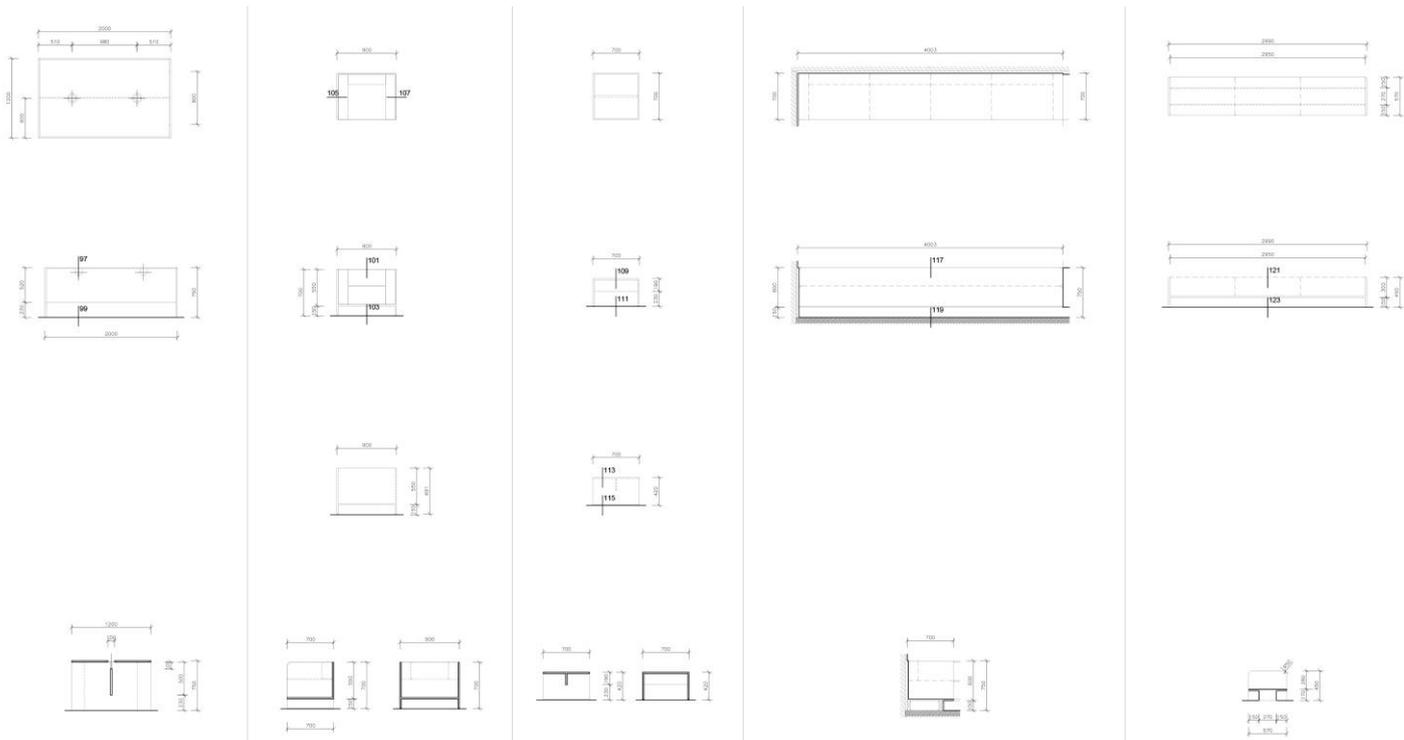


Figura 69 – Mapa geral de carpintarias, Mesa; Sofá; Mesa de apoio; Banco recepção e Banco de salas de leitura.

Legenda: (De cima para baixo) Planta; Alçado Exterior; Alçado Interior; Corte. Fonte: Figura 78, Mapa de Carpintarias - ver Anexo IV.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Pedro Matos Gameiro existe por natureza um elo “racional” entre o projeto de arquitetura e o projeto de mobiliário. Isto é, de acordo com o arquiteto, o mobiliário surge naturalmente como parte integrante do pensamento espacial do objeto arquitetónico. A sua metodologia de trabalho centra-se no pensamento simultâneo de todas as disciplinas que compõem a obra criando, desde o primeiro momento, uma ideia de continuidade entre as várias partes. Como tal, o arquiteto opta pela intervenção de toda a ambiência projetada.

O projeto documentado no presente trabalho de investigação corresponde a uma biblioteca onde o mobiliário foi desenhado e integrado em conformidade com o projeto de arquitetura. Através da sua análise é possível constatar que o potencial de articular o mobiliário com o projeto de arquitetura, seja este elemento desenhado especialmente para o local ou escolhido das opções do mercado, tem como resultado uma obra coerente e harmoniosa, que atende ao ambiente idealizado pelo arquiteto e às exigências básicas do espaço de uma biblioteca.

Através deste estudo entende-se que existe uma ligação simbiótica entre mobiliário, uma vez que se articula o pensamento do desenho de mobiliário e da conceção da arquitetura como um todo de forma a articular-se corretamente com o projeto.

No novo edifício da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola, uma obra pensada e assumida na sua totalidade, o projeto de arquitetura desenvolveu-se até à escala do mobiliário, o que significa que a conceção do espaço se estendeu até aos mais ínfimos detalhes, incluindo o equipamento nele presente. Como se trata de uma obra pública, existiu um maior controlo na escolha das peças exatas que integram a conceção final, a nível monetário e de durabilidade. Ademais, a tipologia de edifício em questão, por si só, exige a presença de mobiliário. A combinação destes fatores contribuiu para instigar o interesse do autor em desenvolver um projeto onde o mobiliário figura como parte do todo que é a obra construída.

As bibliotecas são exemplos de objetos arquitetónicos em que o mobiliário desempenha uma função essencial na definição dos vários espaços, acomodando a luz, a escala e a lógica funcional à necessidade permanente de organização particular do programa de uma biblioteca. Neste contexto específico, é comum que haja móveis embutidos, fixos, que são desenhados como parte do projeto da empreitada. Logo, o mobiliário, os materiais, as cores e as texturas que compõe os vários espaços contribuem e fomentam o seu carácter de local de concentração, de silêncio, de estudo.

Na opinião do arquiteto Pedro Matos Gameiro, por um lado, existem atualmente firmas que dispõem de mobiliário de “ótima qualidade e lindíssimo”. Em contrapartida, salienta que “o mercado” é, por diversas vezes, “limitado na oferta de produtos” que sirvam ao conceito e à função exigida para o espaço e, ainda, que determinadas peças de mobiliário se encontram “excessivamente standartizadas” e com falhas graves na qualidade e resistência dos materiais.

Na Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola é possível diferenciar dois tipos de mobiliário. Por um lado, encontram-se peças de mobiliário desenhadas que servem uma finalidade específica num determinado espaço, ou seja, possuem uma presença permanente no espaço. Por outro lado, existem outros elementos de mobiliário que se adaptam e partilham o mesmo carácter que as peças concebidas pelo arquiteto, conservando a coesão e continuidade entre todos os objetos do espaço arquitetónico. O conjunto destas duas vertentes integrado no projeto cria um local sobremaneira mais confortável e harmonioso; para além disso, tem a capacidade de agir como elemento de ligação entre o utilizador e o espaço. Deste modo, Pedro Matos Gameiro demonstra que o desenho do mobiliário no momento do projeto de arquitetura tem o papel de garantir que o utilizador tire o maior partido das interações sociais e das várias sensações provocadas pelos espaços e materiais.

A organização do espaço é desde logo fundamental ao arquiteto, a quem compete o desenho do espaço necessário à circulação, ao repouso, à execução de atividades, ao armazenamento, entre outros. Assim, em função do espaço, do corpo e do objeto o mobiliário

torna-se no elemento que permite vivenciar o espaço, fazendo a ponte entre a escala da arquitetura e as escalas do utilizador. O mobiliário, muito para além de configurar e organizar o espaço consoante a sua função, permite ao utilizador experienciá-lo e usufruir do mesmo. Como resultado da investigação levada a cabo, é possível aferir que estas peças de mobiliário, que existem em proximidade com o corpo, constituem ambiências essenciais à experiência da arquitetura enquanto lugar acolhedor, convidativo, ou o oposto.

Deste modo, assume-se que o mobiliário é, possivelmente, uma extensão do ato do projeto de arquitetura, estimulando conexões entre o espaço e o utilizador – neste caso, na biblioteca. Estas duas disciplinas podem ser complementares, segundo o arquiteto Pedro Matos Gameiro, permitindo usufruir do espaço e, simultaneamente, convertê-lo num local agradável e confortável. Como previsto, é possível confirmar que o mobiliário, na sua capacidade de influenciar a relação do utilizador com espaço, tem um papel fundamental no processo de conceção do projeto de arquitetura. Deste modo, considera-se que em função do espaço, do corpo e do objeto, tendo em observação o movimento dos utilizadores, o mobiliário torna-se no elemento que permite vivenciar o espaço, fazendo a ponte entre a escala da arquitetura e as escalas do utilizador.

Verifica-se que, de acordo com a tipologia de cada projeto, o mobiliário reflete escala, função e estética, segundo diferentes valores e proporções, o que, conseqüentemente, tem um peso importante no pensamento lógico e progressivo do desenho dos espaços que definem o objeto arquitetónico.

Mesmo, apesar de atualmente ser limitada a oportunidade de desenhar um projeto de arquitetura que integre o projeto de mobiliário devido, sobretudo, a questões financeiras, a ausência do projeto de mobiliário, “poderá alterar a ideia espacial do próprio edifício”. Torna-se, assim, um pouco mais óbvio que, numa relação custo-benefício, se torne mais vantajoso aumentar o orçamento para tirar todo o partido da potencialidade do projeto.

Para concluir, enquanto estudante de arquitetura e detentora de um fascínio por mobiliário, é-me notório o carinho com que uma peça de mobiliário foi idealizada e articulada no espaço onde se insere, pois a harmonia que aí prevalece, sem dúvida, contribui para o meu bem-estar e faz-me apreciar o momento em que, por exemplo, estou confortavelmente a ler um livro. A proporção, a suavidade do material, os encaixes, são características que ultimamente tenho prestado atenção. O presente trabalho contribuiu, deste modo, para o desenvolvimento pessoal da minha capacidade de observação deste elemento, o mobiliário, presente nos vários espaços frequentados no dia-a-dia.

#### 4. BIBLIOGRAFIA

Entrevista concedida pelo arquiteto Pedro Matos Gameiro [Fevereiro de 2019]. Entrevistador: Ana Sofia Marques Lopes: Lisboa, Matos Gameiro Arquitectos, 2019. Entrevista na íntegra – ver Anexo I.

AFONSO, Inês Nogueira - **Ideia de arquitetura total – relação entre arquitetura e design: dois casos de estudo**. Lusíada: Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade de Lisboa, 2017. Dissertação de Mestrado.

ALMEIDA, Victor Manuel Marinho de - **O Design em Portugal, um Tempo e um Modo: A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974**. Universidade de Lisboa: Faculdade de Belas Artes, 2009. Tese de Doutoramento em Design de Comunicação.

ARANGO FLÓREZ, John - **El mueble como estructurador del espacio en la vivienda moderna**. Medellín: Universidad Nacional de Colombia, 2012.

ARANGO FLÓREZ, John; PÉREZ-ORREGO, Natalia - **Espacios desde objetos. Relaciones entre modos de vida y arquitectura a través de muebles**. IconoFacto - Revista de la escuela de Arquitectura y Diseño, 2016. Vol. 12, Nº 19, pp.170 - 194.

ARGAN, Giulio Carlo - **El concepto de espacio arquitectónico desde el Barroco a nuestros días**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1973.

BAPTISTA, Daniela Patrícia - **Identidade Portuguesa no mobiliário. Do gótico ao design contemporâneo**. ESAD - Escola Superior de Artes e Design, 2012. Dissertação de Mestrado em Design.

BELENGUER, Maria Melgarejo - **La arquitectura desde el interior, 1925 – 1937: Lilly Reich y Charlotte Perriand**. Barcelona: VEGAP, 2011. ISBN 978-84-939409-1-1.

BRAGA, António Maria, QUEIROZ, Manuel de - **Organização e Funcionalidade do espaço nas Bibliotecas**. Lisboa: Universidade Aberta, 2010.

CAMBRA, Ramón Esteve - **La Fabricación del Interior: Arquitectura y Mobiliario en la Contemporaneidad**. Universidad Politécnica de Valencia: Escuela Técnica Superior de Arquitectura, 2015. Tesis doctoral.

CASTANHEIRA, Ricardo Manuel Ramos - **Gesamtkunstwerk: A Utopia de Wagner**. Universidade do Porto: Faculdade de Arquitetura, 2013. Dissertação de Mestrado.

CLARK, John Willis - **The Care of Books: An Essay on the Development of Libraries and their Fittings, from the earliest times to the end of the Eighteenth Century**. Cambridge, 1901.

COUTINHO, Bárbara - **Interiores: 100 anos de Arquitectura de Interiores em Portugal**. Lisboa: MUDE - Museu do Design e da Moda, 2012.

DIAS, Joana Almeida - **Poética na Arquitetura: A revolução contínua da arquitetura em quatro obras**. Universidade do Porto: Faculdade de Arquitetura, FAUP, 2015. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura.

DOCOMOMO International Journal 46 – 2012/01 Designing Modern Life.

DOCOMOMO International Journal 47 – 2012/02 Global Design.

FERNÁNDEZ-GALIANO, Luis, (dir.) - **La biblioteca digital**. Arquitectura Viva. Nº 135, 1998.

FERREIRA, Raúl Hestnes - **ISCTE II - ICS, 1998-2002**. Arquitectura Ibérica: Escolas, 2005. Nº6.

GREGOTTI, Vittorio - **Desde El Interior De La Arquitectura**. Barcelona: Ediciones 62, 1993.

GUERREIRO, Joana Rodrigues - **Arquitetura e Design como conceção de obra total: obras paradigmáticas em Portugal**. Universidade Lusíada: Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade de Lisboa, 2019. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura.

JUNIOR, José Airton Costa - **Arquitetos designers: o mobiliário moderno da Universidade de Brasília**. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, 2014.

KAHN, Louis - **Conversations with students**. New York: Princeton Architectural Press, 1998.

LE CORBUSIER - **Conversa com os Estudantes das Escolas de Arquitectura**. Tradução de António Gonçalves. Lisboa: Cotovia, 2003. ISBN: 972-795-082-5.

LIMA, José Pedro - **Espaços de Saber: A Biblioteca e o seu processo evolutivo**. Universidade de Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2016. Dissertação de Mestrado.

MANAÇAS, Vítor Manuel Teixeira - **Percursos do Design em Portugal: Volume I e Volume II**. Universidade de Lisboa: Faculdade de Belas Artes, 2005. Tese de Doutoramento em Design de Equipamento.

MARTÍ ARÍS, Carlos - **La Cimbra y el Arco**. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 2015.

MARTINS, João Paulo (ed.) - **Daciano da Costa, Designer**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. ISBN: 972-678-032-2.

MARTINS, João Paulo (ed.) - **Mobiliário Para Edifícios Públicos: Portugal 1934-1974**. Lisboa: MUDE - Museu do Design e da Moda, Coleção Francisco Capelo; Caleidoscópio, 2015.

MARTINS, João Paulo (ed.) - **Móveis Modernos. Mobiliário para edifícios públicos em Portugal 1940-1980**. Lisboa: CIAUD, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2014.

MARTINS, João Ricardo Assunção - **O espaço moderno conquistado pelo mobiliário**. Universidade de Lisboa: ISCTE, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, 2016. Dissertação de Mestrado.

MEHLHOSE, Andrea; WELLNER, Martin - **Mobiliário Moderno: 150 anos de design**. Mühlenbrunch: h. f. Ullmann, 2009.

MIGUEL, Patrícia - **Scandinavian time, the voyage of Raúl Hestnes Ferreira to Finland and the inference of Alvar Aalto's work in Portuguese architecture during the Post-War period**. Alvar Aalto Researchers' Network 2013, [consult. 2020-01-19]. Disponível em: WWW:<[https://www.alvaraalto.fi/content/uploads/2017/12/AAM\\_RN\\_Miguel.pdf](https://www.alvaraalto.fi/content/uploads/2017/12/AAM_RN_Miguel.pdf)>.

MIRANDA, Bernardo Pizarro et al. Raul Hestnes Ferreira - **Arquitectura e Universidade – ISCTE, Lisboa 1972-2005**. Lisboa: ISCTE - Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa, 2006.

MUÑOZ COSME, Alfonso - **Los Espacios del Saber: Historia de la Arquitectura de las Bibliotecas**. Gijón: Ediciones Trea, 2004. ISBN 84-9704-102-X.

NEVES, José Manuel das - **Portuguese Contemporary Houses**. Lisboa: UZINA Books, 2013.

NEVES, José Manuel das - **Raúl Hestnes Ferreira, Projectos: 1959-2002**. Lisboa: ASA Editores II, S.A., 2002. (Arquitetura - Monografias) ISBN: 972-41-3172-6.

NEVES, José Manuel, (dir.) - **Bibliotecas**. ARQUITECTURA IBÉRICA. Portugal: Caleidoscópio. N.º 1, 2004.

NEVES, José Manuel, (dir.) - **Bibliotecas**. ARQUITECTURA IBÉRICA. Portugal: Caleidoscópio. N.º 2, 2006.

OLIVEIRA, Manuel Moreira - **Arquitetura de bibliotecas: bibliotecas públicas municipais**. Universidade Lusíada: Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade de Lisboa, 2013. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura.

PALLASMAA, Juhani - **The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses**. Ed. Wiley-Academy, Great-Britain, 2005.

PEDREIRINHO, José Manuel (coord.) - **Siza Design**. Matosinhos: ArteBooks e ESAD - Escola Superior de Artes e Design, 2013.

PRIETO GUTIÉRREZ, Juan José - **El Espacio bibliotecario, de custodia a consulta**. Revista Interamericana de Bibliotecología, 2008. Vol. 31 N° 2.

PRUDÊNCIO, Daniela Sofia Temudo - **O Mobiliário em Diferentes Cenários da Habitação**. Universidade de Lisboa: ISCTE, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, 2017. Dissertação de Mestrado.

PUIG, Mercedes Martín - **La mutación de la biblioteca en los inicios del siglo XXI**. Escola Superior Gallaecia, 2016. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo.

ROMERO, Santi - **La Arquitectura de la Biblioteca: Recomendaciones para un Proyecto Integral**. 2ª ed. Barcelona: Colección Papers Sert, 2003.

SAMPAIO, Catarina Gomes - **Alvar Aalto and Álvaro Siza: Theory and Project Methodology**. Alvar Aalto Researchers' Network 2013, [consult. 2020-01-19]. Disponível em: WWW:<[https://www.alvaraalto.fi/content/uploads/2017/12/AAM\\_RN\\_Sampaio.pdf](https://www.alvaraalto.fi/content/uploads/2017/12/AAM_RN_Sampaio.pdf)>.

SILVA, Ana Isabel - **Wood and Domestic architecture in Aalto's work: Some influences on Portuguese Architecture**. Alvar Aalto Researchers' Network 2013, [consult. 2020-01-19].

Disponível

em:

WWW:<[https://www.alvaraalto.fi/content/uploads/2017/12/AAM\\_RN\\_Costa\\_Silva.pdf](https://www.alvaraalto.fi/content/uploads/2017/12/AAM_RN_Costa_Silva.pdf)>.

SILVA, Maria Carvalhas de Serra e - **Bibliotecas Contemporâneas em Portugal: Edifícios Reabilitados e Construídos de Raiz - 4 casos de estudo**. Universidade de Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2012. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura.

TÁVORA, Fernando - **Da organização do espaço**. 7.<sup>a</sup> ed. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2007.

TOSTÕES, Ana - **Arquitetura Moderna e Obra Global a partir de 1900**. In RODRIGUES, Dalila – **Arte Portuguesa: Da Pré-História ao Século XX**. Vol. 16. Vila Nova de Gaia: Fubu, 2009. ISBN: 978-989-8207-07-4

TOSTÕES, Ana (coord.) - **Biblioteca Nacional Exterior – Interior**. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2004. ISBN: 972-565-394-7.

VIEIRA, Álvaro Siza - **01 Textos: Álvaro Siza**. Porto: Livraria Civilização Editora, 2009.

VIEIRA, Álvaro Siza - **Álvaro Siza: Móveis e Objectos**. Porto: Figueirinhas, 2003.

VIEIRA, Álvaro Siza - **Arte Interior: Siza Vieira e o desenho de objectos**. Caleidoscópio, 2019.

ZIRES, Israel Ortiz - **Biblioteca y Proyecto**. Universitat Politècnica de Catalunya: Màster universitari en Teoria i Pràctica del Projecte d'Arquitectura, 2008. Dissertação de Mestrado.

ZUMTHOR, Peter - **Atmosferas: Entornos arquitectónicos - As coisas que me rodeiam**. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

ZUMTHOR, Peter - **Pensar a Arquitetura**. 2<sup>a</sup> Edição. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

[Webgrafia]

Documentário, FÉRIA, Rita - BACK TO BACK CASA EM ESTREMOZ, 2013. fotografer Jorge Pereira + Rui Nabo, Fernando Guerra FG+SG, Ana Isabel Santos (b&w). Disponível na WEB: <https://www.matosgameiro.com/1-st-gallery>

Empresa: Matos Gameiro Arquitecto [Em Linha] Espaço de Arquitetura [Consult. 17 fevereiro 2020] Disponível em: WWW:<<https://espacodearquitetura.com/empresas/matos-gameiro-arquitecto/>>.

Matos Gameiro Arquitectos [Em Linha] Archdaily [Consult. 23 abril 2019] Disponível em: WWW:<<https://www.archdaily.com/office/matos-gameiro-arquitectos>>.

Matos Gameiro Arquitectos [Em Linha] matos gameiro arquitectos [Consult. 13 dezembro 2018] Disponível em: WWW:<<https://www.matosgameiro.com/matosgameiroarquitectos>>.

Municipal Library, Grândola (International Competition) [Em Linha] Archilovers [Consult. 23 abril 2019] Disponível em: WWW:<<https://www.archilovers.com/projects/204677/municipal-library-grandola-international-competition.html#info>>.

Municipal Library, Grândola [Em Linha] matos gameiro arquitectos [Consult. 22 fevereiro 2019] Disponível em: WWW:<<https://www.matosgameiro.com/municipal-library-grandola>>.

Pedro Matos Gameiro [Em Linha] anozero, bienal de arte contemporânea de coimbra [Consult. 19 março 2020] Disponível em: WWW:<<http://2015.anozero-bienaldecoimbra.pt/authors/pedro-gameiro/>>.

Pedro Matos Gameiro Arquitecto [Em Linha] Archilovers [Consult. 23 abril 2019] Disponível em: WWW:<<https://www.archilovers.com/pedro-matos-gameiro-2736416/#projects>>.

Pedro Matos Gameiro e Pedro Domingos vencem Biblioteca e Arquivo Municipais de Grândola [Em Linha] Espaço de Arquitetura [Consult. 14 janeiro 2019] Disponível em: WWW:<<https://espacodearquitetura.com/noticias/pedro-matos-gameiro-e-pedro-domingos-vencem-biblioteca-e-arquivo-municipais-de-grandola/>>.

Reportagem [s.a.] SIC ESPAÇOS & CASAS ep. 408, emitida em 2017.01.14 photography Gustavo Ramos, Daniel Malhão, Ana Isabel Santos (b&w), Adriano Mura. Disponível na WEB: <https://www.matosgameiro.com/2016-house-in-alfama>

## 5. ANEXOS

**ANEXO I** – Transcrição da entrevista realizada ao Arquiteto Pedro Matos Gameiro, arquiteto responsável pelo *Atelier* Matos Gameiro Arquitectos:

**ANA LOPES (AL)** – Boa tarde. Esta conversa vem no seguimento da vertente teórica da minha dissertação de mestrado (...), pelo que começo por lhe pedir para descrever a sua intervenção no projeto do concurso da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola, em 2012.

**ARQUITETO PEDRO MATOS GAMEIRO (PMG)** – O projeto para a Biblioteca tinha uma questão importante: a utilização do edifício existente e a necessidade da sua ampliação. A solução passou por adoçar um outro corpo ao existente e, através de um claustro, fazer a distribuição para o conjunto todo, tanto nas partes novas como as reabilitadas. Nesse sentido, a reabilitação acabou por ser profunda.

É através do desenho do claustro e dos espaços exteriores que lhe estão anexos, que é possível aceder a todo o programa da biblioteca, sendo que não há quase circulações internas, como se de um convento se tratasse. Assim, o claustro é a ideia base para este projeto. Não só permite uma série de atividades relativamente mais lúdicas, como os mercados, as vendas de livros, cinema ao ar livre, todas num recinto controlado, como proporcionou a abertura de uma grande varanda à escala da Praça das Palmeiras. Surgindo de um sentido colonial que sempre se sentiu em Grândola e de uma espécie de imagem de um edifício que pertence à bacia do Mediterrâneo: um edifício do Sul, branco, que se protege da luz e provoca sombra. Pelo que esta ideia de ter uma varanda debruçada sobre a praça foi bastante interessante para nós.

**AL** – O que procurava quando desenhou a Biblioteca, isto é, quais eram as premissas para o resultado da obra final?

**PMG** – O objetivo era a consolidação daquele ponto muito específico da malha urbana da cidade, e, claro, dar um novo sentido ao edifício. Torná-lo mais institucional e capaz de responder ao que

é exigível por um programa como uma biblioteca: um espaço que privilegiasse o conforto e que promovesse a leitura.

**AL** – Sendo o conforto e a funcionalidade elementos essenciais que derivam das dimensões e proporção corretas, como vê o papel do projeto de mobiliário no projeto de arquitetura e em especial no projeto da Biblioteca?

**PMG** – O papel do projeto de mobiliário repete-se, no fundo é harmonia. Isto é, uma linguagem de continuidade com o projeto de arquitetura. É algo tão comum e antigo, que é um processo muito natural. Quando estamos a projetar, mesmo o desenho de um vão incorpora todo o código do edifício, neste sentido, a mesa e um sofá, por exemplo, também têm de o fazer ou poderão fazê-lo, no caso de haver o potencial de desenhar o mobiliário.

**AL** – Qual foi a característica que considerou mais importante no projeto de mobiliário da Biblioteca? E qual foi a intenção quanto à organização espacial e disposição do mesmo?

**PMG** – O programa de uma biblioteca não tem muita especificidade, é relativamente comum e familiar aos arquitetos. Se fosse uma sala de operações ou um laboratório químico, por exemplo, teríamos de nos informar que mobiliário seria necessário, onde é que deveria estar, entre outras questões bastante pertinentes neste caso. Numa biblioteca, tendo já frequentado muitas, sabemos que o mobiliário se baseia numas mesas e estantes, e onde e como é que devem estar dispostas.

Nesse sentido, procuramos incidir mais na materialidade e no conforto do mobiliário. Reconheces aquelas mesas antigas de biblioteca de tampo em napa, uma pele verde?

**AL** – Sim, como as mesas da Biblioteca Nacional?

**PMG** – Exatamente, usamos esse modelo para as mesas da nossa biblioteca.

Durante o processo, tentamos sempre olhar para o que já foi feito como a arquitetura olha para a história, de modo a podermos nós próprios desenhar em acordo. Se estivéssemos a desenhar uma mesa de sala de jantar, não iria ter este material no tampo. Por sequência, o desenho do mobiliário vai atrás do desenho de tudo o resto e, desse modo, está associado à mesa que está associada a outro elemento, à procura de uma certa coerência, da mesma caligrafia, do projeto. Exemplificando, se na estante, o plano vertical e o horizontal de madeira juntam-se de determinada madeira, procuramos que a junta na mesa seja a mesma. Ou que tenha o mesmo tipo de apoio, essencialmente, tem por base uma certa unidade e coerência do desenho. A característica comum, para além da resistência e durabilidade, é parecer mobiliário de uma biblioteca e interessa-nos que as coisas pareçam ser sempre o que são.

Portanto, é evidente que há uma especificidade no desenho. Quanto à organização espacial que referias, a distribuição é uma espécie de racionalidade sobre um espaço, distribui-se de maneira a ter a maior rentabilidade e ordem àquele espaço. No fundo, isso é o que procuramos.

**AL** – É de opinião de que o desenho de mobiliário pode ser o fio condutor no projeto de arquitetura?

**PMG** – O mobiliário faz parte do projeto, mas o que gera o projeto será sempre o programa, o sítio e a história de determinado. É dificilmente o fio condutor.

Quando temos em consideração uma casa no meio do campo, o primeiro elemento em ter em conta é a topografia, isto é, o lugar em si, o enquadramento paisagístico, se corre junto a um rio, a elevação e orientação do terreno e, por fim, para onde é que pretendemos que o nosso olhar seja direcionado. Se pensarmos nas fases de projeto, na primeira fase, os aspetos que nos convém debruçar estão longe do projeto de mobiliário.

Olhando para os projetos que afixados na parede do atelier, todos eles têm mobiliário desenhado por nós. Nas casas mortuárias de Alhandra, na casa em Estremoz, desde as camas,

armários, mesa da cozinha; na casa do Chiado, há dois sofás desenhados que partem de um sofá que também foi desenhado para a Biblioteca de Grândola, com uma evolução, a introdução de uma prateleira de apoio na parte detrás. O que acontece aqui no atelier é que, na maioria dos casos, temos a oportunidade de desenhar grande parte do mobiliário, mas efetivamente essa oportunidade acontece ao mesmo nível do desenho de outras partes. No fundo, o desenho de um vão integra todos os sinais daquela obra, está de acordo com a obra. Ora, o mobiliário está no mesmo plano. Aliás, do ponto de vista da constituição de um projeto, o mobiliário aparece, mais ou menos, onde aparecem os vãos. Deste modo, não é o mobiliário que dá origem ao projeto, mas é, sem quaisquer dúvidas, importante, vital e determinante para a leitura do espaço.

No caso da biblioteca de Grândola, havia uma questão importante a resolver, não só urbana com a praça, mas também morfológica. Por um lado, com os edifícios que dão continuidade ao quarteirão e, por outro, com o desenvolvimento de uma ideia muito clara: o claustro e como os espaços se relacionam entre si, tal como acontece no projeto do laboratório de Sines. Claramente, o espaço interior não é o mais importante. Ainda que na biblioteca haja um espaço, que eu adoro, com pé direito duplo. A questão não está aí.

Isto para dizer que o laboratório de Sines e a Biblioteca têm o mobiliário todo desenhado, até a Casa de Alfama, visto ser tão pequena que se tornou quase uma obrigatoriedade (Figuras 70, 71 e 72). A própria cozinha, na casa do Chiado, é um tema no projeto.



Figura 70 – Mobiliário da autoria do arquiteto, mesa, bancos, sofá e estante. Casa em Alfama, Lisboa. 2012-2016.  
Fonte: Reportagem [s.a.] SIC ESPAÇOS & CASAS ep. 408, emitida em 2017.01.14 photography Gustavo Ramos,  
Daniel Malhão, Ana Isabel Santos (b&w), Adriano Mura. Disponível na WEB: <https://www.matosgameiro.com/2016-house-in-alfama>



Figura 71 – Mobiliário da autoria do arquiteto, sofá embutido. Casa em Alfama, Lisboa. 2012-2016.

Fonte: Reportagem [s.a.] SIC ESPAÇOS & CASAS ep. 408, emitida em 2017.01.14 photography Gustavo Ramos, Daniel Malhão, Ana Isabel Santos (b&w), Adriano Mura. Disponível na WEB: <https://www.matosgameiro.com/2016-house-in-alfama>



Figura 72 – Mobiliário da autoria do arquiteto, bancada de cozinha. Casa em Alfama, Lisboa. 2012-2016.  
Fonte: Reportagem [s.a.] SIC ESPAÇOS & CASAS ep. 408, emitida em 2017.01.14 photography Gustavo Ramos, Daniel Malhão, Ana Isabel Santos (b&w), Adriano Mura. Disponível na WEB: <https://www.matosgameiro.com/2016-house-in-alfama>

**AL** – Pode falar-me do processo e desenvolver a questão das diferentes escalas?

**PMG** – O projeto é pensando, ao longo do tempo, essencialmente por aproximações.

No caso do projeto de Odeceixe, afixado na parede, estamos já na fase de falar com o carpinteiro, pelo que estamos a desenvolver desenhos para que a conversa seja mais fácil, desenhos de obra e não de projeto. São elaborados mapas e depois cada elemento com o respetivo pormenor e detalhe, para que seja feito o orçamento. Neste caso, há uma sala muito pequena, 2,60m por 3,80m. No fundo, é um espaço com uma porta direta ao exterior com a entrada é feita pelo fundo. Temos um sofá de um lado e do outro com uma pequena mesa de apoio, uma estante para livros e uma televisão. Numa das esquinas, há uma lareira com espaço para guardar a lenha. É uma espécie de nicho onde podes habitar e aquecer-te, com as medidas contadas. Posto isto, percebemos que o mobiliário teria de ser desenhado porque teria de ser fixo para aproveitar o máximo de espaço.

No caso do projeto do laboratório, maior em área, a sequência do processo de projeto é exemplar para percebermos quando é que o mobiliário aparece. Um projeto de execução é por regra constituído numa primeira fase por plantas e cortes gerais. Numa segunda fase, o desenho é concentrado em cada espaço, percebendo a estereotomia dos azulejos, a iluminação, entre outros elementos. São feitos mapas de espaços com a descrição dos espaços todos, muitas das vezes representados em alçado, mesmo que associados a uma planta a uma escala maior. Nestes desenhos começa-se a definir os pavimentos, platibandas de muros, aqui peças de betão pré-fabricado.

Num outro passo, mapeamos os vãos todos, introduzindo-os em corte, alçado e planta, com a descrição das dobradiças e dos puxadores, qual o material e qual a cor da lacagem. O mesmo é feito para os vãos interiores e só aqui é que começam a surgir aproximações ao desenho do mobiliário, como os armários e as estantes, e respetivos detalhes. As mesas começam a ser desenhadas de modo a que os fios do computador passem, pormenores de

candeeiros, de bancos e bancadas. Isto é, em certa medida, projeto de mobiliário e tem o momento certo para surgir no projeto.

Estes armários são feitos em MDF, então inserem-se nos mapas de carpintarias, o que é ótimo porque quando o carpinteiro recebe o mapa e os detalhes todos juntos dos vãos, das portas, das estantes, dos bancos, das camas, de tudo [...] o que é importante perceber é que em cada um destes projetos, por razões diferentes e em circunstâncias diferentes, todo o mobiliário é desenhado, e é raro haver esta oportunidade de desenhar. Aliás, tenho a consciência de que nós realmente desenhamos, porque os projetos assim o pedem.

Em todos os projetos, digitalizamos os desenhos que fazemos em cadernos, e existem sempre desenhos à procura de respostas para uma série de questões. Realmente, nós acabamos por desenhar quase sempre quase tudo, e foste tu que me fizeste perceber um bocado isso.

**AL** – É algo involuntário?

**PMG** – Tanto no Laboratório de Sines como na Biblioteca, foi como que estivesse dentro do projeto. Desenhar o mobiliário acaba por ser, como tenho dito, natural, algo que vamos tomando consciência no decorrer do projeto.

Por exemplo, no projeto da Faculdade de Farmácia, na altura tinha 29 anos, não desenhei o mobiliário e recorri a várias empresas no mercado com soluções muito limitadas do ponto de vista do que podiam oferecer, visto estar tudo *standartizado*. Sentimos grandes dificuldades para tornar isso minimamente possível. Anos depois, no projeto do laboratório, muito mais simples relativamente a exigências técnicas, percebemos cedo que o mobiliário teria que ser desenhado por nós.

**AL** – É frequente o cliente pedir o desenho de mobiliário ou é sugestão vossa, como um elemento que é parte do projeto?

**PMG** – Não sei responder se é frequente ou não, mas geralmente quando a obra é pública, como a biblioteca, o mobiliário é desenhado por nós. Assim, evitamos a posterior escolha de peças de mobiliário inapropriadas para o espaço.

**AL** – Em espaços públicos, o mobiliário é o primeiro aspeto a descartar no orçamento, por ser uma parte muito dispendiosa no projeto?

**PMG** – Parte dessa pergunta é verdadeira. O problema começa quando, por norma, fazes um projeto e só depois o mapa de trabalhos e, infelizmente, cada coisa tem o seu preço. É feito um orçamento que vai para concurso de construção, no qual quem ganha escolhe muitas vezes mobiliário de mercado e muitos outros elementos que por serem *standard* podem ser mais baratos.

No entanto, se há o desenho de elementos feitos só para aquele lugar, feitos à medida para aquele espaço, é difícil de haver trocas e escolhas por elementos do mercado. É uma maneira de controlar a obra até ao fim. Essa ideia mais filosófica da arte total tem depois expressão prática no quê? Nesta possibilidade, e qual é o interesse disto? É resultar um projeto coerente, que fala todo a mesma língua. Este é o objetivo, então nós munimo-nos das armas e ferramentas para fazê-lo, e o mobiliário é uma das questões que está em cima da mesa.

No caso da biblioteca, a única coisa que desenhamos do mobiliário foi o fixo, o que é um paradoxo se é móvel não pode ser fixo. O projeto desse mobiliário desenrolou-se através de cortes construtivos e nos desenhos gerais, aparece em todos os alçados para não haver equívocos.

Por exemplo, as prateleiras para os livros são muito importantes num espaço de consulta e leitura, pelo que apresentamos estratégias para que os livros maiores ficassem em baixo, não fragilizando a estabilidade da estante e resguardando-os. Também fizemos alçados de espaços

interiores sem mobiliário para que se veja a posição das tomadas e dos radiadores, acessíveis por uma prateleira móvel da estante. Se a escolha fosse de uma qualquer estante do mercado, não sei se este acerto seria possível.

No entanto, é necessário ter noção que numa obra pública, as coisas têm que ser muito resistentes ao uso, porque há uma certa brutalidade. Neste mapa, identificamos cada uma das peças de mobiliário que desenhamos e as de compra, com as respetivas localizações. Num outro desenho é que localizamos cada elemento no edifício.

Resumindo, à pergunta se há dinheiro ou não para projetar o mobiliário, com a especulação que é dispensável porque há muitas soluções no mercado mais baratas, é muito relativa. Em relação ao orçamento da biblioteca, estamos a falar de 2% do valor total.

**AL** – Qual é a relação entre o mobiliário selecionado e o mobiliário desenhado?

**PMG** – Basicamente segue sempre a mesma harmonia que procuramos num projeto, por exemplo, a mesma madeira, o mesmo contraplacado.

**AL** – Onde será construído ou qual a empresa que vai construir o mobiliário desenhado? E qual a firma de onde provém o mobiliário selecionado?

**PMG** – Seguindo os processos de um concurso público, há certas regras específicas das quais o *atelier* não está representado. Não temos qualquer influência na decisão, apenas no desenho.

**AL** – Segundo o vosso *site*, a equipa de *design* é composta por Paulo Dias, João Varela, Abílio Silva e Pedro Gonçalves. O mobiliário foi desenhado por esta equipa?

**PMG** – O mobiliário foi desenhado por todos os elementos do *atelier*, a equipa que referiste foi a que realizou os desenhos técnicos necessários para a construção da obra.

**AL** – Com todas as alternativas de mobiliário “pronto-a-vestir” no mercado, o IKEA por exemplo, sente que o mobiliário projetado já não é considerado um elemento a integrar no projeto de arquitetura?

**PMG** – Apesar de haver por norma um desenho pobre e uma construção muito fraca nesse tipo de mobiliário, existem hoje firmas que têm uma linha ótimas e lindíssima. Há coisas que inevitavelmente têm de ser compradas, como um sofá confortável, mas de facto prevalece muitas vezes a circunstância do preço.

**AL** – E os clientes aceitam a sugestão de haver um projeto de mobiliário?

**PMG** – Tudo o que seja adequado ao sítio, e quando digo adequado, refiro-me a desenhar para aquele lugar, tem grandes probabilidades de sucesso. E sermos as primeiras pessoas a terem a oportunidade de desenhar uma coisa específica para um lugar é uma grande vantagem. Mas é ligeiramente diferente daquilo que aconteceu na Biblioteca Nacional e na Gulbenkian, onde há uma linha de mobiliário. O Daciano da Costa desenhou-a: um sofá, umas mesas, umas cadeiras que depois foram distribuídas pelos espaços seguindo uma lógica. É o mais próximo que acontece na Biblioteca de Grândola, para além do mobiliário fixo.

Se procuras um elo racional entre o projeto de arquitetura e o projeto de mobiliário específico, ele existe por natureza. Como referi anteriormente, é como os vãos. Desenha-se um vão específico para uma sala, para uma dada orientação, com certas dimensões, caixilharia, profundidade, tipo de vidro, puxador, se há acesso ou não, entre outros. Portanto, são características específicas para aquele lugar da sala, e o mesmo acontece relativamente ao mobiliário.

**AL** – Já trabalharam em colaboração com outros *ateliers/ designers*? A pedido do cliente ou por iniciativa própria?

**PMG** – Até hoje, temos feito tudo. Efetivamente, ainda não encontramos uma oportunidade para pôr em prática eventuais colaborações que possam surgir, em termos de desenho de mobiliário. Por exemplo, em relação à pintura e à escultura, há imensos exemplos de pessoas que trabalham regularmente em colaborações com artistas. Aliás, o teu professor e arquiteto João Ventura Trindade, trabalha muitas vezes com a Fernanda Fragateiro.

**AL** – Que referências considera relevantes para os seus projetos?

**PMG** – É indiscutível que o que nos ajuda a definir um modo de olhar são as referências que procuramos e estudamos. Considero que as referências que usamos no *atelier* são muito interessantes, porque sinto-me muito próximo da ideia de fazer uma arquitetura que é um modo Português de o fazer, como se costuma dizer.

**AL** – E quais são?

**PMG** – Estamos a falar da arquitetura do Mediterrâneo, que contempla dez mil anos de história, e que é a minha grande referência. Diria o Siza em Portugal, ou o António Jiménez Torrecillas em Espanha. Contudo, existe um grupo de arquitetos fabulosos em Portugal, alguns mais velhos outros da minha idade, inclusivamente até mais novos que eu, que são sempre referência como é evidente. Falo de amigos meus arquitetos, que fazem um trabalho incrível, alguns até emocionam-me bastante.

**AL** – Agradeço imenso o seu contributo fundamental para o desenvolvimento conclusivo do meu trabalho, foi de facto muito relevante.

**PMG** – Espero que tenha conseguido transmitir-te um cenário do que nós aqui fazemos, dar-te uma ideia de como é que é feito. Se quiseres claro, podemos dar-te os elementos que necessites

para sistematizar a evolução do projeto da biblioteca, numa sequência. Existe um contraste muito grande entre estes desenhos dos desenhos de projeto. No fundo, são feitos para alguém saber fazer, e executar tal como a peça foi pensada. Mas os de projeto falam connosco como se fossemos crianças e isso é o que interessa: comunicar com a maior clareza possível.

**AL** – Muito obrigada pela sua disponibilidade.

Lisboa, 6 de fevereiro 2019

**ANEXO II** – Fragmento do relatório do Júri do concurso público da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola, em 2012:

*9. Trabalho selecionado*

“Proposta nº 44 – 1ª classificada (74,33 valores) – A qualidade do processo entregue permitiu uma leitura fácil dos princípios orientadores do projeto, evidenciando uma harmoniosa integração entre a arquitetura e demais especialidades.

A proposta, claramente desenvolvida sob a ótica da multidisciplinaridade, apresenta uma profunda atenção ao programa funcional, assim como à questão da eficiência energética, nomeadamente no que tange ao conforto dos utilizadores, à sustentabilidade, à segurança passiva e à acessibilidade do edifício.

Estes cuidados traduzem-se numa planta cuja distribuição de espaços é muito bem sistematizada e as salas de leitura privilegiam de excelente iluminação natural promovendo o conforto dos utilizadores e funcionários. A articulação entre os serviços e os espaços de uso público é fluida e objetiva, permitindo uma leitura de conjunto coerente e consistente.

O piso do estacionamento revela uma excelente racionalização do espaço sem intervir de forma significativa na arborização existente.

O respeito pela escala urbana e a sua integração com a Praça da República mostra-se bem estruturada e traduz-se numa relação de equilíbrio entre o objeto proposto e a sua envolvente”.<sup>147</sup>

---

<sup>147</sup> Concurso Biblioteca de Grândola [Em Linha] Ordem dos arquitectos secção regional sul - Encomenda [Consult. 14 janeiro 2019] Disponível em: WWW:<<http://encomenda.oasrs.org/concursos/detalhe/RWtN0/biblioteca-de-grandola>>.

**ANEXO III** – Painéis do Concurso Biblioteca e Arquivo Municipais de Grândola, *Atelier* Matos Gameiro Arquitectos:



BIBLIOTECA E ARQUIVO MUNICIPAIS DE GRÂNDOLA



Chega-se protegido pelas palmeiras e pelo muro que domina, no recuo do edifício, a zona coberta de entrada. De lá, e depois desta zona, acontece ao ar livre, um espaço distribuído de dupla altura que recebe e organiza a sala de leitura, espaço sustentado por lanternas translúcidas que organizam e estabilizam a luz emanada, donde se retorna a sombra das árvores nos espaços de transição e no exterior que devolve e reforça estes experimentos.

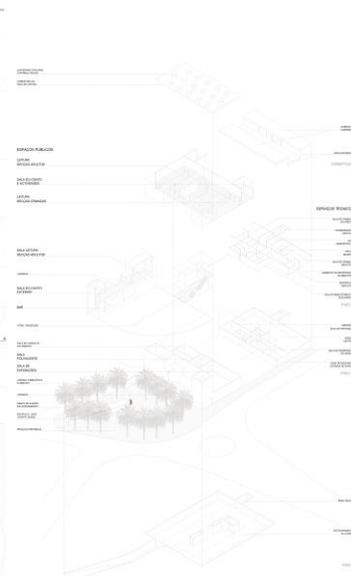
O novo edifício da Biblioteca e Arquivo Municipais de Grândola constitui-se - enquanto equipamento público de livre acesso, para sua escola, instalação e programa - como um elemento de referência, reforçando da centralização e do reconhecimento da cidade, em contraponto à malha de caminhos urbanos. Este elemento é claramente ancorado na localização privilegiada que lhe foi atribuída, no lado norte da Praça da República, reforçando sua presença essencial na cidade e componente vital do conjunto do jardim a praça que, articulada, formaliza o principal eixo de espaços públicos, de qual a Biblioteca, desdobramento, constitui parte.

Este elemento, por isso, formaliza, ordena e distribui a presença do edifício na praça e cidade e equipamento no recuo público, promovendo a continuidade entre os espaços interiores e o exterior que a praça detém.

**O EDIFÍCIO, PELA SUA NATUREZA E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL, POTENCIA AS QUALIDADES ESPACIAIS DA PRAÇA E CELEBRA A PRESENÇA DO NOTÁVEL CONJUNTO DE PALMEIRAS QUE DESDE HÁ ANOS, HABITAM E QUALIFICAM ESTE LUGAR QUE SE CONSTITUIU COMO EPICENTRO DE LIGAÇÃO ENTRE O JARDIM DE SÃO E O JARDIM DR. JOSÉ JACINTO NUNES.**

"EU SEMPRE IMAGINEI QUE O PARAÍSO DEVE SER ALGUM TIPO DE BIBLIOTECA."

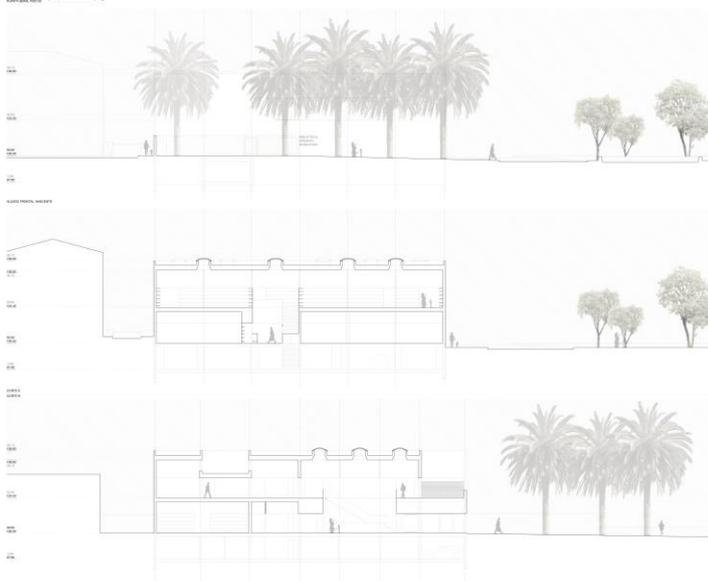




A ENTRADA, EXTERIOR E COBERTA, CORPORIZA E IDENTIFICA A NATUREZA DO EDIFÍCIO SERVINDO A TRANSCRIÇÃO DE ESCALA, FORMALIZANDO O ACESSO E ESTABELECEndo UMA LIGAÇÃO DIRETA E DE NÍVEL AO ATRIO/RECEPÇÃO, A PARTIR DO QUAL SE ACESSA A TODOS OS ESPAÇOS DE SERVIÇO PÚBLICO DO EDIFÍCIO.

O espaço de entrada é construído a partir da Praça da República, através de um muro que, durante, limita e estabelece as relações entre a praça, os edifícios a sul e a praça que segue ao edifício. Em dependência directa do Atrio/Recepção, onde se localiza o balcão de atendimento, organizam-se o Bar, a Sala Polivalente e a Sala de Exposições, que através, a sul, a praça e ao espaço público, permitem autonomizar a sua exploração e maximizar a visibilidade destes espaços, convocando novos públicos num processo de atracção que interessa edifício.

As relações de proximidade que são estabelecidas, a sua configuração e posicionamento relativo, permitem ainda que estes espaços funcionem em complementaridade, potenciando os seus usos e versatilidade e capacidade de uso. Por intermédio da escada principal, estabelecemos a ligação da sala de entrada com o piso elevado, através de um espaço lúdico que atraição a Sala de Leitura, lugar fundador de todo o programa. O espaço lúdico permite relacionar os dois momentos, alargando e interiorizando a experiência do percurso.



"OS DIVERSOS INSTRUMENTOS INVENTADOS PELO HOMEM, O MAR ASSEMBRADO E O LIVRO, TODOS OS DEUS SÃO EXTENSÕES DO SEU CORPO... SOBRENTE O LIVRO É UMA EXTENSÃO DA MAGIAÇÃO E DA MEMÓRIA."  
FRANÇO ALBERTO COELHO

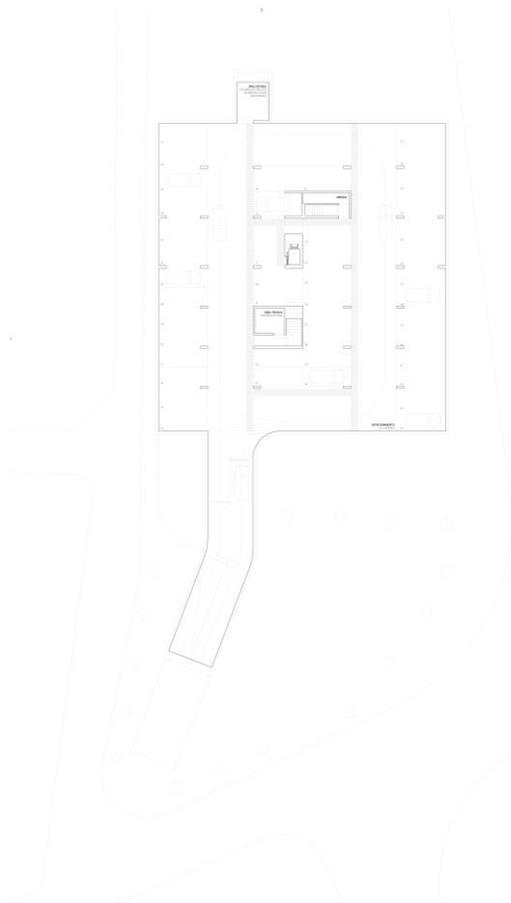


A SALA DE LEITURA E REGRADA, A PARTIR DE UMA MÉTRICA REGULAR, SUBLINHADA POR UM CONJUNTO DE LANTERNAS TRANSLÚCIDAS QUE CONTROLAM E ESTABILIZAM A LUZ, EMANADA PROPICIANDO A CONCENTRAÇÃO E O ESTABELECIMENTO DE UMA RELAÇÃO ÍNTIMA COM O LIVRO.

A sala é aqui, tomada como o templo e a fonte de ver de todo o conjunto. Da memória fazem-se exemplos notáveis de biblioteca e de salas de leitura que constroem parte significativa da história do homem. A sala de leitura, desenhada de forma a permitir a utilização autónoma e diferenciada entre as secções de Artes e da Ciência, a partir de um acesso comum e central, é entendida como um espaço único, procurando-se dessa forma a escala adequada, em resposta à prioridade do contacto com a Praça e a especificidade do uso que serve. As diferentes secções são servidas por um conjunto de salas de menor dimensão, perfeiticas e mais reservadas, em contraste ao espaço comum, destinados a usos específicos, mais monitorizados, ou meditados, a relação com a variedade sobre a Praça e aberto ao exterior. A ampla variedade dá a Praça a partir de um plano elevado, estabelecendo com ela uma forte relação de dependência, num retorno ao início da experiência. Permite a leitura no exterior, diversificando as possibilidades de uso, contribuindo no seu limite Norte um espaço complementar, coberto e protegido, em articulação com a Secção de Ciências, sugerindo a possibilidade de leituras em grupo num ambiente exterior controlado.



BIBLIOTECA E ARQUIVO MUNICIPAIS DE GRÁNDOLA



O estabelecimento constrói-se no plano em casa, sem esconder em parte alguma as linhas da teta, beneficiando-se da organização estruturada de todo o edifício. A rampa de acesso, zurrindo do ponto onde a Praça, a Nascente, encontra a Rua Dom Nuno Álvares Pereira, aponta e estabelece um eixo a Sul. A rampa e as muralhas que contornam os níveis evitam sucessivamente vibrar com as árvores existentes, reconhecida que é a sua importância para todo o conjunto.

#### SUSTENTABILIDADE E EFICIÊNCIA ENERGÉTICA

A teta de um ambiente interior que promove o conforto e saúde dos ocupantes deve ser realizada recorrendo a soluções adaptadas à utilização do edifício e ao clima. Com o objetivo de obter máxima eficiência energética, procedeu-se à otimização de vários aspectos da proposta com ênfase na redução do consumo de energia elétrica e utilização do edifício. Propõem-se sistemas híbridos de climatização (natural e mecânica) e iluminação em conjunto com a utilização de energias renováveis (solar para a teta, biomassa e energia fotovoltaica).

O projeto de sustentabilidade de climatização e iluminação híbridos, em que a maioria das trocas de energia é feita diretamente com o exterior, tem como principais os edifícios intermédios. Serão utilizadas técnicas de climatização diferenciadas permitindo quando relevante passar o comportamento térmico e o consumo de energia para diferentes tipos de espaços e sistemas.

A sustentabilidade e eficiência energética da proposta resultam de opções coordenadas, destacando-se a utilização de materiais construtivos de origem natural e nacional, isolamento térmico em aglomerado de cortiça expandida (muroso natural e estrutural), acústica de lâminas alveolares, pedra e madeira natural.

Otimização das soluções construtivas existentes, técnica dentro, vidro.

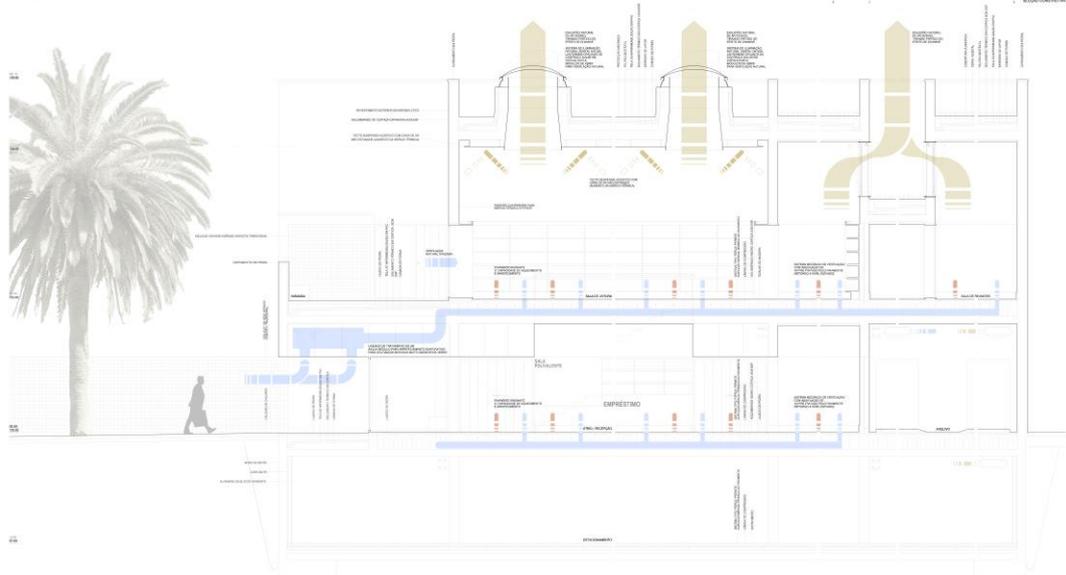
Sistema de ventilação e climatização otimizado, propondo-se um sistema híbrido para os grandes espaços e outros com insolação regular (sala de leitura e espaços técnicos).

Sistema de iluminação combinando luz natural zenital difusa com um sistema de lâmpadas de elevada eficiência. Nas áreas protegidas, de fachadas e teta, a iluminação artificial será continuamente variável em função da abundância de iluminação natural.

Sistema de aproveitamento de energias renováveis: energia geotérmica, biomassa (pellets de madeira), sistema solar fotovoltaico.

#### NZEB

O sistema fotovoltaico pode ser dimensionado para que o edifício alcance, em balanço anual, um consumo nulo de energia (Net Zero Energy Building, NZEB). No componente de energia elétrica. Para este cenário, a área total a instalar será aproximadamente 400 m<sup>2</sup> de painéis (potência de pico 60 kWp). A energia total colhida por este sistema, tendo em conta a disponibilidade solar em Grândola, é estimada em 70 MWh/ano.



## **ANEXO IV – Mapa de Carpintarias, Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola**

[Nota Informativa]

O Arquiteto Pedro Matos Gameiro permitiu a reprodução dos seguintes elementos gráficos, facultados pelo mesmo, expostos no presente trabalho apenas para fins académicos. Porém, estes não poderão ser posteriormente copiados ou/e reproduzidos.



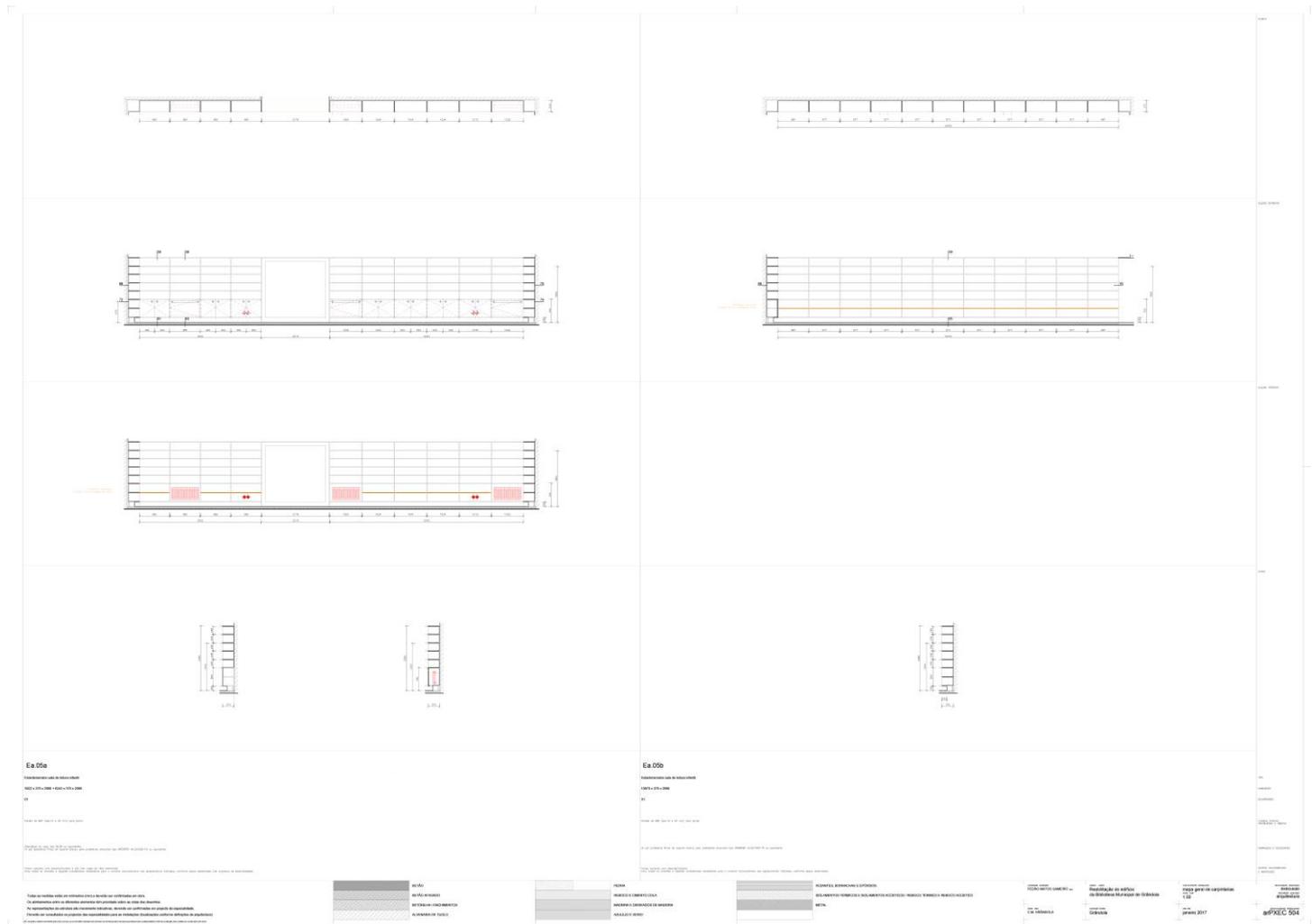


Figura 74 – Estantes da sala de leitura infantil. Mapa geral de carpintarias.

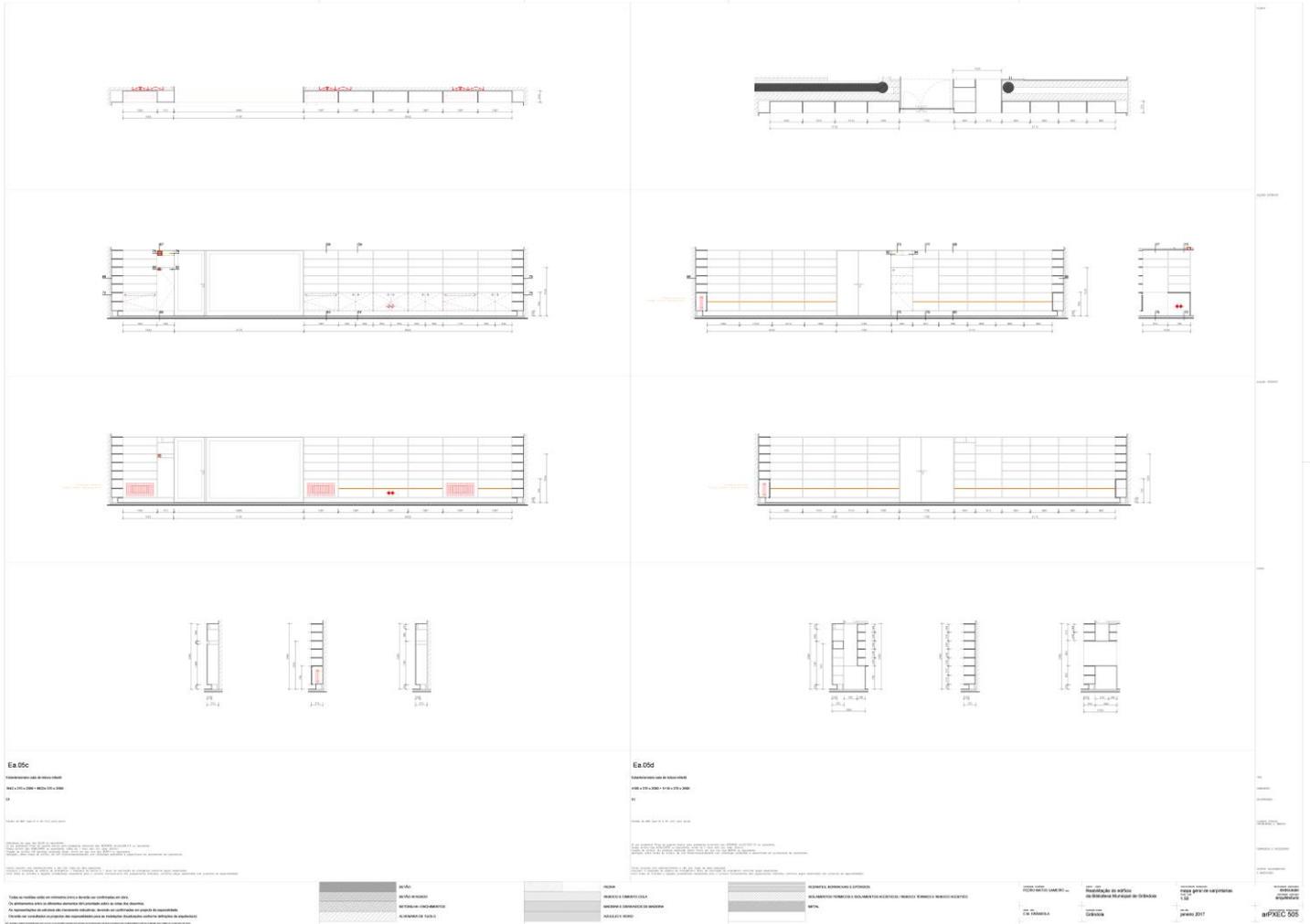


Figura 75 – Estantes da sala de leitura infantil. Mapa geral de carpintarias.





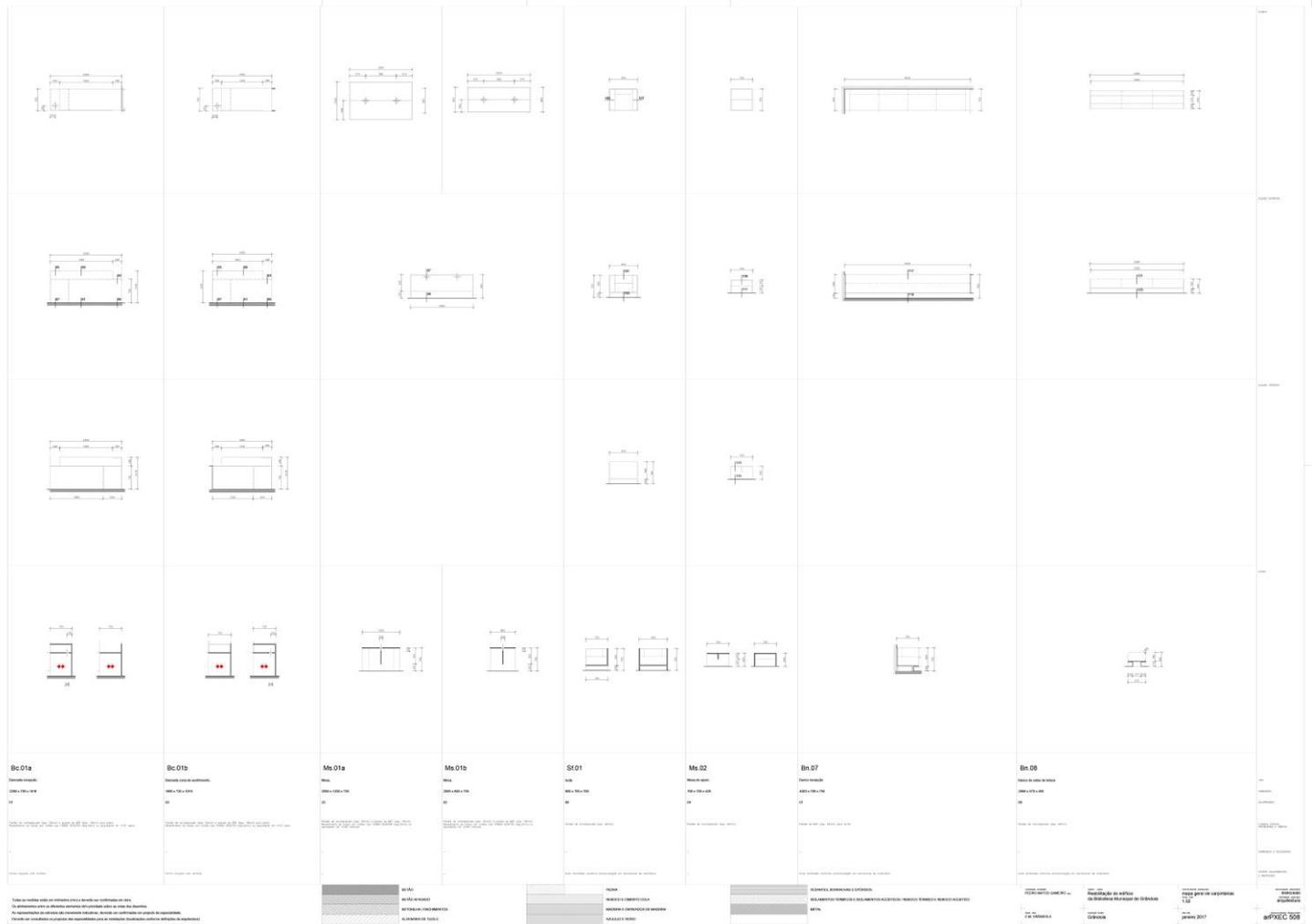


Figura 78 – (Da esquerda para a direita) Bancada de recepção; Bancada zona de acolhimento; Mesa; Sofá; Mesa de apoio; Banco recepção; Banco de salas de leitura. Mapa geral de carpintarias.



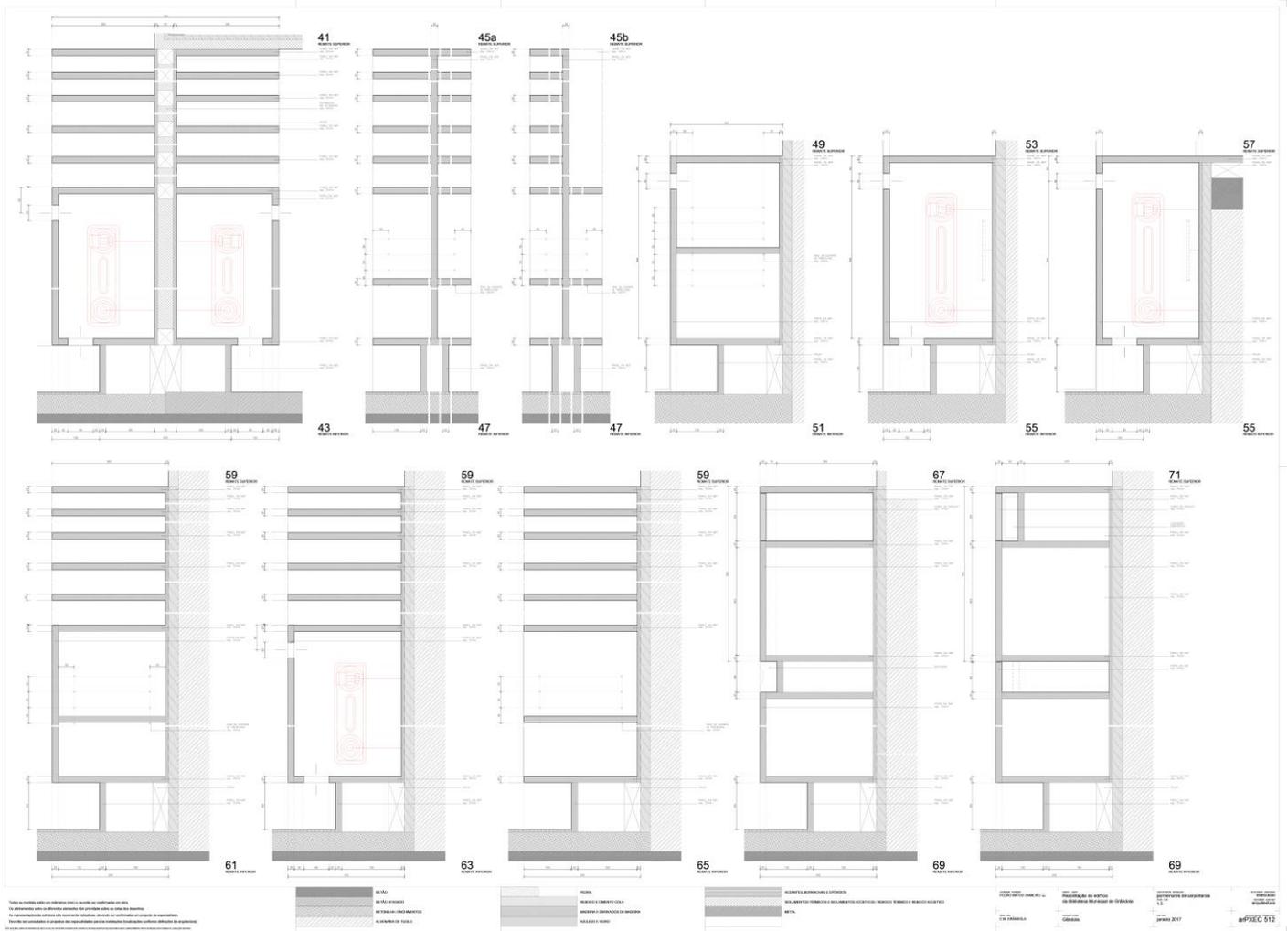


Figura 80 – Pormenores de carpinterias.



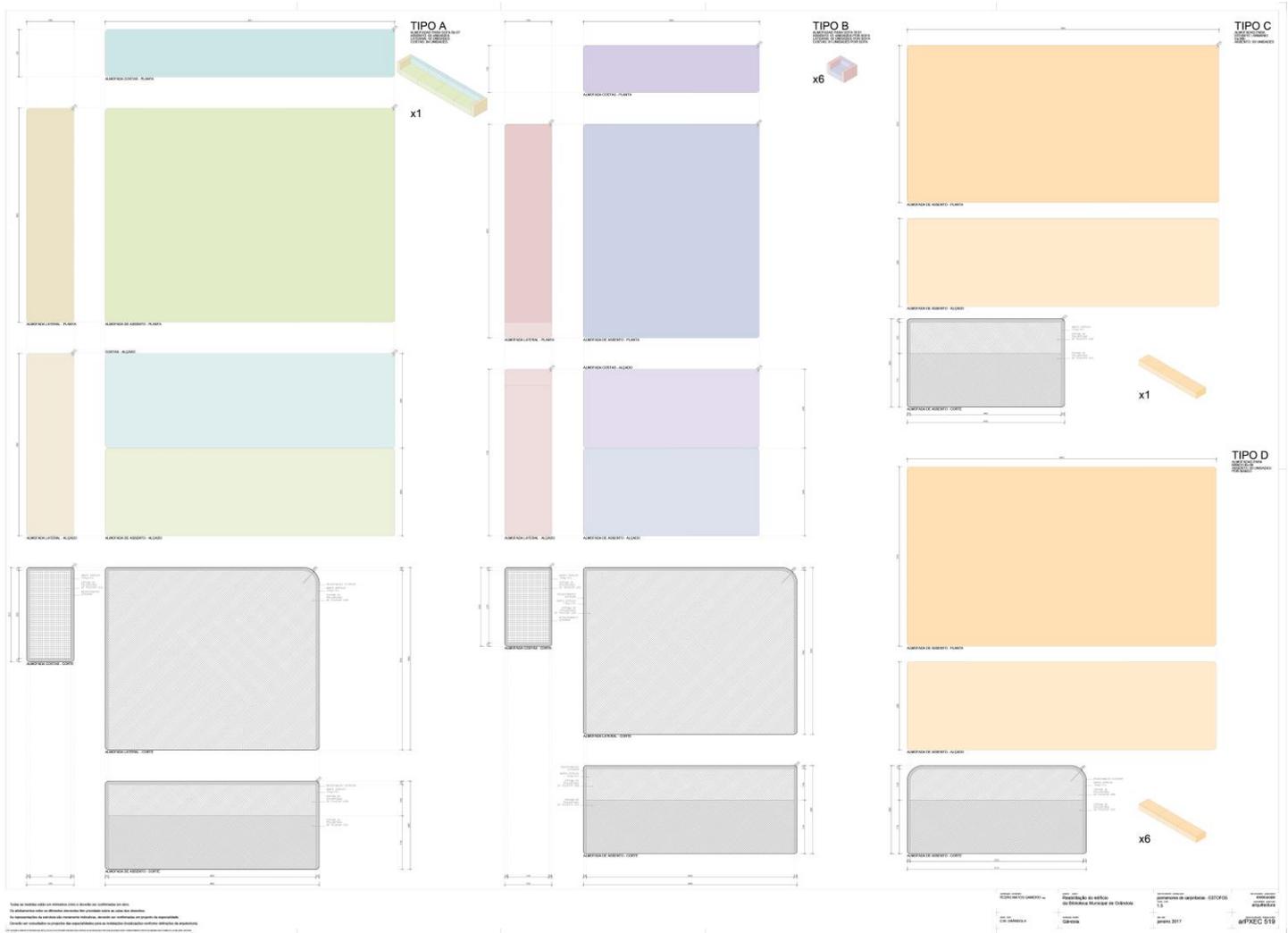


Figura 82 – Pormenores de carpintarias, estofos dos bancos e sofás.

**ANEXO V – Registo Fotográfico | visita à obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola**



Figura 83 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Fachada Poente. Fotografia da autora, Outubro 2019.



Figura 84 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Fachada Poente. Fotografia da autora, Outubro 2019.



Figura 85 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Pátio Central. Fotografia da autora, Outubro 2019.



Figura 86 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Pátio Central e Pátio Norte. Fotografia da autora, Outubro 2019.



Figura 87 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Banco encastrado, cafetaria. Fotografia da autora, Outubro 2019.



Figura 88 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Depósito e Sala Polivalente. Fotografia da autora, Outubro 2019.



Figura 89 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Varanda. Fotografia da autora, Outubro 2019.



Figura 90 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Sala de Leitura e Sala de Exposições. Fotografia da autora, Outubro 2019.



Figura 91 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Exterior. Fotografia da autora, Junho 2020.



Figura 92 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Exterior. Fotografia da autora, Junho 2020.



Figura 93 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Pátio Central. Fotografia da autora, Junho 2020.



Figura 94 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Sala de Leitura Infantil. Fotografia da autora, Junho 2020.



Figura 95 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Sala de Leitura Infantil. Fotografia da autora, Junho 2020.



Figura 96 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Estantes, Sala de Leitura Infantil. Fotografia da autora, Junho 2020.



Figura 97 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Sala de Leitura Adultos. Fotografia da autora, Junho 2020.

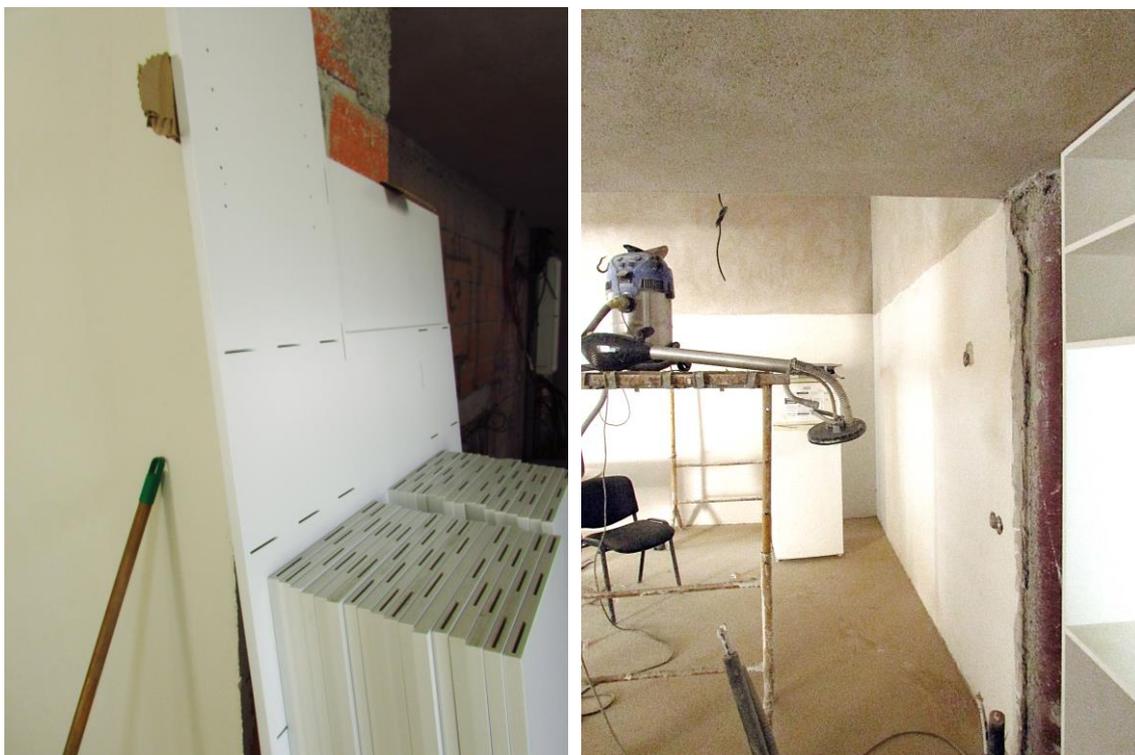


Figura 98 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Espaço de Acolhimento. Fotografia da autora, Junho 2020.

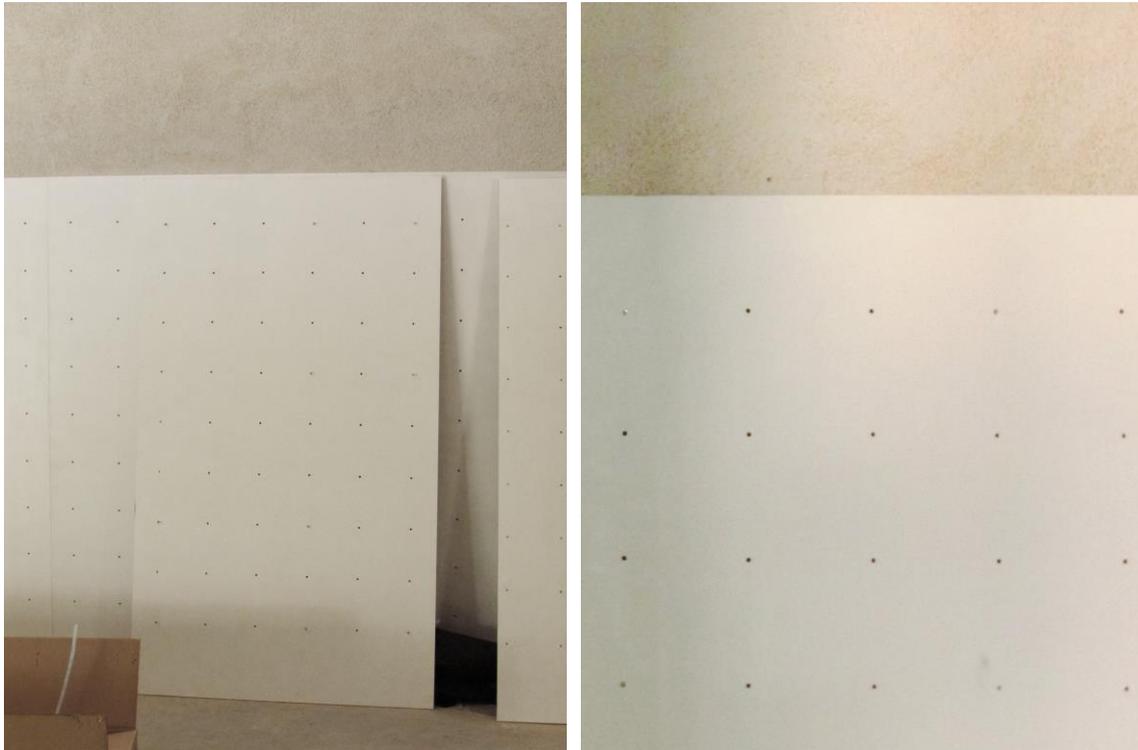


Figura 99 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Sala de Exposições. Fotografia da autora, Junho 2020.



Figura 100 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Caixilharia e acabamentos. Fotografia da autora, Junho 2020.



Figura 101 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Varanda. Fotografia da autora, Junho 2020.





## **VERTENTE PRÁTICA**

[Inclui-se aqui o projeto para a nova Biblioteca da Trafaria, com base no Programa de Apoio às Bibliotecas Municipais, bem como a proposta desenvolvida em grupo que operou sobre este lugar]

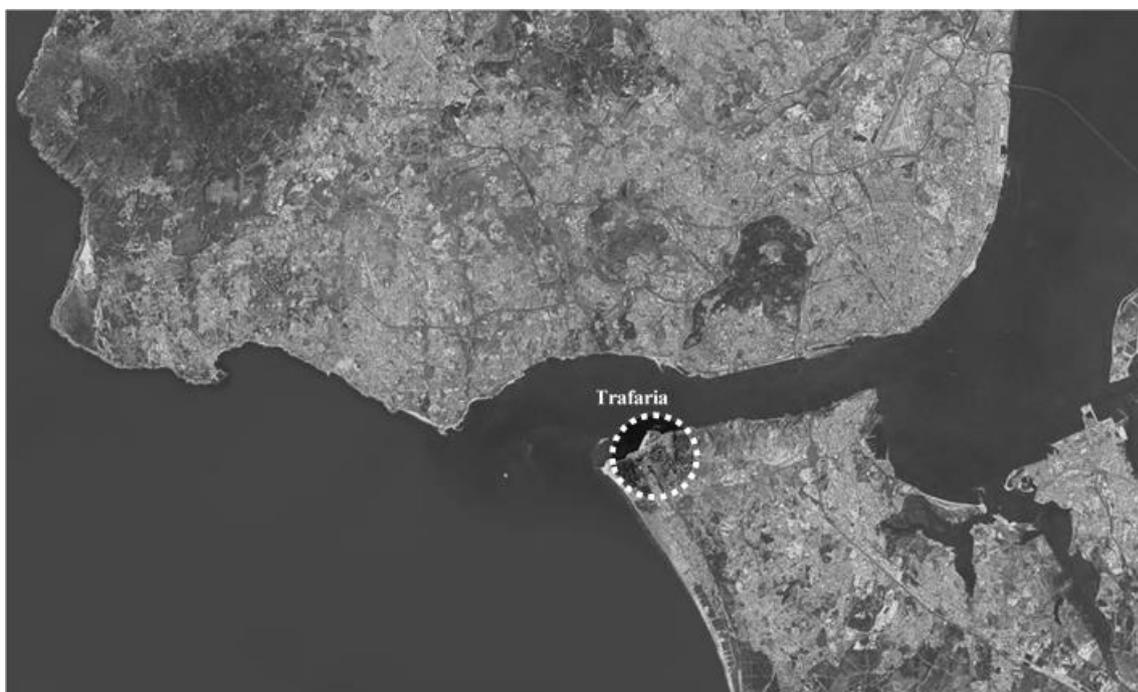


Figura 102 – Localização da Trafaria (2019), [Escala n.d.]. Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt

## **TRAFARIA, CENTRO E PERIFERIA DA GRANDE LISBOA**

A vertente prática pressupõe uma intervenção na freguesia da Trafaria, concelho de Almada. Sendo uma povoação que se situa na transição do oceano Atlântico e a margem sul do estuário do Tejo, encontrando-se de frente para a capital, integrando a Área Metropolitana de Lisboa (AML). Segundo os Censos de 2011, alberga uma população de 5696 habitantes. O aglomerado urbano da Trafaria é de cariz ortogonal, apresentando os eixos principais orientados perpendicularmente ao Tejo, originando panorâmicas únicas do estuário do rio e da margem norte.

Tendo sido no passado um local balnear de veraneio, graças à sua proximidade de Belém, seria espectável que se tornasse numa alternativa à linha de Cascais. Porém, não ultrapassou o estigma de ser a outra margem, num local de topografia escarpada, lugar de alojamentos precários e populares. Onde a escala de um pequeno aglomerado e a romântica paisagem contrasta com a escala excessiva de infraestruturas portuárias, que ocuparam e modificaram não só grande parte da margem como subiram pela encosta acima.



Figura 103 – Vista a partir do Monte da Raposeira, de frente para Lisboa. Fotografia da autora (2019)

Associa a grande indústria, ao porto e às pequenas zonas habitacionais, tendo uma forte cultura piscatória, de que advém um sentimento de melancolia. Contudo, pela grande atratividade paisagística do lugar, antevê-se rapidamente transformações a curto prazo. Na verdade, não só existem zonas de PER (Programa Especial de Realojamento) por consolidar, como algum património como que adormecido.

Assim, devido ao seu posicionamento estratégico, a Trafaria adquiriu uma relevância no Regime da Artilharia de Defesa de Costa, com a construção do forte militar da Trafaria, em 1683 até 1999, com as baterias de Alpena e Raposeira operacionais. O que falta são as externalidades ambientais incorporadas no processo de ordenamento e gestão do território, para que os recursos possam ser potenciados e os riscos reduzidos, pois esta é uma área que merece uma projeção maior, desde que de forma sustentável.

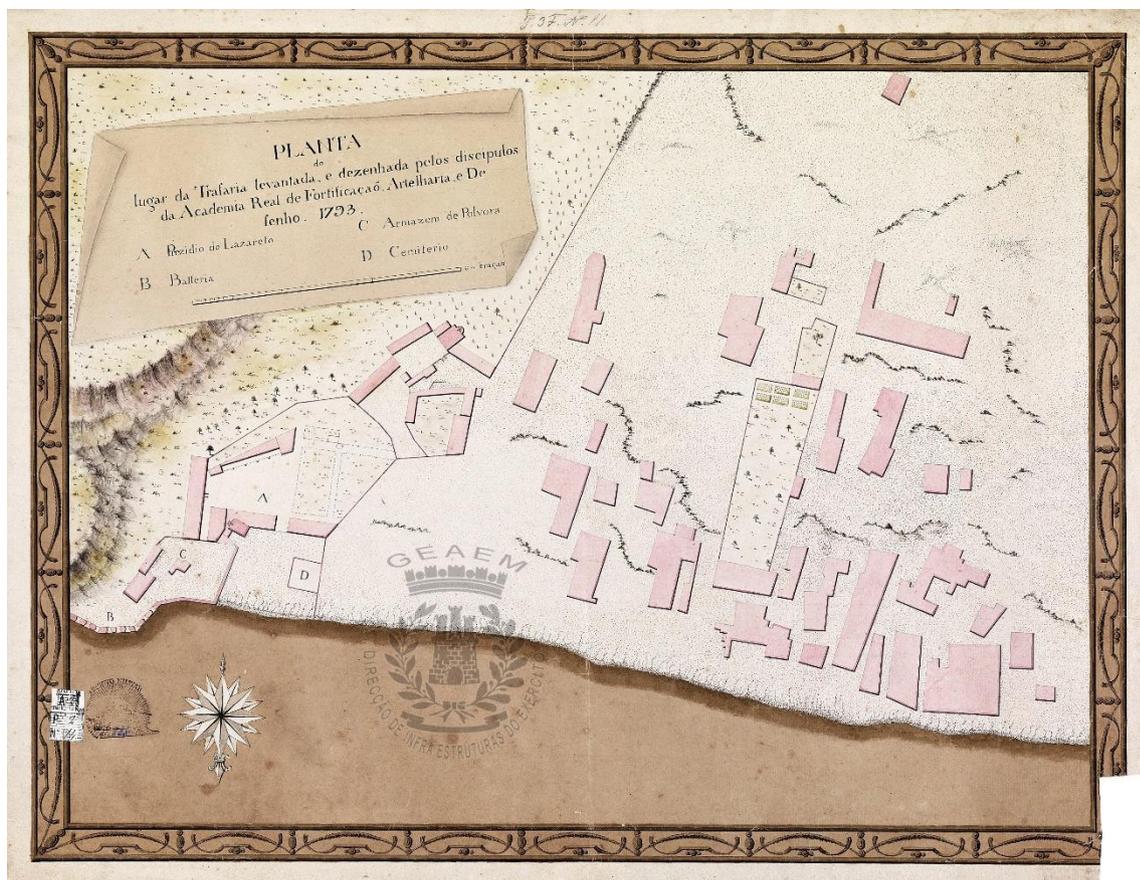


Figura 104 – Cartografia, levantamento e desenho produzido pela Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho, (1793). Nesta planta é possível identificar onde se localizava e localiza o Lazareto e que a pouca população que existia estava estabelecida ao seu redor. Fonte: Portugal-Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direção de Infraestruturas do Exército. Cota 4678-2-22A-109

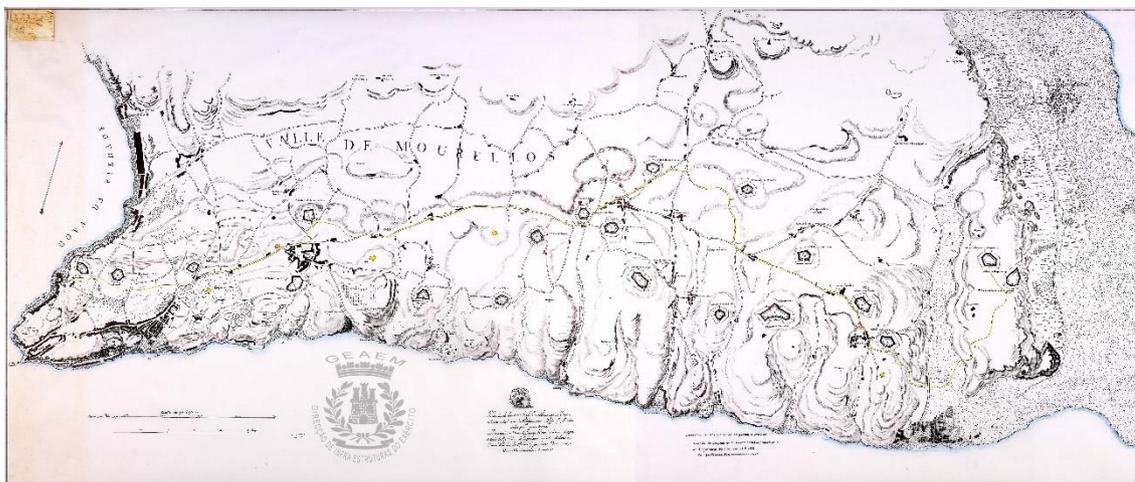


Figura 105 – Planta do terreno desde Cacilhas até a costa a oeste e sudoeste da Trafaria da linha fortificada de redutos, (1813). Fonte: Portugal-Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direção de Infraestruturas do Exército. Cota 3611-3-34-47

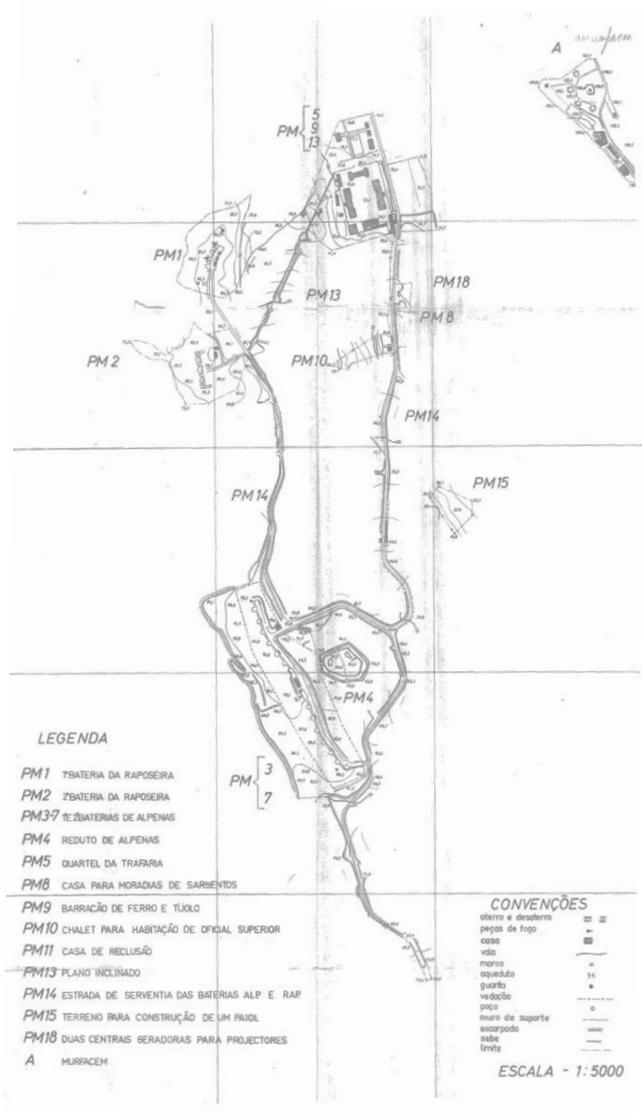


Figura 106 – Ligação das infraestruturas militares pela Estrada Militar (1967-68). Fonte: Portugal-Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direção de Infraestruturas do Exército – PM005, Processo 19

Legenda:

PM1 1ª Bateria da Raposeira

PM2 2ª Bateria da Raposeira

PM3-7 1ª e 2ª Baterias de Alpena

PM4 Reduto de Alpena

PM5 Quartel da Trafaria

PM8 Casa para moradia de sargentos

PM9 Barracão de ferro e tijolo

PM10 Chalet para habitação de oficial superior

PM11 Casa de Reclusão

PM13 Plano inclinado

PM14 Estrada de serventia das baterias de Alpena e Raposeira

PM15 Terreno para construção de um paiol

PM18 Duas centrais seradoras para projetores

Devido a fenómenos de gentrificação e especulação na cidade de Lisboa, este local tem perspectivas de transformação. Tendo por base este pressuposto, o projeto estabelece uma dependência com a projeção de alternativas para esta realidade, por meio do património urbanístico e arquitetónico desta localidade.

Parte do objetivo aborda a consolidação de “uma condição de lugar para este território”, sem que isso represente necessariamente o crescimento e a transformação urbana contínua, mas sim o princípio de regeneração e correção paisagística, territorial, urbana e arquitetónica. Para tal, este projeto deve considerar as várias problemáticas que existem em torno deste local, desde logo as condicionalidades a nível económico e social, mas procurando, também, o reaproveitamento e a regeneração do esquecido património arquitetónico, urbanístico, histórico e militar.



Figura 107 – Vista aérea, Trafaria. Fonte: [bing.com/maps](http://bing.com/maps)



## ESTRATÉGIA DO GRUPO DE TRABALHO

Num primeiro momento, e após as primeiras impressões retiradas no local de estudo, tornou-se pertinente definir uma estratégia de intervenção,<sup>148</sup> de forma a promover um estudo de requalificação e melhoramento da zona urbana da Trafaria. Dividida entre duas realidades de intervenção, a zona de frente ribeirinha e a zona de frente terra, a proposta de grupo ocupou-se da zona da Trafaria frente terra, debatendo-se as intenções adequadas para a zona e modos de satisfazer necessidades evidentes. Assim, procedeu-se à conceção das ideias base de uma estrutura urbana, apresentada como primeira intenção de projeto.

Foi levada a cabo uma leitura dos usos, uma análise histórica, territorial e de vivências do local, tendo-se concluído que a área urbana é feita de contrastes bem demarcados. A Trafaria é uma vila que beneficia da sua localização. Contudo, carece de espaços públicos e equipamentos qualificados, de forma a promover dinâmicas socioeconómicas, culturais e turísticas. Verifica-se que ao longo dos anos e do desenvolvimento da malha urbana, a Trafaria cresceu sempre voltada para sul. Enquanto o centro da localidade tem uma grande densidade de construção, a zona Sul apresenta-se com carência urbana na sua estruturação. Efetivamente, o centro urbano é limitado por um conjunto de barreiras naturais e socioeconómicas, que condicionam a sua possibilidade de crescimento. A Trafaria revela-se, assim, como um aglomerado pouco consolidado, com alguns vazios urbanos por explorar, espaços públicos pouco qualificados, e com edifícios devolutos e em fraco estado de conservação.

---

<sup>148</sup> Estratégia de grupo desenvolvida com Carolina Costa, Daniel Martins, Mafalda Raposo e Raquel Viveiros.



Figura 108 – Identificação das três zonas de intervenção, da autoria do grupo de trabalho.

Posteriormente, foi elaborada uma leitura crítica da história, das condicionantes e das potencialidades deste lugar, com o objetivo de se criar um cenário de desenvolvimento urbano para o mesmo, que permitisse a sua consolidação.

A zona de frente terra, historicamente ocupada por instalações militares, encontra-se desocupada. Os terrenos do quartel da Trafaria, assim como as instalações militares no topo da arriba, no local da Raposeira, estão fechadas ou abandonadas. Por conseguinte, esta situação constitui, simultaneamente, um problema e uma oportunidade. Problema, pelo abandono e degradação, e oportunidade pela disponibilidade de terreno e pelo valor patrimonial. A par desta situação, os antigos terrenos pertencentes ao Quartel Militar, adjacentes a este, e do quartel dos bombeiros encontram-se igualmente desaproveitados e restritos pelas entradas que os circundam e pelo posicionamento do quartel dos bombeiros.

Identificam-se 3 zonas de intervenção:

1. Zona do Quartel Militar da Trafaria;
2. Zona do Alto da Raposeira;
3. Estrada Militar, ligação Trafaria-Raposeira (sinalizada com uma linha pontilhada).

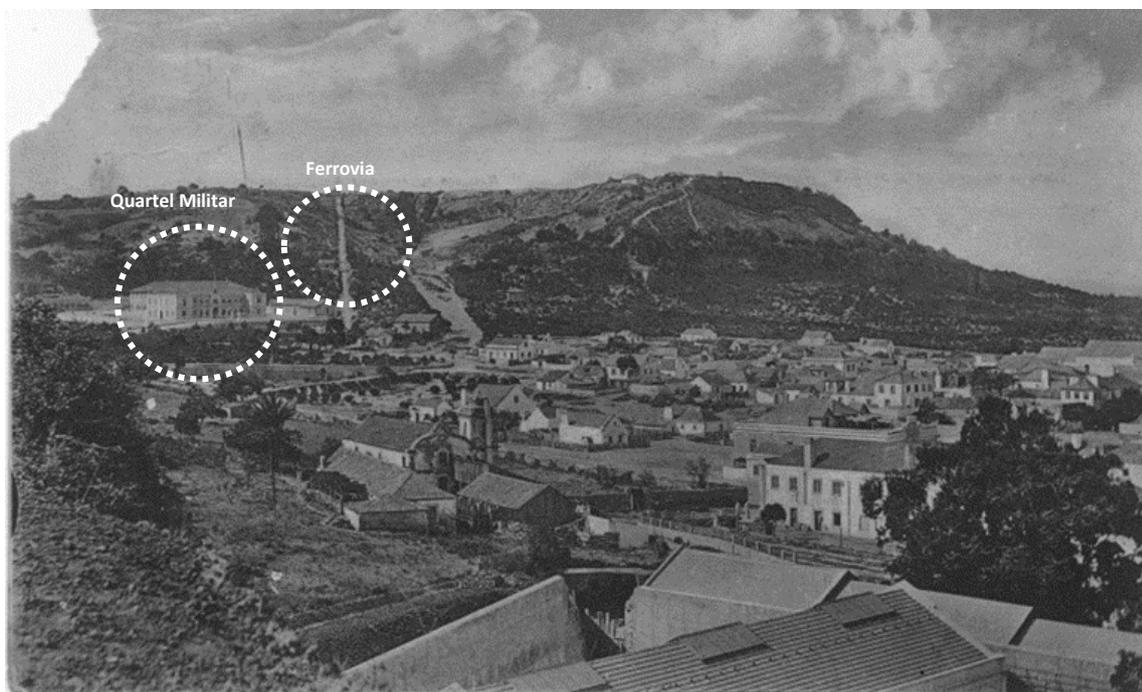


Figura 109 – Vista tirada do cimo do Forte para o Monte da Raposeira, Quartel e ferrovia assinalados, década de 1900.  
Autor: ed. Manuel Henriques nº13. Fonte: <https://almada-virtual-museum.blogspot.com/2015/04/trafaria-1900-cliche-faustino-antonio.html>

Posto isto, para a primeira zona, a proposta visa reconverter toda a área do quartel em espaço urbano e, admitindo a sugestão da Câmara Municipal de Almada de promoção de emprego, numa incubadora de empresas, apostando numa visão expectante e de crescimento da Trafaria. A recolocação do Quartel dos Bombeiros para a entrada da Trafaria, via terra (Sul), permite a sinalização desta, bem como a abertura dos terrenos e extensão da malha urbana da localidade para Sul, dotando assim, o território de um novo bairro habitacional e de uma nova biblioteca adjacente. Partindo dessa premissa, torna-se adequado reestruturar toda essa área, sendo possível criar uma nova frente de chegada a esta freguesia.

Para a segunda zona, pretende-se aferir a possibilidade de recuperar as estruturas militares para uso cultural e turístico, assim como de estabelecer um percurso de ligação entre estruturas, que assenta na pré-existente Estrada Militar, equipando-a para a receção de visitantes.

Por fim, para a terceira zona, importa conferir a possibilidade de melhorar as condições de ligação entre a cota alta e a cota baixa, bem como valorizar paisagisticamente o percurso.



Figura 110 – Planta de grupo com as respetivas intervenções individuais e identificação de estruturas relevantes, interligadas pela Estrada Militar e associadas ao projeto, da autoria do grupo de trabalho.

1 - Reduto	6 - Funicular	11 - EB 1 da Trafaria
2 - Bateria de Alpena	7 - Quartel dos Bombeiros	12 - Escola Básica n. 1 da Trafaria
3 - Centro Interpretativo	8 - Incubadora de Empresas	13 - Agrupamento de Escolas da Trafaria
4 - Bateria da Raposeira I	9 - Biblioteca da Trafaria	14 - Escola Básica Cremilde Castro e Norvinda
5 - Bateria da Raposeira II	10 - Novo Bairro Habitacional	

[Registo Fotográfico]



Figura 111 – Quartel dos Bombeiros Voluntários da Trafaria (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.



Figura 112 – Quartel dos Bombeiros Voluntários da Trafaria, a ser ocupado pela nova Biblioteca (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.



Figura 113 – Edifício adjacente Quartel dos Bombeiros da Trafaria (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.



Figura 114 – Enfiamento visual da Av. da Liberdade, eixo perpendicular ao Quartel dos Bombeiros da Trafaria (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.



Figura 115 – Terreno que antecede o Quartel dos Bombeiros, a ser ocupado pelo novo Bairro Habitacional e Biblioteca (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.



Figura 116 – Terreno que antecede o Quartel dos Bombeiros (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.



Figura 117 – Antigo Quartel de Artilharia nº4 da Trafaria (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.



Figura 118 – Antigo Quartel de Artilharia nº4 da Trafaria (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.



Figura 119 – Terreno pertencente ao Quartel Militar ocupado com anexos, futuro Bairro Habitacional (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.



Figura 120 – Estrada Militar, do lado esquerdo apresenta-se o Quartel Militar, e do lado direito, o terreno que antecede o Quartel dos Bombeiros da Trafaria (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.



Figura 121 – Vista geral do 2º patamar da Bateria da Raposeira I (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.



Figura 122 – Bateria da Raposeira I (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.



Figura 123 – Bateria da Raposeira II (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.



Figura 124 – Interior da Bateria da Raposeira II (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.



Figura 125 – Bateria de Alpena (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.



Figura 126 – Bateria de Alpena (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.



Figura 127 – Terminal Cerealífero da Silopor, (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.



Figura 128 – Passadiço junto ao areal da Trafaria (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.

[Maquete de Grupo | Estudo da Topografia | Malha Urbana | Luz-Sombra]

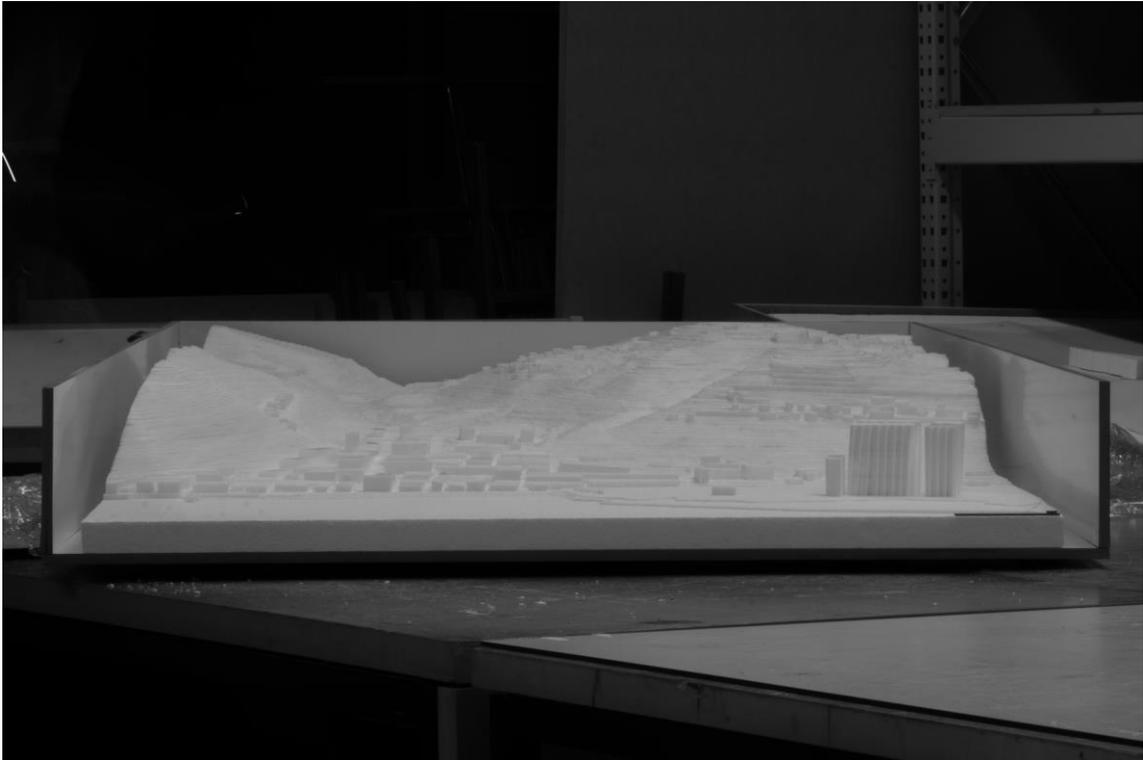


Figura 129 – Maquete do Grupo de Trabalho, com as respectivas intervenções. Fotografia de Filipe Prudêncio (2020)

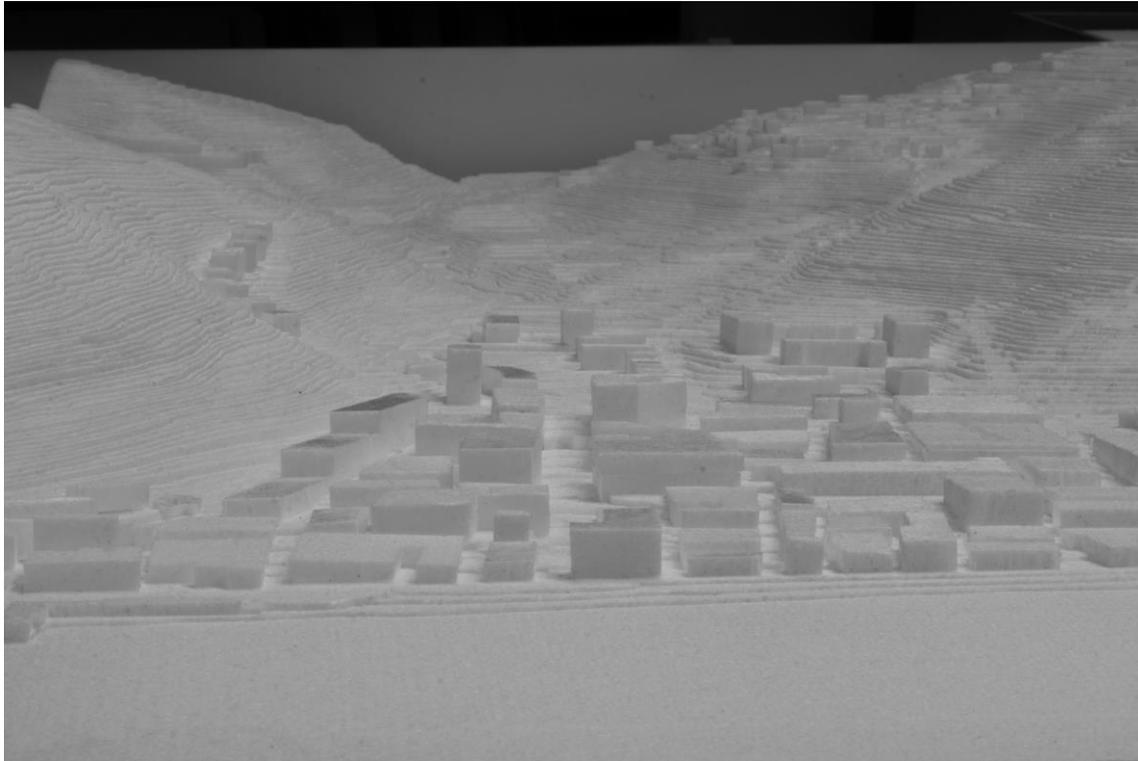


Figura 130 – Maquete do Grupo de Trabalho, com as respectivas intervenções. Fotografia de Filipe Prudêncio (2020)

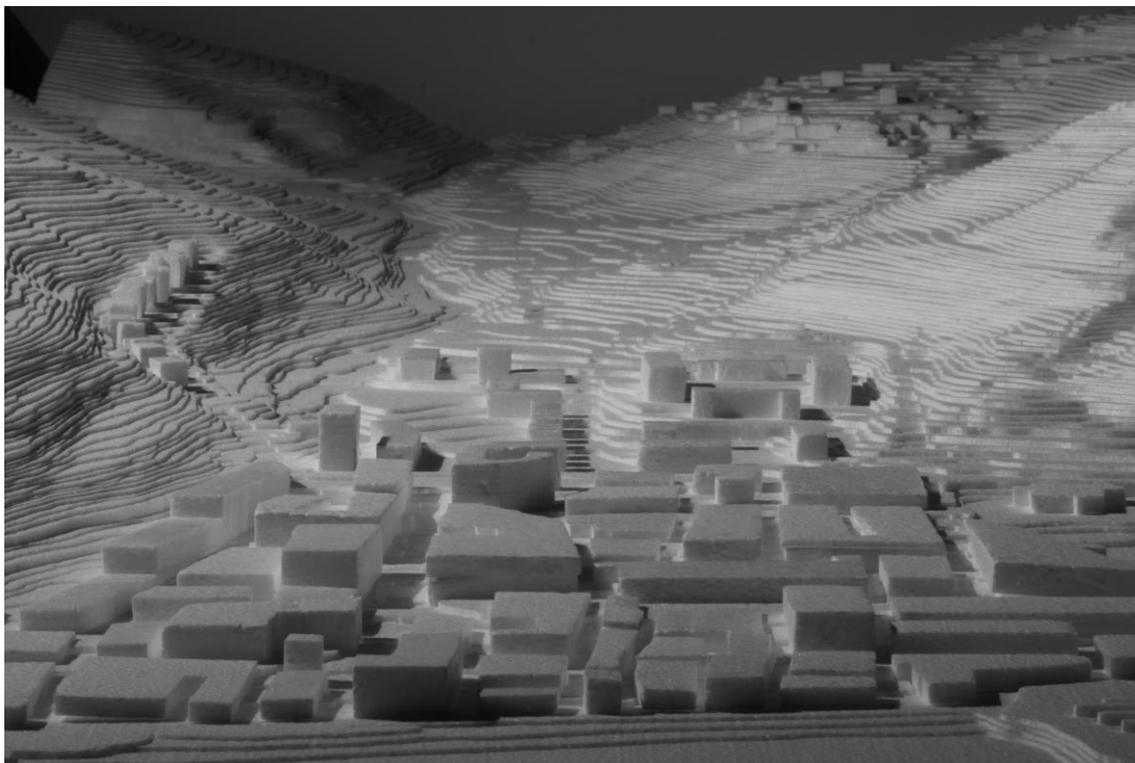


Figura 131 – Maquete do Grupo de Trabalho, com as respetivas intervenções. Fotografia de Filipe Prudêncio (2020)

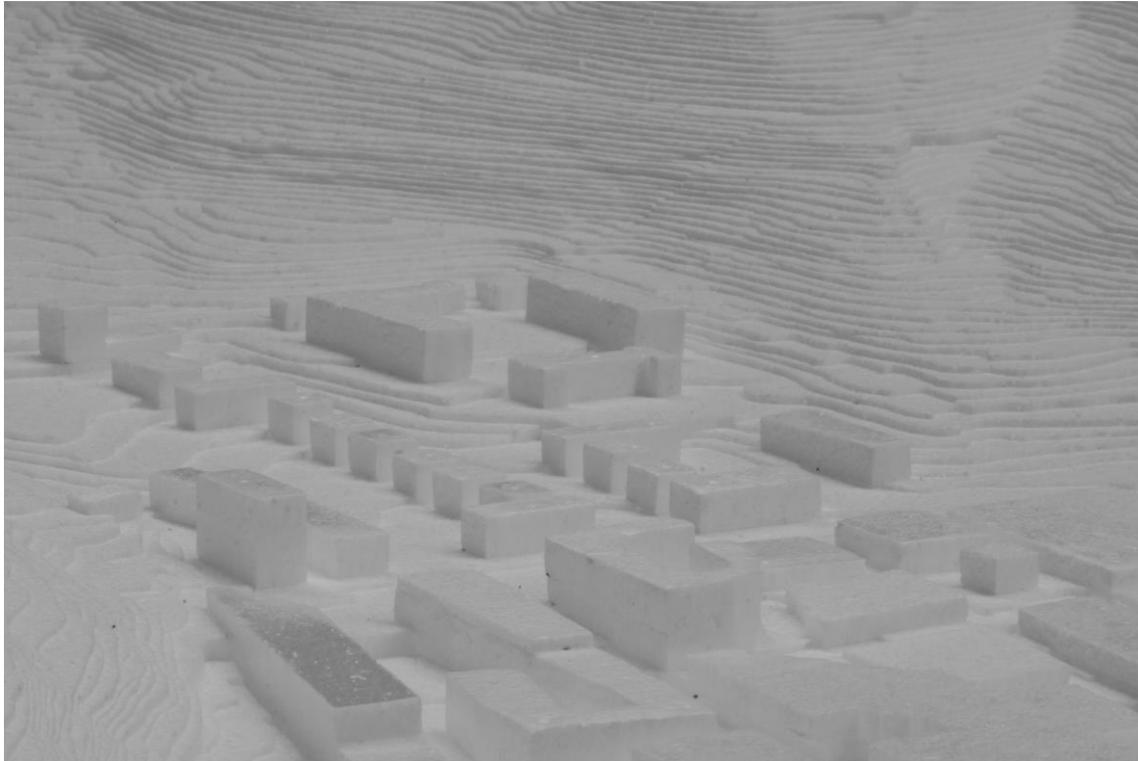


Figura 132 – Maquete do Grupo de Trabalho, com as respectivas intervenções. Fotografia de Filipe Prudêncio (2020)

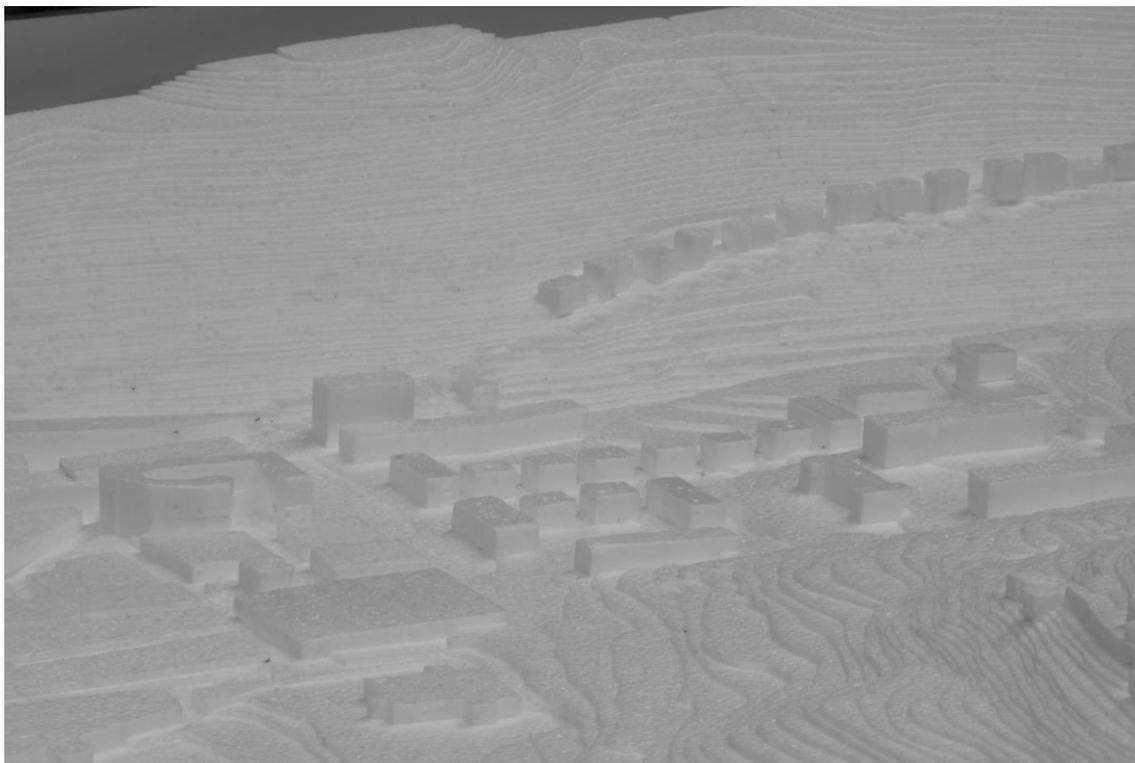


Figura 133 – Maquete do Grupo de Trabalho, com as respetivas intervenções. Fotografia de Filipe Prudêncio (2020)

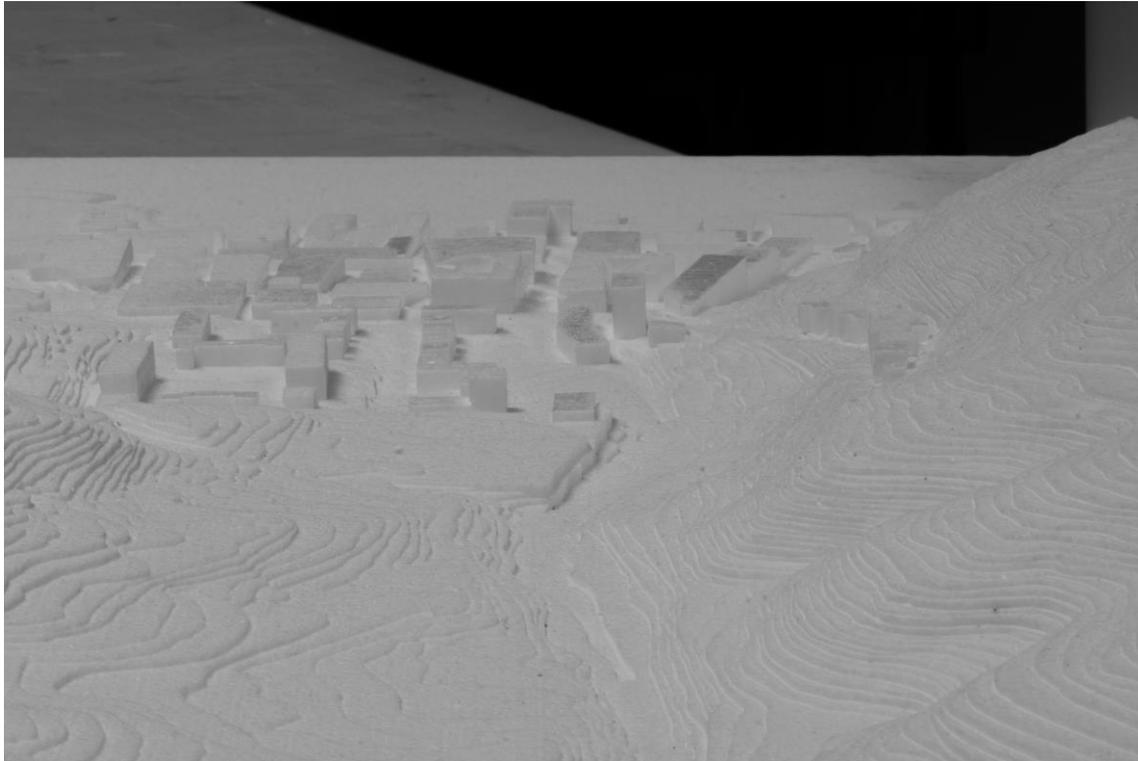


Figura 134 – Maquete do Grupo de Trabalho, com as respectivas intervenções. Fotografia de Filipe Prudêncio (2020)

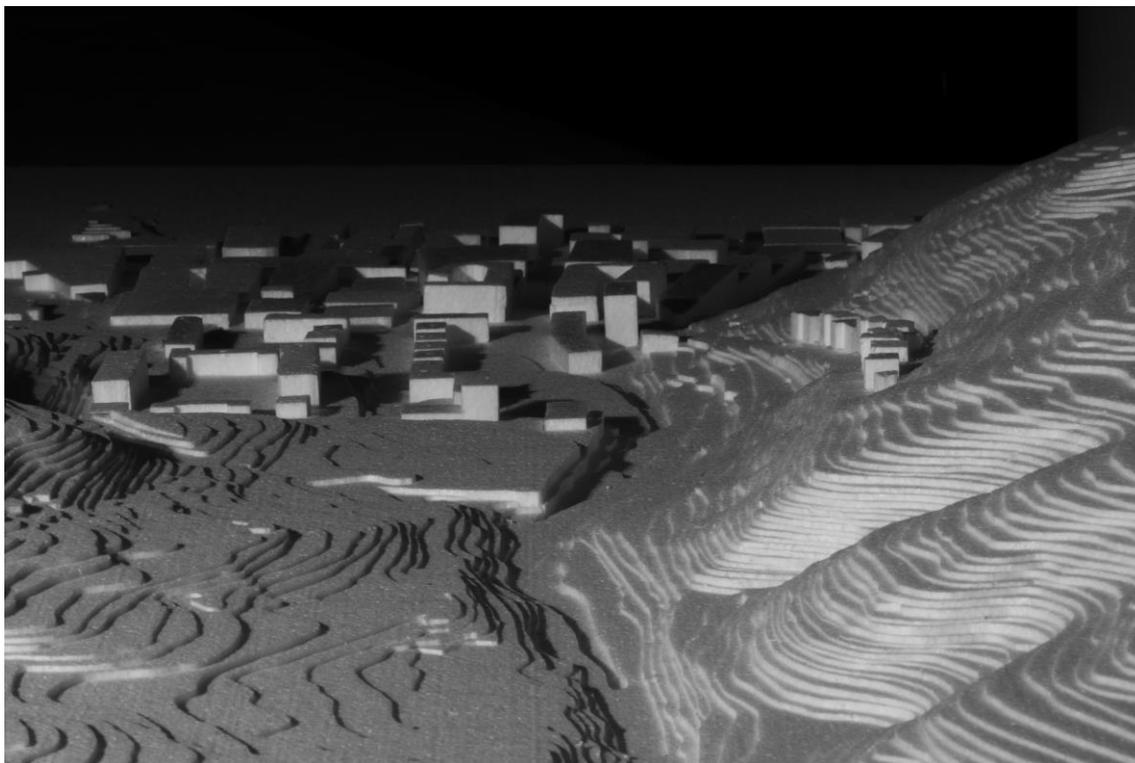


Figura 135 – Maquete do Grupo de Trabalho, com as respetivas intervenções. Fotografia de Filipe Prudêncio (2020)

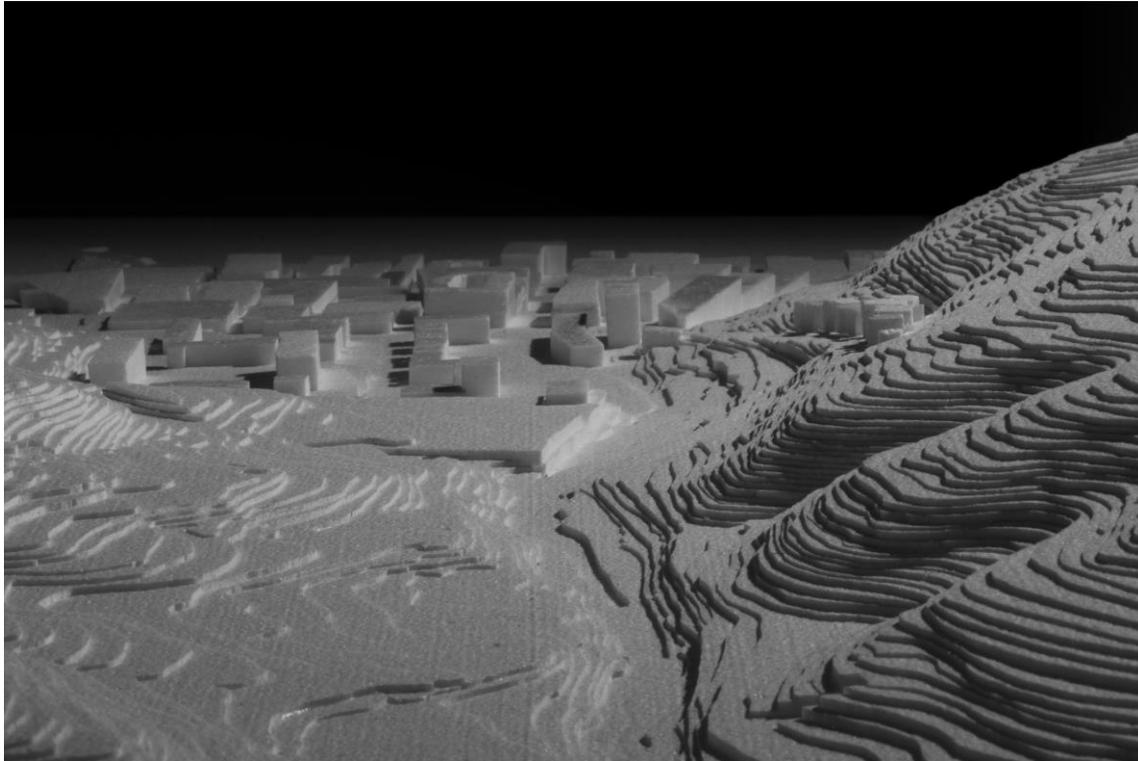


Figura 136 – Maquete do Grupo de Trabalho, com as respectivas intervenções. Fotografia de Filipe Prudêncio (2020)

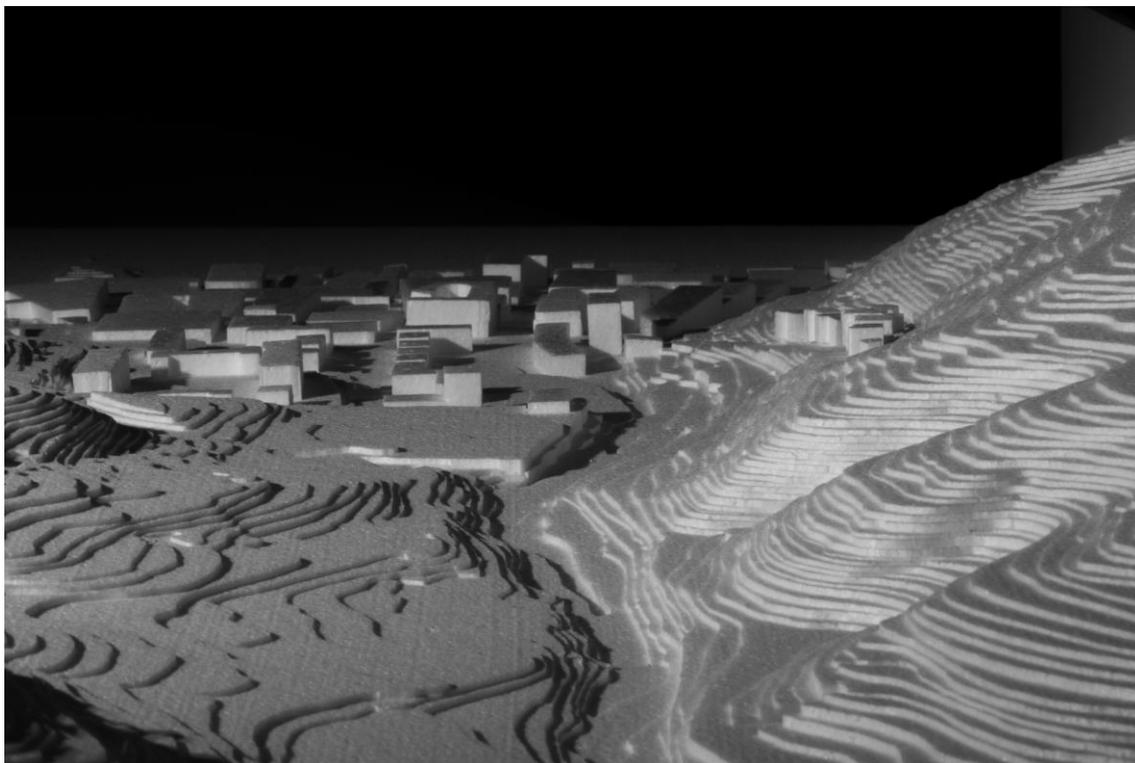


Figura 137 – Maquete do Grupo de Trabalho, com as respetivas intervenções. Fotografia de Filipe Prudêncio (2020)



Figura 138 – Maquete do Grupo de Trabalho, com as respectivas intervenções. Fotografia de Filipe Prudêncio (2020)

## COMPONENTE INDIVIDUAL

[Nota Informativa]

A autora do presente trabalho, bem como outros colegas da mesma turma, foi prejudicada pela remoção indevida das salas de arquitetura e por parte dos serviços de manutenção, de parte do trabalho que se encontravam a desenvolver, como esquiços, maquetes de estudo, desenhos do pensamento arquitetônico, e materiais. Assim, apenas se expõe no presente trabalho os poucos desenhos que resistiram ou que foram elaborados posteriormente, não fazendo sentido repetir o processo de desenho.

## MEMÓRIA DESCRITIVA

O Projeto de uma nova Biblioteca proposto partiu da intenção de projetar um edifício de carácter público, um espaço de convite à leitura, ao estudo e à reflexão, para a população da Trafaria e não só, bem como de proporcionar o convívio, a projeção audiovisual, devolvendo um espaço de cinema na Trafaria.

De facto, é visível a insuficiência de espaços de estar públicos qualificados, predominando os edifícios em mau estado de conservação e devolutos e a insuficiência de equipamentos públicos. A Trafaria possui uma pequena biblioteca na praça central da freguesia, ocupando apenas o espaço de um escritório, situada no primeiro piso do edifício do mercado, não tendo a capacidade necessária para a realização de alguns eventos de interesse para a biblioteca.

Deste modo, partindo do facto de que no espaço do Presidio da Trafaria está prevista a integração de uma nova Universidade, e prevendo a atração de estudantes nesta zona, tornou-se providencial a proposta de uma nova biblioteca, como um elemento de novas oportunidades para o local onde se insere, assim como para os seus utilizadores.



Figura 139 – Vista aérea, Trafaria. Fonte: Centro de Documentação da Administração do Porto de Lisboa



Figura 140 – Biblioteca da Trafaria. Fotografia da autora (2019)



Figura 141 – Biblioteca da Trafaria, Espaço de leitura e atividades. Fotografia de Mariana Vargues. Fonte: Warehouse

Em conformidade com o programa definido, uma nova Biblioteca para a Trafaria, pretendeu-se projetar um espaço estruturante, com fortes referências ao local, que se afirmasse de uma forma natural como parte integrante da zona onde se insere.

Propõe-se a implantação do projeto na praça dos Bombeiros Voluntários da Trafaria, com uma área considerável, pensado com a intenção de reequilibrar a estrutura urbana existente. Por conseguinte, esta implanta-se na proximidade das instalações das escolas da Trafaria, bem como da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, localizada na Costa da Caparica. Este espaço propõe, assim, criar uma nova centralidade, com capacidade de regeneração das áreas urbanas imediatamente envolventes, dando pistas para um futuro eixo de expansão urbana, e ainda recuperando a memória da vala da enxurrada, quebrando a consolidação urbana e barreira existentes.

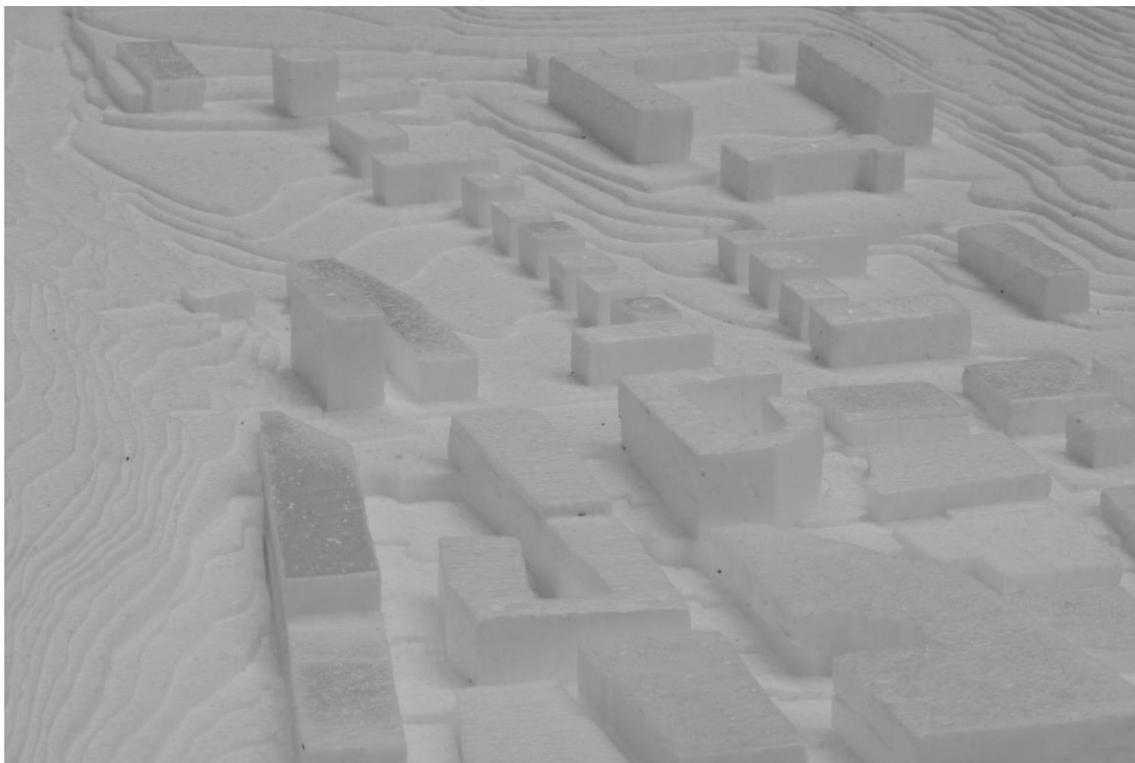


Figura 142 – Zona de Intervenção, praça dos Bombeiros Voluntários da Trafaria. Proposta individual, uma nova biblioteca, Trafaria. Fotografia da autora (2020)







Figura 143 – Vista aérea, Zona de Intervenção, lado Norte. Fonte: bing.com/maps



Figura 144 – Vista aérea, Zona de Intervenção, lado Sul. Fonte: bing.com/maps



Figura 145 – Vista aérea, Zona de Intervenção, lado Poente. Fonte: bing.com/maps

A estratégia visou projetar um edifício que respeitasse e se identificasse com os valores intrínsecos da região, definindo com clareza a dimensão e os propósitos a que a biblioteca deve responder, considerando a especificidade da Trafaria.

O projeto propôs desde o início a implementação de um programa que combina uma biblioteca pública, um arquivo audiovisual e uma galeria de arte pública. Desta forma, o espaço é entendido não como um lugar de troca de bens e produtos, mas de reflexão e conhecimento. Neste contexto, a biblioteca seria projetada com espaços livres e abertos, de partilha, de experiências e, por isso, de cultura, com troca contínua de conhecimentos e de ideias, refletindo desejo permanente de transformação.

De seguida, elaborou-se de um programa base e um organograma funcional para a biblioteca, que servisse os propósitos lançados.

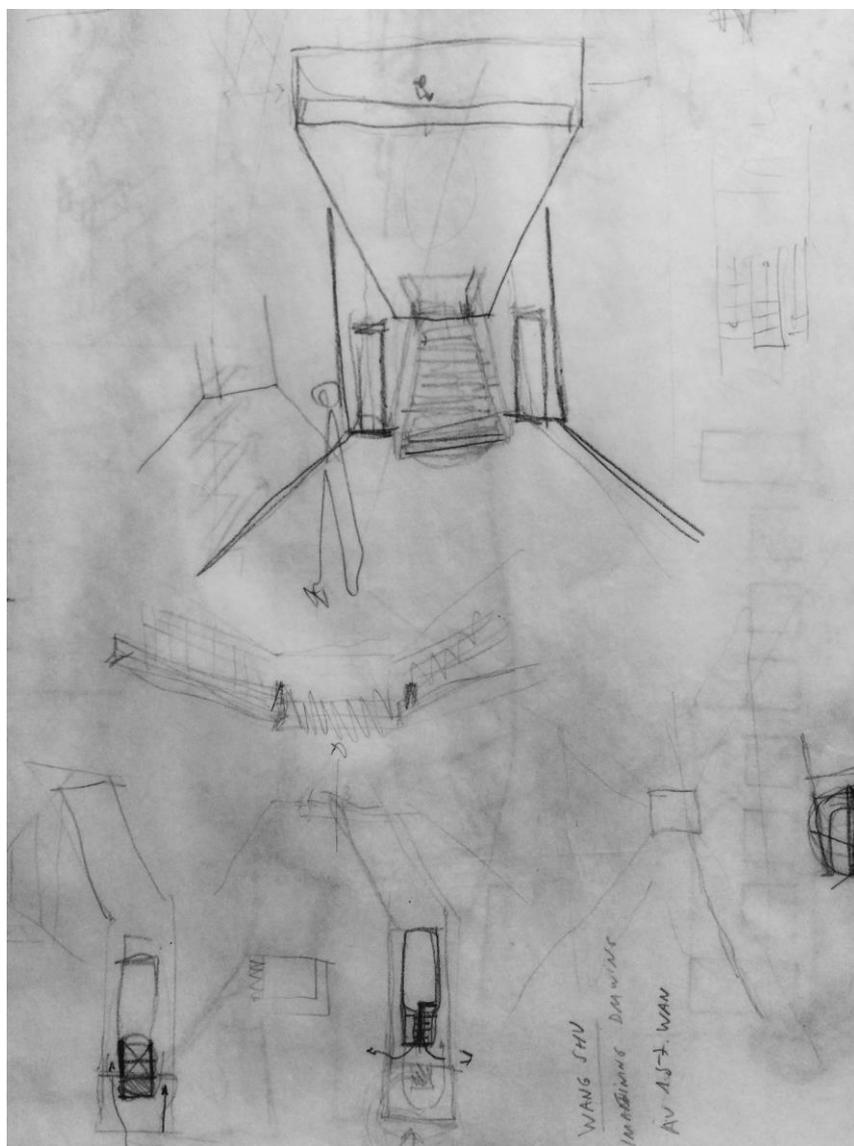


Figura 146 – Desenhos do processo de trabalho, esquiços da autora.

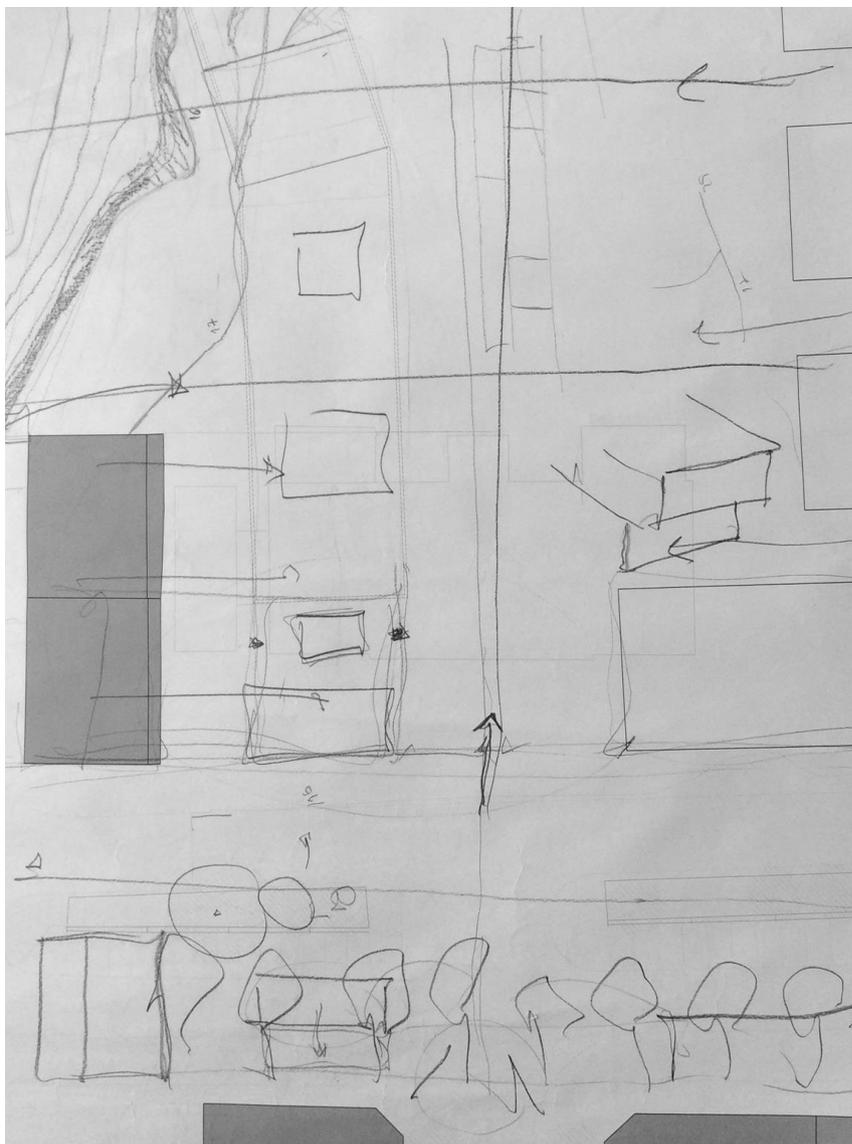


Figura 147 – Desenhos do processo de trabalho, implantação. Esquícios da autora.

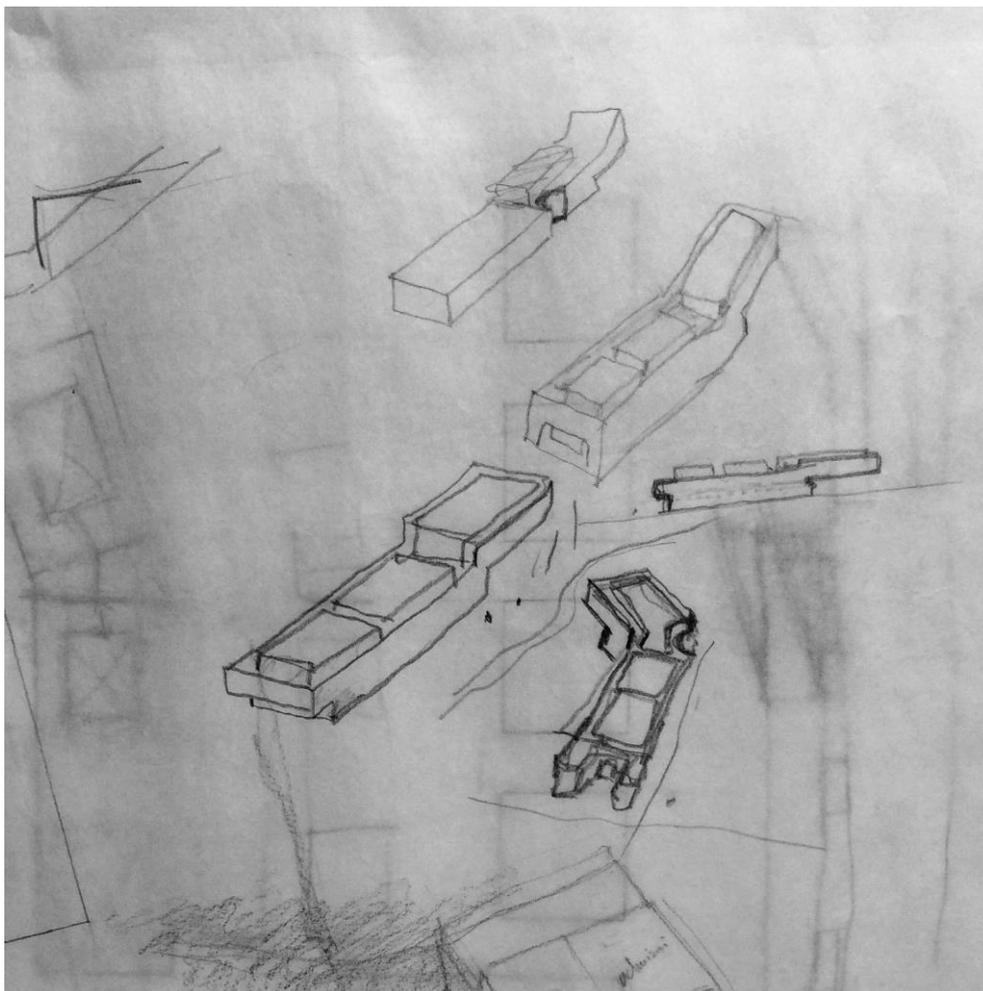


Figura 148 – Desenhos do processo de trabalho, esquiços da autora.



Figura 149 – Desenhos do processo de trabalho, perspectivas. Esquços da autora.

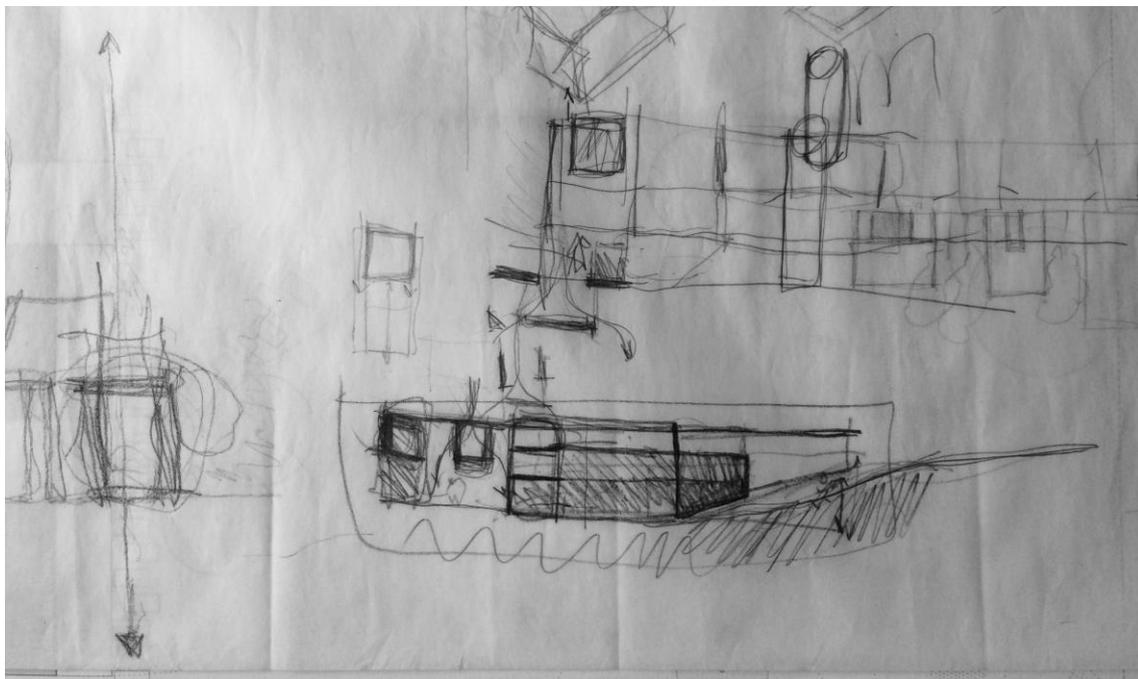


Figura 150 – Desenhos do processo de trabalho, corte longitudinal. Esquiços da autora.

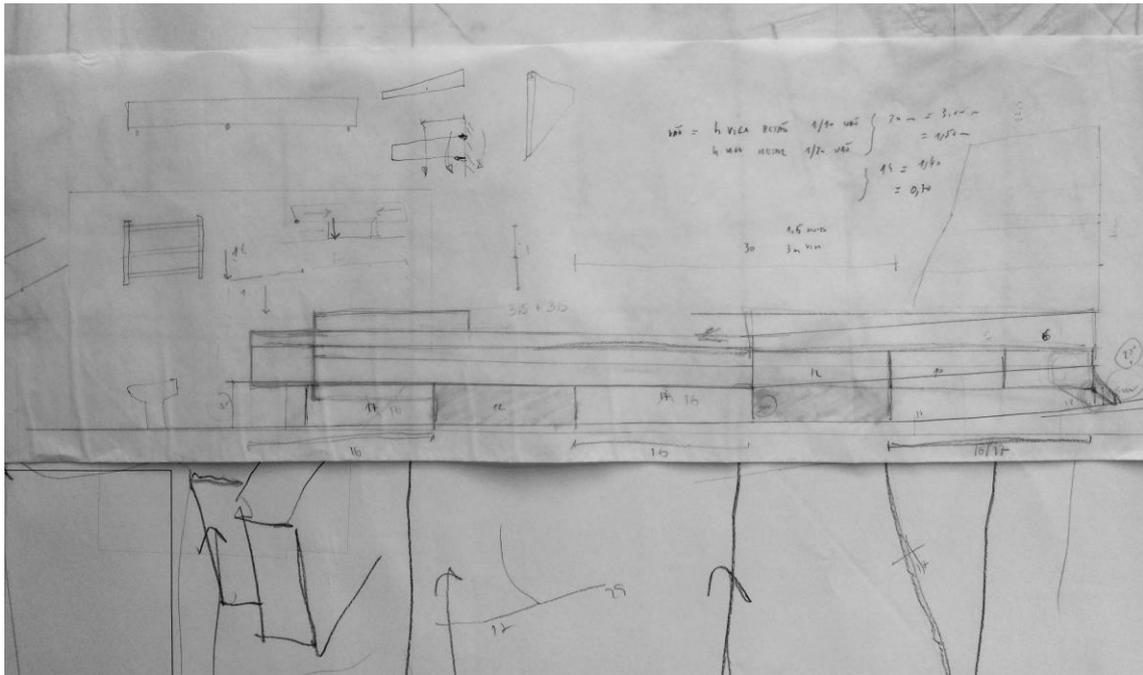


Figura 151 – Desenhos do processo de trabalho, corte longitudinal. Esquços da autora.



Figura 152 – Desenhos do processo de trabalho, fachada Norte. Esquços da autora.



Figura 153 – Desenhos do processo de trabalho, esquiços da autora.

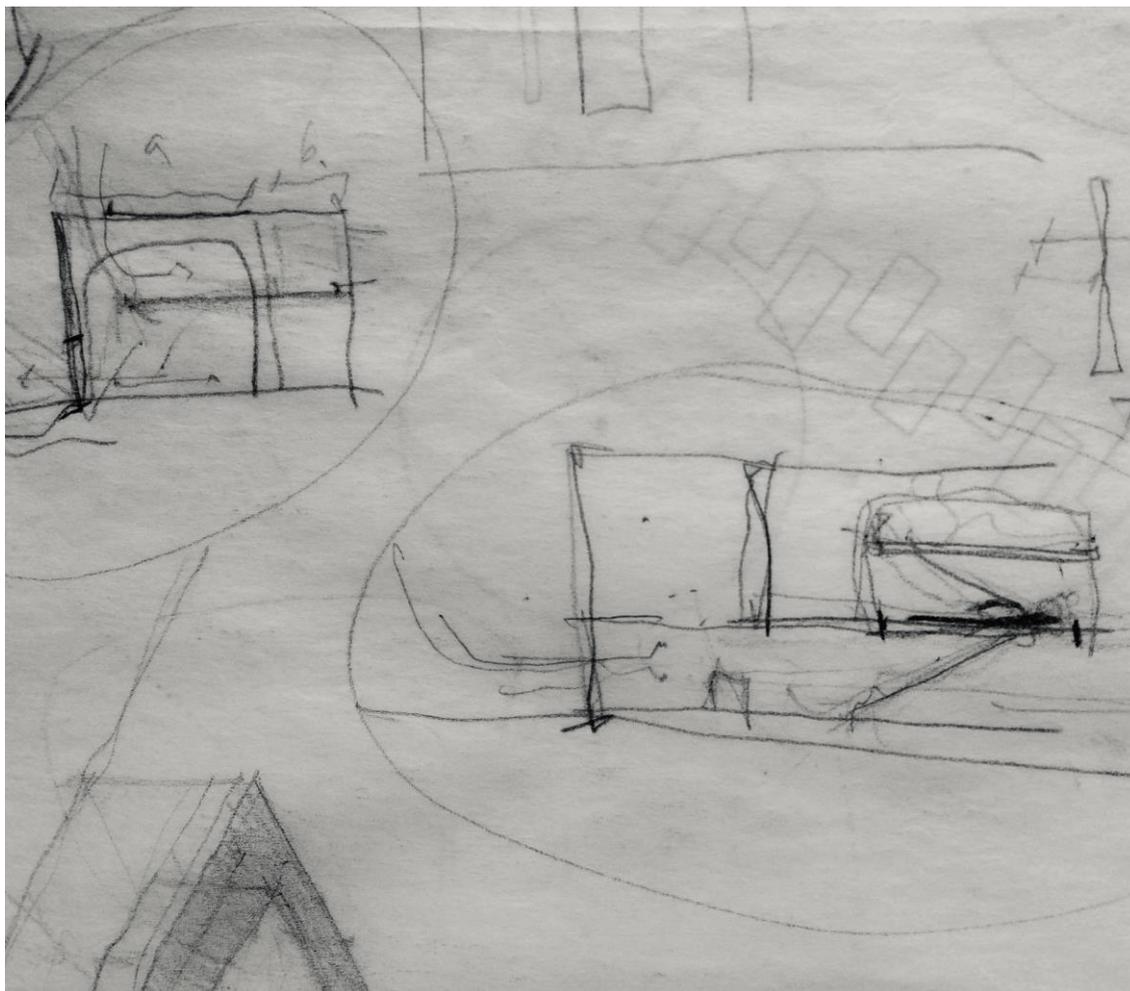


Figura 154 – Desenhos do processo de trabalho, cortes transversais. Esquiços da autora.

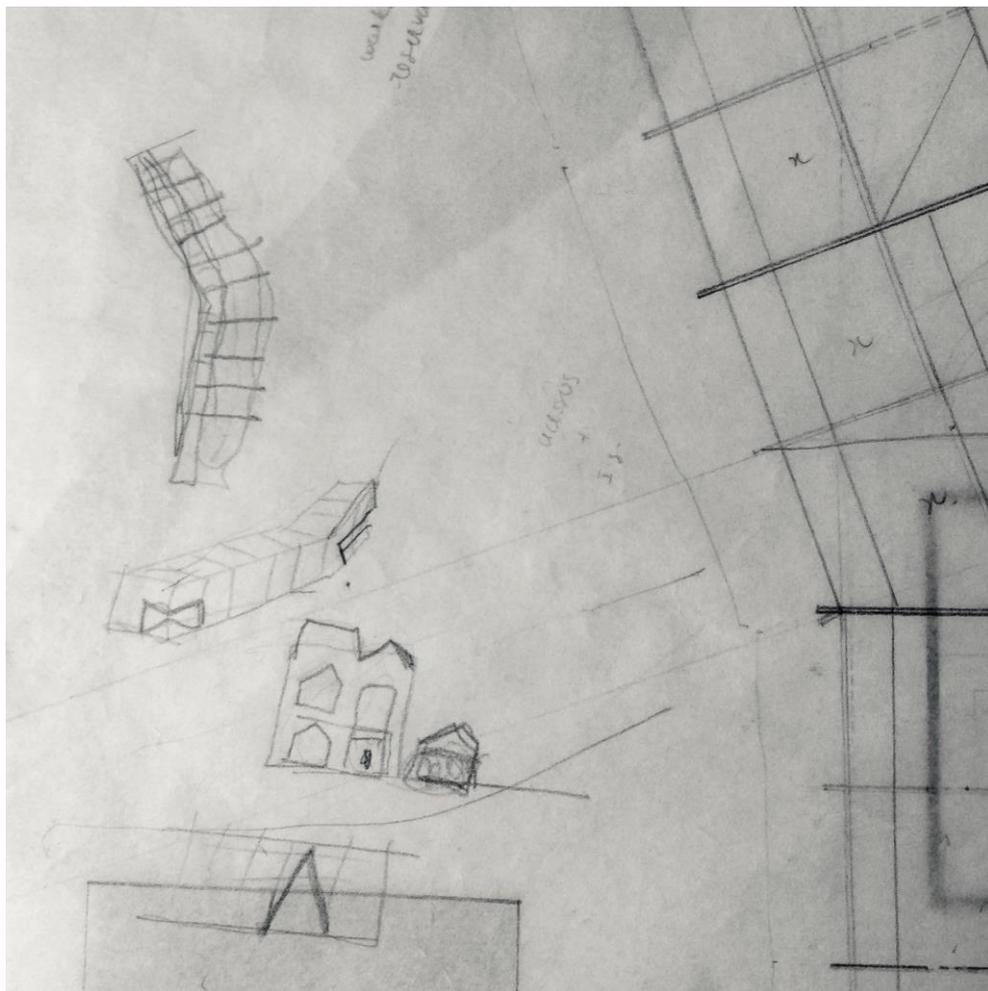


Figura 155 – Desenhos do processo de trabalho, esquiços da autora.



Figura 156 – Vista Nascente. Maquete de estudo, escala 1:200. Fotografia da autora (2019)

A sua localização, recuada em relação à rua, e a entrada composta por um arco de volta perfeita dota-a de um carácter monumental, e constituirá uma referência nesta zona.

A biblioteca foi organizada a partir de uma estrutura modular em betão aparente, repetida de cinco em cinco metros, acabando por resultar numa intenção estética e plástica que o próprio material proporciona e, simultaneamente, revela uma verdade construtiva. O objeto arquitetónico é um volume único longitudinal, que se inclina sobre a Vala da Enxurrada, com uma presença quase maciça. O tijolo aparente representa a opção mais consistente e singular para marcar essa presença. Esta opção particular conduz à necessidade de recorrer a materiais resistentes e duradouros. Desta forma, entendeu-se o tijolo, como segundo material presente, envolvendo o edifício perimetralmente, e uniformizando a aparência do mesmo. As paredes exteriores são desenhadas com a intenção de dividir o edifício em dois momentos, que terão uma correspondência clara no programa interior. No piso térreo, que corresponde à cota da rua, um embasamento é garantido pela estereotomia do betão e pelos vãos rasgados ao longo do objeto arquitetónico. Este embasamento é rematado por uma laje, de dupla função, correspondente à mudança de pisos, pelo que sustenta a configuração visual do piso superior, bem como também proporciona sombreamento.

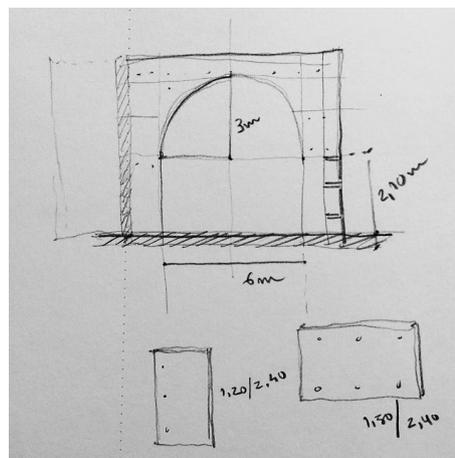


Figura 157 – Desenhos do processo de trabalho, esboços da autora.

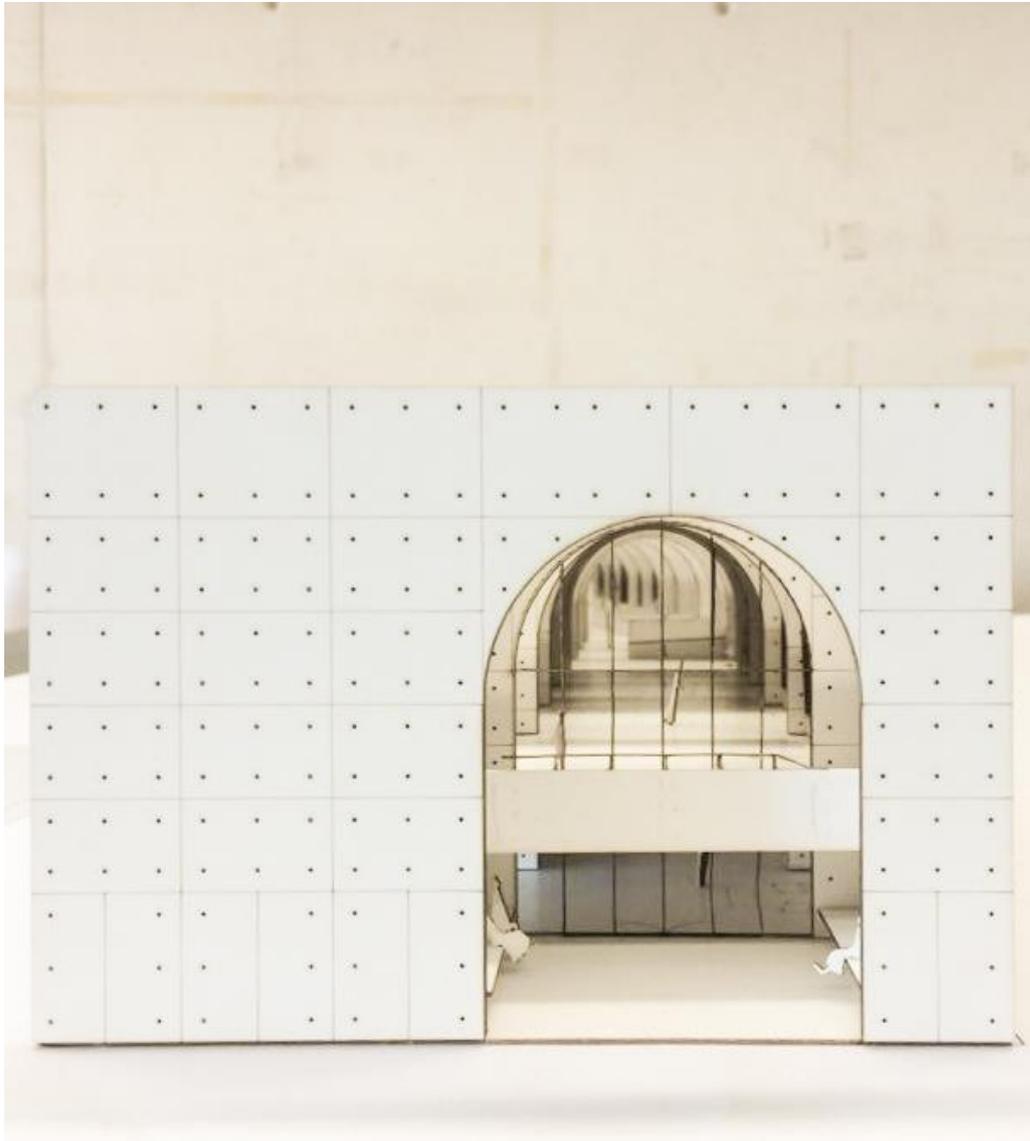


Figura 158 – Maquete de estudo, escala 1:100. Fotografia da autora (2019)

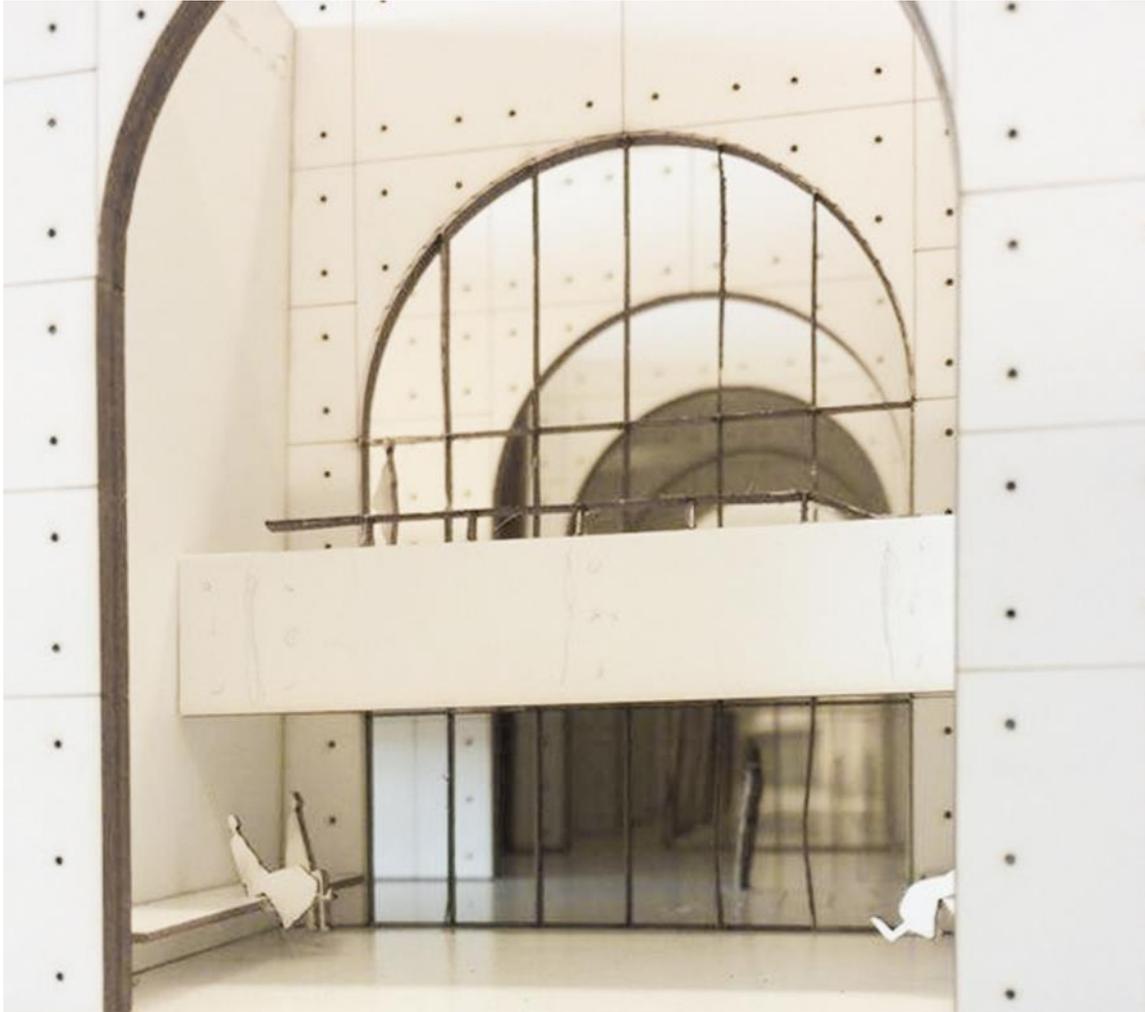


Figura 159 – Maquete de estudo, escala 1:100. Fotografia da autora (2019)

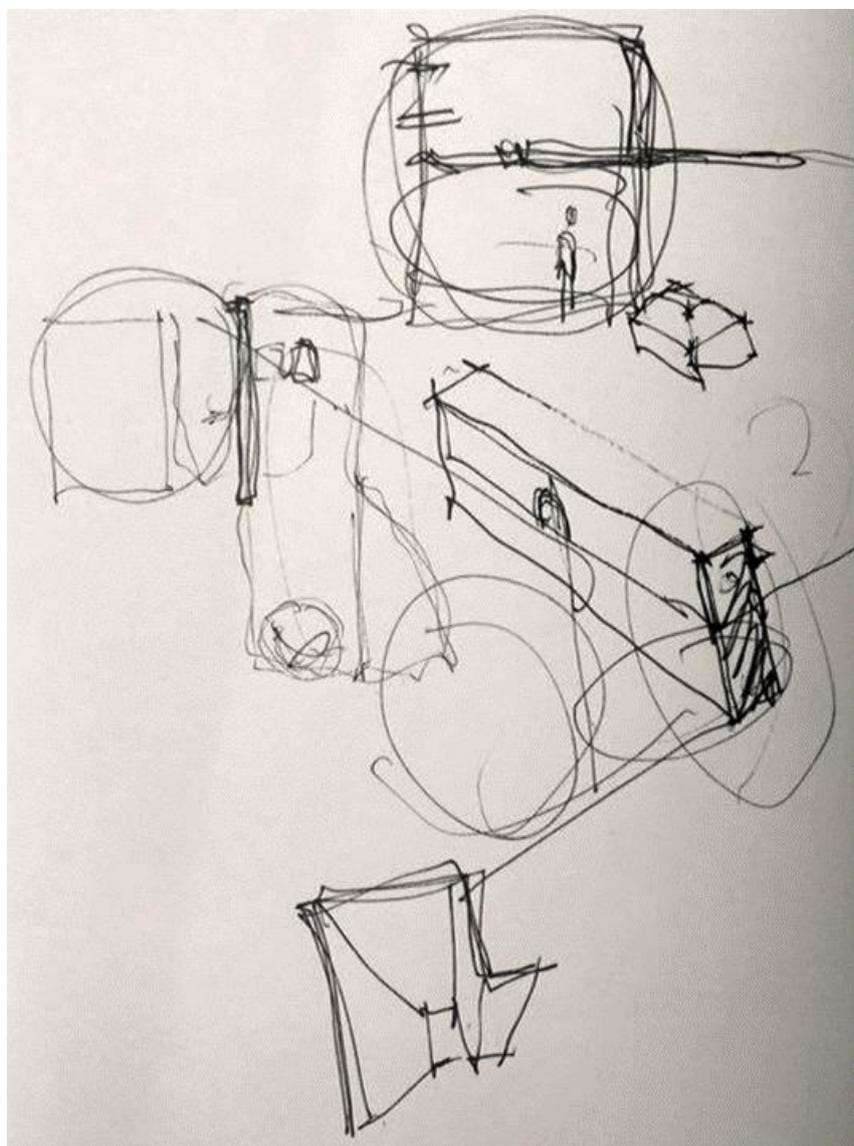


Figura 160 – Desenhos do processo de trabalho, estudo da pala de sombreamento. Esquícios da autora.



Figura 161 – Maquete de estudo, escala 1:100. Fotografia da autora (2019)



Figura 162 – Maquete de estudo, escala 1:100. Fotografia da autora (2019)



Figura 163 – Biblioteca da Trafaria, proposta individual. Perspetiva exterior, lado Poente. Desenho da autora, 2020.

A biblioteca seria composta por duas entradas, uma na fachada Norte e uma outra transversalmente, permitindo uma permeabilidade do terreno. Deste modo, não é objetivo tornar o edifício num obstáculo ou barreira no espaço envolvente, sendo que a existência de várias entradas em pontos opostos do conjunto, permite continuar a utilizar este quarteirão como atravessamento pedonal.

O acesso principal faz-se através da fachada Norte, a entrada é marcada com uma varanda, um elemento que faz a transição a uma abordagem humana, recebendo os visitantes. Entrando na biblioteca, encontra-se uma zona de receção, onde o primeiro contacto e encaminhamento com o utilizador é efetuado. Caracteriza-se como um espaço amplo, aberto e propício a pequenas exposições.

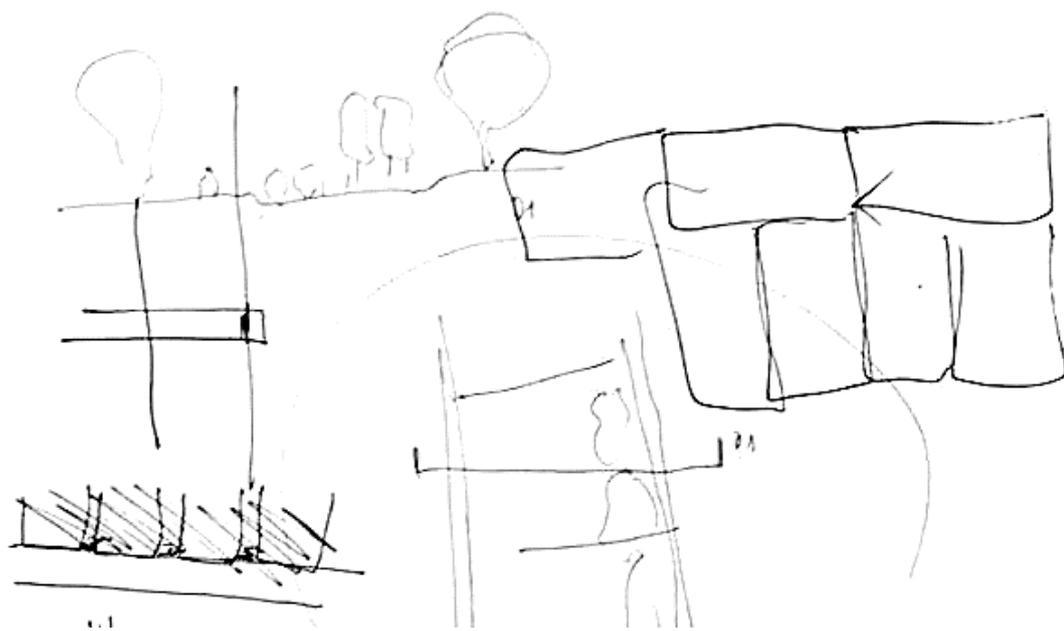


Figura 164 – Desenhos do processo de trabalho, estereotomia e revestimento. Esquços da autora.

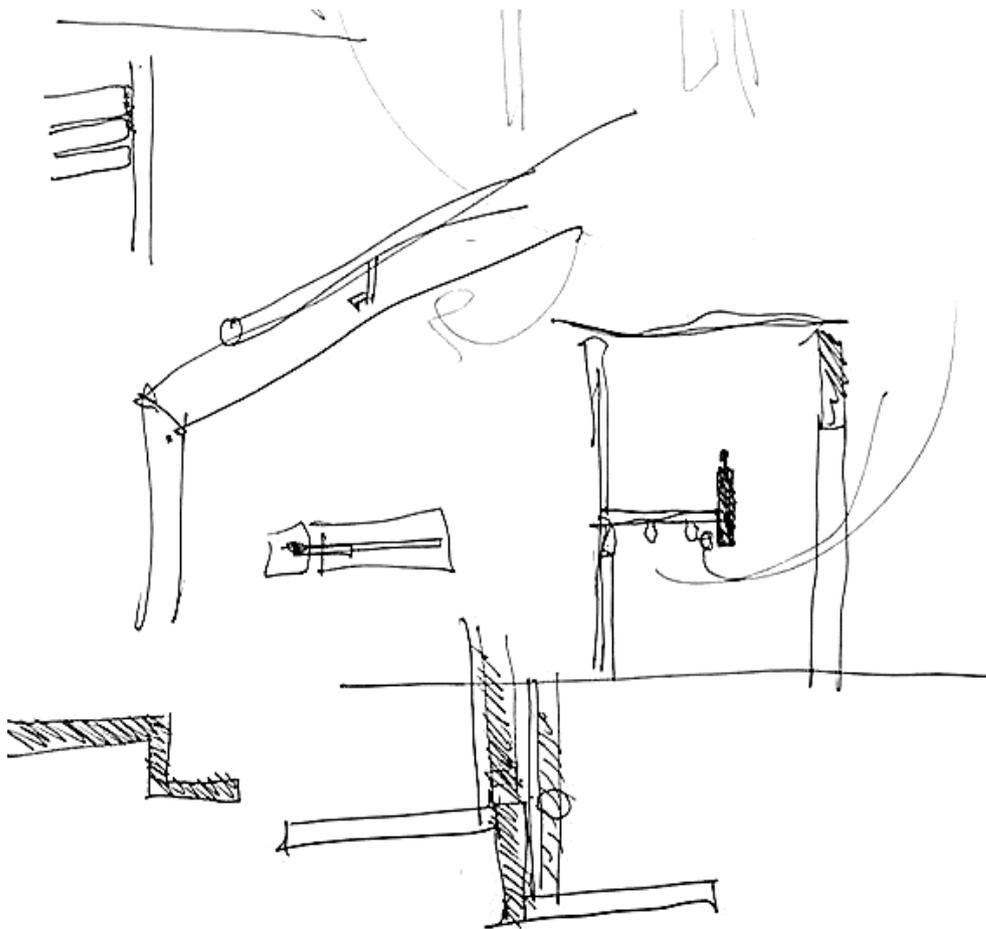


Figura 165 – Desenhos do processo de trabalho, estudo da varanda, cortes, plantas e perspectivas.  
Esquços da autora.



Figura 166 – Varanda; Fachada Norte. Maquete de estudo, escala 1:100. Fotografia da autora (2019)

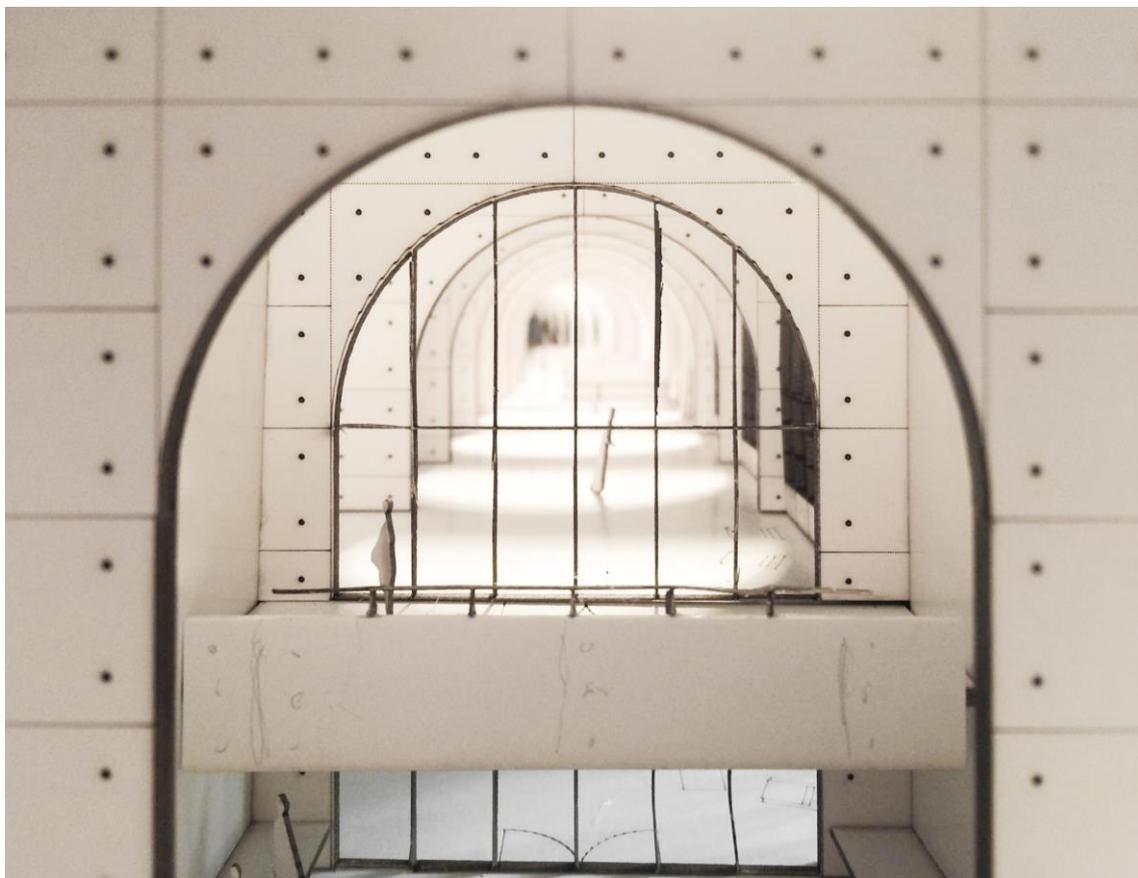


Figura 167 – Varanda; Fachada Norte. Maquete de estudo, escala 1:100. Fotografia da autora (2019)



Figura 168 – Maquete de estudo, piso superior, escala 1:100. Fotografia da autora (2019)

De acordo com a definição programática das atividades deste edifício, o piso inferior concentra as atividades abertas ao exterior, enquanto o piso superior se destina basicamente às atividades internas de estudo e investigação. Neste sentido o Átrio do edifício assume uma grande importância pela função que tem, de acolhimento, garantindo o direto acesso aos espaços de maior utilização por estudantes e visitantes, a Sala Polivalente, o Bar, as Zonas de Informática e a Sala de Exposições.

Assim, no piso térreo, decidiu-se colocar espaços com cariz de utilização sequencial, tudo numa lógica de intensidade de utilização e respetiva complementaridade de funcionamento entre espaços. Em resumo, possibilita ações como estar numa conferência na sala polivalente, sair, ir ao bar, ir ao exterior do edifício e vice-versa, não sendo necessário percorrer-se grandes distâncias e passar por outras secções. Efetivamente, todo o projeto foi pensado com base nestes pressupostos, e o átrio do edifício é o centro gravítico onde confluem todos os possíveis percursos através do quarteirão.

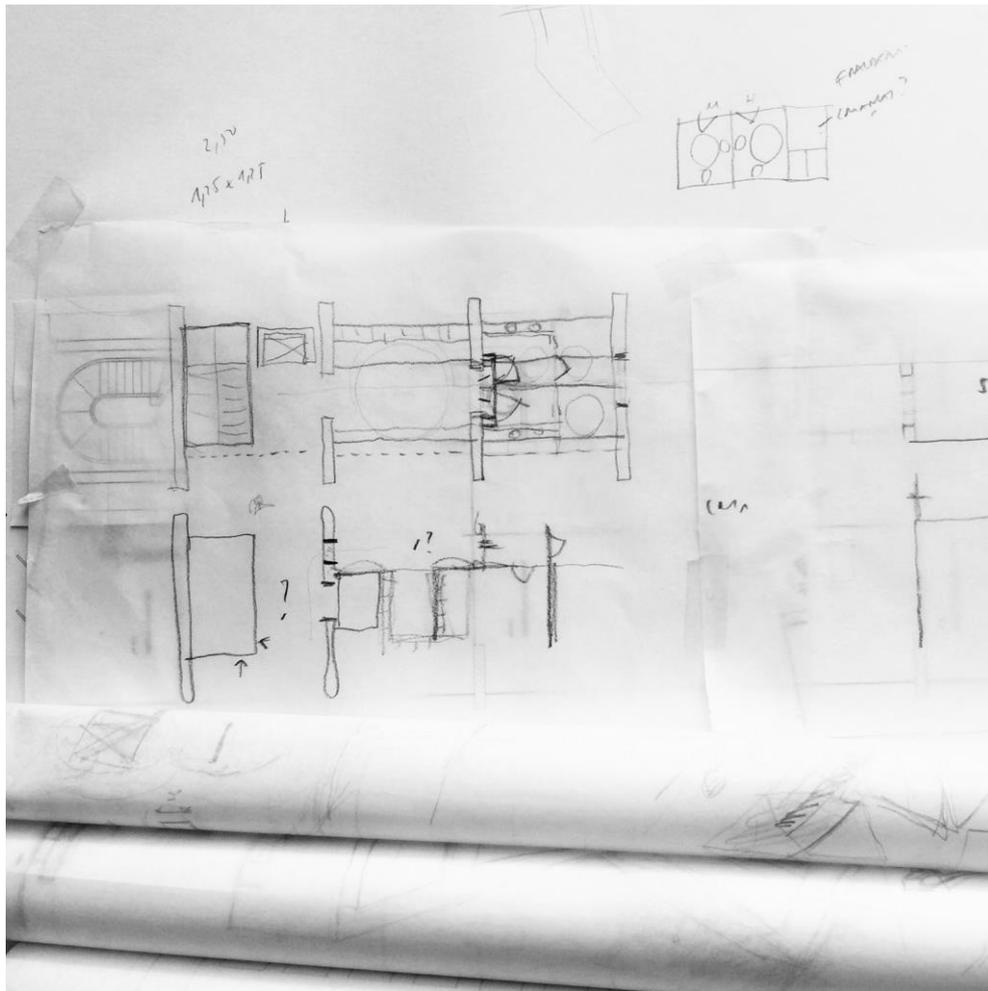


Figura 169 – Desenhos da organização interior, planta. Esquços da autora.

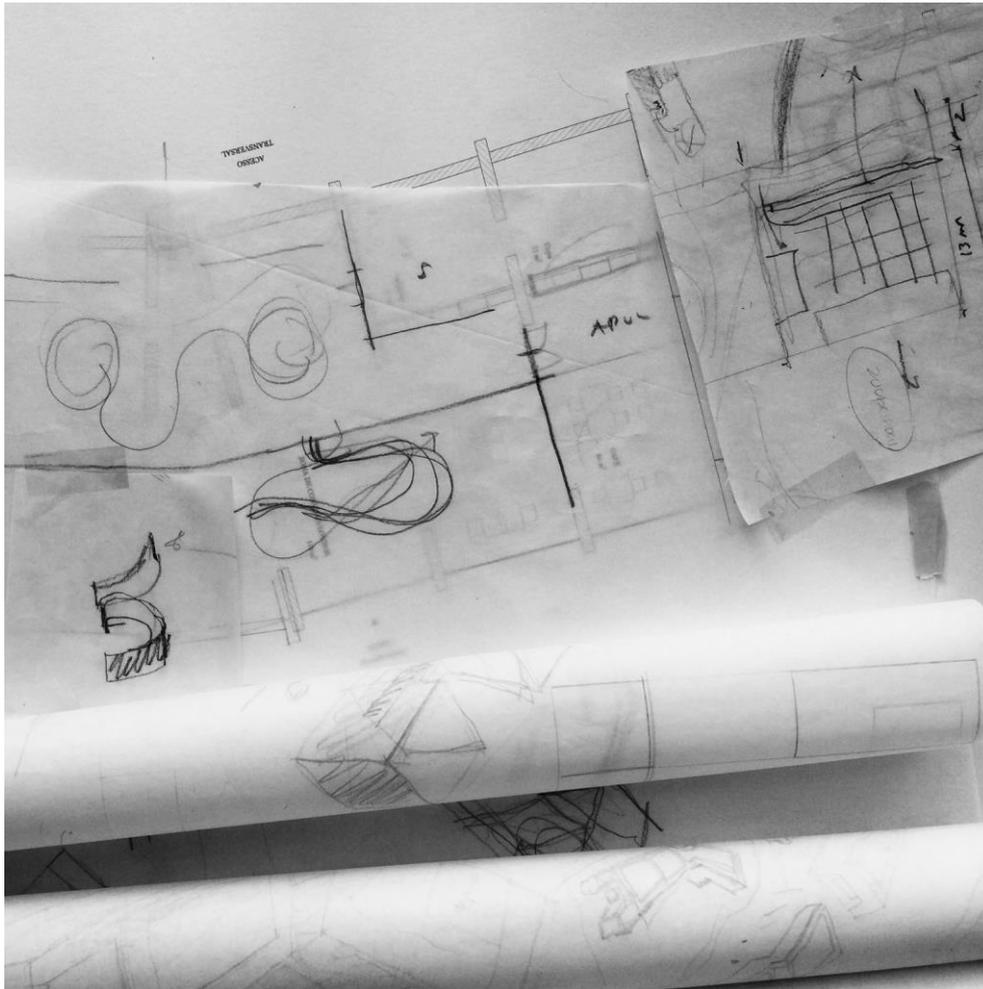


Figura 170 – Entrada Poente e Átrio central. Circulação interior, planta. Esquços da autora.

A biblioteca caracteriza-se por duas zonas funcionais distintas. A fim de manter o vazio sob os arcos, os espaços auxiliares foram colocados lateralmente para que não interfiram na circulação dos espaços principais. Assim, todos os acessos, loja, salas de multimédia, escritórios, arrumos e instalações sanitárias, encontram-se na parte posterior de uma parede de dupla função, permitindo a existência de outras atividades, como o estudo em grupo e execução de trabalhos.

Esta estratégia permite focar o olhar no espaço principal, onde estão localizadas as zonas de leitura, desenvolvido em dois níveis. O piso superior aproxima-se mais destas nervuras estruturais, sendo um espaço de trabalho mais silencioso, e o inferior é definido pelos serviços e o auditório, mas com as suas partes sempre visualmente interligadas, devido aos espaços de duplo pé direito que hierarquizam o vazio.

Por sua vez, projetar a sala de leitura num plano elevado, pretendendo-se o desenho de um percurso ascensional e culminando na grande sala, bem como prevenir humidades e melhorar as condições de iluminação, era algo já existente nas bibliotecas do século XVI, como por exemplo a Biblioteca Laurenziana, em Florença, datada de 1571 e da autoria de Miguel Ângelo.



Figura 171 – Maquete de estudo, piso superior, escala 1:100. Fotografia da autora (2019)



Figura 172 – Maquete de estudo, piso superior, escala 1:100. Fotografia da autora (2019)

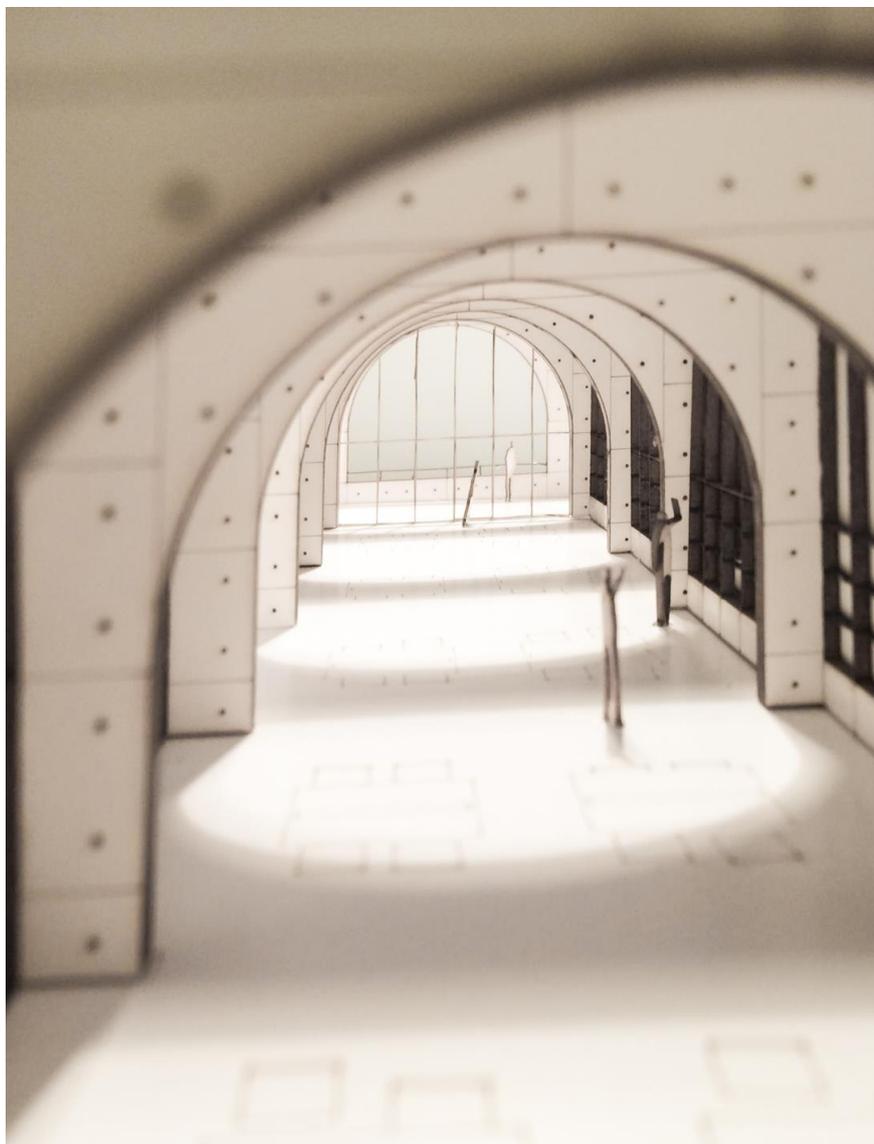


Figura 173 – Sala de secção de adultos. Maquete de estudo, piso superior, escala 1:100. Fotografia da autora (2019)

No piso superior, as paredes são revestidas por estantes de forma a otimizar ao máximo a capacidade de arrumação. As estantes, que contêm todos os livros, foram colocadas estrategicamente para que a luz natural não incidisse frontalmente nos mesmos. Paralelamente, as aberturas circulares previstas na laje de cobertura são posicionadas em direção às zonas de leitura e trabalho, assegurando, desta forma, a iluminação natural do edifício. O uso de iluminação indireta cria uma sensação de suavidade que complementa o espaço e aprimora as opções de material, e simultaneamente, impede que danifique os livros ou prejudique o ato de leitura.

Por outro lado, as mesas de leitura com capacidade para 4 pessoas são compostas por dois candeeiros, que garantem uma boa iluminação de trabalho, mas permitem igualmente a conversação entres os utilizadores frente a frente. O sofá possui um apoio de braço que se prolonga ao longo do encosto, criando assim um elemento em jeito de prateleira e, simultaneamente, aumentando a sua funcionalidade.

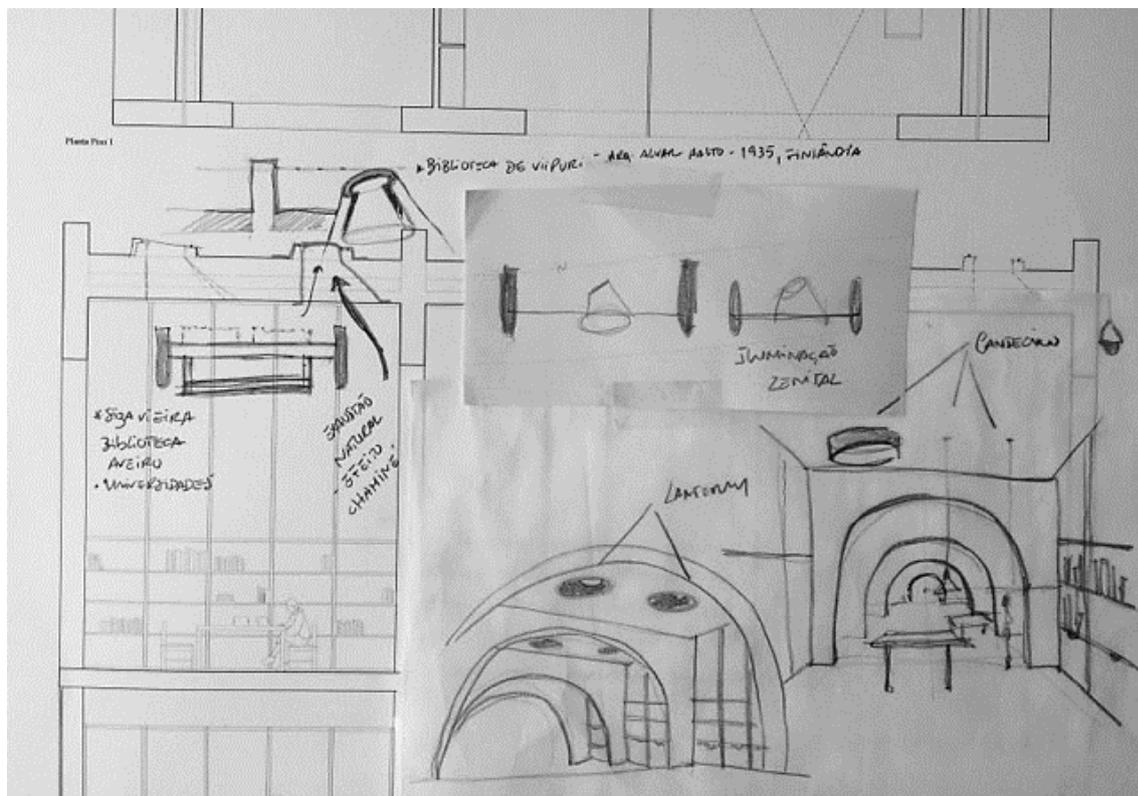


Figura 174 – Desenhos do processo de trabalho, estudo de iluminação artificial e natural. Cortes e perspectivas. Esquços da autora.



Figura 175 – Estudo de luz, lanternins. Sala de secção infantil e juvenil. Maquete de estudo, piso superior, escala 1:100. Fotografia da autora (2019)

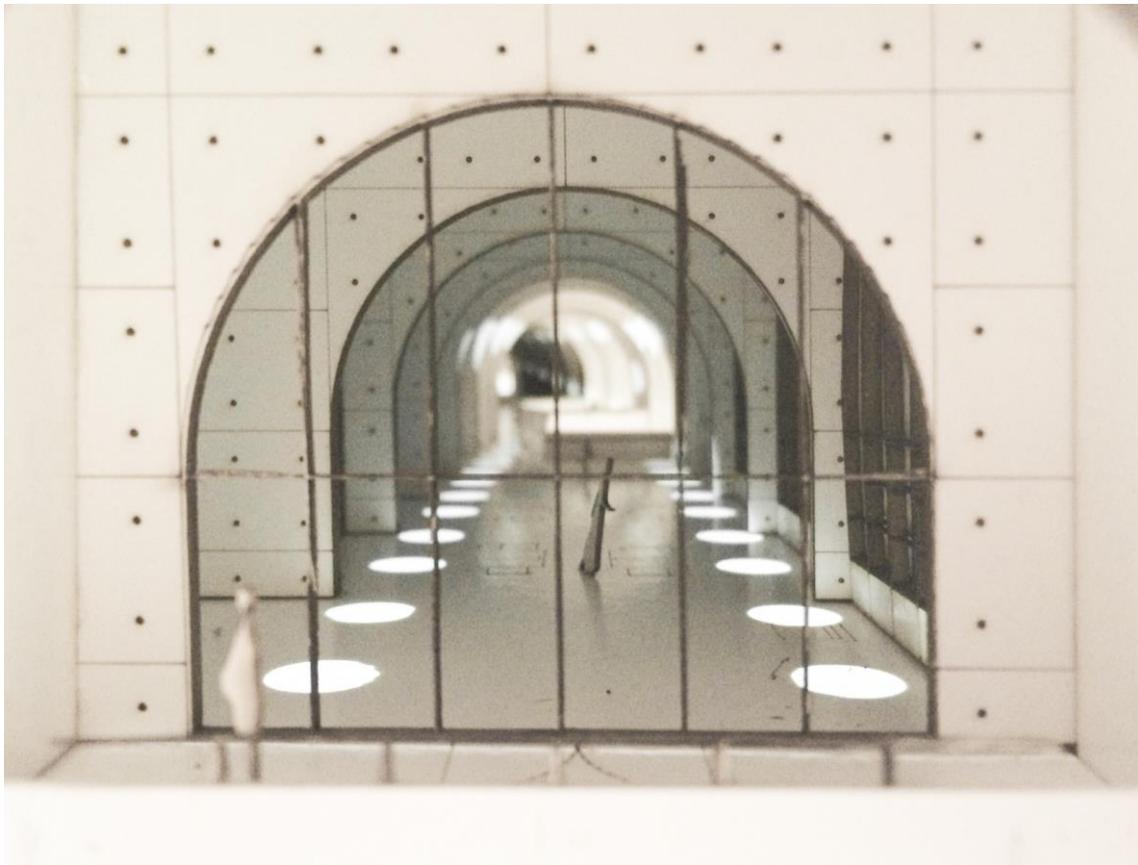


Figura 176 – Estudo de luz, lanternins. Maquete de estudo, piso superior, escala 1:100. Fotografia da autora (2019)

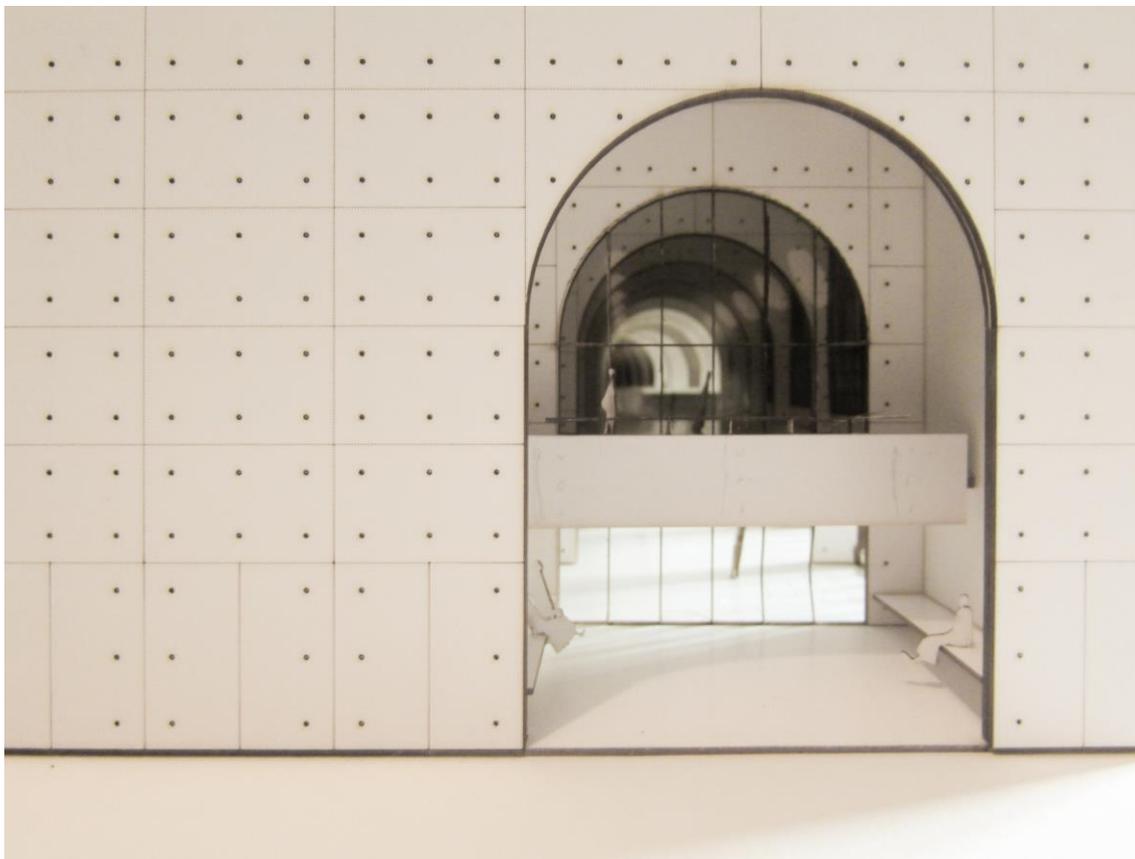


Figura 177 – Estudo de luz, lanternins. Maquete de estudo, escala 1:100. Fotografia da autora (2019)

Os materiais que caracterizam o ambiente interior foram escolhidos com uma intenção clara e precisa. Prevalece o betão aparente da estrutura, pontuado com o tom suave da madeira, um material natural, inscrita nas estantes de livros e no restante mobiliário. O desenho do mobiliário emprega uma paleta suave de tons naturais e acabamentos texturados para obter um espaço tão esteticamente convidativo quanto reconfortante.

Ao nível do pavimento, a opção recai sobre alcatifa nas zonas de leitura, e soalho de madeira nos gabinetes criando, assim, a uniformidade e o conforto pretendidos. Ao pavimento de pedra da entrada, no piso inferior, sucede a atmosfera calorosa do pavimento em madeira.

Figura 178 – (página seguinte) Biblioteca da Trafaria, proposta individual. Ambiente Interior, piso superior. Vista para Sul. Desenho da autora, 2020.



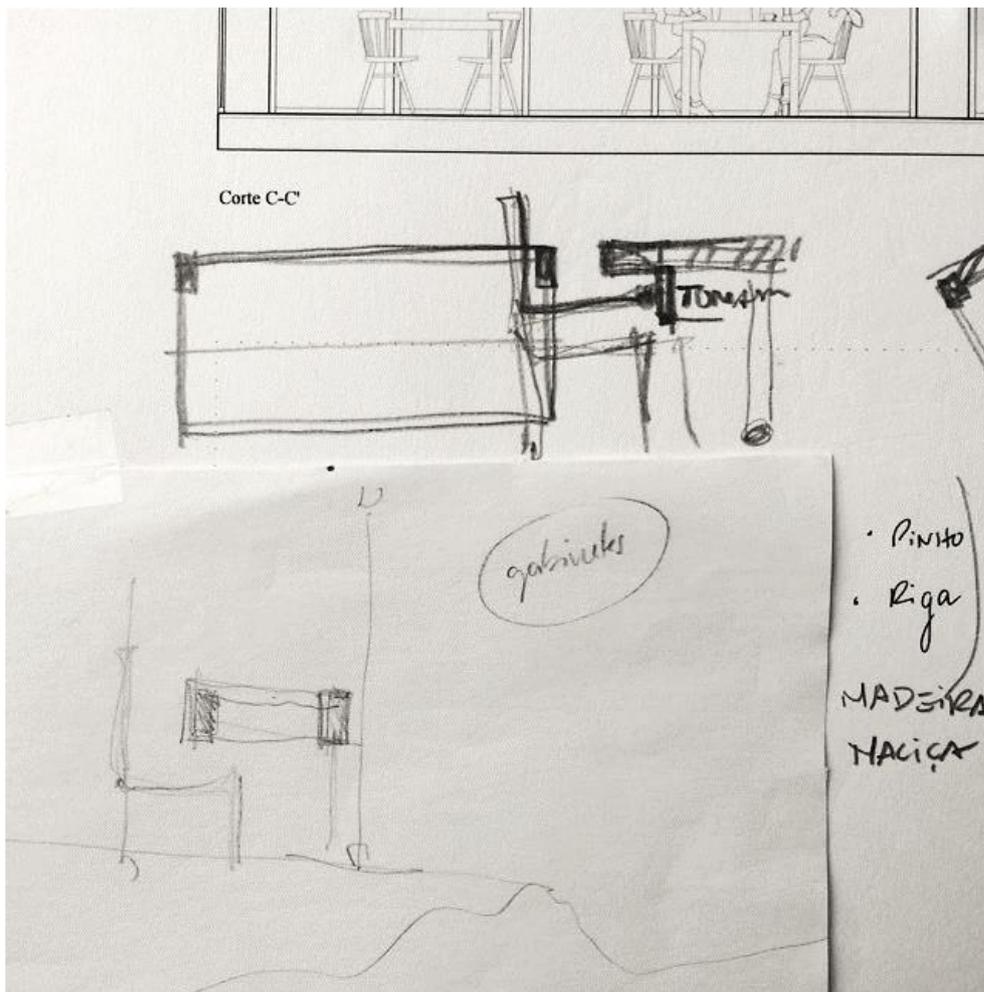


Figura 179 – Desenhos do processo de trabalho, mobiliário. Cortes. Esquços da autora.

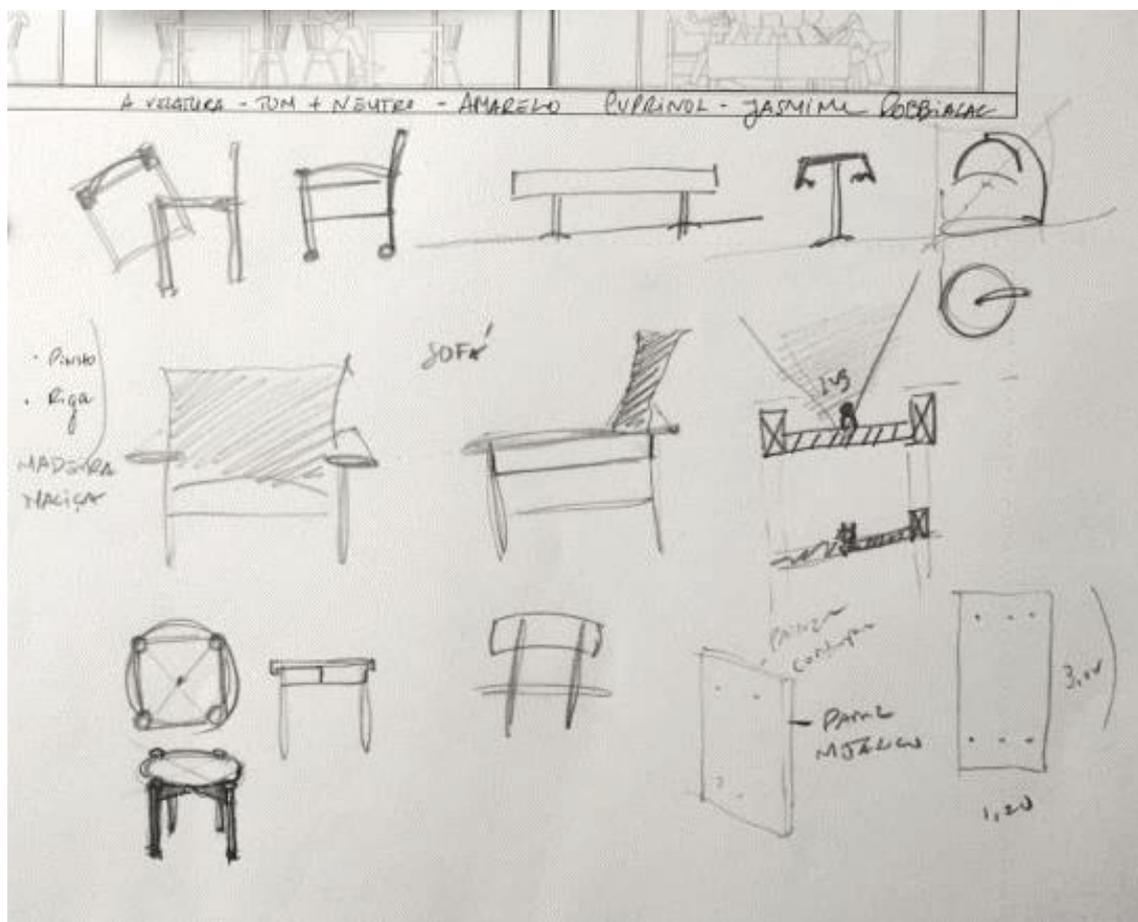
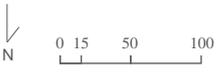
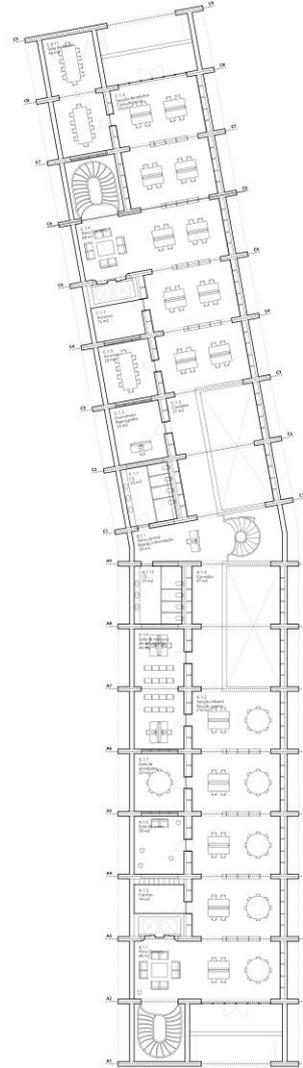
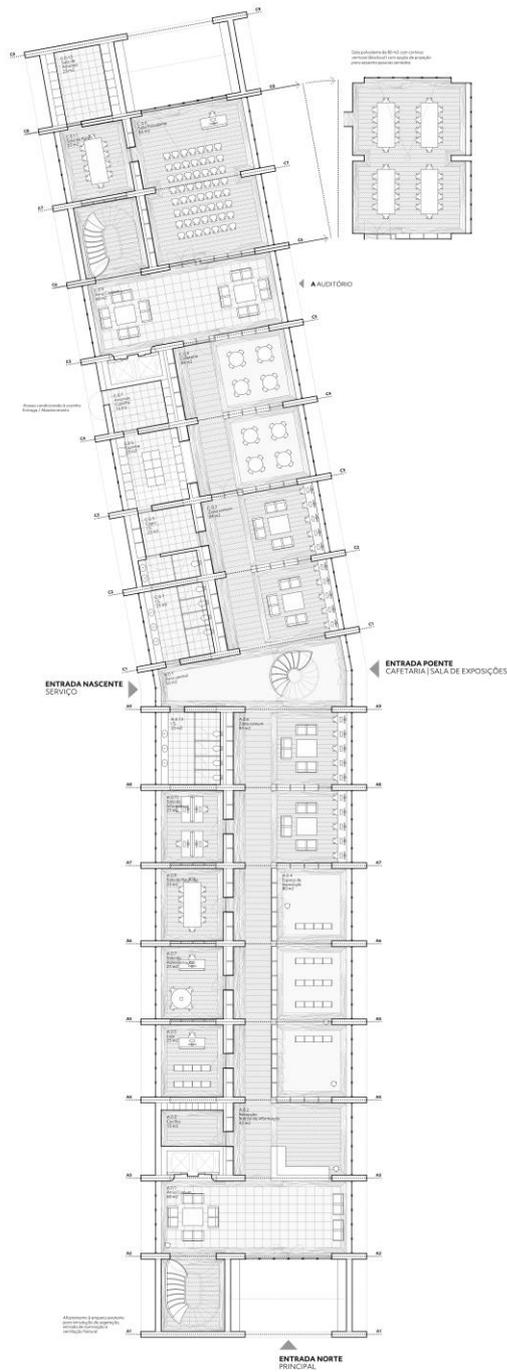


Figura 180 – Desenhos do processo de trabalho, mobiliário. Esquiços da autora.

[desenhos técnicos]



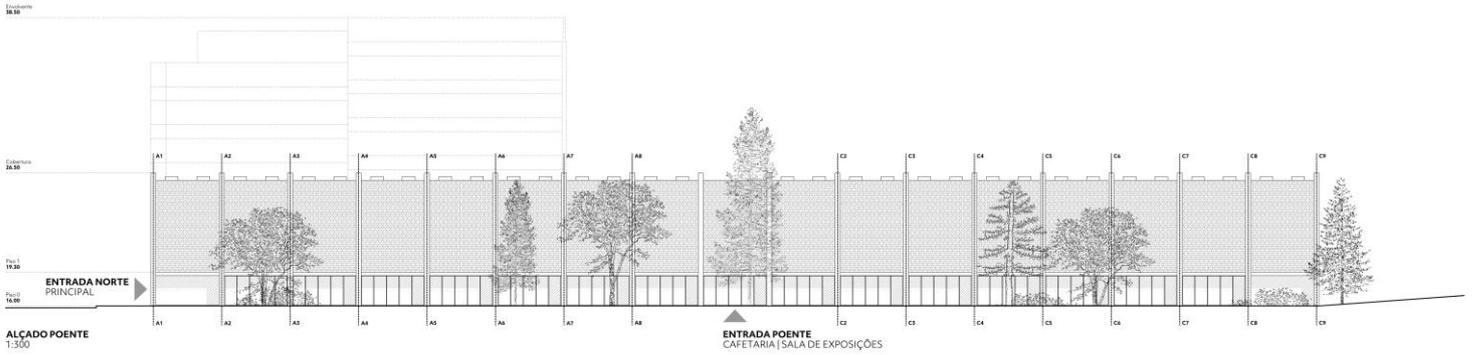
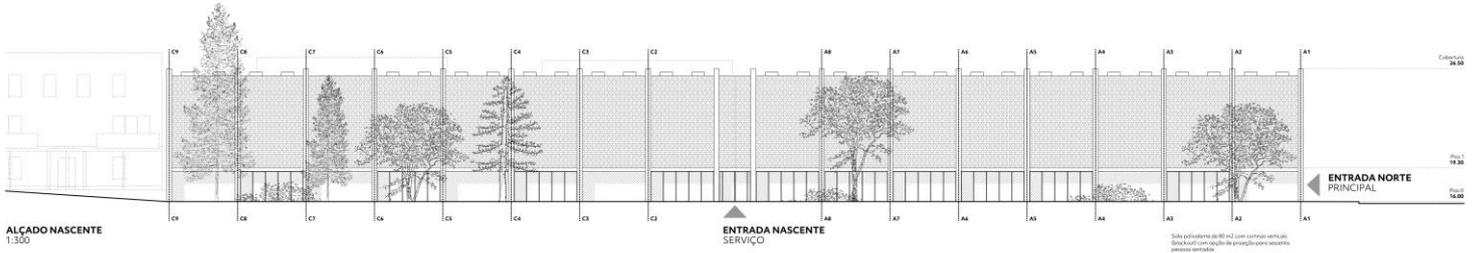
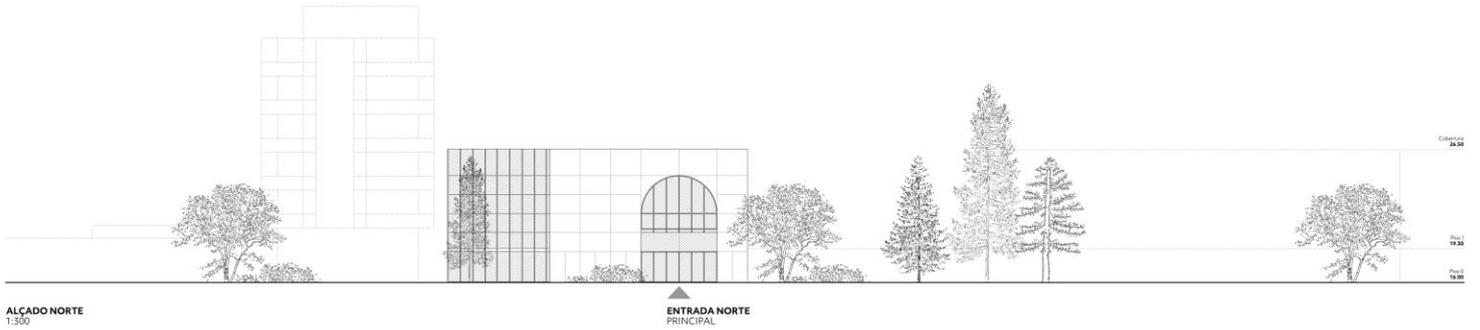


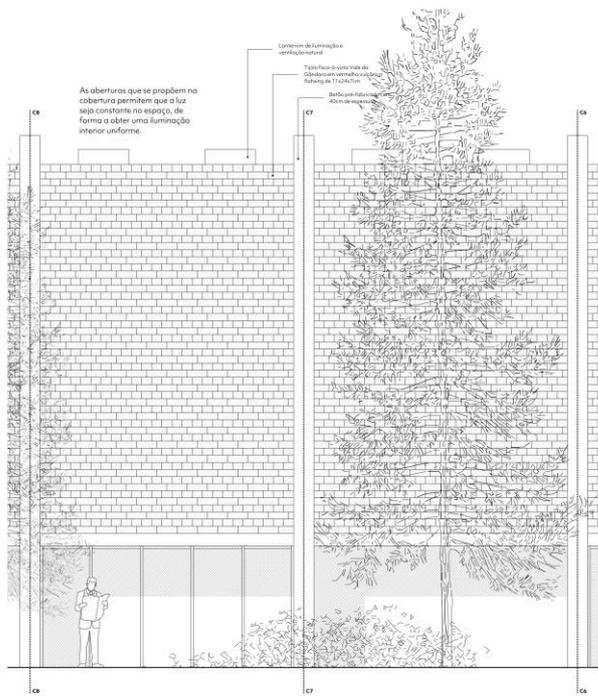
**LEGENDA - Desenho 1 (1:200)**

**A.0.0** Pátio de Entrada: 8 00x5 00m, 40 m<sup>2</sup>  
**A.0.1** Área Comum: 13 50x5 00m, 68 m<sup>2</sup>  
**A.0.2** Recepção | Balcão de informação: 8 10x5 00m, 42 m<sup>2</sup>  
**A.0.3** Casafos: 4 30x3 00m, 13m<sup>2</sup>  
**A.0.4** Espaço de Exposição: 15 80x5 10m, 80 m<sup>2</sup>  
**A.0.5** Loja: 4 60x5 00m, 23 m<sup>2</sup>  
**A.0.6** Zona Comum: 8 10x10 40m, 84 m<sup>2</sup>

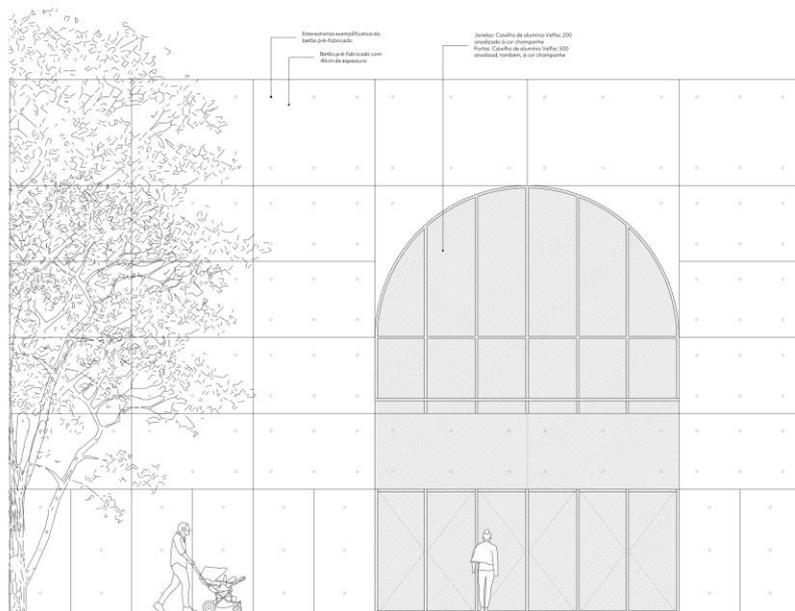
**A.0.7** Sala da Administração: 4 60x5 00m, 23 m<sup>2</sup>  
**A.0.9** Sala de Reuniões: 4 60x5 00m, 23 m<sup>2</sup>  
**A.0.11** Sala de Informática: 4 60x5 00m, 23 m<sup>2</sup>  
**A.0.13** Instalações Sanitárias: 4 60x5 00m, 23 m<sup>2</sup>  
**B.0.1** Área Central: 50 m<sup>2</sup>  
**B.0.1** Instalações Sanitárias: 4 60x5 00m, 23 m<sup>2</sup>  
**C.0.2** Zona Comum: 8 10x10 40m, 84 m<sup>2</sup>  
**C.0.3** Sala da Cozinha com Instalação Sanitária: 4 60x5 00m, 23 m<sup>2</sup>

**C.0.4** Cafeteria: 8 10x10 40m, 84 m<sup>2</sup>  
**C.0.5** Cozinha: 4 60x5 00m, 23 m<sup>2</sup>  
**C.0.6** Sala Polivalente: 8 10x10 40m, 84 m<sup>2</sup>  
**C.0.7** Arrumos da Cozinha: 4 30x3 00m, 14 m<sup>2</sup>  
**C.0.9** Área Comum: 13 50x5 00m, 68 m<sup>2</sup>  
**C.0.11** Sala de Apoio: 4 60x5 00m, 23 m<sup>2</sup>  
**C.0.13** Sala de Arrumos: 4 60x5 00m, 23 m<sup>2</sup>

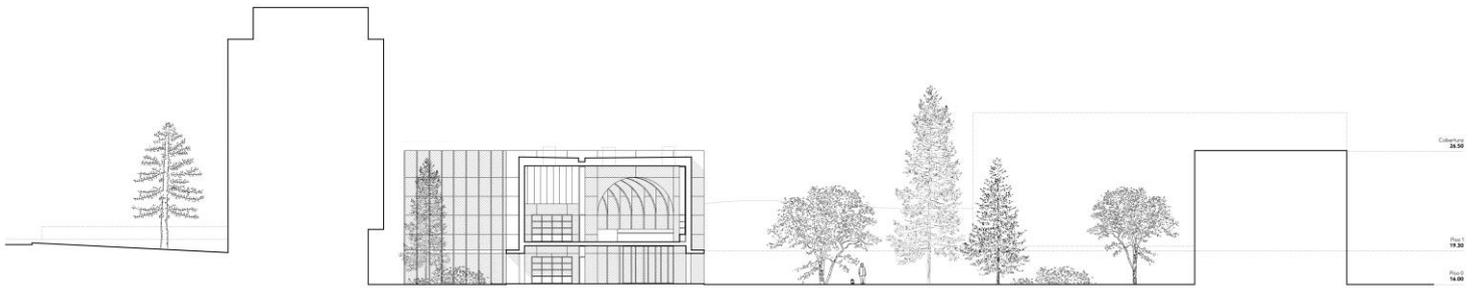




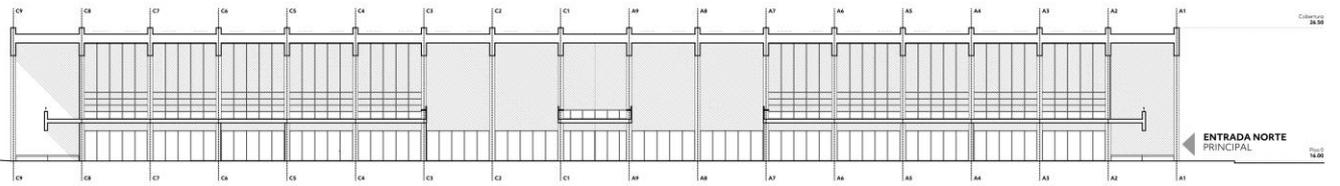
ALÇADO NASCENTE  
1:80



ALÇADO NORTE  
1:80

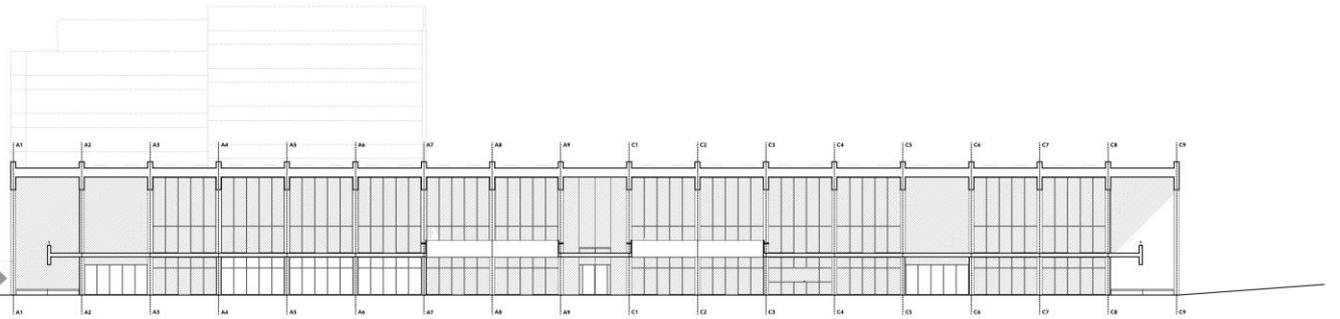


ALÇADO NORTE  
1:300

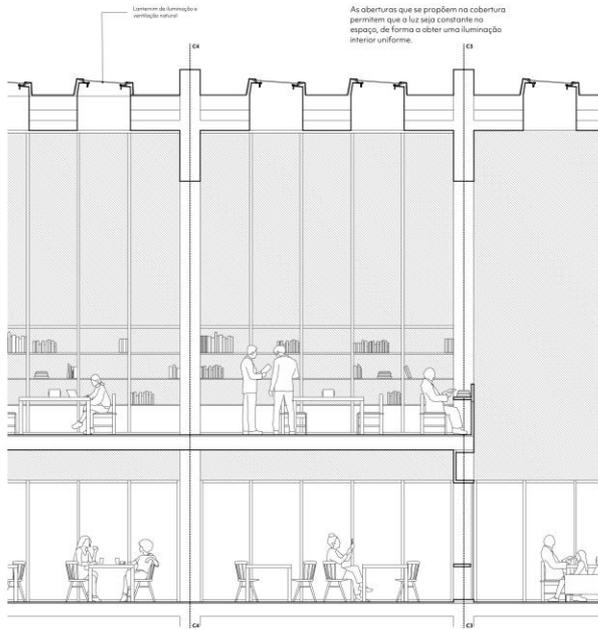


CORTE 1  
1:300

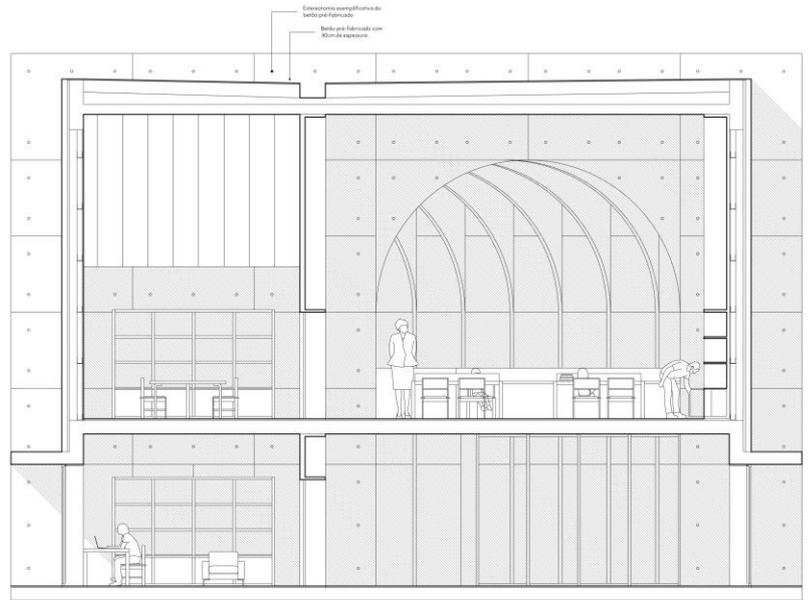
Escala  
30.50



CORTE 2  
1:300



**CORTE LONGITUDINAL**  
 1:80



**CORTE TRANSVERSAL**  
 1:80

“Se a biblioteca clássica morreu - no excesso de hierarquia, de compartimentação, de formalidade - as novas bibliotecas traduzem outro entendimento espacial, oferecendo espaços polivalentes onde se cruzam crianças e adultos, salas onde se funde a leitura convencional e o visionamento de materiais digitais, áreas informais onde se permite um manuseamento livre dos diversos suportes, salas de conto e esplanadas ao ar livre onde se pode ouvir alguém ler, tendo a paisagem como fundo. E tudo isto se faz, hoje, em lugares de luz coada, de um conforto apreciável, sem portas, sem grades, sem horários condicionados”.

Nuno Grande. ARQUITECTURA IBÉRICA, 2006.

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do Livro La arquitectura desde el Interior, 1925-1937: Lilly Reich y Charlotte Perriand, de María Melgarejo Belenguer	18
Figura 2 – Capa do Livro Da organização do espaço, de Fernando Távora	19
Figura 3 – Capa do Livro Atmosferas, de Peter Zumthor	21
Figura 4 – Capa do Livro Pensar a Arquitectura, de Peter Zumthor	22
Figura 5 – Capa do Livro La Arquitectura de la Biblioteca: Recomendaciones para un Proyecto Integral, de Santi Romero	23
Figura 6 – Capa do Livro Arquitectura Moderna e obra global a partir de 1900, de Ana Tostões	24
Figura 7 – Capa do Catálogo Mobiliário Para Edifícios Públicos: Portugal 1934-1974, de João Paulo Martins	25
Figura 8 – Capas das Publicações Nº 46: Designing Modern Life e Nº 47: Global Design, DOCOMOMO International Journal	27
Figura 9 – Capa do Livro Los espacios del saber: Historia de la Arquitectura de las Bibliotecas, de Alfonso Muñoz Cosme	30
Figura 10 – Capa do Livro Portuguese Contemporary Houses, de José Manuel das Neves	31
Figura 11 – Capa do Livro Álvaro Siza: Móveis e Objectos, de Álvaro Siza Vieira	33
Figura 12 – Capa do Livro 01 Textos: Álvaro Siza, de Álvaro Siza Vieira	33
Figura 13 – Capa do Livro Siza Design, de Álvaro Siza Vieira	33
Figura 14 – Capa do Livro Conversa com os Estudantes das Escolas de Arquitectura, de Le Corbusier	34
Figura 15 – Capa do Livro Conversations with students, de Louis Kahn	34
Figura 16 – Interiores de Unité d'habitation de Marsella, 1952. Le Corbusier. Fonte: CAMBRA, Ramón Esteve - <b>La Fabricación del Interior: Arquitectura y Mobiliario en la Contemporaneidad</b> . Universidad Politécnica de Valencia: Escuela Técnica Superior de Arquitectura, 2015. Tesis doctoral, p. 124.	39

- Figura 17 – Interior da Casa Farnsworth, 1951. Mies van der Rohe. Fonte: CAMBRA, Ramón Esteve - **La Fabricación del Interior: Arquitectura y Mobiliario en la Contemporaneidad**. Universidad Politécnica de Valencia: Escuela Técnica Superior de Arquitectura, 2015. Tesis doctoral, p. 107. 40
- Figura 18 – Sala de Leitura da Biblioteca de Viipuri. 1933-1935. Alvar Aalto. Fonte: SILVA, Maria Carvalhas de Serra e - **Bibliotecas Contemporâneas em Portugal: Edifícios Reabilitados e Construídos de Raiz - 4 casos de estudo**. Universidade de Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2012. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, p. 40. 42
- Figura 19 – Biblioteca de Viipuri. Sala de conferencias. 1933-1935. Alvar Aalto. Fonte: DIAS, Joana Almeida - **Poética na Arquitetura: A revolução contínua da arquitetura em quatro obras**. Universidade do Porto: Faculdade de Arquitetura, FAUP, 2015. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, p. 90. 44
- Figura 20 – (esquerda) Biblioteca Municipal de Estocolmo, espaço central de consulta. 1918-1927. Erik Gunnar Asplund. Fonte: ZIRES, Israel Ortiz - **Biblioteca y Proyecto**. Universitat Politècnica de Catalunya: Màster universitari en Teoria i Pràctica del Projecte d'Arquitectura, 2008. Dissertação de Mestrado, p. 22. 46
- Figura 21 – (direita) Biblioteca Municipal de Estocolmo, estantes encastradas. 1918-1927. Erik Gunnar Asplund. Fonte: ZIRES, Israel Ortiz - **Biblioteca y Proyecto**. Universitat Politècnica de Catalunya: Màster universitari en Teoria i Pràctica del Projecte d'Arquitectura, 2008. Dissertação de Mestrado, p. 23. 46
- Figura 22 – (esquerda) Biblioteca Phillips Exeter Academy, zona central. New Hampshire, USA, 1965-1972. Erik Gunnar Asplund. Figura disponível na WEB: <https://www.archdaily.com/63683/ad-classics-exeter-library-class-of-1945-library-louis-kahn> 47
- Figura 23 – (direita) Biblioteca Phillips Exeter Academy. New Hampshire, USA, 1965-1972. Erik Gunnar Asplund. Fonte: ZIRES, Israel Ortiz - **Biblioteca y Proyecto**. Universitat Politècnica de Catalunya: Màster universitari en Teoria i Pràctica del Projecte d'Arquitectura, 2008. Dissertação de Mestrado, p. 47. 47
- Figura 24 – (esquerda) Biblioteca Phillips Exeter Academy, depósito no qual se concentram as prateleiras de livros. New Hampshire, USA, 1965-1972. Erik Gunnar Asplund. Figura disponível na WEB: <https://www.archdaily.com/63683/ad-classics-exeter-library-class-of-1945-library-louis-kahn> 49
- Figura 25 – (direita) Biblioteca Phillips Exeter Academy, nichos de trabalho individual. New Hampshire, USA, 1965-1972. Erik Gunnar Asplund. Figura disponível na WEB: <https://www.archdaily.com/63683/ad-classics-exeter-library-class-of-1945-library-louis-kahn> 49

Figura 26 – Sala de leitura da Biblioteca Nacional. Fotografia de Jorge Alves, c. 1969. Postal ilustrado. Fotografia disponível na WEB: <a href="https://www.agendalx.pt/events/event/do-convento-ao-campo-grande/">https://www.agendalx.pt/events/event/do-convento-ao-campo-grande/</a>	54
Figura 27 – Biblioteca Nacional, sala de leitura. Cadeira e mesa de leitura – Daciano Costa. Fonte: MARTINS, João Paulo - <b>Daciano da Costa Designer</b> . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014, p. 125.	56
Figura 28 – (página seguinte) Biblioteca Nacional de Portugal, mobiliário. Desenhos da autora, Fevereiro de 2019.	56
Figura 29 – Biblioteca do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. Zona de leitura, piso superior. As cadeiras que se encontram na biblioteca não são as originais desenhadas por Raúl Hestnes Ferreira, foram substituídas. Fotografia da autora, Fevereiro 2020.	60
Figura 30 – Biblioteca do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. Mesa Baixa e Sofás Duplos, piso inferior. Fotografia da autora, Fevereiro 2020.	61
Figura 31 – Biblioteca do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. Mesa de leitura. Fotografia da autora, Fevereiro 2020.	61
Figura 32 – (esquerda) Biblioteca do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. Carrinhos de livros, piso inferior. Fotografia da autora, Fevereiro 2020.	62
Figura 33 – (direita) Biblioteca do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. Mesa de Apoio Alta, piso inferior. Fotografia da autora, Fevereiro 2020.	62
Figura 34 – (esquerda) Biblioteca do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. Balcão, piso superior. Fotografia da autora, Fevereiro 2020.	63
Figura 35 – (direita) Biblioteca do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. Estantes simples perimetral à parede, piso superior. Fotografia da autora, Fevereiro 2020.	63
Figura 36 – Biblioteca do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. Estantes duplas, piso superior. Fotografia da autora, Fevereiro 2020.	65
Figura 37 – (página seguinte) Biblioteca do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, mobiliário. Desenhos da autora, Outubro de 2019.	65
Figura 38 – (página anterior) Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Modelo Tridimensional. Disponível na WEB: <a href="https://www.matosgameiro.com/municipal-library-grandola">https://www.matosgameiro.com/municipal-library-grandola</a>	69

Figura 39 – Arquiteto Pedro Matos Gameiro (1970- ), responsável pelo atelier Matos Gameiro Architectos. Fotografia disponível na WEB: <a href="https://zavodbig.com/portfolio-items/matos-gameiro-architectos-pedro-matos-gameiro/">https://zavodbig.com/portfolio-items/matos-gameiro-architectos-pedro-matos-gameiro/</a>	71
Figura 40 – Localização da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Disponível na WEB: <a href="https://www.facebook.com/pedromatosgameiro/photos/a.296484193843921/627530570739280/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/pedromatosgameiro/photos/a.296484193843921/627530570739280/?type=3&amp;theater</a>	74
Figura 41 – (página seguinte) Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Planta de Localização. Fonte: Painel 01 - ver Anexo III.	74
Figura 42 – (Esquerda) Vista frontal do edifício a partir da praça da República. Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Modelo Tridimensional. Fonte: Painel 01 - ver Anexo III.	76
Figura 43 – (Direita) Vista sobre o átrio, receção. Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Modelo Tridimensional. Fonte: Painel 04 - ver Anexo III.	76
Figura 44 – (Esquerda) Biblioteca Nacional de França, Arq. Henri Labrouste. 1860-67, Paris, França. Fonte: Painel 03 - ver Anexo III.	78
Figura 45 – (Direita) Biblioteca de Viipuri, Arq. Alvar Aalto. 1935, Viipuri, Finlândia. Fonte: Painel 04 - ver Anexo III.	78
Figura 46 – Vista sobre a sala de leitura, secção de adultos. Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Modelo Tridimensional. Fonte: Painel 03 - ver Anexo III.	79
Figura 47 – Claustro, Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Modelo Tridimensional. Disponível na WEB: <a href="https://www.facebook.com/pedromatosgameiro/photos/a.296484193843921/627531607405843/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/pedromatosgameiro/photos/a.296484193843921/627531607405843/?type=3&amp;theater</a>	81
Figura 48 – Maquete, Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Estudo prévio. Disponível na WEB: <a href="https://www.facebook.com/pg/pedromatosgameiro/photos/?ref=page_internal">https://www.facebook.com/pg/pedromatosgameiro/photos/?ref=page_internal</a>	82
Figura 49 – Movimento do utilizador, organização espacial da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Estudo prévio, planta piso inferior. Disponível na WEB: <a href="https://www.facebook.com/pedromatosgameiro/photos/a.296484193843921/627531314072539/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/pedromatosgameiro/photos/a.296484193843921/627531314072539/?type=3&amp;theater</a>	84
Figura 50 – Movimento do utilizador, organização espacial da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Estudo prévio, planta piso superior. Disponível na WEB: <a href="https://www.facebook.com/pedromatosgameiro/photos/a.296484193843921/627531310739206/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/pedromatosgameiro/photos/a.296484193843921/627531310739206/?type=3&amp;theater</a>	85

Figura 51 – Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Estudo prévio, cortes. Disponível na WEB: <a href="https://www.facebook.com/pedromatosgameiro/photos/a.296484193843921/627531350739202/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/pedromatosgameiro/photos/a.296484193843921/627531350739202/?type=3&amp;theater</a>	86
Figura 52 – Planta de mobiliário, piso 1. Identificação de cada peça de mobiliário, e as respetivas localizações. Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Legenda: Mobiliário desenhado pelo atelier (Azul Escuro), Mobiliário de compra (Azul Claro). Fonte: Elemento facultado pelo arquiteto Pedro Matos Gameiro.	89
Figura 53 – Planta de mobiliário, piso 0. Identificação de cada peça de mobiliário, e as respetivas localizações. Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Legenda: Mobiliário desenhado pelo atelier (Azul Escuro), Mobiliário de compra (Azul Claro). Fonte: Elemento facultado pelo arquiteto Pedro Matos Gameiro.	90
Figura 54 – Planta de mobiliário, piso -1. Identificação de cada peça de mobiliário, e as respetivas localizações. Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Legenda: Mobiliário desenhado pelo atelier (Azul Escuro), Mobiliário de compra (Azul Claro). Fonte: Elemento facultado pelo arquiteto Pedro Matos Gameiro.	91
Figura 55 – Vista a partir da secção de crianças sobre a sala exterior. Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Modelo Tridimensional. Fonte: Painel 02 - ver Anexo III.	93
Figura 56 – Representação gráfica dos tipos de sofás e bancos. Mobiliário desenhado pelo atelier. Pormenores de carpintarias, estofos. Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Legenda: (da esquerda para a direita) Sofá tipo A Bn.07 - Banco recepção; Sofá tipo B Sf.01; Almofadas para estantes tipo C Ea.06b; Banco tipo C Bn.08 - Banco de salas de leitura. Fonte: Figura 82, Mapa de Carpintarias - ver Anexo IV.	94
Figura 57 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Sala de Leitura Infantil. Piso 0. Fotografia da autora, Junho 2020 – ver Anexo V.	98
Figura 58 – Estantes embutidas; obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Sala de Leitura Infantil. Piso 0. Fotografia da autora, Junho 2020 – ver Anexo V.	99
Figura 59 – Estantes embutidas; obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Sala de Leitura Infantil. Piso 0. Fotografia da autora, Junho 2020 – ver Anexo V.	100
Figura 60 – Biblioteca do Campus Universitário de Aveiro, 2004. Álvaro Siza Vieira. Fonte: LIMA, José Pedro - Espaços de Saber: A Biblioteca e o seu processo evolutivo. Universidade de Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2016. Dissertação de Mestrado, p. 82. Disponível na WEB: <a href="https://eg.uc.pt/bitstream/10316/32926/1/Tese_Lima.pdf">https://eg.uc.pt/bitstream/10316/32926/1/Tese_Lima.pdf</a>	102

- Figura 61 – Sofás. Apartamento no Chiado, Lisboa. Fotografia de Carolina Delgado. Disponível na WEB: <https://www.matosgameiro.com/2018-house-in-chiado?pgid=jnq4agvw-2c60dcf8-d92c-11e8-8c97-12efbd0b6636> 105
- Figura 62 – Estantes. Apartamento no Chiado, Lisboa. 2017-2018. Fotografia de Carolina Delgado. Fotografia disponível na WEB: <https://www.matosgameiro.com/2018-house-in-chiado?pgid=jnq4agvw-2c6119be-d92c-11e8-8c97-12efbd0b6636> 106
- Figura 63 – Estantes. Apartamento no Chiado, Lisboa. 2017-2018. Fotografia de Carolina Delgado. Fotografia disponível na WEB: <https://www.matosgameiro.com/2018-house-in-chiado?pgid=jnq4agvw-dc3a615d-76ca-445d-88fd-cb1e35ec4b8a> 107
- Figura 64 – Banco. Apartamento no Chiado, Lisboa. 2017-2018. Fotografia de Carolina Delgado. Fotografia disponível na WEB: <https://www.matosgameiro.com/2018-house-in-chiado?pgid=jnq4agvw-2c616e06-d92c-11e8-8c97-12efbd0b6636> 108
- Figura 65 – Mapa geral de carpintarias, estantes autónomas da sala de leitura infantil. Ea.03a e Ea.03b - Planta, Alçados e Cortes. Fonte: Figura 73, Mapa de Carpintarias - ver Anexo IV. 110
- Figura 66 – Mapa geral de carpintarias, estante da sala de leitura infantil. Ea.05a - Planta, Alçados e Cortes. Painéis de MDF (esp. 10mm e 20mm) para pintar. Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Fonte: Figura 74, Mapa de Carpintarias - ver Anexo IV. 111
- Figura 67 – Pormenores de carpintarias 68-70 e 72-74, estante da sala de leitura infantil. Planta. Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Fonte: Figura 79, Mapa de Carpintarias - ver Anexo IV. 112
- Figura 68 – Pormenores de carpintarias 59-61 e 59-63, estante da sala de leitura infantil. Corte. Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Fonte: Figura 80, Mapa de Carpintarias - ver Anexo IV. 112
- Figura 69 – Mapa geral de carpintarias, Mesa; Sofá; Mesa de apoio; Banco receção e Banco de salas de leitura. Fonte: Figura 78, Mapa de Carpintarias - ver Anexo IV. 114
- Figura 70 – Mobiliário da autoria do arquiteto, mesa, bancos, sofá e estante. Casa em Alfama, Lisboa. 2012-2016. Fonte: Reportagem [s.a.] SIC ESPAÇOS & CASAS ep. 408, emitida em 2017.01.14 photography Gustavo Ramos, Daniel Malhão, Ana Isabel Santos (b&w), Adriano Mura. Disponível na WEB: <https://www.matosgameiro.com/2016-house-in-alfama> 131

Figura 71 – Mobiliário da autoria do arquiteto, sofá embutido. Casa em Alfama, Lisboa. 2012-2016. Fonte: Reportagem [s.a.] SIC ESPAÇOS & CASAS ep. 408, emitida em 2017.01.14 photography Gustavo Ramos, Daniel Malhão, Ana Isabel Santos (b&w), Adriano Mura. Disponível na WEB: <a href="https://www.matosgameiro.com/2016-house-in-alfama">https://www.matosgameiro.com/2016-house-in-alfama</a>	132
Figura 72 – Mobiliário da autoria do arquiteto, bancada de cozinha. Casa em Alfama, Lisboa. 2012-2016. Fonte: Reportagem [s.a.] SIC ESPAÇOS & CASAS ep. 408, emitida em 2017.01.14 photography Gustavo Ramos, Daniel Malhão, Ana Isabel Santos (b&w), Adriano Mura. Disponível na WEB: <a href="https://www.matosgameiro.com/2016-house-in-alfama">https://www.matosgameiro.com/2016-house-in-alfama</a>	133
Figura 73 – (Da esquerda para a direita) Estante receção; Armário zonas de acolhimento e gabinetes; Estantes da sala de leitura infantil. Mapa geral de carpintarias.	148
Figura 74 – Estantes da sala de leitura infantil. Mapa geral de carpintarias.	149
Figura 75 – Estantes da sala de leitura infantil. Mapa geral de carpintarias.	150
Figura 76 – Estantes da sala de leitura adultos. Mapa geral de carpintarias.	151
Figura 77 – Estantes da sala de leitura adultos. Mapa geral de carpintarias.	152
Figura 78 – (Da esquerda para a direita) Bancada de receção; Bancada zona de acolhimento; Mesa; Sofá; Mesa de apoio; Banco receção; Banco de salas de leitura. Mapa geral de carpintarias.	153
Figura 79 – Pormenores de carpintarias.	154
Figura 80 – Pormenores de carpintarias.	155
Figura 81 – Pormenores de carpintarias.	156
Figura 82 – Pormenores de carpintarias, estofos dos bancos e sofás.	157
Figura 83 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Fachada Poente. Fotografia da autora, Outubro 2019.	158
Figura 84 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Fachada Poente. Fotografia da autora, Outubro 2019.	159
Figura 85 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Pátio Central. Fotografia da autora, Outubro 2019.	160

Figura 86 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Pátio Central e Pátio Norte. Fotografia da autora, Outubro 2019.	161
Figura 87 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Banco encastrado, cafetaria. Fotografia da autora, Outubro 2019.	162
Figura 88 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Depósito e Sala Polivalente. Fotografia da autora, Outubro 2019.	163
Figura 89 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Varanda. Fotografia da autora, Outubro 2019.	164
Figura 90 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Sala de Leitura e Sala de Exposições. Fotografia da autora, Outubro 2019.	165
Figura 91 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Exterior. Fotografia da autora, Junho 2020.	166
Figura 92 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Exterior. Fotografia da autora, Junho 2020.	167
Figura 93 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Pátio Central. Fotografia da autora, Junho 2020.	168
Figura 94 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Sala de Leitura Infantil. Fotografia da autora, Junho 2020.	169
Figura 95 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Sala de Leitura Infantil. Fotografia da autora, Junho 2020.	170
Figura 96 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Estantes, Sala de Leitura Infantil. Fotografia da autora, Junho 2020.	171
Figura 97 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Sala de Leitura Adultos. Fotografia da autora, Junho 2020.	172
Figura 98 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Espaço de Acolhimento. Fotografia da autora, Junho 2020.	173
Figura 99 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Sala de Exposições. Fotografia da autora, Junho 2020.	174

Figura 100 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Caixilharia e acabamentos. Fotografia da autora, Junho 2020.	175
Figura 101 – Obra da Biblioteca e Arquivo Municipal de Grândola. Varanda. Fotografia da autora, Junho 2020.	176
Figura 102 – Localização da Trafaria (2019), [Escala n.d.]. Fonte: Ortofotomapa retirado de maps.google.pt	180
Figura 103 – Vista a partir do Monte da Raposeira, de frente para Lisboa. Fotografia da autora (2019)	182
Figura 104 – Cartografia, levantamento e desenho produzido pela Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho, (1793). Nesta planta é possível identificar onde se localizava e localiza o Lazareto e que a pouca população que existia estava estabelecida ao seu redor. Fonte: Portugal-Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direção de Infraestruturas do Exército. Cota 4678-2-22A-109	184
Figura 105 – Planta do terreno desde Cacilhas até a costa a oeste e sudoeste da Trafaria da linha fortificada de redutos, (1813). Fonte: Portugal-Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direção de Infraestruturas do Exército. Cota 3611-3-34-47	185
Figura 106 – Ligação das infraestruturas militares pela Estrada Militar (1967-68). Fonte: Portugal-Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direção de Infraestruturas do Exército – PM005, Processo 19	186
Figura 107 – Vista aérea, Trafaria. Fonte: bing.com/maps	189
Figura 108 – Identificação das três zonas de intervenção, da autoria do grupo de trabalho.	192
Figura 109 – Vista tirada do cimo do Forte para o Monte da Raposeira, Quartel e ferrovia assinalados, década de 1900. Autor: ed. Manuel Henriques nº13. Fonte: <a href="https://almada-virtual-museum.blogspot.com/2015/04/trafaria-1900-cliche-faustino-antonio.html">https://almada-virtual-museum.blogspot.com/2015/04/trafaria-1900-cliche-faustino-antonio.html</a>	194
Figura 110 – Planta de grupo com as respetivas intervenções individuais e identificação de estruturas relevantes, interligadas pela Estrada Militar e associadas ao projeto, da autoria do grupo de trabalho.	197
Figura 111 – Quartel dos Bombeiros Voluntários da Trafaria (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.	198
Figura 112 – Quartel dos Bombeiros Voluntários da Trafaria, a ser ocupado pela nova Biblioteca (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.	198

Figura 113 – Edifício adjacente Quartel dos Bombeiros da Trafaria (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.	199
Figura 114 – Enfiamento visual da Av. da Liberdade, eixo perpendicular ao Quartel dos Bombeiros da Trafaria (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.	199
Figura 115 – Terreno que antecede o Quartel dos Bombeiros, a ser ocupado pelo novo Bairro Habitacional e Biblioteca (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.	200
Figura 116 – Terreno que antecede o Quartel dos Bombeiros (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.	200
Figura 117 – Antigo Quartel de Artilharia nº4 da Trafaria (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.	201
Figura 118 – Antigo Quartel de Artilharia nº4 da Trafaria (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.	201
Figura 119 – Terreno pertencente ao Quartel Militar ocupado com anexos, futuro Bairro Habitacional (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.	202
Figura 120 – Estrada Militar, do lado esquerdo apresenta-se o Quartel Militar, e do lado direito, o terreno que antecede o Quartel dos Bombeiros da Trafaria (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.	202
Figura 121 – Vista geral do 2º patamar da Bateria da Raposeira I (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.	203
Figura 122 – Bateria da Raposeira I (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.	203
Figura 123 – Bateria da Raposeira II (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.	204
Figura 124 – Interior da Bateria da Raposeira II (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.	204
Figura 125 – Bateria de Alpena (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.	205
Figura 126 – Bateria de Alpena (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.	205
Figura 127 – Terminal Cerealífero da Silopor, (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.	206
Figura 128 – Passadiço junto ao areal da Trafaria (2019). Fotografia da autoria do grupo de trabalho.	206
Figura 129 – Maquete do Grupo de Trabalho, com as respetivas intervenções. Fotografia de Filipe Prudêncio (2020)	207

Figura 130 – Maquete do Grupo de Trabalho, com as respetivas intervenções. Fotografia de Filipe Prudêncio (2020)	208
Figura 131 – Maquete do Grupo de Trabalho, com as respetivas intervenções. Fotografia de Filipe Prudêncio (2020)	209
Figura 132 – Maquete do Grupo de Trabalho, com as respetivas intervenções. Fotografia de Filipe Prudêncio (2020)	210
Figura 133 – Maquete do Grupo de Trabalho, com as respetivas intervenções. Fotografia de Filipe Prudêncio (2020)	211
Figura 134 – Maquete do Grupo de Trabalho, com as respetivas intervenções. Fotografia de Filipe Prudêncio (2020)	212
Figura 135 – Maquete do Grupo de Trabalho, com as respetivas intervenções. Fotografia de Filipe Prudêncio (2020)	213
Figura 136 – Maquete do Grupo de Trabalho, com as respetivas intervenções. Fotografia de Filipe Prudêncio (2020)	214
Figura 137 – Maquete do Grupo de Trabalho, com as respetivas intervenções. Fotografia de Filipe Prudêncio (2020)	215
Figura 138 – Maquete do Grupo de Trabalho, com as respetivas intervenções. Fotografia de Filipe Prudêncio (2020)	216
Figura 139 – Vista aérea, Trafaria. Fonte: Centro de Documentação da Administração do Porto de Lisboa	219
Figura 140 – Biblioteca da Trafaria. Fotografia da autora (2019)	220
Figura 141 – Biblioteca da Trafaria, Espaço de leitura e atividades. Fotografia de Mariana Vargues. Fonte: Warehouse	221
Figura 142 – Zona de Intervenção, praça dos Bombeiros Voluntários da Trafaria. Proposta individual, uma nova biblioteca, Trafaria. Fotografia da autora (2020)	223
Figura 143 – Vista aérea, Zona de Intervenção, lado Norte. Fonte: bing.com/maps	226
Figura 144 – Vista aérea, Zona de Intervenção, lado Sul. Fonte: bing.com/maps	227
Figura 145 – Vista aérea, Zona de Intervenção, lado Poente. Fonte: bing.com/maps	228
Figura 146 – Desenhos do processo de trabalho, esquiços da autora.	230
Figura 147 – Desenhos do processo de trabalho, implantação. Esquiços da autora.	231
Figura 148 – Desenhos do processo de trabalho, esquiços da autora.	232
Figura 149 – Desenhos do processo de trabalho, perspetivas. Esquiços da autora.	233

Figura 150 – Desenhos do processo de trabalho, corte longitudinal. Esquiços da autora.	234
Figura 151 – Desenhos do processo de trabalho, corte longitudinal. Esquiços da autora.	235
Figura 152 – Desenhos do processo de trabalho, fachada Norte. Esquiços da autora.	236
Figura 153 – Desenhos do processo de trabalho, esquiços da autora.	237
Figura 154 – Desenhos do processo de trabalho, cortes transversais. Esquiços da autora.	238
Figura 155 – Desenhos do processo de trabalho, esquiços da autora.	239
Figura 156 – Vista Nascente. Maquete de estudo, escala 1:200. Fotografia da autora (2019)	240
Figura 157 – Desenhos do processo de trabalho, esquiços da autora.	241
Figura 158 – Maquete de estudo, escala 1:100. Fotografia da autora (2019)	242
Figura 159 – Maquete de estudo, escala 1:100. Fotografia da autora (2019)	243
Figura 160 – Desenhos do processo de trabalho, estudo da pala de sombreamento. Esquiços da autora.	244
Figura 161 – Maquete de estudo, escala 1:100. Fotografia da autora (2019)	245
Figura 162 – Maquete de estudo, escala 1:100. Fotografia da autora (2019)	246
Figura 163 – Biblioteca da Trafaria, proposta individual. Perspetiva exterior, lado Poente. Desenho da autora, 2020.	247
Figura 164 – Desenhos do processo de trabalho, estereotomia e revestimento. Esquiços da autora.	249
Figura 165 – Desenhos do processo de trabalho, estudo da varanda, cortes, plantas e perspetivas. Esquiços da autora.	250
Figura 166 – Varanda; Fachada Norte. Maquete de estudo, escala 1:100. Fotografia da autora (2019)	251
Figura 167 – Varanda; Fachada Norte. Maquete de estudo, escala 1:100. Fotografia da autora (2019)	252
Figura 168 – Maquete de estudo, piso superior, escala 1:100. Fotografia da autora (2019)	253
Figura 169 – Desenhos da organização interior, planta. Esquiços da autora.	255

Figura 170 – Entrada Poente e Átrio central. Circulação interior, planta. Esquiços da autora.	256
Figura 171 – Maquete de estudo, piso superior, escala 1:100. Fotografia da autora (2019)	258
Figura 172 – Maquete de estudo, piso superior, escala 1:100. Fotografia da autora (2019)	259
Figura 173 – Sala de secção de adultos. Maquete de estudo, piso superior, escala 1:100. Fotografia da autora (2019)	260
Figura 174 – Desenhos do processo de trabalho, estudo de iluminação artificial e natural. Cortes e perspetivas. Esquiços da autora.	262
Figura 175 – Estudo de luz, lanternins. Sala de secção infantil e juvenil. Maquete de estudo, piso superior, escala 1:100. Fotografia da autora (2019)	263
Figura 176 – Estudo de luz, lanternins. Maquete de estudo, piso superior, escala 1:100. Fotografia da autora (2019)	264
Figura 177 – Estudo de luz, lanternins. Maquete de estudo, escala 1:100. Fotografia da autora (2019)	265
Figura 178 – (página seguinte) Biblioteca da Trafaria, proposta individual. Ambiente Interior, piso superior. Vista para Sul. Desenho da autora, 2020.	266
Figura 179 – Desenhos do processo de trabalho, mobiliário. Cortes. Esquiços da autora.	268
Figura 180 – Desenhos do processo de trabalho, mobiliário. Esquiços da autora.	269